

O PROCESSO

Franz Kafka

InfoLivros.org



SINOPSE DO PROCESSO

O Processo é um romance póstumo de Franz Kafka, baseado num manuscrito que ele deixou inacabado antes de sua morte. É considerada uma obra-prima e está incluída em várias listas dos melhores livros da história. A trama gira em torno de Josef K., um gerente de banco, que é preso uma manhã pelas autoridades, que não lhe dão outra explicação além de que ele está num julgamento.

A partir desse momento, ele entra num inferno para tentar se defender contra um crime que desconhece, dando passos cegos num processo pelo qual se impossibilita para ele ter acesso à justiça.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link [O Processo por Franz Kafka](#) em InfoLivros.org

Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:

- Inglês InfoBooks.org: [The Trial Author Franz Kafka](#)
 - Espanhol InfoLibros.org: [El Proceso Autor Franz Kafka](#)
 - Francês InfoLivres.org: [Le Procès Auteur Franz Kafka](#)
-

Se quiser ler e descarregar mais livros de Franz Kafka em formato PDF, convidamo-lo a visitar esta página:

- [Franz Kafka em formato PDF em InfoLivros.org](#)
-

Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF em InfoLivros.org](#)

CAPÍTULO I

Prisão. Conversa com a senhora Grubach;

depois com a menina Bürstner

Alguém devia ter caluniado Josef K., visto que uma manhã o prenderam, embora ele não tivesse feito qualquer mal. A cozinheira da Sua Senhoria, a senhora Grubach, que todos os dias, pelas 8 horas da manhã, lhe trazia o pequeno-almoço, desta vez não apareceu. Tal coisa jamais acontecera. K. ainda se deixou ficar um instante à espera; entretanto, deitado, com a cabeça reclinada na almofada, observou a velha do prédio em frente que, por sua vez, o contemplava com uma curiosidade fora do vulgar; depois, porém, ao mesmo tempo intrigado e cheio de fome, tocou a campainha. Neste momento bateram à porta, e um homem, que K. jamais vira na casa da senhora Grubach, entrou no quarto.

Esbelto, embora de aspecto robusto, o recém-chegado envergava um fato

escuro e justo, cheio de rugas e provido de um cinto, diversos botões, bolsos e fivelas. Ainda que não se visse bem qual a finalidade de tudo aquilo, o vestuário do homem parecia singularmente prático.

— Quem é o senhor? — perguntou K., soerguendo-se imediatamente Na cama. O homem, porém, ignorou a pergunta, como se estivesse habituado a não ter de justificar a sua presença, e perguntou por sua vez:

— O senhor tocou?

— Sim, para a Ana me trazer o pequeno-almoço — respondeu K., tentando em silêncio, num esforço de atenção, deduzir quem poderia ser aquele cavalheiro. Este, porém, não consentindo em se deixar observar demoradamente, voltou-se para a porta e abriu-a um pouco, para dizer a alguém que devia estar mesmo por detrás dela:

— Ele quer que Ana lhe traga o pequeno-almoço! No quarto ao lado houve um pequeno riso que, a julgar pelo som, parecia ter sido compartilhado por várias pessoas.

Embora o estranho não pudesse ter depreendido do riso nada de que já não estivesse a par, disse a K. em tom de informação:

— É impossível.

— Era a primeira vez que tal sucedia — respondeu K., saltando da cama e enfiando rapidamente as calças. — Sempre quero ver que espécie de gente está aí no quarto ao lado e que contas a senhora Grubach me dará do incómodo que me estão a causar.

Ao mesmo tempo, veio-lhe à ideia que não devia ter falado tão alto, pois,

assim, como que reconhecia ao estranho o direito de inspecção, mas na altura não ligou importância a esse facto. No entanto, o estranho interpretou aquela atitude

precisamente da mesma maneira, visto que lhe disse:

— Não quer ficar antes aqui?

— Não quero nem ficar aqui, nem que me dirija a palavra enquanto o senhor não me disser quem é.

— Disse-lhe aquilo com boa intenção — retorquiu o estranho, abrindo a porta de moto próprio.

O quarto contíguo, onde K. entrou mais lentamente do que desejava, tinha, à primeira vista, praticamente o mesmo aspecto que na noite anterior. Era a sala de estar da senhora Grubach; hoje, parecia talvez haver nesta sala atulhada de móveis, coberturas, porcelanas e fotografias, mais espaço do que era habitual, embora não fosse possível chegar-se rapidamente a uma conclusão a esse respeito, pois que a principal alteração consistia na presença de um homem que, sentado, junto à janela aberta, se entretinha a ler um livro, do qual levantou a vista ao dar pela entrada de K.

— Devia ter permanecido no seu quarto! Franz não lho disse?

— Disse, mas que deseja o senhor? — volveu K., desviando o olhar do seu interlocutor, para observar aquele a quem acabara de ouvir chamar Franz e que se encontrava junto à porta, e voltando novamente a sua atenção para o primeiro.

Pela janela aberta via-se de novo a velha que, cheia de uma curiosidade verdadeiramente senil, se havia agora colocado numa janela que dava para o quarto onde K. se encontrava, a fim de continuar a observar tudo.

— Quero que a senhora Grubach... — prosseguiu K., ao mesmo tempo que fazia um movimento como se pretendesse livrar-se dos dois homens, que no entanto estavam bem longe dele, e continuar o seu caminho.

— Não — atalhou o homem que estava perto da janela, levantando-se e

atirando o livro para cima da mesinha.

— Não pode sair; o senhor está preso.

— Assim parece — disse K. — E por que razão?

— Não é da nossa incumbência darmos-lhe explicações. Volte para o seu quarto e aguarde. O processo já está a correr, o senhor será informado de tudo na devida altura. já estou a exceder os limites da minha missão ao falar-lhe assim tão amavelmente; no

entanto, espero que pessoa alguma, além de Franz, me ouça; Franz, aliás, contra todos os regulamentos, trata-o com verdadeira amizade. Se daqui para o futuro, o senhor tiver tanta sorte como a que teve com os seus guardas, poderá acalentar esperanças.

K. quis sentar-se, mas reparou, nessa altura, que em todo o quarto não havia nada que pudesse satisfazer o seu desejo, à excepção do sofá perto da janela.

— Ainda há-de compreender como tudo isto é verdade — disse Franz, que, juntamente com o outro homem, se aproximava de K. Especialmente perante aquele último que repetidas vezes lhe batia nos ombros, K. experimentava um sentimento de inferioridade. Ambos examinaram a camisa de dormir de K. e declararam que ele agora teria de usar uma camisa bastante pior, mas que guardariam aquela, assim como a restante roupa, e lha restituíam se o seu caso

viesse a ter um desfecho feliz.

— É preferível que o senhor nos entregue as suas coisas a pô-las no depósito — disseram — pois lá as coisas levam muitas vezes descaminho e, além disso, passado um certo tempo, vendem-nas, sem quererem saber se o processo referente ao dono delas terminou ou não. E como duram os processos

deste género, especialmente há uns tempos para cá! E certo que o depósito acabava por lhe entregar o dinheiro que a venda das suas coisas tivesse rendido, mas já de si o rendimento é Insignificante, e depois o que interessa não é a maior oferta mas a maquia com que untam as mãos de quem vende; de mais a mais, as coisas vão-se desvalorizando à medida que, de ano para ano, passam de mão em mão.

K. não ligava a esta conversa, pois, mais importante do que o direito de

dispor daquilo que lhe pertencia, era, para ele, a noção clara da sua situação. A

presença daqueles homens impedia-o de reflectir. A barriga do segundo guarda

— não podiam ser outra coisa senão guardas — encostava-se continuamente a K. num jeito de amizade formal; porém, quando K. levantava os olhos, deparava-se- lhe um rosto que não condizia em nada com o volumoso corpo do homem, pois era seco e ossudo, e nele havia um nariz forte e torcido para o lado; K. reparou também que entre os dois homens se trocavam sinais de entendimento a seu respeito. Que espécie de gente era aquela? De que falavam? A que repartição do Estado pertenciam? K. vivia num Estado que assentava no Direito. A paz reinava por todo o lado! Todas as leis estavam em vigor; quem eram, pois, os intrusos

que ousavam cair-lhe em cima no seu próprio domicílio? Estava sempre disposto a encarar com a maior ligeireza possível tudo o que lhe acontecia, a só acreditar no pior quando este realmente se manifestava, e a não acautelar o futuro ainda que de todo o lado surgissem ameaças. No entanto, o que se estava agora a passar não lhe parecia correcto, embora, na verdade, pudesse ser tomado por uma partida de mau gosto que, por motivos desconhecidos, talvez por ele fazer 30 anos nesse dia, os colegas do banco tivessem preparado. Possivelmente bastaria que ele achasse forma de se rir na cara dos guardas para que estes correspondessem ao seu riso, Quem sabe se eles não eram simplesmente os moços de fretes da esquina? Realmente eram parecidos. Todavia agora estava decidido, já o estava desde que Franz o olhara pela primeira vez, a não deixar escapar a mínima vantagem que, porventura, tivesse sobre aquela gente. Naquilo que mais tarde haviam de dizer que ele se melindrara facilmente, não via K. senão um perigo diminuto. Embora não tivesse o hábito de aproveitar a experiência passada, recordava-se bem de alguns casos, em si pouco importantes, nos quais ele, em vez de proceder com consciência como os amigos, se havia portado estouvadamente sem atender às possíveis consequências que, depois, tinham constituído a punição da sua imprudência. Isso não devia voltar a acontecer; pelo menos desta vez. Se se tratasse duma comédia, ele queria ser comparsa.

Por enquanto ainda era livre.

— Com licença — disse K., passando rapidamente entre os guardas a fim

de se dirigir ao seu quarto. “Parece ser um tipo razoável”, ouviu dizer nas suas costas. No quarto, escancarou as gavetas da secretária, onde reinava uma ordem impecável, mas, excitado como estava, não conseguiu dar logo com os

documentos de identificação que eram precisamente o objectivo da sua busca. Por fim, encontrou os documentos da bicicleta e Ia a levá-los aos guardas quando, ao parecer-lhe que o papel pouca importância teria, decidiu prosseguir a busca até que achou a certidão de idade. Ia de novo a entrar no quarto ao lado, quando a porta em frente se abriu para dar passagem à senhora Grubach, que se dirigia ao mesmo quarto que ele. Aquela, porém, mal foi vista, pois logo que reparou em K. ficou visivelmente perturbada, pediu desculpa e desapareceu, fechando a porta com todo o cuidado. “Faça o favor de entrar”, K. ainda podia ter dito. Porém, deixou -se ficar no meio do quarto, com os papeis na mão, a olhar para a porta, que não se voltou a abrir, até que um berro dos guardas o sobressaltou. Aqueles estavam sentados à pequena mesa colocada junto da janela aberta e, notou K., comiam o seu pequeno-almoço.

— Porque não entrou ela? — perguntou.

— Porque não pode — respondeu o corpulento guarda —, é que o senhor está preso.

— Preso! Como é que pode ser isso? E desta maneira?

— Lá está o senhor outra vez —, replicou o guarda, enquanto metia o pão com manteiga num potezinho de mel — nós não respondemos a perguntas dessas.

— Mas terão de responder — retorquiu K. — Aqui estão os meus documentos de identificação; mostrem-me agora os vossos; o mandado de captura antes de mais nada.

— Santo Deus! Não querem lá ver que o senhor, na situação em que está, não aceita o que lhe dizemos e até parece fazê-lo de propósito só para nos irritar escusadamente, a nós, que somos quem mais o estima!

— É assim mesmo, acredite — corroborou Franz, que, em vez de levar à boca a chávena de café que segurava na mão, se pôs a olhar para K. demoradamente e duma maneira talvez significativa mas, na verdade, K., sem querer, viu-se envolvido num diálogo mudo com Franz, mas depois, batendo com os dedos nos papéis, disse:

— Aqui estão os meus documentos de identificação.

— Que nos importa isso, a nós? — exclamou o mais corpulento dos guardas. — O senhor está a portar-se pior do que uma criança. Que é que o senhor quer? Julga que pode terminar rapidamente com o seu enorme processo, o seu maldito processo, só por se pôr a discutir connosco, que não passamos de guardas, questões de documentos de identificação e de mandados de captura? Nós somos apenas funcionários subalternos, que pouco ou nada percebem de documentos de identificação e que, neste caso, não têm outra missão a não ser a de vigiá-lo dez horas por dia. É para isso que nos pagam. No entanto, ainda somos capazes de compreender que as altas autoridades, ao serviço das quais

estamos, antes de darem uma ordem de prisão, tiram minuciosas informações acerca da pessoa a ser detida e dos motivos da detenção.. Assim, não há possibilidades de engano. As nossas autoridades, até onde eu conheço, e os meus conhecimentos não vão além das categorias mais baixas, não são daquelas que andam atrás das culpas das pessoas, mas, como diz a Lei, são forçadas pelos delitos a enviarem-nos a nós, os guardas. É assim a Lei. Como poderá haver enganamentos?

— Não conheço essa Lei — replicou K.

— Tanto pior para si.

— Isso é bem capaz de não passar de imaginação vossa — retorquiu K. tentando insinuar-se, fosse como fosse, no espírito dos guardas a fim de os conquistar para o seu lado ou adquirir ascendente sobre eles, O guarda, porém, limitou-se a responder friamente:

— O senhor convencer-se-á por experiência própria. Franz meteu-se na

conversa e disse: — Estás a ver, Willem? Ele admite que não conhece a Lei e ao mesmo tempo afirma que está inocente.

— Tens toda a razão, mas não se lhe pode fazer compreender nada.

K. não fez qualquer comentário, mas pensou: “Vou deixar que o palavrório destes funcionários sem categoria — são eles próprios que assim se classificam

— me traga ainda mais confusão ao espírito? A segurança com que falam de

coisas de que não percebem absolutamente nada é apenas possível devido à sua estupidez. As poucas palavras que eu trocar com uma pessoa da minha igualha tornarão tudo incomparável—mente mais claro do que a maior conversa que tiver, com estes.”

Deu alguns passos para um lado e para o outro dentro do espaço livre do quarto e reparou então na velha, que estava

agora abraçada a um indivíduo ainda muito mais velho, que ela arrastara para a janela. K. tinha de pôr termo a este espectáculo.

— Leve-me ao seu superior — disse.

— Quando ele estiver disposto a isso; antes não — replicou o guarda a quem chamavam Willem.

— Agora aconselho-o — prosseguiu — a voltar para o seu quarto e a aguardar lá, quieto, a decisão que tomarem a seu respeito. Aconselhamos-lhe, igualmente, a não dar livre curso a pensamentos inúteis mas, pelo contrário, a meditar profundamente, pois irão exigir-lhe muita coisa. O senhor não nos tratou de forma a corresponder à nossa amabilidade; esqueceu-se que nós, sejamos lá o que formos, temos sobre si uma vantagem que não é nada pequena: somos livres. Apesar disso, estamos dispostos, caso o senhor tenha dinheiro, a ir ali ao café buscar-lhe o pequeno-almoço.

K. ignorou o oferecimento e deixou-se ficar imóvel durante um instante.

Talvez eles não se atrevessem a impedi-lo de abrir a porta do quarto seguinte ou até mesmo a porta da antessala; talvez fosse essa a solução mais simples para um assunto ao qual ele estava a dar demasiada importância. Mas quem sabe se não o agarrariam e, uma vez dominado, ele veria escapar-se a superioridade que, por

enquanto, em certo sentido, possuía em relação a eles. Por esse motivo, optou pela segurança que o decorrer natural dos acontecimentos não podia deixar de lhe dar e regressou ao quarto, sem que entre ele e os guardas fosse trocada mais alguma palavra.

Lançou-se para cima da cama e tirou do lavatório uma bela maçã que, na noite anterior, havia guardado para o pequeno-almoço. Agora, apenas comeria a maçã, que, apesar de tudo, valia muito mais, concluiu ao dar a primeira grande dentada, do que o pequeno-almoço que os benevolentes guardas teriam ido buscar ao imundo café. Sentiu-se bem-disposto e confiante. Sem dúvida que não iria de manhã ao banco mas, no lugar relativamente importante que ocupava, faltas dessas eram facilmente desculpáveis. Devia apresentar a verdadeira justificação da sua ausência? Pensou em fazê-lo. Se não o acreditassem, o que era compreensível num caso como este, poderia utilizar a senhora Grubach como testemunha, ou ainda os dois velhos que se encontravam agora a caminho da janela em frente da de K. Pondo-se no lugar dos guardas, K. estranhou que aqueles não tivessem discorrido que ele, deixado sozinho no quarto, teria imensas possibilidades de se suicidar. Ao mesmo tempo, porém, não pôde deixar de se interrogar sobre os motivos que poderia ter para proceder desta maneira. Só

porque os dois estavam sentados no quarto ao lado e se tinham apossado do seu pequeno-almoço? Mesmo que tivesse querido suicidar-se, o absurdo de tal procedimento era suficiente para impedi-lo de o fazer.

Se os guardas não se tivessem comportado duma maneira tão manifestamente obtusa, poder-se-ia supor que também eles, por um raciocínio análogo ao de K., teriam chegado à conclusão de que não havia perigo em o deixar sozinho. Se quisessem até podiam vê-lo agora dirigir-se a um armário de parede, no qual guardava uma garrafa de boa aguardente, beber um copito em substituição do pequeno-almoço e esvaziar um outro, destinado unicamente por prudência a dar-lhe ânimo se, hipótese improvável, dele viesse a ter necessidade.

Então um berro vindo do quarto ao lado assustou-o a tal ponto que bateu

com os dentes no copo.

— O inspector chama-o! K. apenas se assustou com o berro. De facto não julgava Franz capaz de soltar um berro tão rápido, incisivo e militar. A ordem em si, no entanto, era bem recebida.

— Até que enfim! — exclamou. Depois, fechou o armário e dirigiu-se para o quarto ao lado, Ali deu com os dois guardas que, com toda a naturalidade, o empurraram de novo para o seu quarto.

— Que ideia é essa? — exclamaram. — Quer apresentar-se em
camisa

perante o inspector? Ele mandava dar-lhe uma sova e nós
também não escapávamos!

— Larguem-me, com mil diabos! — gritou K. para os
guardas que o haviam forçado a recuar até ao guarda-fatos.
Quem vem surpreender-me à cama não pode esperar encontrar-
me de fato de cerimónia.

— Não adianta protestar — responderam os guardas, os quais,
sempre que

K. gritava, ficavam muito calmos, mesmo quase tristes,
conseguindo por esse meio desconcertá-lo ou de certo modo
causar-lhe hesitações.

— Que cerimónias ridículas — murmurou ainda, mas tirando um
casaco de cima da cadeira conservou-o rias mãos durante
um momento como se o submetesse à apreciação dos guardas.
Estes abanaram a cabeça.

— Têm de ser preto — disseram. K. arremessou o casaco para o
chão e

exclamou, sem ele próprio saber qual o sentido das suas palavras:

— Ainda não é a audiência principal. Os guardas sorriram mas mantiveram-se na sua.

— Tem de ser um casaco preto.

— Se é isso que faz andar as coisas mais depressa, tenho realmente conveniência em vesti-lo — disse K., enquanto abria o guarda-fatos para, depois de procurar entre vários, escolher o melhor: um jaquetão preto que, de tão cintado, já quase havia causado sensação entre os conhecidos do seu possuidor. Depois, tirou também outra camisa e começou a vestir-se com todo o cuidado. No íntimo estava convencido de ter conseguido com o seu procedimento apressar o desfecho do caso, visto que os guardas tinham-se esquecido de o obrigar a tomar banho. Olhava-os, sempre à espera de que eles se fossem lembrar disso, mas, no entanto, a nenhum ocorreu semelhante ideia. Por outro lado, Willem não se esqueceu de mandar Franz dizer ao inspector que K. se estava a vestir.

Logo que se acabou de vestir, K., seguido de perto por Willem, viu-se forçado a passar pelo quarto contíguo, agora vazio, a fim de entrar no quarto seguinte, cuja porta já estava amplamente aberta. K. sabia muito bem que neste quarto vivia, não há muito tempo, uma tal menina Bürstner, dactilógrafa de profissão. Esta, que saía de manhã cedo para o trabalho e regressava tarde a casa, nunca dirigira a K. outras palavras além de bom dia ou boa tarde. A mesinha-de-cabeceira da menina Bürstner tinha sido

agora afastada da cama e colocada no meio do quarto a fim de servir de mesa de audiência. Por detrás dela, sentado, as pernas traçadas e um braço apoiado nas costas da cadeira, encontrava-se o inspector.

Num canto do quarto três jovens examinavam as fotografias da menina Bürstner, que se encontravam colocadas sobre uma esteira dependurada na parede. No puxador da janela aberta encontrava-se suspensa uma blusa branca. Na janela fronteira estavam de novo os dois velhos. Agora, porém, acompanhava-os um homem corpulento, esgargalado, que, por detrás deles, cofiava a barbicha arruivada.

Josef K.? — perguntou o inspector, possivelmente só com a intenção de

desviar para a sua pessoa o olhar distraído de K. Este, com um aceno de cabeça, confirmou.

— O senhor ficou muito surpreendido com o que se passou esta manhã, não é verdade? — perguntou o inspector enquanto mexia com ambas as mãos numa série de objectos (uma vela, fósforos, um livro e uma alfineteira) colocados sobre a mesa, como se tivesse necessidade deles para a audiência.

— Com certeza — respondeu K., experimentando um sentimento de bem-estar por se encontrar, finalmente, perante uma pessoa sensata com quem podia falar do seu problema.

— Com certeza que fiquei surpreendido, embora não muito surpreendido.

— Não ficou muito surpreendido? — exclamou o inspector, agrupando à volta da vela, que colocara no centro da mesa, os restantes objectos.

Possivelmente o senhor não compreendeu o sentido das minhas palavras — prosseguiu K. rapidamente — quero eu dizer... —, porém, em vez de continuar, K. olhou à volta procurando uma cadeira.

— Posso sentar-me, não é verdade? — perguntou.

— Não é costume — replicou o inspector.

— Quero eu dizer — continuou desta vez K. sem mais detença —, é claro que fiquei muito surpreendido, mas quando uma pessoa chega aos trinta anos e durante toda a sua vida teve de se haver sozinho, como é o meu caso, fica endurecida e não liga grande coisa a surpresas; especialmente quando são do género da de hoje.

— Porquê especialmente quando são do género da de hoje?

— Não quero dizer que a considere uma brincadeira, pois a sua organização dá ideia de que se trata duma coisa muito importante. É difícil conceber uma partida na qual participe tanta gente, pois, a ser assim, todos os hóspedes, e o senhor também, teriam de entrar nela. É por isso que digo que não se trata duma brincadeira.

— Tem toda a razão — retorquiu o inspector, entretido a contar os fósforos que se encontravam na caixa.

— No entanto, por outro lado — prosseguiu K., voltando-se ao mesmo tempo para todos os presentes e procurando, debalde, conseguir que os três jovens que examinavam as fotografias lhe prestassem atenção —, o caso não pode ter uma importância por aí além. Chego, por conseguinte, à conclusão de que sou acusado e, todavia, não consigo encontrar a mínima falta a que possam lançar mão para me acusar. Mas isto também é de somenos. A questão principal é esta: por quem sou eu acusado? Qual é a autoridade que dirige este processo? Os senhores são funcionários” Nenhum tem uniforme, a não ser que se queira, dar esse nome ao fato que aquele senhor enverga — continuou, voltando-se para Franz — mas, na verdade, parece-me mais um traje de viagem. Exijo, pois, que me respondam a estas perguntas. Estou convencido de que após essa explicação rios poderemos despedir da maneira mais cordial.

O inspector entornou a caixa de fósforos por cima i mesa.

— O senhor labora num grande erro — disse. — Estes senhores e eu temos tio seu caso um papel absolutamente secundário. De facto, quase nada sabemos a seu respeito. Poderíamos envergar os mais regulamentares de todos os uni- formes, que isso em nada tornava o seu caso pior, Também não posso afirmar de maneira categórica que o tenham acusado, ou melhor, ignoro-o. O que é verdade é que o senhor está preso, é tudo quanto sei. talvez os guardas se tenham posto a

papaguear coisas diferentes, mas, se, assim foi, o que disseram não passa de conversa barata. No entanto, embora eu não responda às suas perguntas, estou à altura de lhe dar um conselho: pense menos em nós e mais no que lhe irá acontecer; pense mais em si. Além disso, não faça um tal alarido a protestar a sua inocência, pois isso desfaz logo a impressão razoável que o senhor está a causar, Acima de tudo, o senhor devia ser mais moderado rias suas palavras, pois quase tudo quanto disse há pouco, e não passou de meia dúzia de palavras, poderia ter sido tomado como um reflexo do seu comportamento. Além disso, tal atitude está muito longe de o ter favorecido, K. olhou fixamente para o inspector. Estava, então, como um menino de

escola, a receber lições dum sujeito talvez mais novo do que ele? Puniam a sua franqueza com uma repreensão? E que explicações lhe davam acerca dos motivos da sua prisão e de quem estava encarregado de a efectuar? Sentia que uma certa agitação se apossava dele. Pôs-se a andar de, um lado para o outro sem que ninguém o impedisse; puxou os punhos da camisa para cima, tacteou o peito, alisou o cabelo e disse, ao passar em frente dos três homens:

— Não há duvida que isto é absurdo. Aqueles voltaram-se com um olhar severo, e dirigiram-se ao encontro de K. que, por fim, estacou em frente da mesa do inspector.

— O procurador Hasterer é meu amigo — disse — posso telefonar-lhe? Com certeza — respondeu o inspector — embora eu não veja a que

propósito; a não ser que o senhor tenha algum assunto particular a tratar com ele.

— A que propósito? — exclamou K. mais admirado do que furioso.

— Que espécie de homem vem o senhor a ser? Acha que eu devo telefonar a propósito de qualquer coisa e, no entanto, age com o maior despropósito possível! Em primeiro lugar, estes senhores surpreendem-me desta maneira e depois põem-se aqui, uns de pé, outros sentados, a apreciar-me como se eu fosse um cavalo

de cortesias. Se, como dizem, sou acusado, não virá a propósito telefonar a um procurador? Está bem, não telefono.

— Mas com certeza — retorquiu o inspector, apontando para a antessala,

onde se encontrava o aparelho —, telefone, faça favor.

— Já não quero — disse K., assomando à janela e, deste modo, perturbando um pouco, segundo pareceu, a plácida contemplação das três personagens que ainda se encontravam instaladas à janela do prédio fronteiro. Os velhos quiseram levantar-se, mas o homem que estava por detrás deles acalmou-os.

— E ainda por cima ali aqueles mirones — bradou K. em voz bem alta para o inspector, apontando com o indicador para fora do quarto. — Ponham-se a andar.

Recuaram todos imediatamente alguns passos, e os dois velhos foram mesmo colocar-se por detrás do homem, que os tapou com o seu corpo espadaúdo e lhes disse algumas palavras que a distância tornou ininteligíveis. Contudo, nenhum deles desapareceu por completo; antes pareceram ficar à espera da altura em que pudessem voltar a aproximar-se sorratamente da

janela.

— Que gente intrometida e bisbilhoteira! — disse K., voltando-se para dentro do quarto.

Olhou de lado para o inspector e teve a impressão de que este concordava com o que acabava de dizer; contudo, também era muito possível que ele não tivesse ouvido as suas palavras, visto parecer entretido a comparar o tamanho dos dedos da mão que espalmara fortemente contra o tampo da mesa. Os dois guardas estavam sentados sobre um baú tapado por uma coberta, e esfregavam os joelhos. Os três jovens, de mãos nos quadris, percorriam o quarto com um olhar vago. Reinava um silêncio semelhante ao de qualquer escritório esquecido.

— Bem, meus senhores — disse K., e durante um momento teve a

impressão de que todos os presentes estavam em cima dos seus ombros — a vossa atitude leva-me a concluir que o meu caso deve estar encerrado. Sou, pois, da opinião que o melhor é não pensarmos mais na legitimidade ou ilegitimidade do vosso procedimento e pôr fim a este assunto com um aperto de mão recíproco e conciliatório. Se os senhores compartilham do meu ponto de vista, façam favor..

Aproximou-se da mesa do inspector e estendeu-lhe a mão. Aquele levantou

os olhos, mordeu os lábios e olhou para a mão que K. lhe oferecia. “Vai apertar-me a mão”, pensou K.

O inspector, porém, levantou-se, pegou num chapéu rijo e redondo que estava em cima da cama da menina Bürstner e colocou-o na cabeça, alardeando na operação os cuidados próprios de quem experimenta chapéus novos.

— Como tudo lhe parece simples — volveu para K. — Diz o senhor que devemos pôr fim a este assunto duma forma conciliatória. Não, não, isso é realmente impossível. Com isto não quero dizer, de modo nenhum, que o senhor deva perder as esperanças. Não há razão para tal. O senhor está preso; eis tudo. Era o que eu tinha de lhe participar. Fi-lo e vi ao mesmo tempo como o senhor recebeu esse facto. Por hoje é suficiente. Podemo-nos despedir, embora não definitivamente. Com certeza agora quer ir para o banco?

— Para o banco? — perguntou K. — Eu pensava que estava preso. K. pusera nessa pergunta uma certa altivez, pois embora o seu aperto de mão tivesse sido recusado, sentia-se cada vez mais independente daquela gente; essa impressão havia-se mesmo reforçado desde que o inspector se levantara. Agora brincava com eles. Tencionava, caso se fossem embora, correr atrás deles até ao portão e insistir para que o prendessem. Por esse motivo repetiu:

— Como é que eu posso ir para o banco se estou preso?

— Logo vi que o senhor não me havia compreendido — respondeu o inspector Já perto da porta. — Claro que está preso, mas isso não o deve impedir de ir trabalhar nem de continuar a viver como até aqui.

— Se assim é, não pode dizer que a prisão seja muito ruim retorquiu K., aproximando-se do inspector.

— Foi sempre essa a minha opinião — replicou este último.

— Então não me parece que a participação da detenção tenha sido assim tão necessária — prosseguiu K., aproximando-se ainda mais. Os outros acercaram-se também . Estavam agora todos juntos uns dos outros num apertado espaço ao pé da porta.

Era a minha obrigação — disse o inspector. Uma estúpida obrigação — retorquiu K., intransigente. É possível — respondeu o inspector —, mas não quero perder tempo com conversas dessas. Tinha calculado que o senhor queria ir ao banco, mas visto que se agarra tanto às palavras, digo-lhe mais: eu não o obrigo a ir ao banco; supus apenas que o senhor estaria interessado nisso. E, a fim de facilitar a satisfação do seu desejo e de tornar o mais discreta possível a sua entrada no banco, socorri-me destes três senhores que são seus colegas e se prontificaram a ajudá-lo.

— O quê?— exclamou K., olhando atônito para os três indivíduos.

Aqueles três jovens anémicos e de aspecto vulgar, que só se lembrava de ter visto em grupo a observar as fotografias da menina Bürstner, eram de facto funcionários do banco, mas daí a serem seus colegas... Dizer que uns funcionários subalternos do banco eram seus colegas, era evidentemente um exagero e revelava uma falha na omnisciência do inspector. Mas, fosse como fosse, a verdade é que eles eram funcionários do banco, Como lhe tinham podido passar despercebidos? Como ele devia estar absorvido pelo inspector e pelos guardas para não reconhecer aqueles três. Lá estava o empertigado Rabensteiner, de mãos bamboleantes, Kullich, o loiro de olhos encovados, e Kaniiner, em quem uma distensão muscular crónica afivelara um sorriso insuportável.

— Bom dia! — disse K. passados uns momentos e estendendo a mão aos três homens, que se inclinaram impecavelmente.

— Não os reconheci. Bem, vamos ao trabalho, não é verdade?

Os homens concordaram com um aceno de cabeça e sorriram amavelmente, como se durante todo o tempo tivessem aguardado aquelas palavras. Porém, assim que K. se deu conta de que tinha deixado o chapéu no quarto, os três, uns atrás dos outros, correram a buscá-lo, o que fez transparecer um certo embaraço. K. deixou-se ficar quieto a observá-los através das

suas portas abertas; o último era, claro, o indiferente Rabensteiner, que unicamente se importava com a elegância do seu andar. Karamer entregou o chapéu a K., que se viu obrigado a dizer de si para si — como de resto já o fizera várias vezes no banco — que o sorriso de Karniner não era propositado e que, dum modo geral, aquele seria incapaz de sorrir intencionalmente. Na antessala, a senhora Grubach, cujo aspecto era o de uma pessoa absolutamente inconsciente das suas culpas, abriu a porta. K. reparou, então, como tantas outras vezes, que a fita do seu avental se lhe vincava profunda e desnecessariamente na volumosa barriga. Na rua, K., de relógio na mão, resolveu alugar um carro para não aumentar escusadamente o atraso, que já ia em meia hora. Karniner dirigiu-se a correr à esquina para ir buscar o carro, enquanto os outros dois procuravam, nitidamente, distrair K. De súbito, Kullich apontou para o portão em frente, no qual acabava de aparecer o

corpulento indivíduo da barbicha loira, que, parecendo momentaneamente embaraçado por se revelar em toda a sua estatura, recuou até à parede e aí se encostou. Os velhos deviam ter ficado na escada. K. irritou-se com Kullich por lhe ter chamado a atenção para o homem em quem ele próprio já havia reparado e que havia mesmo esperado.

— Não olhe para lá! — exclamou, sem se dar conta do que aquele modo de

falar podia ter de surpreendente para homens livres. No entanto, não teve de prestar qualquer explicação, pois naquele momento chegou o carro; entraram e dirigiram-se para o banco. K.

lembrou-se então de que não dera pela saída do inspector e dos guardas. o inspector tinha encoberto a presença dos três funcionários e estes, por sua vez, faziam o mesmo em relação ao inspector.

K. não demonstrara com aquela atitude ter muita presença de espírito, de modo que resolveu observar-se melhor a este respeito.

Então, sem querer, voltou-se para trás e debruçou-se sobre a retaguarda do

carro para, caso fosse possível, ver ainda o inspector e os guardas. Porém, virou-se de novo, rápido, para a frente e encostou-se confortavelmente a um canto do carro, sem sequer ter feito qualquer tentativa para procurar fosse quem fosse.

Apesar de não o dar a entender, K. teria tido nesse momento necessidade de conforto moral, mas os homens pareciam agora fatigados; Rabensteiner, à direita, olhava para fora do carro, Kullich fazia o mesmo, no lado esquerdo. À sua disposição apenas estava Kaminer ostentando o seu irónico trejeito, que,

infelizmente, por uma questão de humanidade, não podia ser alvo de troças.

No princípio desse ano, K. tinha por hábito, depois do trabalho, e sempre que possível — a maior parte das vezes ficava no escritório até às nove horas — dar à noite um pequeno passeio sozinho ou com alguns colegas e ir depois para uma cervejaria onde, com alguns conhecidos já de certa idade, se sentava a uma mesa reservada e aí permanecia, em geral, até às onze horas. No entanto, este programa sofria também as suas excepções sempre que, por exemplo, o director do banco, que tinha em alto apreço a capacidade de trabalho e a honestidade profissional de K., o convidava para um passeio de carro ou para jantar na sua casa de campo.

Além disso, K. visitava uma vez por semana uma rapariga chamada Elsa que, durante a noite e até manhã alta, servia à mesa numa cervejaria e, durante o dia, só deitada podia receber visitas. Nessa tarde, porém, K. quis ir logo para casa, pois o dia passara rapidamente, tão violento fora o trabalho e tantos haviam sido os votos honrosos e amigos de parabéns pelo aniversário. Em todos os pequenos intervalos que durante o trabalho fizera, K. só pensara numa coisa: ir para casa. Embora não tivesse ideias absolutamente claras sobre este assunto, parecia-lhe que os acontecimentos ocorridos de manhã haviam provocado uma confusão enorme em toda a casa da senhora

Grubach e que era precisamente ele a pessoa necessária para restabelecer a ordem. Uma vez esta restabelecida, desapareceriam todos os vestígios do ocorrido e tudo voltaria ao ramerrão habitual. Especialmente no que dizia respeito aos três funcionários, nada a recear,

pois já tinham sido envolvidos pela engrenagem do banco e não se notava neles qualquer modificação. K. já várias vezes os tinha chamado ao seu escritório, tanto isoladamente como em grupo, com o único objectivo de os observar e nunca tivera motivos para apoquentações.

Quando chegou a casa, eram nove e meia da noite, encontrou junto ao portão um rapaz que, de pernas afastadas, fumava um cachimbo.

— Quem é você? — perguntou K, imediatamente, aproximando o rosto do rapaz, pois via-se mal devido à semi-obscuridade existente no vestíbulo.

— Sou o filho do porteiro, senhor — respondeu o rapaz, tirando o cachimbo da boca e afastando-se para o lado.

— O filho do porteiro? — inquiriu K., batendo impaciente com a bengala no chão.

— O senhor deseja alguma coisa? Quer que vá chamar o meu pai?

— Não, não — respondeu K., e na sua voz parecia transparecer um tom de perdão, como se o rapaz tivesse feito algum mal e ele o desculpasse.

— Está bem — disse, então, afastando-se. Porém, antes de subir a escada,

ainda se voltou para trás mais uma vez.

Teria podido dirigir-se imediatamente ao seu quarto, mas como queria falar com a senhora Grubach, bateu-lhe primeiramente à porta. Aquela tinha na mão uma meia e estava sentada a uma mesa sobre a qual se via ainda um monte de meias velhas.

K., com um ar ausente, desculpou-se por a ter vindo incomodar àquela hora,

mas a senhora Grubach, muito amável, disse-lhe que não tinha nada de que lhe pedir desculpa e que estava sempre disposta a atendê-lo, pois ele era, bem o sabia, o seu melhor e mais estimado hóspede. K. percorreu o quarto com o olhar; tudo estava de novo como dantes. A louça do pequeno— almoço que estivera sobre a mesinha perto da janela já tinha sido arrumada. As mãos de mulher conseguem muita coisa sem fazer barulho, pensou K. Ele teria talvez partido a louça logo ali, mas de certeza não teria podido levá-la. Olhou para a senhora Grubach com uma certa gratidão.

— Porque está a trabalhar até tão tarde? — perguntou. Estavam ambos,

agora, sentados à mesa e K., de vez em quando, mergulhava as mãos no monte das meias.

— Há tanto que fazer — respondeu ela —, de dia pertença aos meus hóspedes; assim, só me restam as noites para por as minhas coisas em ordem.

— Hoje dei à senhora um bom bocado de trabalho a mais, não? ?

— Porquê? — perguntou mais solícita ainda e esquecendo-se da meia no

colo.

— Refiro-me aos homens que cá estiveram esta manhã.

— Ali, é isso! — volveu ela, retomando o seu aspecto calmo.

— Não me deram trabalho por aí além.

K. calou-se e ela pegou de novo na meia. “Parece que ela estranha que eu

fale deste assunto”, pensou K.; “parece que acha mal que eu me refira a isso.

Tanto maior interesse tenho em o fazer. Não há nada como falar disto a uma velha”.

— Com certeza que a senhora teve trabalho com esta coisa — disse —, mas nunca mais voltará a acontecer.

— Não, não poderá voltar a acontecer — confirmou ela, sorrindo para K. com um ar quase melancólico.

— Está a falar a sério, senhora Grubach? — perguntou K.

— Estou — respondeu ela em voz mais baixa —, mas acima de tudo o senhor não deve levar as coisas muito a sério. Acontece cada uma neste inundo! já que me está a falar com tanta confiança, senhor K., posso confessar-lhe que estive a ouvir atrás da porta um bocado da conversa e que também os guardas me contaram umas coisas. Trata-se na verdade da sua felicidade, senhor K., e isso toca-me profundamente, mais talvez do que devia, porque, enfim, não passo de Sua Senhoria. Ouvei, pois, algumas coisas, que não se pode dizer que sejam lá muito graves. E certo que o senhor está preso, mas está preso de maneira muito diferente da que usam para prender os ladrões. Quando se é preso como ladrão, isso é mau; agora a sua prisão dá-me a impressão de ser qualquer coisa de sábio desculpe-me se estou para aqui a dizer asneiras — mas na verdade é essa a minha impressão; é certo que não compreendo nada, mas também não se é obrigado a compreender.

— Não é disparate nenhum o que disse, senhora Grubach; pelo menos, eu próprio sou em parte da sua opinião e, digo-lhe mais, tenho uma opinião mais severa acerca do caso do que a senhora, pois não considero qualquer coisa de sábio mas sim qualquer coisa de absolutamente vazio. Assaltaram-me, foi o que foi. Se me tivesse levantado assim que acordei e me tivesse dirigido logo à senhora, em vez de me atrapalhar com a demora de Ana ou de ter tido consideração por quem quer que se tivesse, metido no meu caminho, teria desta vez, excepcionalmente, tomado o pequeno-almoço na cozinha e depois ter-lhe-ia pedido que me fosse buscar o fato ao quarto. Em resumo, teria procedido com cabeça, e não daria origem a que nada mais se viesse a passar, pois tudo quanto se deu seria sufocado à nascença. Mas anda-se tão pouco preparado! No banco, por exemplo, estou preparado; aí não me podia acontecer nada de semelhante, pois tenho um auxiliar só para mim, e o telefone comum e o do escritório estão a minha frente em cima da secretária; continuamente entre gente, clientes e empregados. Além disso, e acima de tudo, lá no banco estou sempre ocupado com trabalho e, por conseguinte, falando com franqueza, dar-me-ia prazer enfrentar uma situação semelhante à de hoje. Bom, agora que já tudo passou, queria realmente não tornar a falar do assunto. Antes, porém, gostaria de ouvir o seu parecer, que é o de uma senhora inteligente, e ficaria bem contente se partilhássemos os mesmos pontos de vista. Mas a senhora tem de me estender a

mão, pois um tal acordo deve ser reforçado por um aperto de mão.

“Estender-lhe-á ela a mão? O inspector não o fez”, pensava K., examinando agora a mulher com outros olhos. Ela levantara-se, visto também ele se ter

erguido, e estava um pouco confusa porque, na verdade, não percebera nada do que K. dissera. Levada pela sua atrapalhão, foi obrigada a dizer uma coisa que não queria e que até nem vinha a propósito:

— Não leve as coisas tão a sério, senhor K. — disse com lágrimas nos olhos e esquecendo-se naturalmente de lhe apertar a mão.

— Desconhecia que era eu que estava a levar as coisas a sério — retorquiu

K., sentindo-se de súbito fatigado e compreendendo quanto era inútil que esta mulher concordasse consigo.

Perto da porta perguntou ainda:

A menina Bürstner está em casa? Não — respondeu a senhora Grubach, procurando atenuar a secura da informação com um sorriso de simpatia um tanto atrasado, — Está no teatro. Desejava alguma coisa dela? Quer que lhe dê algum recado?,

— Queria apenas dizer-lhe algumas palavras

— Infelizmente não sei quando ela chega; em geral entra tarde quando vai ao teatro. — Bem, não tem importância — disse K, voltando-se para a porta, olhos no chão, a fim de se ir embora, —, só lhe queria pedir desculpa por hoje lhe ter invadido o quarto.

— Não é necessário, senhor K. O senhor é demasiado atencioso; a menina Bürstner não faz ideia nenhuma do que se passou, pois saiu de casa logo de manhã cedo e agora já está tudo em ordem como o senhor próprio pode ver — acrescentou, abrindo a porta do quarto.

— Muito obrigado, não estou a duvidar — disse K., entrando, apesar de tudo, pela porta aberta. O luar iluminava calmamente o quarto sombrio. Tanto quanto se podia ver, encontrava-se tudo realmente no devido lugar, e até a blusa já não estava pendurada no puxador da porta. As almofadas da cama, colocadas numa posição extraordinariamente alta, estavam em parte iluminadas pelo luar.

— Ela vem muitas vezes tarde para casa — disse K., olhando para a senhora Grubach como se ela fosse responsável por isso.

Os novos são assim — retorquiu a senhora Grubach em jeito de desculpa.

— Com certeza, com certeza — continuou —, mas isso pode ir demasiado longe.

— É verdade — disse a senhora Grubach —, tem muita razão senhor K., e

até talvez mesmo neste caso. É claro que não quero dizer mal da menina Bürstner; ela é boa rapariga, simpática, amável, ordeira, pontual, trabalhadora, e eu aprecio imenso essas qualidades. Mas uma coisa é certa, é que ela devia ser mais briosa e mais discreta. Já a vi duas vezes este mês em ruas afastadas e sempre com um homem diferente. Estas coisas desgostam-me imenso e conto-as apenas a si, senhor K. Porém, isso não impedirá que eu própria fale com a menina Bürstner. De resto, não é apenas o que lhe disse que me faz desconfiar dela.

— A senhora está redondamente enganada —, exclamou K., encolerizado e quase incapaz de dominar o que sentia —, de resto é evidente que a senhora

compreendeu mal a observação que fiz a respeito da menina Bürstner, pois trata-se de uma coisa muito diferente do que imagina. Aconselho-a mesmo francamente a não dizer seja o que for à menina Bürstner, uma vez que a senhora labora completamente num erro e nada do que disse a esse respeito é verdade. Eu conheço bem a menina Bürstner. Bom, talvez eu esteja a ir longe de mais; olhe, diga-lhe o que quiser, que eu não me oporei. Boa noite.

— Senhor K. — disse a senhora Grubach com um tom de pedido na voz e

correndo atrás de K., que já tinha aberto a porta do seu quarto — não direi ainda nada à menina Bürstner; mas é claro que a observarei primeiro. Só me abri com o senhor. Em conclusão, acho que é assim que procede quem, no interesse dos hóspedes, procura manter decente a sua pensão. E os meus esforços não têm outro objectivo.

— Decência! — gritou ainda K. através da frincha da porta. Se quiser manter a sua pensão decente, tem de me mandar embora.
— Depois atirou com a porta, já indiferente ao barulho que estava a fazer.

Por outro lado, resolveu, uma vez que não tinha vontade de dormir,

aproveitar a oportunidade para ver quando a menina Bürstner chegaria. Talvez lhe fosse também possível, por mais inoportuna que a sua atitude se revelasse, conversar ainda um pouco com ela.

Enquanto estava à janela e esfregava os olhos cansados, chegou mesmo a pensar, durante momentos, em persuadir a menina Bürstner a sair da pensão com ele, castigando assim a senhora Grubach. Porém, logo a seguir, essa ideia pareceu-lhe horrivelmente exagerada, e suspeitou mesmo que ela nascera

devido aos acontecimentos dessa manhã. Nada teria sido mais insensato e acima de tudo mais inútil e ridículo. Quando se fartou de olhar para a rua deserta, entreabriu a porta que dava para a antessala e estendeu-se em cima do canapé para daí poder dar conta de quem quer que entrasse em casa. Até cerca das onze deixou-se ficar sossegado no canapé. Depois, não se contendo mais, foi um pouco para a antessala, como se isso pudesse fazer chegar mais cedo a menina Bürstner. Não tinha qualquer desejo especial de a ver, nem sequer se lembrava do seu aspecto, mas agora queria falar com ela; além disso, sentia-se irritado pelo facto de o dia ainda acabar em desassossego e, desordem devido à chegada tardia da menina Bürstner. Iguamente por causa dela, tinha deixado de jantar e visitar Elsa como havia previsto. No entanto, ainda podia fazer ambas as coisas que pusera de parte, indo ao restaurante onde Elsa trabalhava. Era isso que queria fazer mais tarde, depois de conversar com a menina Bürstner. Já passava das onze e meia quando se ouviram uns passos no vão da escada. K.? que entregue aos seus pensamentos passeava tão ruidosamente na antessala como se estivesse no seu próprio quarto, fugiu para atrás da porta. Era a menina Bürstner que acabava de chegar. Tiritando de frio, aconchegou aos ombros estreitos um xaile de seda enquanto trancava a porta. Logo a seguir, dirigir-se-ia ao seu quarto, no qual, sem dúvida nenhuma, K., àquela hora, cerca da meia-noite, não devia introduzir-se.

Portanto, era forçoso falar-lhe agora; infelizmente, porém, tinha-se esquecido de

acender a luz eléctrica do seu quarto, de maneira que sair assim da escuridão daria a ideia de um assalto e, pelo menos, causaria bastante medo à rapariga. Atrapalhado, e porque não havia tempo a perder, murmurou através da frincha da porta, num sopro que era mais um pedido do que um chamamento:

— Menina Bürstner.

— Está aí alguém? — perguntou ela, olhando à volta com os olhos muito abertos.

— Eu — respondeu K. aparecendo.

— Ah! O senhor K.! — exclamou ela com um sorriso. — Boa noite — acrescentou, estendendo a mão a K.

— Desejava dizer-lhe uma coisa, se me permite. Agora? — perguntou a menina Bürstner. — Tem de ser agora? E um pouco esquisito, não acha?

Desde as nove que estou à sua espera. Concordo, mas estava no teatro e não fazia ideia. Só hoje é que se deu aquilo de que lhe lucro falar. Bom, eu não ponho nenhuma objecção; mas estou morta de cansaço. Portanto, entre no meu quarto por uns instantes. De qualquer modo, não podíamos conversar aqui,

acordávamos toda a gente e isso, para mim, seria ainda mais desagradável do que para as pessoas. Espere aqui até eu acender a luz do meu quarto e depois apague esta.

K. assim fez. Esperou ainda, porém, que a menina Bürstner, do seu quarto, o chamasse em voz baixa.

— Sente-se — disse, apontando para a otomana, embora tivesse ficado de pé, encostada ao leito, apesar do cansaço a que se referira, e nem sequer tivesse tirado o seu chapeuzinho profusamente ornamentado de flores.

— Então que queria! Estou cheia de curiosidade — acrescentou, cruzando ligeiramente as pernas.

— Será, talvez, capaz de dizer que o assunto não era assim tão urgente —

começou K. — para que fosse preciso falar dele agora, mas...

Nunca presto atenção aos preâmbulos — atalhou ela.

— Isso facilita-me a tarefa — disse K. — O seu quarto, menina Bürstner, foi hoje de manhã cedo, em certa medida por minha culpa, um pouco desarrumado. Isso deve-se à intervenção de estranhos e deu-se contra minha vontade, embora, como disse, por minha causa. Por esse motivo queria apresentar-lhe as minhas desculpas.

— Disse o meu quarto? — perguntou ela, olhando atentamente não para o quarto mas para K.

— Tal qual — disse K. Pela primeira vez os seus olhares se encontraram.

— Em si, a maneira como as coisas se passaram não merece uma palavra.

— Mas isso é que é realmente interessante.

— Não — disse K.

— Bom — volveu ela —, eu não quero intrrometer-me nos seus segredos, e se o senhor afirma que o caso não é interessante, não serei eu quem dirá o contrário. As desculpas que apresenta, aceito-as gostosamente, tanto mais que não consigo dar com qualquer vestígio de desordem.

De mãos nas ancas, deu uma volta pelo quarto e parou perto da esteira que tinha as fotografias.

— Repare! — exclamou. — As minhas fotografias estão realmente umas por cima das outras. Isto é muito feio. Alguém esteve aqui abusivamente.

K. meneou a cabeça em sinal de concordância e amaldiçoou em silêncio o funcionário, que não conseguia nunca dominar a sua importuna e insensata mania de mexer nas coisas.

— É estranho — disse a menina Bürstner — que eu seja obrigada a proibir uma coisa que o senhor devia proibir a si próprio: entrar no meu quarto na minha ausência!

— Mas eu expliquei-lhe, menina Bürstner — disse K. aproximando-se, por sua vez, das fotografias — que não fui eu quem mexeu nos retratos; porém, uma vez que não acredita em mim, vejo-me obrigado a confessar-lhe que a comissão de inquérito trouxe três funcionários do banco, entre os quais se encontrava um, o que provavelmente mexeu nas fotografias, que despedirei na próxima oportunidade. Sim, estive cá uma comissão de inquérito — acrescentou, ao reparar que a menina Bürstner o encarava com um ar de dúvida.

— Por sua causa? — perguntou ela.

— Sim — respondeu K.

— Não me diga! — exclamou a rapariga rindo-se.

— É verdade — replicou K. —, acredita então que estou inocente?

— Bem, inocente... — disse ela — não quero pronunciar já uma sentença de tanta responsabilidade; não o conheço; no entanto, para mandarem logo uma comissão de inquérito, deve tratar-se dum criminoso de respeito. Porém, como não há dúvida de que o senhor está em liberdade, pelo menos o seu ar tranquilo dá-me a impressão de que não se evadiu, não pode ter cometido um crime por aí além.

— Pois — prosseguiu K. —, mas a comissão de inquérito pode ter

reconhecido a minha inocência ou, pelo menos, que não tenho tantas culpas como se supusera.

— Claro, pode dar-se esse caso — retorquiu a menina Bürstner com toda a atenção.

— Não tem grande experiência de assuntos de justiça, pois não?

Não, não tenho, e já muitas vezes o lamentei, pois gostaria de saber de tudo e são precisamente os assuntos de justiça que me interessam de maneira extraordinária. A justiça tem um poder de sedução fora do vulgar, não acha? Mas vou de certeza aperfeiçoar os meus conhecimentos nesse campo, pois no mês que vem começarei a trabalhar no escritório dum advogado.

— Isso é ótimo. Então poderá ajudar-me um pouco no meu processo.

— E porque não? Gosto bastante de ser prestável.

— Estou a falar a sério— retorquiu K. — ou pelo menos meio sério, como a menina. A coisa é demasiado pequena para se recorrer a um advogado, mas no entanto sempre gostaria de ter alguém que me aconselhasse.

— SIM, mas para eu o aconselhar tenho de saber do que se trata — replicou a menina Bürstner.

— Aí é que está o busílis — disse K. —, é que nem eu próprio Sei.

— Para se divertir à minha custa não tinha necessidade nenhuma de escolher esta hora da noite — disse a rapariga extremamente desiludida, afastando-se das fotografias, junto das quais tanto tempo haviam estado juntos.

— Mas, de maneira nenhuma — exclamou K. —, não se trata de

brincadeira. Pode acreditar. já lhe contei tudo quanto sei, e até mais do que sei, pois não se trata de comissão de inquérito alguma; se eu lhe dei esse nome foi porque não sabia como lhe havia de chamar; fui simplesmente preso por uma comissão.

A menina Bürstner sentou-se na otomana e pôs-se de novo a rir.

— Como é que isso se passou?

— Foi uma coisa terrível — retorquiu K., sem todavia pensar um segundo no que acontecera, comovido como estava pelo olhar da menina Bürstner, que, com o rosto apoiado numa das mãos e os cotovelos assentes na almofada da otomana, passeava lentamente a outra mão por cima da anca.

— Isso é demasiado vago — replicou ela.

— O que é que é demasiado vago? — perguntou K.; porém, lembrando-se, disse:

— Quer que lhe mostre como as coisas se passaram? — K. queria movimentar-se mas não ir-se embora.

— Estou tão cansada — disse a rapariga.

— Veio tão tarde — replicou K.

— Agora até me censura; é bem feito porque eu não devia tê-lo deixado entrar. Não há dúvida que era desnecessário.

— Já vai ver que não. Dá-me licença que afaste da cama a mesinha-de-

cabeceira? — perguntou K.

— Que ideia é essa? Claro que não — exclamou a menina Bürstner.

— Nesse caso não lhe posso mostrar nada — retorquiu K., desapontado como se lhe tivessem causado um dano incalculável.

— Bem, se isso é necessário para a reconstituição, afaste lá a mesa, mas sem barulho — disse a rapariga, acrescentando, momentos depois, com uma voz mais fraca: — estou tão cansada que permito mais do que aquilo que é razoável.

K. colocou a mesinha no meio do quarto e sentou-se por detrás dela.

— É necessário que fique com uma boa ideia da distribuição das personagens, isso é muito importante. Eu faço de inspector, ali, em cima do baú, estão sentados os dois guardas; os três rapazes estão ao pé das fotografias; no puxador da janela está pendurada, menciono isso apenas de passagem, uma blusa branca. Vai começar. Afinal, estava a esquecer-me de mim. A personagem mais importante, eu, fica aqui em frente da mesinha. O inspector está sentado, todo repimpado, de pernas traçadas, com o braço abandonado sobre as costas da cadeira; um malcriado, sem tirar nem pôr. Bom, agora é que a coisa vai mesmo

começar. O inspector chama por mim, como se, estivesse encarregado de me acordar; ou melhor, berra, positivamente. Agora, se eu quiser que me compreenda, sou obrigado, infelizmente, a gritar também. De resto, é apenas o meu nome que ele grita desta maneira.

A menina Bürstner que o ouvia divertida pôs o indicador na boca para impedir que K. gritasse, mas já não foi a tempo. K., demasiado enfrinhado no seu papel, gritou lentamente: “Josef K., embora não tão alto como tinha ameaçado. No entanto, o grito pareceu espalhar-se logo, gradualmente, pelo quarto.

Então, ouviu-se bater na porta do quarto ao lado algumas pancadas, fortes, breves e regulares. A menina Bürstner emudeceu e levou a mão ao coração. K. ficou profundamente assustado, porque nem por momentos tinha sido capaz de pensar noutra coisa que não fosse os acontecimentos dessa manhã e na rapariga perante a qual os representava. Mal se recompôs, precipitou-se para junto da menina Bürstner e pegou-lhe na mão.

— Nada receie — sussurrou — eu tratarei de tudo. Mas quem poderá ser?

Aqui ao lado é uma sala onde ninguém dorme.

— Desde ontem que dorme lá um sobrinho da senhora Grubach, um capitão

— sussurrou a rapariga ao ouvido de K. Não havia mais nenhum quarto livre. Também me esqueci disso. Tinha alguma coisa que gritar? Que infelicidade a minha.

— Não há motivo nenhum para dizer isso — afirmou K., beijando-a na testa logo que ela se reclinou nas almofadas.

— Vá-se embora, vá-se embora — exclamou a rapariga, levantando-se — saia, saia; que quer? Ele está a escutar à porta, está a ouvir tudo. Como o senhor me tortura.

— Só saio depois de ver que sossega um pouco — respondeu K. — Venha para este canto da sala; aqui ele não nos pode ouvir.

Ela deixou-se levar para onde ele dizia.

— Não vê — disse K. — que apesar de se tratar de uma coisa na verdade desagradável para si, não há qualquer perigo? Sabe que a senhora Grubach, que é quem tem neste assunto a última palavra, especialmente agora que se trata do seu sobrinho, tem por mim a maior consideração e acredita sem reticências em tudo o que lhe digo. De resto, ela deve-me favores, pois eu emprestei-lhe uma soma considerável. Aceito todas as suas sugestões para explicar o facto de nos encontrarmos aqui os dois, desde que sejam um tanto razoáveis, e comprometo-me a fazer com que a senhora Grubach acredite nelas sincera e efectivamente e não apenas para inglês ver. Para isso é preciso que não me poupe de maneira nenhuma. Se quiser espalhar que eu a assaltei, a senhora Grubach ficará logo informada e acreditará nisso sem perder a confiança que em mim deposita, tão grande é a afeição que me dedica,

A menina Bürstner, emudecida, um pouco prostrada, não tirava os olhos do chão.

— Por que razão não há-de acreditar a senhora Grubach que eu a assaltei?

— prosseguiu K., olhando para o cabelo da rapariga, um cabelo avermelhado, quase acachapado, bem preso e dividido por uma risca.

Calculava que a rapariga iria olhar para ele; porém, ela retorquiu, sem mudar de atitude:

— Perdoe-me, mas fiquei tão assustada quando bateram à porta; não pelas

consequências que a presença do capitão poderia ter, mas pelas pancadas terem sido tão inesperadas. Depois do seu grito ficou tudo tão silencioso, e de súbito aquelas pancadas no meio dum silêncio tão grande, Foi isso que me fez medo; para mais estava sentada ao pé da porta, de modo que bateram quase ao meu lado. Agradeço-lhe as sugestões mas não as aceito. Tomo a responsabilidade de tudo quanto se passou no meu quarto, seja perante quem for. Admira-me que o senhor não repare no que as sugestões contêm de ofensivo para mim, apesar da boa intenção delas. Mas agora vá-se embora, deixe-me só. Agora tenho mais necessidade disso do que há pouco, Os minutos que me pediu para lhe conceder transformaram-se já em mais de meia hora.

K. pegou-lhe na mão, depois no pulso.

— Não está zangada comigo? — disse. A rapariga soltou a mão e respondeu:

— Não, não, nunca me zango com ninguém. Ele segurou-lhe de novo no

pulso, Desta vez a rapariga tolerou a pressão e assim levou-o até à porta. K. estava decididamente resolvido a ir-se embora. Porém, em frente da porta, estacou como se tivesse esperado não encontrar aí porta nenhuma. A menina Bürstner aproveitou esse momento para soltar a mão, abrir a porta, esgueirar-se para a antessala e daí dizer baixinho para K.:

— Então, venha, por favor. Veja — apontou para a porta do capitão, sob a qual saía um risco de luz —, ele acendeu a luz e está a divertir-se à nossa custa.

— Vou já — disse K., correndo, agarrando-a e beijando-a na boca e depois no rosto todo, como um animal sedento que desordenadamente lambe a água da fonte finalmente encontrada. Por fim, beijou-a no pescoço, na garganta, e aí deixou que os seus lábios ficassem largamente. Um ruído vindo da porta do capitão fê-lo levantar os olhos.

— Agora vou — disse. Queria tratar a menina Bürstner pelo nome de

batismo, mas desconhecia-o. Ela, fatigada, inclinou a cabeça em sinal de aprovação, e, já meio virada, abandonou-lhe a mão, como se não tivesse consciência do que fazia, para que ele a beijasse; em seguida, curvada, entrou no quarto. Momentos

depois K. deitava-se. Em breve adormeceu; antes, porém, meditou ainda uns instantes no seu procedimento e achou nele motivos de satisfação. No entanto, admirou-se de não estar ainda mais contente. A presença do capitão fazia-o temer pela menina Bürstner.

CAPÍTULO II

Primeiro interrogatório

K. fora informado pelo telefone de que no domingo seguinte se realizaria um pequeno inquérito referente ao seu caso.

Chamaram-lhe a atenção para o facto dos interrogatórios virem a realizar-se frequente e regularmente, embora, talvez, nem todas as semanas. Diziam também que, se por um lado, um rápido desfecho do processo servia os interesses comuns, por outro, os interrogatórios tinham de ser minuciosos, embora curtos, para se evitar o cansaço. Por conseguinte, tinha-se decidido proceder a interrogatórios breves mas muito pouco espaçados. Escolhera-se os domingos para os interrogatórios a fim de não se causar transtorno a K. no seu trabalho. Partia-se do princípio de que ele concordava com essa ideia; no entanto, se desejasse outro dia qualquer, ir-se-ia, na medida do possível, ao encontro da sua vontade. Poder-se-ia também, por exemplo, realizar os interrogatórios de noite, mas K. era capaz de não estar suficientemente folgado. De maneira que, enquanto K. não se opusesse, manter-se-ia o domingo. Era evidente que a sua presença se tornava indispensável e, por conseguinte, nem se chamava a sua atenção para esse facto. Indicavam-lhe o número da porta da casa aonde devia dirigir-se; tratava-se duma casa

situada numa rua afastada dos arrabaldes, onde K. nunca estivera.

Logo que acabou de receber esta comunicação, K., sem dar qualquer resposta, pousou o auscultador. Decidira, imediatamente, ir no domingo ao sítio indicado; não havia dúvida que era necessário lá ir, pois o processo estava em curso e ele tinha de lhe fazer frente. Este primeiro interrogatório devia também ser o último.

Estava ainda pensativo ao pé do aparelho, quando ouviu atrás de si a voz do director-interino, que queria telefonar mas que não o podia fazer por K. lhe barrar o caminho.

— Más notícias? — perguntou o director interino unicamente por perguntar; de facto, apenas desejava afastar K. do telefone, e não inteirar-se fosse do que fosse.

— Não, não — replicou K., desviando-se, embora sem se afastar.

O director-interino pegou no auscultador e disse, por cima do aparelho, enquanto aguardava a ligação:

— Diga-me uma coisa, senhor K.: poderia dar-me, no domingo de manhã, o prazer da sua companhia durante uma excursão que tenciono realizar no meu veleiro? Irão bastantes pessoas e certamente entre elas encontrará alguns conhecidos; o procurador Hasterer, por exemplo. Quer vir? Venha, não diga que não.

K. tentou prestar atenção ao que o seu interlocutor lhe dizia. Tais palavras

não lhe eram indiferentes, pois este convite do director-interino, com o qual nunca se havia dado lá muito bem, equivalia a uma tentativa de reconciliação da parte do último e reflectia a importância que K. adquiria dentro do banco. Além disso, mostrava o apreço em que o segundo mais importante funcionário do banco tinha a sua amizade ou, pelo menos, a sua neutralidade. Este convite era uma humilhação para o director-interino, muito embora ele o tivesse feito sem largar o aparelho e enquanto aguardava a ligação; K., por seu lado, viu-se obrigado a humilhá-lo de novo, pois teve de responder:

— Muito obrigado, mas infelizmente no domingo não tenho tempo, pois já
estou comprometido.

— E pena — comentou o outro, prestando atenção à ligação que se acabava de estabelecer.

Distraído como estava, K. deixou-se ficar ao pé do aparelho durante toda a conversa, que foi bastante demorada. Só quando o director-interino desligou, K. se deu conta da sua atitude e, perturbado, disse, para se desculpar um pouco da sua inconveniente presença:

— Telefonaram-me a dizer para eu ir a um sítio qualquer mas esqueceram-se de dizer a que horas.

— Telefone de novo — disse o director-interino.

— Não tem assim tanta importância — volveu K., se bem que com essa resposta a sua desculpa, já de si tão pouco convincente, ficasse ainda menos aceitável.

Ao sair, o director-interino ainda falou de diversos assuntos. K. esforçava-se para responder, mas os seus pensamentos eram outros. Pensava, sobretudo, que o melhor seria ir no domingo às nove horas ao sítio que lhe tinham indicado, visto ser àquela hora que a justiça iniciava a sua actividade.

No domingo o tempo estava encoberto. K. por pouco que não acordava a

horas; encontrava-se fatigado, pois na véspera tivera na cervejaria uma festa na mesa do costume e regressara tarde a casa. À pressa, sem reflectir nem sistematizar os diferentes planos que architectara durante a semana, vestiu-se e abalou a correr, sem tomar o café, para o sítio que lhe tinha sido indicado. Embora pouco tempo tivesse para reparar no que se passava à sua volta, encontrou — estranha coincidência Rabensteiner, Kullich e Karainer, os três funcionários que estavam metidos no seu caso. Os dois primeiros iam no eléctrico que atravessou o caminho de K.; Karainer, porém, estava

sentado no terraço dum café e debruçou-se, curioso, no parapeito, precisamente quando K. ia a passar. Todos o seguiam com o olhar, estranhando a pressa do seu superior. Fora uma espécie de teimosia que obrigara K. a ir a pé; tinha horror a qualquer auxílio estranho, mesmo ao mais insignificante, que lhe pudessem prestar neste seu assunto. Do mesmo modo, não queria dirigir-se a ninguém, para assim ser só ele a estar a par dos acontecimentos; por outro lado, não tinha o mínimo desejo de se humilhar perante a comissão de inquérito, apresentando-se demasiado pontualmente. Contudo, corria, fazendo todos os possíveis para chegar às nove

horas, ainda que não lhe tivessem marcado qualquer hora determinada.

Pensara que reconheceria de longe a casa quer por algum sinal, que nem imaginava qual fosse, quer por à entrada haver um movimento desusado. Porém, na rua Julius — a rua onde se devia realizar o interrogatório— em cujo princípio se encontrava, as casas, altas e cinzentas, eram, tanto num lado como no outro, quase todas iguais e habitadas por gente pobre. Nessa manhã de domingo, a maior parte das janelas estava ocupada por homens em mangas de camisa, que fumavam ou seguravam crianças pequenas contra os parapeitos, cheios de cuidado e ternura. Outras janelas estavam atulhadas de roupa de cama, por

cima da qual aparecia, fugaz, a cabeça desgrenhada duma mulher. Gritava-se de janela para janela; um dos berros, que teve precisamente K. por alvo, provocou enormes gargalhadas. Ao longo das casas, regularmente distribuídas, havia diversas lojas cujo acesso se fazia por meio de escadas, visto se encontrarem a um nível inferior ao da rua. Ali, as mulheres entravam e saíam ou tagarelavam nos degraus. Um vendedor ambulante, de cabeça levantada para as janelas a apregoar a sua mercadoria, quase derrubou K. com o carrinho, tão distraídos se encontravam ambos. Ao mesmo tempo, um gramofone que noutro bairro mais elegante havia conhecido melhores dias, começou a tocar duma maneira diabólica. K. penetrou lentamente na viela, como se agora já tivesse tempo ou como se o juiz de instrução estivesse a vê-lo em qualquer das janelas e soubesse, portanto, que ele não deixaria de aparecer. Pouco passava das nove. A casa ficava afastada e tinha uma largura pouco vulgar; o portão, extraordinariamente alto e largo, destinava-se, sem dúvida, a permitir a passagem de veículos de carga pertencentes aos diversos armazéns dispostos em círculo no interior do grande pátio. Nas portas daqueles, que se encontravam fechadas, havia endereços de firmas, algumas das quais K. reconheceu devido ao seu trabalho no banco. Como era seu velho hábito, K. prendeu-se com todos esses pormenores e ficou mesmo durante uns momentos à entrada do pátio. Perto dele, sentado num caixote, um homem descalço lia um jornal. Dois garotos

balouçavam-se em cima dum carrinho de mão. Em frente dum fontanário, uma rapariguita de aspecto frágil, em camisa de noite, olhava para K. enquanto a água corria para dentro do seu jarro. Num canto do pátio, entre duas janelas, estavam a esticar uma corda na qual já haviam pendurado roupa lavada; em baixo, um homem dirigia os trabalhos, berrando de vez em quando. K. virou-se para a escada a fim de se dirigir à sala de interrogatórios, mas estacou de novo, pois viu no pátio, além desta escada, três outras; além disso, pareceu-lhe que um pequeno corredor situado no fim do pátio dava para um segundo pátio mais pequeno. Ficou irritado por não terem indicado com mais precisão a situação da sala; tratavam-no, pois, duma maneira invulgarmente descuidada ou indiferente, e, por isso, resolveu chamar, alto e bom som, a atenção dos responsáveis para esse facto. Porém, sempre acabou por subir a escada. Mentalmente brincava com a recordação das palavras do guarda Willem, segundo as quais a justiça era atraída pela culpa. A ser assim, a escada que por acaso escolhera iria dar, sem dúvida, à sala dos interrogatórios.

Para subir teve de incomodar uma série de miúdos que brincavam na escada e que o olharam com má cara quando passou pelo meio deles. “Se cá vier de novo”, disse de si para si, “tenho de trazer torrões de açúcar para os conquistar ou a bengala para os

desancar”. Quase no primeiro andar foi obrigado a deter-se por momentos para não impedir um berlinde de seguir inteiramente o seu percurso; entretanto, dois rapazes em cujas caras havia as marcas deixadas por uma vadiagem de adulto, seguraram-no pelas pernas das calças; se tivesse querido correr com eles, teria sido obrigado a magoá-los e receava a sua gritaria.

Só no primeiro andar começaram verdadeiramente as suas indagações.

Como não podia perguntar pela comissão de inquérito, decidiu inventar um carpinteiro Lanz — este nome veio-lhe à cabeça por assim se chamar o capitão, o sobrinho da senhora Grubach — e perguntar por ele em todas as casas a fim de ter, por esse meio, possibilidade de espreitar para dentro dos quartos. No entanto, veio a verificar que na maior parte das vezes nem era preciso recorrer a esse expediente, pois quase todas as portas se encontravam abertas e por elas entravam e saíam miúdos a correr. Em geral, tratava-se de pequenos quartos, duma só janela, onde também se cozinhava. Várias mulheres pegavam com um braço nos bebés e com o outro ocupavam-se do fogão. Raparigas já espigadotas e tendo, segundo parecia, apenas um avental em cima do corpo, corriam, atarefadíssimas, dum lado para o outro. Em todos os quartos havia camas ocupadas quer por doentes, quer por gente a dormir, quer ainda por pessoas que, já vestidas, se espreguiçavam. K. batia às portas que estavam

fechadas e perguntava se ali morava o carpinteiro Lanz. A maior parte das vezes era uma mulher quem abria, ouvia a pergunta e voltava-se para alguém que se levantava da cama.

— Este senhor está a perguntar se aqui mora um tal Lanz que é carpinteiro.

— Lanz, carpinteiro? — perguntavam da cama.

— Sim — respondia K., embora sem dúvida alguma não se encontrasse ali a comissão de inquérito e, por conseguinte, a sua diligência estivesse terminada.

Muitos, pensando que K. tinha um grande empenho em encontrar o carpinteiro Lanz, meditavam durante bastante tempo e acabavam por indicar um carpinteiro que, no entanto, não se chamava Lanz, ou por citar um nome que com aquele apenas tinha uma remota semelhança; outras vezes, iam perguntar aos vizinhos ou acompanhavam K. até uma porta bem distante onde, segundo julgavam, morava, possivelmente como hóspede, um homem que correspondia ao procurado ou havia alguém capaz de prestar melhores informações. Por fim, K. já nem tinha de perguntar, limitando-se a seguir dum lado para o outro do andar pessoas que se encarregavam de o fazer. Estava arrependido do seu plano que tão prático lhe parecera. No quinto andar, resolveu desistir da busca; despediu-se dum jovem e amável trabalhador que queria levá-lo ainda mais para

cima e desceu. Porém, irritado com a inutilidade das suas diligências, voltou de novo para trás e bateu à primeira porta do quinto andar. A primeira coisa que viu na pequena sala foi um grande relógio de parede cujos ponteiros indicavam já as dez horas.

— Mora aqui um carpinteiro chamado Lanz? — perguntou.

— Faça favor — respondeu uma mulher nova de olhos negros e brilhantes, que nesse momento estava a lavar roupa de criança num balde, apontando com a mão molhada para a porta ao lado que se encontrava aberta.

K. pensou que tinha ido dar a uma reunião. Numa sala de dimensões médias

e com duas janelas, apinhavam-se as mais diferentes pessoas; nenhuma delas, porém, ligou a mínima importância ao recém-chegado. Numa galeria instalada a toda a volta da sala e que quase chegava ao tecto, amontoava-se igualmente gente sem conta que, por falta de espaço, era obrigada a manter-se curvada e a bater no tecto com as costas e a cabeça. K., para quem o ar estava demasiado abafado, saiu e disse à mulher que, provavelmente, o tinha informado mal:

— Perguntei por um carpinteiro, um tal Latiz.

— Pois — respondeu a mulher — faça o favor de entrar para aí.

K. talvez não tivesse seguido a mulher se esta não se tivesse aproximado dele, dizendo, ao mesmo tempo que agarrava o puxador da porta:

— Agora que o senhor cá está, tenho de fechar a porta, pois já não pode entrar mais ninguém.

E uma ideia muito inteligente — replicou K. — mas isto aqui já está demasiado cheio.

Contudo, voltou para dentro da sala. Entre dois homens que conversavam junto à porta — um deles, de mãos estendidas, fazia o gesto de contar dinheiro, enquanto o outro o olhava penetrantemente nos olhos — uma mão agarrou K. Tratava-se de um jovem pequeno e corado.

— Venha, venha — disse. K. deixou que o outro lhe indicasse o caminho.

Reparou então que entre aquele formigueiro humano havia uma pequena passagem que, possivelmente, separava dois partidos. Em favor dessa hipótese havia ainda o facto de K. mal ter visto nas primeiras filas, à esquerda e à direita, um rosto voltado para ele, mas sim, unicamente, as costas daqueles que se dirigiam por gestos e palavras apenas aos do seu partido. Quase todos os presentes envergavam um casaco preto, velho, comprido e muito solto atrás, próprio para

cerimónias. Este traje era a única coisa que fazia confusão a K.; se não fosse isso, teria julgado encontrar-se numa reunião política do distrito.

No outro extremo da sala para onde o levaram, haviam colocado um estrado muito baixo que se encontrava igualmente apinhado de gente; sobre aquele, colocada transversalmente, havia uma pequena mesa, e por detrás desta, quase à beira do estrado, estava sentado um homem baixo e gordo que nesse momento conversava, ofegante, no meio de estrepitosas gargalhadas, com um outro que se encontrava de pé, as pernas cruzadas e apoiando o cotovelo nas costas da cadeira do seu interlocutor. Por vezes, erguia os braços no ar como se estivesse a caricaturar alguém. O moço que conduzia K. viu-se em dificuldades para dar conta do resultado da sua diligência. Tentara já duas vezes, pondo-se nos bicos dos pés, dar uma informação qualquer sem que, no entanto, o homem a quem se

dirigia lhe prestasse atenção. Só quando uma das pessoas que se encontravam no estrado reparou no moço, o homem se voltou para ele e se debruçou para trás a fim de ouvir a comunicação que, em voz baixa, aquele lhe fazia. Depois, tirando o relógio da algibeira, olhou rapidamente para K.

— O senhor já devia ter-se apresentado há uma hora e cinco minutos —

disse.

K. quis responder qualquer coisa, mas não teve tempo, pois, mal o homem acabara de falar, levantou-se um protesto geral na metade direita da sala.

O senhor já devia ter-se apresentado há uma hora e cinco minutos — repetiu o homem numa voz mais forte e olhando agora também rapidamente para a multidão que ocupava a sala.

Imediatamente os protestos se tornaram mais fortes; porém, como o homem não dissesse mais nada, foram-se extinguindo pouco a pouco. Havia agora um silêncio muito maior do que quando K. entrara. Apenas os ocupantes da galeria continuavam a fazer as suas observações. Embora a semi-obscuridade, o fumo e o pó não permitissem que se visse muito bem o que se passava lá em cima, parecia que as pessoas da galeria estavam pior vestidas do que o restante público. Muitas haviam trazido almofadas que tinham colocado entre a cabeça e o tecto para não se magoarem de encontro a este.

K. resolvera observar mais do que falar; por conseguinte, desistiu de

apresentar qualquer justificação para o seu suposto atraso e disse apenas:

— Posso ter chegado atrasado, mas estou aqui. Seguiu-se uma salva de palmas de novo proveniente da metade direita da sala. “Gente que se deixa conquistar com facilidade” — pensou K.; por outro lado, o silêncio da metade esquerda da sala que estava mesmo por detrás dele e na qual apenas um ou outro aplaudira preocupara-o. Meditou no que poderia dizer para pôr imediatamente todos do seu lado ou, se isso não fosse possível, para ganhar, pelo menos temporariamente, também a simpatia dos outros.

— Sim — replicou o homem —, mas agora já não tenho obrigação de o

interrogar. De novo se levantaram os protestos; desta vez, porém, duma maneira pouco definida, pois o homem, fazendo um gesto dissuasório, continuou:

— Desta vez, no entanto, excepcionalmente, interrogá-lo-ei. Mas um atraso como este não deve voltar a dar-se. E agora aproxime-se!

Alguém saltou do estrado abaixo de maneira a K. poder subir para um lugar vazio. K. ficou comprimido contra a mesa. Atrás, a multidão apertava tanto, que K. teve de fazer esforços para não lançar fora do estrado a mesa do juiz de instrução ou mesmo este.

Porém, o juiz de instrução não se preocupou nada com o que se passava e deixou-se ficar confortavelmente sentado; então,

depois de ter dito ao homem que se encontrava por detrás dele uma palavra que punha termo à conversa, pegou no único objecto que se encontrava em cima da mesa, um livro de apontamentos. Este fazia lembrar um velho livro escolar deformado à força de tanto uso.

Bom — disse o juiz de instrução, folheando o livro e dirigindo-se a K. num tom peremptório —, o senhor é pintor da construção civil?

— Não — replicou K. —, sou gerente dum importante banco. A parte direita da sala sublinhou esta resposta com uma gargalhada tão espontânea que K. foi obrigado a rir-se também. As pessoas, com as mãos apoiadas nos joelhos, pareciam sacudidas por um impiedoso ataque de tosse, Mesmo na galeria houve risos isolados. O juiz a quem a cena irritara imenso, não podendo, provavelmente, fazer nada contra o público da sala, levantou-se dum pulo e, ameaçando a gente da galeria, procurou descarregar sobre esta a sua cólera. As suas sobranceiras, que habitualmente passavam despercebidas, eriçaram-se espessas, negras, enormes, por cima dos olhos.

A metade esquerda da sala, no entanto, continuava silenciosa; ali, as

pessoas, voltadas para o estrado, estavam colocadas em filas e ouviam tão tranquilamente as palavras que se trocavam em cima

daquele como a algazarra do outro partido; chegavam mesmo a tolerar que alguns elementos das suas filas se misturassem, aqui e ali, com os do outro partido. As pessoas do partido da esquerda, que, de resto, eram as menos numerosas, podiam, no fundo, ser tão pouco importantes como as do partido da direita, mas o seu comportamento tranquilo conferia-lhes uma importância maior. K., assim que começou a falar, ficou convencido de que ia ao encontro delas.

— Perguntou-me Vossa Excelência, senhor juiz de instrução, se eu sou pintor da construção civil. Essa pergunta, ou melhor dizendo, a afirmação peremptória de Vossa Excelência, pois na verdade Vossa Excelência não fez qualquer pergunta, é bem reveladora do género de processo que contra mim é pleiteado. Poderá Vossa Excelência objectar que não se trata de processo algum e terá imensa razão, pois, só na medida em que eu o reconheça como processo, ele será tal. No entanto, por agora e de certo modo por compaixão, admito a sua existência. De facto, só por compaixão se pode reparar nele. Não digo que estejamos perante um processo tratado à toa, mas gostaria de oferecer esta expressão à meditação de Vossa Excelência.

K. interrompeu-se e lançou os olhos pela sala. As palavras que acabara de proferir eram severas, mais severas do que tencionara, mas, apesar de tudo, verdadeiras, e teriam merecido um ou outro aplauso. No entanto, toda a assistência

permaneceu calada. Era evidente que toda a gente esperava, suspensa, o prosseguimento do discurso. O silêncio que se registava na sala parecia precursor duma explosão que poria fim a tudo. No fundo da sala, a porta abriu-se e a mulher que estivera a lavar roupa e que, aparentemente, terminara o trabalho, entrou. No entanto, apesar de todo o cuidado de que rodeara a sua entrada, não pôde evitar que alguns olhares se voltassem para ela, causando assim uma certa perturbação. Apenas o juiz de instrução forneceu a K. motivo imediato de satisfação, pois pareceu ter ficado impressionado pelas suas palavras. Surpreendido pela alocução de K. enquanto admoestava a galeria, deixara-se ficar de pé, e assim permanecera durante o discurso. Agora, no intervalo, dobrava

lentamente os joelhos, como se isso devesse passar despercebido. Provavelmente para se recompor, pegou de novo no livrito.

— Não adianta — prosseguiu K. —, o livro de Vossa Excelência, senhor juiz de instrução, corrobora as minhas afirmações.

Satisfeito por as suas palavras serem as únicas que se ouviam na estranha reunião, K. atreveu-se mesmo a tirar sem mais rodeios o livro das mãos do juiz e a segurá-lo com as pontas dos dedos por uma folha do meio, como se tivesse medo de lhe tocar. Assim, as

restantes folhas, manchadas, amarelecidas e escritas num letra muito apertada, ficaram penduradas, metade para cada lado.

— São estes os documentos do juiz de instrução — disse K., deixando cair o livro em cima da mesa. Prossiga Vossa Excelência, senhor juiz de instrução, a leitura atenta desta lista negra. Perante ela não experimento receio algum, embora não lhe possa pegar senão com a ponta dos dedos.

Só podia ter sido um sinal de profunda humilhação, ou pelo menos tinha de

ser entendido como tal, o facto de o juiz de instrução ter pegado no livrito como este caíra na mesa e, depois de ter procurado por momentos pô-lo em ordem, decidir consultá-lo.

As pessoas da primeira fila olhavam para K. com uma tal tensão estampada

no rosto que aquele ficou por momentos a observá-las. Eram quase todos homens duma certa idade; alguns tinham a barba branca. Eram talvez os elementos decisivos que podiam influenciar toda a assistência, no sentido de a sacudir da apatia em que mergulhara desde o início do discurso de K., visto que nem a humilhação do juiz de instrução o tinha conseguido fazer.

— O que me aconteceu — prosseguiu K. numa voz mais baixa do que no principio, perscrutando sem cessar os rostos das pessoas da primeira fila, o que conferia ao seu discurso um ligeiro tom de

distracção —, o que me aconteceu não passa dum caso isolado e, como tal, pouco importante, visto que não o tomo muito a sério. E, porém, o símbolo dum procedimento judicial tal qual é exercido contra muitos. E por esses que eu falo, não por mim.

K. tinha, involuntariamente, levantado a voz. Num sítio qualquer da sala, alguém aplaudiu com as mãos erguidas e gritou:

— Bravo! Por que não? Bravo, três vezes bravo! Os da primeira fila, aqui e ali, cofiaram as barbas, mas nenhum se voltou por causa da exclamação. K. também não lhe atribuiu qualquer importância mas, no entanto, ficou animado; agora já não considerava necessário que todos aplaudissem; era suficiente que a maioria começasse a pensar no assunto e que algumas vezes, um ou outro, se deixasse conquistar pela persuasão.

— Não pretendo êxitos oratórios — disse K., depois duns momentos de reflexão — nem acredito que os possa conseguir. Provavelmente, o senhor juiz de instrução fala muito melhor; aliás, a oratória faz parte da sua profissão. Desejo apenas discutir publicamente uma injustiça que nos afecta a todos. Escutai: fui preso há cerca de dez dias; para mim, a prisão em si mesma é uma coisa ridícula, mas não é esse o problema. Uma manhã, estava eu ainda deitado, fui apanhado

de surpresa. Talvez os guardas tivessem recebido ordem para capturar um pintor da construção civil — atendendo às palavras do senhor juiz de instrução não é de excluir essa hipótese — que esta tão inocente como eu, mas o que é certo é que me escolheram a mim. O quarto pegado ao meu foi ocupado por dois guardas brutais. Se eu fosse um perigoso gatuno, não se teriam tomado mais precauções. Além disso, esses guardas, uma corja de tipos sem moral, não se cansaram de dizer que se deixariam subornar, que arranjariam processo de tirar do depósito a minha roupa branca e os meus fatos, e ainda queriam que eu lhes desse dinheiro para, segundo diziam, irem buscar-me um pequeno-almoço, depois de descaradamente terem devorado o meu na minha presença. Mas não fica por aqui. Levaram-me à presença do inspector, que estava instalado no quarto de uma senhora por quem tenho a maior consideração. Desse modo, fui obrigado a ver como o inspector e os guardas ali presentes por minha causa, que não por minha culpa, sujavam o quarto. Não foi fácil conservar a serenidade. No entanto, consegui dominar-me e perguntei ao inspector, tranquilamente — se ele aqui estivesse confirmaria as minhas palavras —, por que razão estava preso. Conservo ainda na memória a imagem desse inspector que, sentado no sofá da senhora a quem já me referi, era a encarnação da arrogância imbecil. Sabeis que resposta ele me deu? Nenhuma, bem vistas as coisas. Talvez, na realidade, nada soubesse; prendera-me, e isso chegava para o contentar. Mas a

actuação dele não ficou por aqui. Levou para o quarto dessa senhora três funcionários, sem categoria, do meu banco, que se encarregaram de mexer nos retratos pertencentes à locatária. A presença desses empregados tinha, naturalmente, ainda um outro objectivo. Tal como a minha Senhora e as criadas, deviam eles espalhar a notícia da minha prisão, prejudicar a minha reputação e, acima de tudo, abalar a minha posição no banco. Nenhum desses objectivos, nem mesmo a mínima parte deles, foi atingido. Até a minha Senhora, uma senhora muito simples — desejo aqui prestar-lhe homenagem mencionando o seu nome, chama-se Grubach — até a senhora Grubach foi suficientemente sensata para compreender que tal prisão não tinha mais importância do que um ataque levado a cabo numa viela por uns rapazolas pouco vigiados. Repito: a mim o caso só trouxe inconvenientes e dissabores passageiros, mas não poderia ter tido consequências mais desastrosas?

Assim que K. se interrompeu e olhou para o impassível juiz de instrução,

julgou notar que este acabava de piscar o olho a alguém que se encontrava entre a multidão. K. sorriu e disse:

— Mesmo aqui, a meu lado, o senhor juiz de instrução fez um sinal secreto a alguém da assistência. Portanto, entre vós, há gente dirigida daqui de cima. Ignoro se o sinal agora feito devia provocar aplausos ou assobios, e renuncio, em plena consciência,

a interpretar o seu significado, uma vez que prematuramente o denunciei. Ele é-me absolutamente indiferente e dou plena autorização ao senhor juiz de instrução para ordenar aos seus contratados, em voz alta e não por meio de sinais disfarçados, que o secundem quando disser: “agora pateada” ou então “agora palmas”.

Por impaciência ou embaraço, o juiz de instrução não parava um momento quieto no sofá. Atrás dele, o homem com o qual tinha estado anteriormente a conversar debruçou-se de novo para a frente quer para o animar com alguma frase feita quer para lhe dar qualquer conselho especial. Em baixo, as pessoas conversavam a meia voz mas animadamente. Os dois partidos, que anteriormente pareciam ter tido opiniões tão opostas, misturavam-se; aqui e ali apontava-se umas vezes para K., outras para o juiz de instrução. A névoa que pairava na sala, importuna em extremo, chegava mesmo a impedir que as pessoas mais afastadas vissem com maior nitidez. A esse respeito os mais prejudicados deviam ser os ocupantes da galeria, pois viam-se forçados, entre olhadelas receosas lançadas ao juiz de instrução, a fazer perguntas em voz baixa aos participantes da reunião, a fim de ficarem melhor informados acerca do que se passava. As respostas, também em voz baixa, eram filtradas através da mão que o informador punha em frente da boca.

— Estou quase a terminar — disse K., batendo com o punho em cima da mesa, pois não havia campainha.

Assustados, o juiz de instrução e o seu conselheiro afastaram-se imediatamente um do outro.

— Como todo este assunto não me diz respeito, julgo-o desapassionadamente. Por conseguinte, caso Vossa Excelência atribua qualquer importância a este suposto tribunal, poderá extrair grande proveito em ouvir-me. Peço, portanto, que adie para mais tarde a réplica às minhas palavras, pois não tenho tempo e não tardo a ir-me embora.

Imediatamente se fez silêncio na sala, tal era o ascendente que K. já tinha sobre a assistência. já não se gritava desordenadamente como no princípio, nem sequer se davam palmas. A assistência estava agora convencida ou muito próximo disso.

— Não há dúvida nenhuma — prosseguiu K. numa voz muito baixa, satisfeito por estar a ser atentamente escutado por toda a gente; por entre a silenciosa assistência perpassou, então, um sussurrar mais encorajador do que a mais vibrante das aclamações —, não há dúvida nenhuma de que por detrás de todas as aparências desta justiça e, no meu caso, para lá da prisão e do interrogatório de hoje, se encontra uma grande organização. Uma organização que não utiliza unicamente guardas venais, inspectores e juizes de instrução idiotas,

indigitados apenas para o mais simples dos casos, mas que também sustenta juizes de elevada categoria, servidos por inúmeros e inevitáveis criados, escribas, polícias e outros auxiliares, talvez mesmo carrascos, emprego esta palavra sem qualquer receio. E, meus senhores, qual é o sentido desta grande organização? Não é outro senão o de prender pessoas inocentes e de contra elas instruir um processo absurdo e, na maior parte das vezes, como no meu caso, improficuo. Como é que numa conjuntura tão absurda se pode evitar que os funcionários fiquem corruptos? E impossível; nem sequer o mais eminente juiz conseguiria escapar à acção dissolvente do meio. É por isso que os guardas

procuram roubar as roupas aos presos, é por isso que os inspectores se introduzem abusivamente nas casas de cada um, é por isso que se prefere aviltar os inocentes em frente de assembleias inteiras a interrogá-los. Os guardas não falaram senão em depósitos para os quais se levam os bens dos presos. Gostaria bastante de ver esses depósitos onde os haveres que os presos adquiriram à força de tanto trabalho apodrecem, caso não sejam roubados por funcionários sem escrúpulos.

K. foi interrompido por um guincho vindo do fundo da sala; para poder ver

o que se passava, pôs a mão em pala por cima dos olhos, pois a luz baça do dia tornava esbranquiçados os vapores da sala e encandeava-o.

Tratava-se da lavadeira em quem K. vira um importante elemento de perturbação logo que ela entrara na sala. Não se podia apurar se era dela ou não a culpa do que agora sucedia. K. viu apenas que um homem a puxara para um canto ao pé da porta e que a apertava contra ele. Mas não era ela quem gritava, mas sim o homem; este tinha a boca muito aberta e olhava para o tecto. À volta de ambos tinha-se formado um pequeno círculo; os ocupantes da galeria que estavam próximos pareciam entusiasmados por a gravidade que K. introduzira na assembleia ter sido interrompida deste modo. O primeiro impulso de K. foi correr imediatamente para lá; pensou, também, que a todos competiria fazer respeitar a ordem e, pelo menos, expulsar da sala o casal; no entanto, as primeiras filas que estavam logo em frente dele continuaram bem cerradas e ninguém se mexeu nem o deixaram passar. Pelo contrário, impediram-no: houve velhos que estenderam os braços e uma mão qualquer — K. não teve tempo para se voltar — agarrou-o pela gola. K. deixou, pois, de pensar no casal; parecia-lhe que estavam a limitar a sua liberdade e que levavam a sério a sua prisão; então, sem atender a mais nada, deu um salto do estrado abaixo. Agora estava bem em frente da multidão. Tinham sido falsos os seus juízos sobre a

assistência? Confiara demasiado no efeito das suas palavras? Tinha aquela gente estado a fingir enquanto ele falara e decidira agora acabar com a dissimulação, uma vez que ele expusera as suas conclusões? Que rostos o cercavam! Olhos minúsculos e negros emergiam repentinamente aqui e ali; as faces eram descaídas como as dos bêbedos; as longas barbas eram ralas e rijas, e, ao serem cofiadas, davam a impressão que desapareciam para salientarem as mãos, como garras, que as seguravam. Porém, sob as barbas e isso constituiu para K. uma verdadeira descoberta — refulgiam na gola dos casacos insígnias de diferentes tamanhos e cores. Tanto quanto se podia ver, todos tinham essas insígnias. Pertenciam todos ao mesmo partido, só aparentemente dividido em dois — o da esquerda e o da direita. Quando, repentinamente, se voltou, K. viu as mesmas insígnias na gola do juiz de instrução que, com as mãos no colo, olhava tranquilamente para baixo.

— Ah! — exclamou K., erguendo os braços como se quisesse espalhar o conhecimento subitamente adquirido. — Vós todos, segundo vejo, sois funcionários; sois, então, a quadrilha contra a qual levantei a minha voz; juntastes-vos aqui como ouvintes e espiões, e fingistes constituir partidos, um dos

quais me aplaudiu para me experimentar. Quisestes aprender como se atraem os inocentes! Bom, não estivestes aqui em vão,

espero eu, pois, ou vos haveis divertido com o facto de existir alguém que esperava de vós a defesa da inocência ou largame ou chego-te, gritou K. para um velho trémulo que se tinha aproximado demasiado dele — ou haveis, na verdade, aprendido alguma coisa. E com isto desejo-vos felicidades na vossa profissão.

Pegou rapidamente no chapéu, que estava na borda da mesa, e abriu

caminho por entre a multidão até à saída, rodeado pela calma geral que a mais completa das surpresas provocara. Mas o juiz de instrução pareceu ter sido ainda mais rápido, pois já o aguardava junto à porta.

— Um momento — disse. K. estacou; porém, não olhou para o juiz de instrução mas para a porta cujo puxador já tinha agarrado.

— Só queria chamar-lhe a atenção para o facto — disse o juiz de instrução

— de que o senhor hoje desperdiçou a vantagem que um interrogatório, em todo o caso, representa para um acusado.

K., olhando a rir para a porta, exclamou:

— Ofereço-vos todos os vossos interrogatórios, miseráveis maltrapilhos. Depois abriu a porta e desceu a escada a toda a pressa. Atrás dele levantou-

se o clamor da assistência, novamente desperta, que se pusera a discutir o sucedido provavelmente à maneira de estudantes.

CAPÍTULO III

NA SALA DE REUNIÃO VAZIA. O ESTUDANTE. AS REPARTIÇÕES

Durante a semana seguinte K. esperou, dia após dia, por outra comunicação, pois não podia acreditar que tivessem tomado à letra a sua recusa a ser interrogado. Mas, como realmente a esperada comunicação não veio até sábado, partiu do princípio de que estava tacitamente citado a comparecer de novo, na mesma casa e à mesma hora. Por conseguinte, no domingo, voltou a dirigir-se lá, atravessando desta vez, sem hesitação, corredores e escadas. Algumas pessoas que estavam à porta das suas casas, e que se lembravam dele, cumprimentaram-no ao vê-lo passar; K., porém, já não precisava de perguntar nada a ninguém e em breve chegou à porta indicada, que se abriu assim que ele bateu. Ia já a dirigir-se para a sala contígua, sem mesmo se voltar para a mulher, já sua conhecida, que ficara à porta, quando aquela lhe disse:

— Hoje não há audiência.

— Porque não há-de haver audiência? — perguntou, sem querer acreditar. Porém, a mulher convenceu-o, abrindo a porta da sala. Esta, na verdade,

estava deserta. Vazia, a sala tinha um aspecto ainda mais miserável do que no domingo anterior. Sobre a mesa, que continuava em cima do estrado, havia vários livros.

— Posso ir ver aqueles livros? — perguntou K., não porque tivesse uma curiosidade especial, mas unicamente para não ter estado ali em vão.

— Não — replicou a mulher, fechando de novo a porta —, é proibido. Os livros pertencem ao juiz de instrução.

— Ali, pois! — retorquiu K., acenando com a cabeça. — São códigos, está bem de ver. Faz parte deste género de justiça que uma pessoa seja não só condenada inocentemente mas também desconhecendo a lei.

É bem capaz de ser assim — respondeu a mulher, que não tinha percebido muito bem o que K. dissera.

— Bom, então vou-me embora.

— Quer que eu dê algum recado ao juiz de instrução? perguntou a mulher.

— Conhece-o?

— Pois com certeza; o meu marido é oficial de diligências respondeu a mulher.

Só nesse momento K. reparou que o quarto, onde da primeira vez vira um balde, estava completamente mobiliado. A mulher, reparando no seu espanto, disse:

Sim, nós vivemos aqui de graça, mas nos dias de audiência temos de tirar os móveis do quarto. O emprego do meu marido tem diversos inconvenientes.

— Estou menos espantado com o quarto do que com o facto de saber que é

casada — volveu K., olhando com irritação para a mulher.

— Refere-se, talvez, ao incidente ocorrido na última sessão e com o qual prejudiquei o seu discurso? — perguntou ela.

— Com certeza — respondeu K. — Isso, hoje, já lá vai e está quase esquecido, mas naquela altura irritou-me francamente. E agora é a senhora a própria a dizer-me que é casada.

— Não perdeu nada por o seu discurso ter sido interrompido. Depois

tiveram opiniões a seu respeito muito desfavoráveis.

— É possível — disse K., furtando-se ao rumo que a conversa estava a tomar —, mas isso não a desculpa.

— Desculpam-me todos quantos me conhecem; o homem que naquele dia me abraçou persegue-me há já muito tempo. Duma

maneira geral, posso não ser atraente, mas para ele sou-o. Aqui não há qualquer protecção contra atitudes daquelas; até o meu marido já se resignou. Se ele não quiser perder o emprego, tem de fazer vista grossa, pois o tal indivíduo é estudante e provavelmente mais tarde será uma pessoa de grande poder. O meu marido não me larga um só momento e tinha acabado de sair quando o senhor chegou.

— O que aconteceu não me surpreende, condiz com tudo o resto — disse

K.

— O senhor está com vontade de endireitar aqui alguma coisa? —

perguntou a mulher arrastadamente e com um ar examinador, como se as suas palavras fossem tão perigosas para K. como para ela própria. — já conclui isso das suas palavras, que pessoalmente me agradaram muito. No entanto, ouvi apenas um aparte, pois perdi o princípio e, durante o fim, estive deitada no chão com o estudante. Isto aqui é tão nojento — continuou ela depois duma pausa, pegando na mão de K.

— Acha que conseguirá melhorar as coisas?

K. sorriu e voltou um pouco a mão nas mãozinhas macias da mulher.

Não estou propriamente encarregado de melhorar as coisas, como a senhora diz — prosseguiu ele. — Aliás, se a senhora dissesse isso ao juiz de instrução, por exemplo, seria castigada ou posta a ridículo. Para falar com franqueza, não me teria metido nisto de livre vontade, nem nunca o meu sono teria sido perturbado pelo facto desta justiça ter necessidade duma reforma. Todavia, como dizem que fui preso — e estou-o mesmo — fui obrigado, no meu próprio interesse, a intervir. No entanto, se de algum modo lhe puder ser útil, terei, naturalmente, muito prazer nisso; não apenas por uma questão de amor pelo próximo, mas porque a senhora também me pode ajudar.

— Como? — perguntou a mulher.

— Por exemplo, mostrando-me os livros que estão em cima daquela mesa.

— Mas com certeza — exclamou ela, arrastando-o a toda a pressa atrás de

si.

Tratava-se de livros velhos e enxovalhados pelo uso; a capa de um deles

estava quase desfeita no meio e as diversas folhas só amarradas por cordéis

conservavam a sua ordem.

— Que sujo está isto tudo aqui — disse K., abanando a cabeça. A mulher, então, passou com o avental por cima dos livros antes que K. pudesse pegar neles. K. abriu o livro que estava no topo da pilha e deparou-se-lhe um desenho obsceno que representava um homem e uma mulher nus, sentados num canapé. Reconhecia-se claramente a intenção ordinária do desenhador, apesar da sua falta de jeito ter sido tão grande que, no final de contas, apenas se viam os corpos exageradamente grandes dum homem e duma mulher que, sentados numa posição demasiado erecta, só com grande esforço, devido a um erro de perspectiva, conseguiam olhar um para o outro. K. pôs o livro de parte e abriu um outro na primeira página. Tratava-se dum romance intitulado: “Os tormentos que Margarida teve de suportar do João, o seu marido.”

— São estes os códigos que aqui se estudam; e é por tal gente que eu devo ser julgado — disse K.

— Eu ajudo-o — afirmou a mulher.

— Quer ajudar-me? Poderia realmente ajudar-me sem que daí adviesse perigo para si? Ainda há pouco me disse que o seu marido está muitíssimo dependente dos superiores.

— Apesar de tudo ajudá-lo-ei — disse a mulher. — Venha cá; temos de discutir a coisa. Não me torne a falar de perigos, pois só os temo quando quero.

Apontando para o estrado, pediu a K. que se sentasse ao lado dela.

— O senhor tem uns lindos olhos negros — disse, depois de se ter sentado e olhando de baixo para o rosto de K. — Dizem que os meus olhos são bonitos, mas os seus são-no muito mais. Aliás, reparei logo neles assim que pela primeira vez o senhor aqui entrou. Foi também por esse motivo que depois me dirigi à sala de reuniões, coisa que nunca faço e que, em certa medida, me é mesmo proibida.

“Bom, portanto não passa disto”, pensou K., “está a entregar-se-me;

corrompida como tudo o que a cerca, já está, compreensivelmente, farta dos funcionários do tribunal e, por isso, tece elogios aos olhos de qualquer estranho”.

K. levantou-se e permaneceu silencioso, como se tivesse expressado em voz alta os seus pensamentos e isso justificasse a sua atitude.

— Não acredito que possa ajudar-me — disse —, só quem tiver relações com funcionários de categoria me poderá ser verdadeiramente útil. Ora a senhora só conhece, com certeza, os funcionários subalternos que para aqui andam. Esses conhece muito bem com certeza. Não duvido que junto deles pudesse conseguir várias coisas, mas o máximo que se pudesse obter desse modo seria completamente inútil para o resultado definitivo do processo. Além disso, as suas diligências poderiam fazer com que perdesse alguns amigos e eu não quero que isso aconteça. Continue a proceder da mesma maneira que até aqui em relação a essa gente, visto que, segundo creio, a presença deles lhe é indispensável. Não digo isto sem pesar, pois, para de algum modo responder ao seu galanteio, devo confessar-lhe que a senhora também me agrada muito, e em especial quando me fita, como agora, dessa maneira tão triste, embora para isso não tenha motivo de

espécie nenhuma. Pertence à sociedade que eu tenho de combater mas encontra-se muito bem nela. Ama até o estudante, e se não o ama, pelo menos prefere-o ao seu marido. Pode, facilmente, deduzir-se isso das suas palavras.

— Não! — exclamou ela, continuando sentada e pegando na mão de K., que não a conseguiu tirar a tempo. — Agora não deve ir-se embora; não deve sair daqui com uma ideia falsa a meu respeito!

Poderá realmente ir-se embora nesta altura? Sou assim tão insignificante que nem sequer queira fazer-me o favor de ficar aqui ainda um instante?

— Não me está a compreender — disse K., sentando-se —, se tem

realmente empenho em que eu fique, fico de boa vontade; de facto, tenho tempo, pois vim cá esperando que houvesse interrogatório. O que há pouco disse só tinha um objectivo: pedir-lhe que não fizesse nada por mim durante o meu processo. Mas as minhas palavras não a devem ofender se reparar que eu não ligo importância absolutamente nenhuma ao resultado do processo e que, para mim, uma condenação será unicamente motivo de riso. Isto, partindo do princípio de que o processo chega realmente ao fim, do que duvido. Todavia, estou convencido que o processo, devido à preguiça, esquecimento ou talvez mesmo ao medo dos funcionários, já está interrompido ou sê-lo-á em breve. No entanto, também é possível que na esperança de me apanharem dinheiro finjam continuar o processo; mas isso será absolutamente inútil, posso afirmá-lo agora, pois eu não unto as mãos seja a quem for. Sempre poderia prestar-me um favor se dissesse ao juiz de instrução, ou a qualquer outra pessoa que goste de espalhar notícias importantes, que eu nunca recorrerei ao suborno, embora esses cavalheiros usem todas as habilidades do seu vasto repertório. Isso seria completamente

inútil, pode dizer-lhes sem rodeios. De resto, eles próprios terão, talvez já reparado que assim é, e se o não fizeram, não me importo que o façam agora. Assim, esses cavalheiros ver-se-iam livres de trabalho e eu de alguns inconvenientes que, no entanto, aceito de boa mente, quando sei que posso pagar na mesma moeda aquilo que me fazem. E tomarei as minhas precauções para que assim aconteça. Conhece realmente o juiz de instrução?

— Com certeza — respondeu a mulher —, foi mesmo nele que pensei assim que me ofereci para o ajudar. Não sabia que ele não passa dum funcionário subalterno, mas visto que o senhor o afirma, é bem capaz de ser como diz. Apesar de tudo, estou convencida de que o relatório que ele entrega aos superiores sempre tem a sua influência. E ele escreve bastantes relatórios. O senhor diz que os funcionários são preguiçosos, mas olhe que nem todos o são, e em especial o Juiz de instrução, pois escreve imenso. No domingo passado, por exemplo a sessão durou até à noite. Toda a gente se foi embora, mas ele continuou na sala e eu tive de lhe ir buscar uma lâmpada. Tinha apenas uma pequena lâmpada de cozinha, mas ele, assim que eu lha levei, começou logo a escrever, todo satisfeito. Entretanto chegou o meu marido, que teve folga precisamente naquele domingo; fomos buscar os móveis, arrumámos de novo o nosso quarto, vieram cá vizinhos, conversámos à luz da vela, numa palavra,

esquecemo-nos do juiz de instrução e fomos dormir. De repente, devia já ser noite alta, acordo e veio ao lado da cama o juiz de instrução a tapar a lâmpada com a mão para a luz não dar no meu marido; precaução inútil, pois a luz também não o teria acordado. Fiquei tão assustada que quase teria gritado, mas o juiz de instrução foi muito amável, pediu-me que tivesse cuidado e disse-me ao ouvido que tinha estado a escrever até essa hora, que vinha trazer-me a lâmpada e que tinha sido um espectáculo inesquecível ver-me dormir. Com isto tudo eu queria apenas dizer-lhe que o juiz de instrução escreve muitos relatórios, especialmente a seu respeito, pois o seu interrogatório foi, sem dúvida, um dos assuntos principais da sessão de domingo. Portanto, relatórios tão compridos não podem deixar de ter a sua importância. Mas, além disso, também pode concluir do que se passou, que o juiz de instrução anda atrás de mim e que precisamente agora que o caso está no princípio eu posso ter sobre ele uma grande influência, em especial porque só ultimamente ele deve ter reparado em mim. Tenho ainda outras provas de que me estima muito. Ontem mandou-me pelo estudante, em que deposita muita confiança e que é seu colaborador, um par de meias de seda. Aparentemente, tal oferta deve-se ao facto de eu arrumar a sala de reuniões, mas na verdade isso não passa dum pretexto, pois é essa a minha

obrigação e pagam ao meu marido para isso. São umas bonitas meias, ora veja — ela estendeu as pernas, levantou as saias até ao joelho e olhou também para as meias —, são umas bonitas meias, mas demasiado finas e pouco próprias para mim.

Interrompeu-se bruscamente, pôs a mão na de K. como se quisesse sossegá-lo, e murmurou:

— Calma, Berthold está a olhar para nos. K. ergueu lentamente os olhos. À porta da sala de audiências encontrava-se um jovem de pé. Baixo, de pernas tortas, procurava através da sua barba curta, rala e avermelhada, que continuamente cofiava, dar-se um ar de dignidade. K. olhou para ele com curiosidade. Era o primeiro estudante daquele Direito desconhecido que encontrava, por assim dizer, humanamente. Estava, portanto, perante alguém que provavelmente viria a ocupar mais tarde um elevado cargo. O estudante, pelo contrário, pareceu não se importar absolutamente nada com K., pois, tirando por momentos a mão da barba, acenou apenas com um dedo para a mulher e dirigiu-se para a janela; aquela, inclinando-se para K., murmurou: — Não fique zangado comigo, peço-lhe encarecidamente, nem pense mal de mim; agora tenho de ir ter com aquele homem horrível; repare só como ele tem as pernas tortas. Mas eu volto já e depois vou consigo, se me levar; vou para onde o senhor disser; pode fazer de mim tudo o que quiser; serei feliz se me afastar

daqui durante o maior espaço de tempo possível e mais feliz ainda se nunca mais voltar.

Afagou ainda a mão de K., pôs-se rapidamente de pé e correu para a janela. Involuntariamente, K. ainda fez um gesto para agarrar a mão dela, mas não encontrou senão o vazio. A mulher atraía-o verdadeiramente e, apesar de muito reflectir, não conseguiu encontrar nenhum motivo válido para resistir à tentação. Tão depressa lhe acudiu ao espírito a ideia de a mulher estar a tentar apanhá-lo

para o entregar à justiça, como a pôs de parte. De que modo podia ela apanhá-lo? Não continuava ele suficientemente livre para poder destruir toda a justiça, pelo menos naquilo que lhe dizia respeito? Não podia ter esse pouco de confiança em si? E depois o auxílio que ela lhe oferecera parecia ser sincero e talvez não fosse de desprezar. Talvez a melhor maneira de se vingar do juiz de instrução e dos seus sequazes fosse tirar-lhes aquela mulher. Poderia, portanto, vir a dar-se o caso de o juiz de instrução, depois de ter tido um penoso trabalho a escrever relatórios recheados de mentiras sobre K., encontrar, a horas mortas, vazia a cama da mulher. E vazia porque ela pertencia a K., porque aquela mulher que ali estava na janela, aquele corpo voluptuoso, ágil e quente, envolto num vestido negro, pesado e grosseiro, pertencia única e exclusivamente a K.

Depois de ter afastado deste modo os pensamentos hostis que tinha em relação à mulher, ocorreu-lhe que o sussurrante diálogo que se travava à janela se prolongava por demasiado tempo. Então bateu, primeiramente, com os nós dos dedos sobre o estrado, e depois também com o punho fechado. O estudante olhou de relance e por cima do ombro da mulher para K., mas não só não se incomodou como até estreitou aquela contra si. Ela baixou profundamente a cabeça como se o escutasse atentamente e ele, aproveitando o facto de ela estar inclinada, beijou-a estrepitosamente no pescoço, sem mesmo interromper, sensivelmente, o que estava a dizer. K. viu naquele gesto a confirmação da tirania que o estudante, segundo as palavras da mulher, exercia sobre ela; então, levantando-se, começou a andar dum lado para o outro. Entre relances lançados ao estudante, pôs-se a reflectir na maneira de expulsar aquele o mais depressa possível; assim, ouviu com agrado as palavras que o outro já visivelmente incomodado com o vaivém de K., que por vezes degenerava em pateada, lhe dirigiu:

— Se está impaciente pode ir-se embora. Até já o podia ter feito, pois ninguém daria pela sua falta. Sim, devia ter-se ido embora assim que eu cheguei, e a toda a velocidade.

Podia haver nestas observações toda uma possível cólera prestes a explodir, mas nelas havia também uma altivez de futuro

funcionário da justiça falando a um réu pouco digno de simpatia.

K. deixou-se ficar perto do estudante e disse-lhe sorrindo:

— É verdade que estou impaciente, mas a maneira mais fácil de pôr fim a

essa impaciência é vê-lo pelas costas. Mas se veio para estudar — ouvi dizer que é estudante — cedo-lhe o lugar com todo o prazer e vou-me embora com a mulher. De resto terá ainda muito que estudar antes de ser juiz. Não conheço muito bem a sua justiça, mas suponho que ela não se limita ao emprego de expressões rudes, em que aliás o senhor parece ser um perito de respeito.

— Não deviam deixá-lo andar por aqui tão à vontade — disse o estudante, como se quisesse dar à mulher uma explicação para as palavras insultuosas de K.

—, foi um erro; bem o disse ao juiz de instrução. Pelo menos entre os interrogatórios deviam obrigá-lo a ficar no quarto. O juiz de instrução, por vezes, tem coisas que não se compreendem.

— Conversas desnecessárias — disse K., estendendo a mão para a mulher

—, venha.

— Ah! Ele é isso! — exclamou o estudante. — Não, não; não ficará com

ela.

Então, com uma força insuspeitada, levantou a mulher sobre um braço e,

olhando para ela com ternura, correu curvado na direcção da porta. Era impossível que ele não tivesse experimentado um certo medo de K., mas, apesar disso, ainda se atreveu a provocá-lo, pois com a mão livre afagava e apertava o braço da mulher. K. ainda deu alguns passos ao lado dele, disposto a apanhá-lo e, se fosse necessário, estrangulá-lo, mas a mulher disse:

— Não vale a pena, o juiz de instrução mandava buscar-me; não posso ir consigo, pois este monstrozinho — ao dizer isto passou a mão pelo rosto do estudante —, este monstrozinho não me deixa.

Não quer ser libertada! — gritou K., pondo a mão em cima do ombro do

estudante que procurou alcançá-la com os dentes.

— Não! — exclamou ela, afastando K. com as mãos. — Isso não; que ideia a sua! Isso seria a minha perdição. Largue-o, por favor largue-o. Ele não faz mais do que cumprir as ordens do juiz de instrução, e é para este que ele me leva.

— Então que corra; e a si nunca mais a quero ver — disse K., encolerizado pela desilusão e dando um empurrão de tal ordem nas costas do estudante que este cambaleou um pouco, mas, logo a seguir, cheio de contentamento por não ter caído, correu ainda mais com a sua carga. K. seguiu-os lentamente; compreendeu que esta era a primeira derrota indiscutível que acabava de sofrer perante aquela gente. Naturalmente não havia motivo nenhum para se afligir por causa disso, pois fora derrotado unicamente por ter procurado a luta. Se tivesse ficado em casa e levado a sua vida habitual, teria uma superioridade enorme sobre qualquer destas pessoas e poderia afastar fosse quem fosse com um pontapé. Imaginou como seria extremamente ridículo o espectáculo que, por exemplo, aquele miserável estudante, aquele miúdo entufado, aquele barbaças de pernas tortas daria se se pusesse de joelhos e de mãos postas junto da cama de Elsa a pedir perdão. K. ficou tão entusiasmado com a ideia que resolveu levar o estudante a casa de Elsa assim que surgisse qualquer oportunidade. Por curiosidade estugou o passo na direcção da porta, pois queria ver para onde levavam a mulher, uma vez que, certamente, o estudante não andaria na rua com ela nos braços. Porém, não teve de andar muito. Mesmo em frente da casa, uma pequena escada de madeira, que dava provavelmente para o sótão, fazia uma curva, de modo que era impossível ver o fim dela. O estudante subiu essa escada com a mulher nos braços, mas já lenta e dificilmente, pois a corrida que dera tinha-

lhe roubado as forças. Lá em cima, a mulher acenou para K. e, encolhendo os ombros, procurou mostrar que não tinha culpa do rapto, embora o seu gesto não traduzisse grande pesar. K. fitou-a inexpressivamente, como a uma estranha, pois não queria nem deixar transparecer que estava desiludido nem que podia facilmente dominar a decepção.

K. deixou-se ficar junto da porta, embora os dois já tivessem desaparecido. Tinha de concordar que a mulher não só o traíra mas também o enganara quando dissera que a levavam ao juiz de instrução. O juiz de instrução não iria estar sentado no sótão à espera dela. A escada de madeira não daria qualquer explicação por muito que se estivesse a olhar para ela. K. reparou então num pequeno letreiro colocado no princípio da escada; aproximou-se e leu os seguintes dizeres escritos numa letra infantil e desajeitada: “Escada das repartições da justiça”. Era portanto aqui, no sótão deste casarão, que se encontravam as repartições da justiça? A instalação não era de molde a inspirar muita consideração, o que sossegava qualquer réu, pois este pensava imediatamente que o tribunal não dispunha de grandes recursos económicos, porque se os tivesse não colocaria as repartições naquele sítio, para onde os locatários, gente extremamente pobre, atiravam toda a espécie de tralha inútil. Todavia, não era de excluir que houvesse dinheiro suficiente,

mas podia acontecer que, no entanto, os funcionários se lançassem sobre ele antes de o empregarem nos assuntos da justiça. Segundo a experiência que K. até agora colhera, isso era até muito possível; simplesmente, tal desorganização era, na verdade, degradante para um réu, mas no fundo mais tranquilizadora do que teria sido a pobreza da justiça. K. compreendia agora que preferissem incomodar o réu em sua casa a ouvi-lo, pela primeira vez, no sótão. De facto, a diferença entre a posição de K. e a do juiz era enorme, pois, enquanto o primeiro tinha, no banco, um escritório amplo e uma antecâmara, e podia contemplar através duma vidraça gigantesca uma animada praça, o último desempenhava as suas funções sentado num sótão. É claro que não tinha quaisquer receitas provenientes de subornos ou fraudes, nem podia ordenar a um contínuo que lhe fosse buscar uma mulher para o escritório. Mas isso era coisa a que K. renunciava de boamente, pelo menos nesta vida.

K. estava ainda em frente do letreiro, quando um homem subiu a escada, espreitou pela porta aberta para dentro do quarto, do qual também se podia ver a sala de audiências, e lhe perguntou, por fim, se ele não tinha visto por ali, momentos antes, uma mulher.

— O senhor é o oficial de diligências, não é verdade? — perguntou K.

— Sou — respondeu o homem — e o senhor é o acusado K.; agora também o estou a reconhecer; seja bem-vindo.

E, para completa surpresa de K., estendeu-lhe a mão.

— Mas para hoje não está marcada nenhuma audiência prosseguiu o oficial de diligências, visto K. se ter calado.

— Eu sei — disse K., ao mesmo tempo que reparava que o oficial de diligências não envergava qualquer farda, e que, além de alguns botões vulgares, havia no fato daquele dois botões dourados — a única insígnia profissional que exibia — que pareciam ter sido arrancados a um velho capote de oficial.

— Estive ainda há bocado a falar com a sua mulher, mas ela já não está cá. O estudante levou-a para o juiz de instrução.

— Está a ver — disse o oficial de diligências —, levam-ma sempre. Hoje é domingo e não tenho nada que fazer, mas para me afastarem daqui mandam-me dar qualquer recado escusado. É verdade que não me mandam muito longe, de modo que fico na esperança de conseguir ainda chegar a tempo se andar ligeiro. Por isso corro o mais que posso e, quando chego à repartição aonde me mandaram, grito pela porta entreaberta a minha comunicação numa voz tão ofegante que mal a percebem; depois volto outra vez para aqui a correr, mas o estudante andou mais depressa do que eu, pois o caminho dele é mais curto: tem

apenas que descer as escadas das águas-furtadas. Se a minha dependência não fosse tão grande, há muito tempo que o teria esborrachado aqui contra a parede. Aqui ao lado do letreiro. Passo a vida a sonhar com isso. Aqui, um bocado acima do soalho; cá está ele espalmado, os braços estendidos, os dedos esticados, as pernas tortas feitas num arco e sangue esparramado por toda a parte. Mas até agora isto não passou dum sonho.

— E não há outro remédio? — perguntou K. com um sorriso.

— Que eu saiba não — respondeu o outro. — E agora as coisas ainda estão piores, pois dantes levava-ma apenas para casa dele, mas presentemente leva-a também para casa do juiz de instrução. De resto, já há muito tempo que eu estava à espera disso.

— A sua mulher não tem culpa nenhuma no caso? — perguntou K. Teve de se dominar, tão violento era o ciúme que sentia agora.

— Claro que tem — respondeu o oficial de diligências —, a maior culpa até é a dela; prendeu-se de amores por aquele femeeiro. Só neste prédio já foi ele corrido de cinco casas onde se tinha insinuado. E logo eu, que tenho a mulher mais bonita do prédio, é que não posso defender-me.

— Se as coisas se passam desse modo, então é que não há remédio — disse

K.

— Porque não? — perguntou o oficial de diligências. — Tinha apenas de

pregar uma tal sova naquele cobarde do estudante, quando ele quisesse tocar na minha mulher, que ele nunca mais ousasse fazê-lo. Mas eu não posso, e os outros também não me fazem esse favor, pois todos receiam o poder dele. Só um homem como o senhor o poderia fazer.

— Como? — perguntou K. espantado.

— Então não é acusado?

— Sou — disse K. — e isso ainda é motivo para maiores receios, porque ele, posto que não tenha influência no resultado do processo, tem-na, provavelmente, na inquirição.

— Ah sim, com certeza — comentou o oficial de diligências como se o ponto de vista de K. fosse tão correcto quanto o seu próprio.

— Mas em regra aqui não se ocupam de processos que não conduzem a nada.

— Não sou da sua opinião — volveu K. —, mas isso não me deve impedir de tratar da saúde do estudante quando surgir a oportunidade.

— Ficar-lhe-ia muito grato — disse o oficial de diligências um tanto

formalmente, como se, na realidade, não acreditasse que o mais ambicionado dos seus desejos viesse alguma vez a ser realizado.

— Há talvez outros funcionários que mereciam o mesmo tratamento, talvez mesmo todos — continuou K.

— Pois, pois — replicou o oficial de diligências como se não pudesse haver a mínima dúvida a esse respeito. Depois olhando confiadamente para K., era a primeira vez que o fazia a despeito de todas as suas amabilidades, acrescentou: as pessoas revoltam-se sempre nesta altura.

Porém, parecendo-lhe que a conversa se tinha tornado um pouco inconveniente, interrompeu-a dizendo:

— Agora tenho de ir às repartições. Quer vir comigo?

— Não tenho lá nada que fazer — respondeu K.

— Pode vê-las. Ninguém se importará com a sua presença.

— Vale a pena vê-las? — perguntou K., hesitando, mas desejoso de acompanhar o outro.

— Bom — disse o oficial de diligências — pensei que elas o interessariam.

— Bem — disse K. por fim — VOU. E subiu as escadas mais depressa do que o oficial de diligências. Quase caiu à entrada, pois atrás da porta havia ainda um degrau.

— Não têm muita consideração pelo público — disse K.

— Não têm nenhuma; veja-me só esta sala de espera — retorquiu o outro. Aquela não passava dum corredor comprido donde saíam umas portas

toscamente aparelhadas que davam para os diversos compartimentos do sótão. Embora não entrasse luz directamente, a escuridão não era completa, visto que muitos compartimentos, do lado do corredor, não estavam separados por paredes inteiras, mas sim por um gradeamento de madeira que, embora chegasse ao tecto, deixava passar a luz e permitia que se visse os diversos funcionários, sentados às secretárias, a escrever, ou de pé, a olhar através dos intervalos das grades as pessoas do corredor. A pouca gente que ali se encontrava — provavelmente por ser domingo — causava uma impressão bastante modesta.

Separadas quase regularmente umas das outras, as pessoas encontravam-se sentadas nas duas filas de bancos de madeira que tinham sido colocados em ambos os lados do corredor. Estavam todas vestidas dum maneira descuidada, embora a maior parte, segundo se podia concluir da expressão do rosto, do porte, do talhe da barba e de muitos outros pormenores que facilmente passavam despercebidos, pertencesse às classes mais elevadas. Como não havia cabides, tinham posto os chapéus, provavelmente o exemplo de um fora logo seguido pelos outros, debaixo dos bancos. Quando os que estavam sentados logo ao pé da porta repararam em K. e no oficial de diligências,

levantaram-se para os cumprimentar; os outros, ao verem isto, julgaram que também deviam fazer o mesmo e, desse modo, toda a gente se levantou à passagem dos dois homens. No entanto, ninguém se levantou completamente; ficaram curvados, os joelhos flectidos, como mendigos.

K. esperou um pouco pelo oficial de diligências e disse-lhe:

— Como eles devem estar humilhados.

— Sim — respondeu o oficial de diligências —, são réus; todos que aqui vê são réus.

— Deveras! — exclamou K. — Então são meus colegas. E, dirigindo-se ao mais próximo, um homem corpulento, esguio e de cabelo grisalho, perguntou-lhe com delicadeza:

— Que espera aqui o senhor? A inesperada pergunta, porém, perturbou o

homem, o que foi tanto mais desagradável quanto era certo tratar-se, sem dúvida nenhuma, duma pessoa com experiência do mundo que, certamente noutro lugar qualquer, seria capaz de se dominar e de conservar sem esforço a superioridade que mantinha sobre muitos. No entanto, aqui não sabia responder a uma pergunta tão simples, e olhava para os outros como se eles tivessem obrigação de o ajudar e como se ninguém pudesse

exigir-lhe uma resposta se esse auxílio lhe faltasse. Então o oficial de diligências interveio e disse para o tranquilizar e encorajar:

— Este senhor só lhe perguntou de que está à espera. Responda, vá.

A voz do oficial de diligências, que o outro provavelmente reconheceu, deu mais resultado:

— Estou à espera — começou; porém, calou-se logo a seguir. Era evidente

que tinha escolhido este princípio para responder com toda a exactidão à pergunta, mas que não atinava com a continuação. Várias outras pessoas que estavam à espera aproximaram-se e rodearam o grupo; o oficial de diligências, porém, disse-lhes:

— Embora, embora; nada de estar a tapar o caminho. As pessoas recuaram um pouco mas não tanto que voltassem para os lugares que até aí tinham ocupado. Entretanto, o homem que fora interrogado recompusera-se e respondeu até com um pequeno sorriso:

— Há um mês que meti uns requerimentos e ainda estou à espera que mos despachem.

— O senhor parece que se esforça bastante — disse K.

— Pois; é que se trata do meu caso.

— Nem toda a gente pensa como o senhor — replicou K. Eu, por exemplo, também sou acusado, mas nunca, isto é tão verdade como eu querer ir para o céu, nunca meti um requerimento, nem fiz nada desse género. Acha que isso é necessário?

— Ao certo não sei — respondeu o homem, de novo cheio de insegurança.

Estava manifestamente convencido de que K. troçava dele e, por conseguinte, teria preferido, provavelmente receando novos erros, repetir a resposta que já dera; porém, perante o olhar impaciente do seu interlocutor, respondeu apenas:

— Pelo que me diz respeito, meti requerimentos.

— Não acredita lá muito que eu seja acusado, pois não? perguntou K.

— Com certeza que acredito — respondeu o homem, afastando-se um pouco para o lado; a sua resposta, porém, não exprimia convicção mas

unicamente medo.

— Pois então não acredita em mim? — perguntou K. E inconscientemente levado pela atitude humilde do homem,

pegou-lhe por um braço como se quisesse convencê-lo à força. Porém, não o querendo magoar, tinha-o agarrado frouxamente; apesar disso, o homem deu um berro, como se K. o estivesse a segurar com uma tenaz em brasa e não com dois dedos. Este berro ridículo esgotou definitivamente a paciência de K.; se não acreditavam que ele era um acusado, tanto melhor; talvez o homem o tomasse mesmo por um juiz; e, em jeito de despedida, apertou realmente o homem com força, empurrou-o de novo para cima do banco e continuou o seu caminho.

— A maior parte dos acusados são tão sensíveis — disse o oficial de diligências.

Atrás deles, quase todas as pessoas que estavam à espera rodearam o homem, que já tinha parado de gritar, e pareciam interrogá-lo detalhadamente sobre o incidente. Nesta altura, um guarda, reconhecível como tal, especialmente devido ao sabre cuja bainha, pelo menos pela cor, devia ser de alumínio, aproximou-se de K. Este, estranhando a matéria de que o objecto era feito, chegou a estender a mão para o agarrar. O guarda, que tinha vindo por causa do grito, quis saber o que se havia passado. O oficial de diligências disse-lhe algumas palavras procurando tranquilizá-lo; o outro, porém, explicou que ele próprio ainda tinha de tomar conta do ocorrido, fez uma continência e prosseguiu o seu caminho num passo muito rápido

mas que a gota, provavelmente, tornava muito curto e cadenciado.

K. não se importou muito tempo com ele nem com as pessoas da sala de espera, sobretudo porque vira, mais ou menos a meio do corredor, a possibilidade de se dirigir para a direita através duma passagem sem porta. Perguntou ao oficial de diligências se aquele era o caminho indicado e, como recebesse uma resposta afirmativa, embora muda, meteu-se realmente por ele. Estava aborrecido por ter de ir sempre um ou dois passos à frente do oficial de diligências, pois isso, pelo menos naquele local, podia dar a impressão de que estava preso e que um guarda o seguia. Esperava então amiúde pelo oficial de diligências, mas este persistia em deixar-se ficar logo de novo para trás. Por fim K., para acabar com aquele aborrecimento, disse:

— Bom, já vi qual é o aspecto que isto aqui tem; agora vou-me embora.

— O senhor ainda não viu tudo — replicou o oficial de diligências num tom de absoluta candura.

— Não quero ver tudo — disse K., que, de resto, se sentia verdadeiramente

cansado —, quero ir-me embora; como é que se vai ter à saída?

— Ainda não se perdeu, realmente? — perguntou o oficial de diligências, espantado. — Vá por aqui até à esquina; depois corte à direita e continue sempre em frente até à porta.

— Venha comigo — disse K. — mostre-me o caminho, senão perco-me;

aqui há tantos caminhos.

— O caminho é só um — replicou o oficial de diligências já num tom de censura. — Não posso voltar para trás consigo, porque tenho de ir entregar uma participação e já perdi muito tempo por sua causa.

— Venha comigo! — repetiu K. num tom mais severo como se, finalmente, tivesse surpreendido o oficial de diligências a mentir.

— Não grite dessa maneira — murmurou o oficial de diligências —, aqui

há repartições por todo o lado. Se não quiser voltar sozinho, venha um bocado comigo ou espere aqui até eu entregar a participação; depois regressarei de boa vontade consigo.

— Não, não — retorquiu K. —, não espero; o senhor tem de vir já comigo. K. ainda nem sequer tinha lançado os olhos pelo recinto onde se

encontrava, e só o fez quando uma das muitas portas de madeira, que se encontravam a toda a volta, se abriu. Uma rapariga, certamente atraída pelas palavras que K, pronunciara em voz alta entrou e inquiriu:

— Que descia o senhor? Por detrás dela, ao longe, na semi-obscuridade, via-se ainda um homem a aproximar-se. K. olhou para o oficial de diligências. Este realmente afirmara que ninguém se importaria com K., mas, no entanto, já ali estavam dois funcionários; por aquele andar não tardaria muito que os restantes reparassem nele e quisessem uma explicação para a sua presença. A única maneira de explicar cabal e compreensivelmente a sua presença seria dizer que era um réu e que desejava saber a data do seu próximo interrogatório. Porém, era essa a explicação que pretendia precisamente evitar, sobretudo por não ser verídica, uma vez que tinha vindo apenas por curiosidade ou — explicação ainda mais impossível — movido pelo desejo de se certificar se o interior daquela justiça era tão repulsivo quanto o exterior. E realmente parecia confirmar-se a sua suposição; não queria continuar, pois já estava suficientemente oprimido por tudo quanto vira até aí. Não se encontrava em estado de enfrentar qualquer funcionário de categoria que pudesse encontrar por detrás de qualquer porta; queria ir-se embora, com o oficial de diligências ou sem ele se a isso fosse obrigado.

No entanto, a sua estática postura e o seu silêncio deviam ser surpreendentes, pois tanto a rapariga como o oficial de diligências o olharam atónitos, como se no minuto seguinte ele tivesse de passar por qualquer grande metamorfose que eles não quisessem deixar de observar. O homem que K. vira aproximar-se encontrava-se agora à porta e, agarrado à trave desta, balançava-se um pouco nas pontas dos pés como um espectador impaciente. A rapariga, porém, foi a primeira a reconhecer que o procedimento de K. era motivado por uma leve indisposição e perguntou-lhe, depois de ter ido buscar uma cadeira de braços:

— Não quer sentar-se? K. sentou-se imediatamente e, para ficar melhor

instalado, apoiou os cotovelos nos braços da cadeira.

— O senhor sente uma pequena vertigem, não é verdade? perguntou-lhe a rapariga.

O rosto dela — um rosto de expressão severa como muitas mulheres têm precisamente na sua juventude mais encantadora — estava agora muito perto do de K.

— Não pense nela — disse a rapariga —, Isso cá é vulgar; quase toda a gente que aqui vem pela primeira vez é atacada por essa espécie de mal-estar. É a primeira vez que aqui vem? Então está a

ver, não é nada de extraordinário. O sol aquece a armação do telhado, de modo que a madeira aquecida torna o ar assim tão pesado e abafado. È por essa razão que isto aqui não é o sítio mais indicado para se instalarem repartições, apesar das grandes vantagens que sob outros aspectos oferece. Mas nos dias em que vem cá muita gente, e isso é raro não acontecer, o ar mal se pode respirar. E se pensar ainda na quantidade enorme de roupa que aqui põem a secar, impedir por completo que os locatários sequem aqui a roupa é coisa que não se pode fazer, já não ficará admirado com a sua ligeira indisposição. Mas no fim a gente acaba por se habituar perfeitamente a este ar. Quando cá vier pela segunda ou terceira vez não notará esta atmosfera pesada. já se sente melhor?

K. não respondeu. Era-lhe demasiado penoso que a sua súbita fraqueza o tivesse entregado àquela gente; além disso, agora que conhecia as causas da sua náusea, não se sentia melhor mas pior ainda. A rapariga notou isso imediatamente; então, para proporcionar-lhe ar fresco a K., agarrou num gancho comprido, que estava encostado à parede, e abriu com ele uma pequena trapeira que se encontrava mesmo por cima de K. e dava para fora. Porém, caiu tanta fuligem que a rapariga teve de fechar a trapeira a toda a pressa e limpar com o lenço as mãos de K., pois este estava demasiado cansado para o fazer. K. teria ficado de boa vontade sentado até ter forças para se ir embora, o

que aconteceria tanto mais depressa quanto menos se importassem com ele. Para cúmulo, porém, a rapariga disse:

— O senhor não pode aqui ficar; aqui estorvamos a passagem. K. perguntou com o olhar a quem estorvava ele a passagem.

— Se quiser levo-o para a enfermaria. Ajude-me, por favor — disse ao homem que estava à porta e que imediatamente se aproximou.

K., porém, não queria ir para a enfermaria; o que queria precisamente evitar era que o continuassem a levar, pois quanto mais penetrasse ali tanto pior as coisas se deviam tornar.

— Já posso andar — respondeu, por conseguinte; porém, ao levantar-se,

sentiu-se tremer, amolecido como estava pelo tempo que passara confortavelmente sentado.

— Não pode ser — disse, abanando a cabeça e sentando-se de novo com um suspiro.

Lembrou-se do oficial de diligências que, apesar de tudo, o poderia levar facilmente até à saída; porém, aquele parecia ter-se ido embora há muito tempo. K. olhou por entre o homem e a rapariga, mas não conseguiu dar com o oficial de diligências.

Acho — disse o homem, que estava elegantemente vestido e atraía especialmente as atenções devido ao seu colete cinzento terminado em dois longos e aguçados bicos — que a indisposição deste senhor tem a sua origem nesta atmosfera e que o melhor, e para ele o mais agradável, será levá-lo para fora das repartições em vez de o metermos na enfermaria.

— É isso mesmo — exclamou K. que, cheio de alegria, quase interrompeu

as palavras do homem —, fico de certeza logo melhor, não estou assim tão fraco; o que eu preciso é que me amparem um pouco por debaixo dos braços, não lhes darei muito trabalho, o caminho não é longo. Leve-me até à porta, sento-me um bocado nos degraus e depressa me recomponho, não me ressinto absolutamente nada destes acessos, este surpreende-me a mim próprio. Também sou funcionário e estou habituado ao ar dos escritórios, mas este aqui, como o senhor diz, parece ser demasiado ruim. Se quisesse ter a amabilidade de me acompanhar um bocado, é que eu tenho tonturas e sinto-me mal quando me levanto sozinho.

E ergueu os ombros para que os dois lhe pegassem mais facilmente por debaixo dos braços.

O homem, porém, não acedeu ao pedido de K.; conservou tranquilamente as mãos nos bolsos e pôs-se a rir ruidosamente:

— Está a ver? — disse para a rapariga — Acertei em cheio. É só aqui que este senhor não se sente bem, em geral isso não lhe acontece.

A rapariga sorriu também mas tocou ao de leve com as pontas dos dedos no braço do homem, como se este tivesse exagerado o gracejo acerca de K.

— Mas que é que julga — disse o homem ainda a rir —, acompanho mesmo este senhor até lá fora.

— Ótimo — replicou a rapariga, inclinando por momentos a sua graciosa

cabeça. — Não ligue muito às gargalhadas dele continuou, dirigindo-se a K. que, de novo triste, olhava fixamente em frente e parecia não ter necessidade de qualquer explicação. — Este senhor., permita-me que o apresente — o homem exprimiu o seu consentimento por meio dum gesto —, este senhor é, pois, o encarregado de informações. Presta aos interessados que aqui esperam todas as informações de que eles necessitam; e olhe que presta bastantes, pois a nossa justiça não é muito conhecida entre a população. Tem resposta para todas as perguntas; o senhor, quando quiser, pode fazer uma experiência. Porém, esta não é a sua única vantagem; tem outra: a maneira elegante como se veste. Nós, isto é, os funcionários, concordámos uma vez que o encarregado de informações se devia vestir elegantemente —

é ele quem trata sempre e em primeiro lugar com as pessoas que aqui se dirigem — a fim de causar uma boa primeira impressão. O resto dos funcionários, como o senhor pode ver por mim, infelizmente veste mal e fora de moda; aliás, não faz muito sentido gastar dinheiro em roupas, pois passamos quase todo o tempo nas repartições, e até cá dormimos. Mas, como disse, considerámos que era necessário que o encarregado de informações vestisse boa roupa. Porém, como a nossa administração, que neste aspecto é um pouco estranha, não lha forneceu, fizemos uma subscrição, na qual participaram

também algumas das pessoas que aqui vêm, e comprámos-lhe este belo fato e mais um outro. Agora estaria tudo preparado para causar boa impressão, mas ele com as suas risadas estraga de novo tudo e assusta as pessoas.

— É como diz — disse o homem com ar de troça —, mas não compreendo por que razão a menina está a contar a este senhor todas as nossas coisas íntimas, ou melhor, o está a maçar com isso, pois ele não tem vontade nenhuma de as saber. Repare na maneira como ele está sentado; vê-se nitidamente que o seu próprio caso o preocupa.

K. nem sequer tinha vontade de responder; era possível que a rapariga fosse

bem intencionada e que tivesse querido distraí-lo ou dar-lhe a possibilidade de se recompor, mas o método usado falhara.

— Tive de lhe explicar as suas gargalhadas — respondeu a rapariga —, foram bem injuriosas.

— Acho que ele desculparia ofensas ainda piores se eu, finalmente, o

levasse lá para fora.

K. permaneceu calado e nem sequer levantou os olhos. Tolerava que os dois falassem a seu respeito como se ele fosse uma coisa; era até o que lhe agradava mais. Mas de repente sentiu num dos braços a mão do encarregado de informações e no outro a da rapariga.

— Para cima, homem sem força — disse o encarregado de informações.

— Agradeço imenso a ambos — volveu K., alegremente surpreendido; depois, levantando-se lentamente, levou ele próprio as mãos dos dois aos sítios onde tinha mais necessidade de apoio.

— Parece — sussurrou a rapariga aos ouvidos de K. enquanto se iam aproximando do corredor — que eu tenho muito empenho em destacar favoravelmente o encarregado de informações, mas pode acreditar que o que digo é a verdade. O seu coração não é

duro. Não tem obrigação de conduzir até lá fora acusados doentes e, no entanto, fá-lo, como o senhor vê. Talvez nenhum de nós seja desapiedado; queríamos talvez ajudar de boa vontade toda a gente, mas, como somos funcionários da justiça, ganhamos facilmente uma aparência de pessoas duras de coração, que se recusam a auxiliar seja quem for. Eu sofro imenso com isso.

— Não quer sentar-se aqui um instante? — perguntou o encarregado de informações.

Já estavam no corredor e encontravam-se precisamente em frente do acusado com quem K. havia falado. K. quase se sentiu envergonhado; há pouco estivera tão direito a falar com ele e agora tinha necessidade de que duas pessoas o amparassem; além disso, os cabelos em desalinho caíam-lhe para a testa coberta de suor e era o encarregado de informações quem lhe trazia o chapéu, segurando-o com as pontas dos dedos esticados, num vaivém. Contudo, o acusado pareceu não reparar em nada disto; ficou, humilde, em frente do encarregado de informações, que não lhe prestou atenção, e procurou apenas pedir desculpa por se encontrar ali.

— Sei — disse — que hoje ainda não me podem despachar o requerimento. No entanto, sempre cá vim; pensei que podia esperar aqui; é domingo, tenho muito tempo e aqui não estorvo ninguém.

— Não tem necessidade de pedir tantas desculpas — respondeu o encarregado de informações. — Os seus cuidados são, na verdade, muito de louvar; é certo que o senhor está aqui a ocupar escusadamente um lugar, mas, apesar disso, de modo nenhum o impedirei, enquanto isso não me incomodar, de seguir de perto o andamento do seu caso. Quem viu gente descurar vergonhosamente as suas obrigações aprende com pessoas como o senhor a ter paciência. Sente-se.

— Como ele sabe falar com os acusados — sussurrou a rapariga.

K. inclinou a cabeça em sinal de assentimento; porém, irritou-se logo a seguir quando o encarregado de informações lhe perguntou de novo:

— Não quer sentar-se aqui?

— Não — respondeu K. — Não quero descansar. Dissera isto no tom mais categórico que lhe fora possível, mas na verdade ter-lhe-ia feito muito bem sentar-se. Tinha uma sensação de enjoo. Julgava estar num barco ao sabor de fortes ondas.

Parecia-lhe que a água se arrojava de encontro às paredes de madeira, que das profundezas do corredor se elevava um

bramido como o do mar revolto, que o corredor se inclinava de través e que os acusados eram ora erguidos ora arrastados para baixo. A calma da rapariga e do homem que o conduzia revelava-se assim mais incompreensível. Estava nas mãos deles, se o largassem cairia como uma pedra. Os pequenos olhos dos dois funcionários lançavam penetrantes relances para aqui e para ali; K. sentia, sem os poder acompanhar, os seus passos regulares, pois quase o arrastavam passo a passo. Por fim, notou que falavam com ele mas não compreendeu o que diziam; ouvia unicamente o ruído que enchia tudo e que devido ao seu tom monocórdico e estridente fazia lembrar uma sereia.

— Mais alto — murmurou envergonhado sem levantar a cabeça, pois sabia que embora ele não tivesse percebido, os outros tinham falado suficientemente alto.

Por fim, pareceu-lhe que a parede em frente tinha sido rasgada, pois recebeu uma lufada de ar fresco em pleno rosto e ouviu dizer a seu lado:

— Primeiro queria ir-se embora, mas depois pode a gente dizer-lhe cem vezes que a saída é aqui que ele nem se mexe.

K. reparou que estava em frente da porta de saída, que a rapariga abria. Parecia-lhe que recuperara subitamente todas as suas forças e, para obter um antegosto da liberdade, saltou

logo para um degrau, despedindo-se daí dos seus acompanhantes que se inclinaram para ele.

— Muito obrigado — disse K. de novo, apertando-lhes repetidamente as mãos, que só largou quando julgou perceber neles, habituados como estavam à atmosfera das repartições, uma certa dificuldade em suportar o ar relativamente fresco que vinha da escada. Mal puderam responder, e a rapariga teria talvez

desfalecido se K. não tivesse fechado a porta com toda a rapidez. K. ainda ficou uns instantes parado; alisou o cabelo olhando para um espelho de bolso, apanhou o chapéu que estava no patamar mais próximo — o encarregado de informações tinha-o, com certeza, atirado para lá — e desceu a escada tão fresco e com saltos tão grandes que quase teve medo desta transformação. Nunca a sua saúde, que, aliás, era bem rija, lhe causara tais surpresas. Queria o seu corpo, porventura, revoltar-se e arranjar um novo processo, visto ele suportar o antigo com tanta facilidade? Não pôs de parte a ideia de ir, logo que pudesse, consultar um médico, mas em todo o caso estava disposto — e isso era um conselho que a si próprio podia dar — a utilizar melhor as próximas manhãs de domingo.

CAPÍTULO IV

A AMIGA DA MENINA BÜRSTNER

Durante os dias seguintes, K. não conseguiu dizer a mínima coisa à menina Bürstner. Procurou, das mais diversas maneiras, aproximar-se dela, mas esta arranjava sempre meio de lhe frustrar os intentos. Vinha do escritório logo direito a casa, ficava no quarto sem acender a luz, sentado no canapé, e sem fazer outra coisa que não fosse olhar para a antessala. Se por acaso a criada passava e, julgando o quarto vazio, fechava a porta, K., um momento depois, erguia-se e abria-a de novo. De manhã, levantava-se uma hora mais cedo do que dantes, para ver se podia encontrar a menina Bürstner sozinha quando ela fosse para o escritório. Porém, nenhuma destas tentativas deu resultado. Depois, escreveu-lhe uma carta que mandou para o escritório e uma outra que enviou para a sua residência; nelas procurava, de novo, justificar o seu procedimento, oferecia-se para dar qualquer satisfação, prometia nunca ir além dos limites que ela estabelecesse e pedia-lhe apenas que lhe desse a possibilidade de lhe falar, visto que não poderia tomar qualquer atitude em relação à senhora Grubach enquanto não a tivesse consultado. Por fim, informava-a de que no domingo seguinte esperaria o dia inteiro por um sinal dela, que deixasse entrever a realização do seu desejo ou que, pelo menos, explicasse por que

razão não poderia ela aceder ao seu pedido, apesar da sua promessa de se lhe submeter em tudo. As cartas não foram devolvidas mas também não veio qualquer resposta. Por outro lado, houve, no domingo, um sinal cuja clareza não deixava dúvidas. Espreitando pelo buraco da fechadura, K. notou, logo de manhã, um movimento desusado na antessala. Em breve, porém, achou a explicação para esse facto. Uma professora de francês — aliás, uma rapariga alemã, fraca, descorada e um pouco coxa, chamada Montag — que até então vivera em quarto próprio, mudava-se para o quarto da menina Bürstner. Horas a fio andaram as duas na saleta dum lado para o outro. Havia sempre qualquer coisa esquecida — uma peça de roupa, uma pequena coberta, um livro — que não podia deixar de ser levada para o novo apartamento.

Quando a senhora Grubach trouxe o pequeno-almoço a K. — ela não entregava nem o mais pequeno serviço à criada desde que irritara K. —, este não pôde conter-se e dirigiu-lhe a palavra pela primeira vez desde há cinco dias:

— Porque é que há hoje tanto barulho na antessala? — perguntou, enquanto

deitava o café. — Não se poderia acabar com ele? É logo ao domingo que têm de fazer arrumações?

Embora K. não olhasse para a senhora Grubach, reparou, contudo, que ela suspirava como se lhe tivessem tirado um peso das costas. Até mesmo estas palavras ríspidas de K. eram para ela como um perdão ou pelo menos um princípio de perdão.

— Não estão a fazer arrumações nenhuma, senhor K.; é apenas a menina Montag que está a levar as coisas para o quarto da menina Bürstner, com quem vai viver.

Calou-se para ver como K. aceitava as suas palavras e se lhe permitia que continuasse a falar. Aquele, porém, pô-la à prova, mexeu pensativamente o café e não fez qualquer comentário.

Depois, fitando-a, disse:

— Já deixou de suspeitar da menina Bürstner?

— Senhor K. — exclamou a senhora Grubach, que não tinha estado à espera senão desta pergunta, ao mesmo tempo que, de mãos postas, se inclinava para o seu interlocutor —, o senhor levou ultimamente tão a sério uma observação casual. Não me passou nem pelas pontas dos cabelos ofendê-lo a si ou a qualquer outra pessoa. O senhor já me conhece há tempo suficiente para poder ter a certeza disso. Não faz a mais pequena ideia do que tenho sofrido nestes últimos dias. Eu, caluniar os meus hóspedes! E o senhor acreditou numa coisa dessas. E disse que eu devia pô-lo na rua. Pô-lo na rua!

A última exclamação já foi abafada pelas lágrimas; a senhora Grubach

escondeu a cara no avental e começou a soluçar ruidosamente.

— Vamos, não chore, senhora Grubach — disse K., olhando pela janela; pensava apenas na menina Bürstner e no facto de ela ter acolhido uma estranha no seu quarto. — Não chore repetiu ao voltar a cabeça para dentro do quarto e vendo que a senhora Grubach prosseguia no seu pranto. — Também não tive uma intenção assim tão má. Compreendemo-nos mal um ao outro, foi o que foi. Isso pode muito bem acontecer a velhos amigos. .A senhora Grubach baixou um pouco o avental para ver se, na verdade, K. fizera as pazes.

— É assim mesmo — disse K., atrevendo-se agora, uma vez que concluía

da atitude da senhora Grubach que o capitão não abrisse a boca, a acrescentar:

— Então a senhora acredita realmente que me ia zangar consigo por causa de uma estranha?

— Exactamente, senhor K. — respondeu ela. A senhora Grubach tinha sempre o azar de dizer qualquer coisa de infeliz logo que se sentia de algum modo mais à vontade. — Não me cansei de perguntar a mim mesma: por que razão é que o senhor K. se interessa tanto pela menina Bürstner? Porque é que se zanga

comigo por causa dela, apesar de saber que cada palavra sua dita com maus Modos me tira o sono? Eu não disse nada acerca da menina Bürstner que não tivesse visto com os meus próprios olhos.

K. não fez quaisquer comentários, pois teria sido forçado a pô-la fora do quarto assim que ouviu as primeiras palavras, e era, isso que queria evitar. Contentou-se em beber o café e fazer sentir à senhora Grubach que a sua presença era unicamente tolerada. Lá fora ouviu-se de novo a menina Montag atravessar toda a antessala num passo arrastado.

— Está a ouvir? — perguntou K., apontando para a porta.

— Estou — respondeu a senhora Grubach, soltando um suspiro. — Eu quis ajudá-la e mandar uma criada ajudá-la; mas ela é teimosa, quer ser ela própria a

tratar da mudança toda. O que me espanta é a menina Bürstner. Eu fico muita vez aborrecida por a menina Montag estar cá hospedada, mas a menina Bürstner até a aceita no seu quarto.

— E a senhora rala-se? — perguntou K., esmagando um resto de açúcar que ficara na chávena. — Isso causa-lhe algum prejuízo?

— Não — respondeu ela —, até me agrada bastante, pois fico com um

quarto desocupado e posso lá instalar o meu sobrinho, o capitão. Eu já andava há muito tempo com medo que ele, durante estes últimos dias em que fui obrigada a alojá-lo na sala de estar, o tivesse podido incomodar, pois não é lá muito respeitador.

— Que ideia! — exclamou K., levantando-se. — Nem pensar nisso. A senhora parece que me considera demasiado sensível pelo facto de eu não poder suportar estas andanças da menina Montag. Olhe, lá está ela outra vez.

A senhora Grubach sentiu-se completamente desanimada.

— O senhor K. deseja que eu lhe vá dizer que deixe o resto da mudança para outro dia? Se quiser eu vou imediatamente.

— Mas ela tem de se mudar para o quarto da menina Bürstner! — disse K.

— Pois — voltou a senhora Grubach, sem perceber muito bem aonde K. queria chegar.

— Nesse caso — prosseguiu K. — tem de levar para lá as suas coisas.

A senhora Grubach contentou-se em inclinar a cabeça em sinal de concordância.

Esta apatia que tinha todo o ar de obstinação ainda mais irritou K. Este começou a andar da janela para a porta, impedindo,

assim, que a senhora Grubach saísse, o que, doutro modo, ela teria provavelmente feito.

K. tinha precisamente acabado de chegar de novo à porta quando bateram. Era a criada, que vinha da parte da menina Montag dizer que a menina gostaria imenso de falar por instantes como o senhor K. e que, por isso, lhe pedia que se dirigisse à sala de jantar, onde ela o aguardava. K. ouviu pensativamente o recado e depois, voltando-se para a sua assustada Senhora, fitou-a com um olhar quase escarninho. Este olhar parecia dizer que K. já há muito previra este convite e que ele condizia muito bem com as maçadas que, nessa manhã, os hóspedes da senhora Grubach tinham de lhe causar. Mandou a criada participar que ia imediatamente, e depois, dirigindo-se ao armário para mudar de casaco, disse apenas em jeito de resposta à senhora Grubach, que se lamentava em voz baixa da maçadora da menina Montag, que fizesse o favor de levar a louça do pequeno- almoço.

— Mas o senhor quase não tocou em nada — disse a senhora Grubach.

— Mas leve-a na mesma! — exclamou K. Tinha a impressão de que a menina Montag se insinuara em tudo e tudo tornava repugnante.

Quando passou pela antessala, olhou para a porta fechada do quarto da menina Bürstner; todavia não fora convidado para ali mas sim para a sala de jantar, cuja porta abriu violentamente, sem bater.

A sala de jantar era um aposento muito comprido, embora estreito, e tinha apenas uma janela. Nos cantos, ao pé da porta, havia espaço suficiente para se poderem instalar dois armários de través, enquanto o resto da sala estava completamente ocupado pela mesa comprida, que começava perto da porta e chegava quase até à enorme janela, dificultando imenso o acesso a esta. A mesa já estava posta e para muitas pessoas, pois, aos domingos, quase todos os hóspedes jantavam em casa.

Quando K. entrou, a menina Montag, afastando-se da janela, veio ao

encontro dele ao longo de um dos lados da mesa.

Cumprimentaram-se sem pronunciar palavra. Depois, a menina Montag, sempre com a cabeça invulgarmente levantada, disse:

— Não sei se o senhor me conhece? K. fitou-a, franzindo o sobrolho.

— Com certeza — respondeu. — Há muito tempo que a senhora mora em casa da senhora Grubach.

— Mas o senhor não se preocupa muito com a pensão, creio eu.

Não — replicou K. Não quer sentar-se? — perguntou a menina Montag. Calados puxaram ambos dois sofás para o extremo da mesa e sentaram-se frente a frente. Porém, a rapariga levantou-se logo de novo para ir buscar a malinha de mão, que deixara em cima do parapeito da janela; para isso, teve de dar a volta pela casa toda. Depois regressou, balanceando levemente a malinha de mão, e disse:

— Queria, unicamente por incumbência da minha amiga, trocar algumas

palavras com o senhor. Ela desejava vir pessoalmente, mas hoje sentiu-se um pouco indisposta. Pede-lhe, pois, que a desculpe e que me ouça em vez dela. De resto, o que ela lhe poderia ter dito não é diferente daquilo que eu lhe vou dizer. Pelo contrário, acho que até lhe posso dizer mais, visto que tenho relativamente pouco interesse no caso. Não é da minha opinião?

— Que outra coisa se pode dizer? — respondeu K., cansado de ver os olhos

da menina Montag continuamente presos aos seus lábios.

Deste modo, ela arrogava-se já o direito de mandar nas palavras que ele queria proferir.

— É evidente que a menina Bürstner não quer encontrar-se comigo, conforme eu lhe pedi.

— Assim é — disse a menina Montag — ou antes, não é nada disso; o senhor exprime o seu desejo duma maneira singularmente rigorosa. Regra geral, uma entrevista não se dá nem se recusa. Porém, pode acontecer que se considere o encontro desnecessário, e é esse precisamente o caso. Já que o senhor fez aquela observação, posso agora falar abertamente. O senhor pediu à minha amiga, por escrito ou de viva voz, que se encontrasse consigo. No entanto, a minha amiga sabe, pelo menos é o que eu tenho de admitir, qual o assunto a tratar nesse encontro e, por diversas razões que desconheço, está convencida de que ninguém beneficiaria com a realização de tal encontro. De resto, só ontem ela se referiu a isso, e muito rapidamente, dizendo-me que também o senhor não

poderia atribuir muita importância a esse encontro ele só por, acaso lhe tinha vindo à ideia, e que reconheceria em breve, ou talvez mesmo já o tivesse feito, o absurdo de tudo isto, sem que fossem necessárias explicações especiais. Por meu lado, respondi-lhe que isso podia estar certo mas que, no entanto, considerava vantajoso para o completo esclarecimento do assunto que ela lhe desse uma resposta clara. Ofereci-me para desempenhar essa missão, e a minha amiga, depois de algumas hesitações,

anuiu. Espero, contudo, ter também procedido no interesse do senhor, pois até a mínima incerteza na mais insignificante das coisas é sempre motivo de preocupação e se, como é o caso, a podemos arredar, devemos fazê-lo sem perda de tempo.

— Estou-lhe muito grato — disse K. imediatamente. Em seguida, levantou-se lentamente, fitou a menina Montag, depois espalhou o olhar pela mesa, olhou pela janela — o sol batia de chapa no prédio em frente — e dirigiu-se para a porta. A menina Montag ia alguns passos atrás como se não confiasse inteiramente nele. Porém, ao pé da porta, tiveram ambos de recuar, pois aquela abriu-se e o capitão Lanz entrou. Era a primeira vez que K. o via de perto. Era um homem de cerca de quarenta anos, alto, de rosto carnudo queimado pelo sol. Fez uma pequena vénia, dirigida também a K. e, aproximando-se da menina Montag, beijou-lhe respeitosamente a mão. Os seus movimentos eram muito desembaraçados. A sua delicadeza para com a menina Montag contrastava vincadamente com o tratamento que K. havia dispensado àquela. Apesar disso, a menina Montag pareceu não ter ficado zangada com K., pois, segundo este julgou notar, quis até apresentá-lo ao capitão, K., porém, não queria ser apresentado; não teria sido capaz de tratar amavelmente nem o capitão nem a menina Montag. A seus olhos o beija-mão tinha ligado a rapariga a um grupo que, sob a capa do maior altruísmo e inocência, desejava impedi-]o de se

aproximar da menina Bürstner. Mas isto não foi a única coisa que ele julgou distinguir; reparou também que a menina Montag escolhera um meio que, embora bom, tinha dois gumes. Ela exagerava não só a importância das relações entre a menina Bürstner e K., mas também, e acima de tudo, a importância da entrevista que este tinha solicitado, procurando ao mesmo tempo arranjar as coisas de tal maneira que parecesse ser K. quem exagerava. Ela não devia iludir-se; K. não queria exagerar nada, sabia que a menina Bürstner não passava duma modesta dactilógrafa que não lhe devia opor muita resistência. Abstinha-se ainda propositadamente de entrar em linha de conta com o que a senhora Grubach dissera acerca da rapariga. Reflectia em tudo isto à medida que, esboçando unicamente um gesto de cumprimento, abandonava a sala. Queria dirigir-se imediatamente ao seu quarto, mas, ao ouvir atrás de si, na sala de jantar, a menina Montag dar uma pequena gargalhada, veio-lhe à ideia que talvez pudesse causar uma surpresa tanto à rapariga como ao capitão. Olhou à volta e pôs-se à escuta de qualquer ruído proveniente dos quartos circunvizinhos que pudesse indicar algum estorvo para a sua intenção. O sossego, porém, era absoluto; apenas se ouviam as conversas que vinham da sala de jantar e a voz da senhora

Grubach, que da cozinha atravessava o corredor até à antessala. A oportunidade pareceu-lhe boa; K. aproximou-se da porta do quarto da menina Bürstner e bateu suavemente. Como tudo tivesse permanecido silencioso, K. bateu de novo, mas recebeu a mesma resposta. Estaria ela a dormir? Ou estaria realmente indisposta? Ou negar-se-ia a aparecer por suspeitar que só podia ser K. quem assim batia tão ao de leve? K. partiu do princípio de que ela se esquivava e bateu com mais força; por fim, vendo que não adiantava bater, acabou por abrir a porta com toda a cautela, não sem ter a sensação de estar a fazer qualquer coisa de ilícito e, ainda por cima, inútil. No quarto não havia ninguém. Este, aliás, mal fazia lembrar o que K. havia conhecido. junto à parede estavam agora colocadas duas camas, uma a seguir à outra; os três sofás perto da porta tinham em cima um monte de roupa branca e vestidos, e o armário encontrava-se aberto. Provavelmente, a menina Bürstner tinha saído enquanto a menina Montag procurara, na sala de jantar, convencer K. Este não ficou muito surpreendido com a cena; já quase deixara de ter esperanças de encontrar a menina Bürstner assim tão facilmente, e se fizera aquela tentativa fora quase só por desafio à menina Montag. Porém, isso tornou mais chocante ainda o facto de K., ao fechar de novo a porta, ter visto, pela porta aberta da sala de jantar, a menina Montag e o capitão a conversar. já aí estavam, possivelmente, desde que K. abrisse a porta; evitaram dar a entender que o observavam, pois conversavam em voz baixa e

seguiam-lhe os movimentos com olhares semelhantes aos que durante uma conversa os interlocutores lançam à sua volta distraidamente. Porém, sobre K. aqueles olhares pesavam terrivelmente; caminhando ao longo da parede, apressou-se a dirigir-se ao quarto.

CAPÍTULO V

O VERDUGO

Quando numa das noites seguintes K. passou pelo corredor que separava o seu escritório da escada principal — dessa vez era ele um dos últimos a ir para casa, apenas dois contínuos trabalhavam ainda na expedição à luz duma pequena lâmpada incandescente — ouviu suspirar atrás duma porta que ele sempre suspeitara ser a duma arrecadação, embora, pessoalmente, nunca a tivesse visto. Parou, espantado, e pôs-se de novo à escuta a fim de se certificar; fez-se silêncio por uns instantes, mas depois os suspiros recomeçaram. Primeiro, ainda quis ir buscar um dos contínuos, pois talvez pudesse precisar duma testemunha, mas logo a seguir, levado por uma curiosidade incontrolável, escancarou a porta. Tratava-se, como ele acertadamente supusera, duma arrecadação. Por detrás do patamar havia no chão tinteiros de barro vazios e impressos velhos e inutilizados. No quarto propriamente dito encontravam-se três homens que a pouca altura do tecto mantinha curvados. Uma vela presa a uma prateleira alumiaava-os.

— Que fazem aqui? — perguntou K. precipitadamente, embora em voz baixa.

Um dos homens, que visivelmente dominava os outros, atraía imediatamente o olhar, pois envergava uma espécie de vestimenta escura, de couro, que lhe deixava a descoberto os braços, o pescoço e grande parte do peito. Esse permaneceu calado. Os outros, porém, exclamaram:

— Senhor! Temos de ser espancados porque tu te queixaste de nós ao juiz de instrução.

Só então K. reconheceu que se tratava, na realidade, dos guardas Franz e

Willem, e que o terceiro tinha na mão uma vergasta para os espancar.

— Bem — disse K., olhando-os fixamente —, eu não me queixei; disse apenas como as coisas se passaram lá em casa. E realmente a vossa conduta não foi correcta.

— Senhor! — exclamou Willem, enquanto Franz, pondo-se atrás dele,

procurava manifestamente proteger-se do terceiro homem. — Se soubesse como somos mal pagos, a sua opinião sobre nós seria melhor. Eu tenho de sustentar uma família e aqui o Franz queria casar-se. A gente procura enriquecer de qualquer maneira, pois só com o trabalho não se consegue, nem que se trabalhe como um escravo. A sua roupa branca seduziu-me; é claro que os guardas estão proibidos de proceder daquele modo;

fiz mal, mas segundo a tradição, a roupa branca pertence aos guardas, foi sempre assim, acredite. Mas também é compreensível que assim seja, pois que importância poderão ter tais coisas para aquele que tem a infelicidade de ser preso? Evidentemente, se o detido torna o assunto do domínio público, a punição é certa.

— Não sabia nada do que me estão a dizer; também, de modo nenhum, pedi que os castigassem: para mim, tratou-se apenas de uma questão de princípio.

— Franz — Willem voltou-se para o outro guarda — não te disse que este senhor não pediu a nossa punição? Agora estás a ouvir que ele nem sabia que tínhamos de ser castigados.

— Não te deixes comover por conversas dessas — disse o terceiro para K.

—, o castigo é tão justo como inevitável.

— Não lhe dê ouvidos —olveu Willem, interrompendo-se apenas para levar a mão à boca, onde acabara de apanhar uma vergastada. — Nós só somos castigados porque tu nos denunciaste. De contrário, não nos teria acontecido nada mesmo se tivessem sabido o que fizemos. Pode dar-se a isto o nome de justiça? Nós dois, especialmente eu, demos já durante muito tempo bastantes provas de sermos bons guardas; tu próprio tens de confessar que nós, encarados do ponto de vista das

autoridades, fizemos uma boa guarda. Tínhamos, assim, em mente subirmos de categoria e seríamos, sem dúvida, em breve verdugos, como este que teve a sorte de nunca ter sido denunciado por ninguém, pois tais denúncias não ocorrem com muita frequência. Mas agora, senhor, tudo está perdido, a nossa carreira terminou. Seremos obrigados a desempenhar funções ainda mais baixas do que o serviço de guarda, e ainda por cima vamos agora levar esta sova que dói horrivelmente.

— A vergasta pode fazer doer assim tanto? — perguntou K., enquanto examinava o instrumento que o verdugo brandia perante os seus olhos.

— É que somos obrigados a despirmo-nos por completo disse Willem.

— Ah, nesse caso! — exclamou K., fitando o verdugo com atenção. Este era moreno como um marinheiro e tinha um rosto vivo e feroz.

Não há qualquer possibilidade de evitar que estes dois sejam espancados?

— perguntou K.

— Não — respondeu o verdugo, ao mesmo tempo que, sorrindo, abanava a cabeça. — Dispam-se! — ordenou aos guardas; dirigindo-se a K. acrescentou: — não debes acreditar em tudo o que eles dizem; o medo da pancada fê-los ficar um pouco

imbecis. O que este, por exemplo — apontou para Willem contou acerca da sua possível carreira é absolutamente ridículo. Repara como ele é gordo. Verás como as primeiras vergastadas se perderão por completo na gordura. Sabes como é que ele arranjou aquelas banhas? A comer os pequenos-almoços dos detidos; é o seu costume. Não comeu também o teu pequeno-almoço? Comeu, tenho a certeza. Um homem com uma barriga daquelas nunca poderá vir a ser verdugo. É completamente impossível.

— Também há verdugos assim — afirmou Willem, que nesse momento estava a desapertar o cinto.

— Não — disse o verdugo, passando-lhe com a vergasta pelo pescoço de tal maneira que Willem se encolheu todo —, não tens nada que estar a ouvir as nossas conversas; despe-te.

— Se os deixasses ir embora, dava-te uma boa recompensa — disse K.,

tirando a carteira sem olhar para o verdugo, pois tais assuntos, no interesse de ambas as partes, resolvem-se melhor quando se conservam os olhos baixos.

— Tu queres é denunciar-me e arranjar-me uma boa sova. replicou o verdugo — Não, não.

— Tem juízo. — disse K. — Se eu tivesse querido que estes dois fossem castigados não queria agora dar dinheiro para os livrar. Poderia simplesmente fechar a porta, não ver nem ouvir mais nada e pôr-me a caminho de casa. Mas não faço isso, pelo contrário, tenho até muito empenho em os libertar; se eu tivesse suspeitado de que têm de ser castigados ou que podem ser castigados, nunca teria mencionado o nome deles. Na verdade, não os considero culpados: culpada é a organização, culpados são os altos funcionários.

— É assim mesmo — exclamaram os guardas, levando imediatamente uma vergastada nas costas já a descoberto.

— Se debaixo da tua vergasta se encontrasse um categorizado juiz — disse

K. baixando a vergasta que o outro quis logo erguer —, não só não te impediria de bater mas ainda te daria dinheiro a fim de arranjares força para melhor desempenhares a tua missão.

— O que estás a dizer parece-me digno de crédito — disse o verdugo. —

Mas não me deixo subornar. Empregaram-me para bater e portanto bato.

O guarda Franz, que até aí se conservara bastante retraído, talvez na esperança de que a intervenção de K. tivesse êxito,

aproximou-se da porta, envergando apenas as calças. Depois, ajoelhando-se, agarrou-se ao braço de K. e sussurrou:

— Se não conseguires perdão para os dois, tenta, pelo menos, livrar-me a mim. Willem é mais velho do que eu e menos sensível sob todos os aspectos. De resto, também já uma vez, há alguns anos, foi castigado com uma ligeira correcção corporal. Eu, porém, ainda não fui desonrado e, se procedi assim, devo-o, apenas a Willem, que é meu professor no bem e no mal. Lá em baixo, em frente do banco, a minha pobre noiva aguarda o resultado. Sinto-me tão envergonhado.

Enxugou no casaco de K. o rosto todo coberto de lágrimas.

— Não espero mais — disse o verdugo, pegando com as duas mãos na vergasta e batendo em Franz, enquanto Willem, num canto, se agachava e olhava a medo sem se atrever a voltar a cabeça. Então os gritos de Franz, tão iguais e contínuos que dir-se-ia não provirem dum ser humano mas sim dum instrumento a ser torturado, cresceram e ressoaram por todo o corredor; todo o prédio devia ouvi-los.

— Não grites — exclamou K. Não se pôde conter e, enquanto olhava, com os nervos crispados, na direcção donde deviam vir os contínuos, empurrou Franz, não com muita força mas com força suficiente para que aquele, já desfalecido, caísse e, em espasmos, tacteasse o solo com as mãos. Porém, nem aqui ele se conseguiu

livrar da pancada, pois a vergasta, oscilando ritmicamente na ponta, fazia-o rebolar-se sobre si mesmo. Em breve apareceu ao longe um contínuo e,

alguns passos atrás, um outro. K. tinha atirado rapidamente com a porta, dirigira-se para uma das janelas do pátio e abriu-a. Os berros haviam cessado completamente. Para evitar que os contínuos se aproximassem, K. gritou:

— Sou eu!

— Boa noite, senhor gerente — replicaram. — Aconteceu alguma coisa? Não, não — respondeu K. —, é apenas um cão que se pôs a ganir no pátio. Como os contínuos não se mexessem, acrescentou:

— Podem continuar o vosso trabalho. E, para não ter de entabular conversa com eles, debruçou-se na janela. Quando, passado um momento, olhou de novo para o corredor, já os contínuos tinham desaparecido. K., porém, permaneceu à janela sem se atrever a voltar para a arrecadação e sem vontade de ir para casa. O pátio que via lá em baixo era pequeno e rectangular. A toda a volta estavam instalados escritórios cujas janelas, à excepção das de cima iluminadas pelo luar, se encontravam às escuras. K. procurou lobrigar, através da escuridão, um canto do pátio onde alguns carrinhos de mão estavam amontoados. Atormentava-o não ter conseguido impedir o espancamento mas não tinha culpa do seu

insucesso; se Franz não tivesse gritado — é certo que as pancadas deviam ter sido muito dolorosas, mas nas alturas decisivas uma pessoa tem de dominar-se — se ele não tivesse gritado, K. teria muito provavelmente achado um meio de persuadir o verdugo. Se todos os funcionários de menor categoria não passavam duma corja, por que razão deveria precisamente o verdugo, que tinha a seu cargo a função mais desumana, constituir uma exceção. K. tinha também notado distintamente como os olhos dele haviam brilhado ao verem as notas. Por conseguinte, era evidente que o verdugo levava a sério a sua missão unicamente para elevar um pouco mais o preço do suborno; e K. não teria poupado nada, pois estava realmente interessado em livrar os guardas. Se, na verdade, já começara a combater a corrupção desta justiça, era natural que também atacasse deste lado. Porém, no momento em que Franz havia começado a gritar, todos os seus planos se tinham, naturalmente, desmoronado. K. não podia suportar que os contínuos, e talvez outras pessoas, viessem surpreendê-lo em negociações com aquela gente. Ninguém podia, realmente, exigir dele tal sacrifício. Se tivesse resolvido fazê-lo, quase lhe teria sido mais fácil despir-se e oferecer-se ao verdugo para ser espancado em vez dos guardas. Aliás, o verdugo não teria certamente aceitado essa substituição, visto que assim não só não alcançaria vantagem alguma como também teria faltado gravemente ao seu dever e, provavelmente, duma dupla

maneira, pois K., enquanto o processo estivesse em curso, encontrava-se possivelmente ao abrigo de todos os funcionários da justiça. A não ser que fossem válidas outras condições. De qualquer modo, K. não tinha podido fazer outra coisa senão fechar a porta, embora isso não removesse completamente os perigos que o ameaçavam. O empurrão que no fim dera a Franz aborrecia-o profundamente, e só a excitação lhe podia servir de desculpa.

Ouviu ao longe os passos dos contínuos. Para não lhes causar estranheza por ainda ali se encontrar, fechou a janela e dirigiu-se para a escada principal.

junto da porta da arrecadação parou por um instante e pôs-se à escuta. Reinava um silêncio absoluto. O homem podia ter morto os guardas à pancada; estes estavam completamente à sua mercê. K. já tinha estendido a mão para o fecho da porta mas retirou-a de novo. já não tinha possibilidades de ajudar ninguém e os contínuos podiam chegar dum momento para o outro. No entanto, prometeu a si próprio trazer a coisa ainda à discussão e, na medida das suas forças, castigar os verdadeiros culpados, os altos funcionários, dos quais nem um tinha ousado aparecer. Quando desceu a escadaria do banco observou cuidadosamente todos os

transeuntes, mas não viu, nem sequer ao longe, qualquer rapariga que tivesse estado à espera de alguém. As palavras de Franz, segundo as quais a noiva estava à espera dele, não passavam duma mentira, embora desculpável, cujo único objectivo fora despertar uma maior compaixão.

No dia seguinte de manhã, K. ainda tinha os guardas na ideia; incapaz de se

concentrar no trabalho, teve, para o levar a cabo, de ficar no escritório até um pouco mais tarde do que no dia anterior. Quando, ao dirigir-se a casa, passou de novo em frente da arrecadação, abriu-a como se isso fosse hábito seu. Perante aquilo que, em vez da esperada escuridão, lhe foi dado ver, K. não se pôde dominar. Nada do que na véspera se lhe deparara ao abrir a porta havia sofrido alteração. Os impressos, os tinteiros logo atrás da soleira, o verdugo com a vergasta, os guardas ainda inteiramente despídos, a vela sobre a prateleira. E os guardas começaram a lamentar-se e gritaram:

— Senhor! K. atirou imediatamente com a porta e bateu-lhe ainda com os punhos, como se desse modo ela ficasse mais bem fechada. Quase a chorar, correu ao encontro dos contínuos, que estavam tranquilamente a trabalhar ao duplicador e que, atónitos, suspenderam o serviço.

— Arrumem dum a vez aquela arrecadação! — gritou. —
Estamos

mergulhados em imundície. — Os contínuos estavam dispostos a cumprir essa ordem no dia seguinte. K., não os podendo obrigar a trabalhar mais nessa noite, como tencionara, pois já era demasiado tarde, concordou com um aceno de cabeça. Sentou-se um pouco, para ficar ainda por instantes ao pé deles, e misturou algumas cópias, julgando assim dar a impressão de que as examinava. Depois, ao compreender que os contínuos não se atreveriam a sair com ele, afastou-se, cansado e apático, e dirigiu-se a casa.

CAPÍTULO VI

O TIO — LENI

Uma tarde, precisamente numa altura em que K. estava extremamente ocupado, pois pouco faltava para fechar o correio, entrou pelo escritório dentro, ladeado por dois contínuos que traziam documentos, o tio de K., um pequeno proprietário rural. K. ficou menos assustado com a presença do tio do que ficara, tempos atrás, com a ideia da vinda deste. O tio tinha de vir; já há cerca de um mês que K. estava convencido disso. Já então lhe tinha parecido vê-lo, um pouco curvado, o panamá amarfanhado na mão esquerda, avançar, levando tudo à sua frente, na direcção da secretária, ao mesmo tempo que, ainda longe, lhe estendia a mão direita. O tio estava sempre com pressa, pois nunca o largava a infeliz ideia de que podia fazer tudo quanto planeava durante o tempo — nunca superior a um dia — em que se encontrava na capital. E, além disso, achava que não devia deixar escapar qualquer conversa, negócio ou prazer que, por acaso, surgisse. K., de quem ele outrora fora tutor, via-se, por isso, especialmente obrigado a ser-lhe prestável, sempre que possível, e também a deixá-lo pernoitar consigo. “O fantasma do campo” — costumava ele chamar-lhe.

Logo a seguir aos cumprimentos — não tivera tempo para se sentar na poltrona que K. lhe oferecera — pediu ao sobrinho que conversasse por instantes a sós com ele.

— É necessário — disse, engolindo com dificuldade —, é necessário para o

meu sossego.

— Que ouvi eu, Josef? — exclamou o tio assim que ficaram sozinhos, sentando-se na secretária e amontoando à toa, debaixo dele, vários papéis para ficar melhor instalado.

K. ficou calado. Sabia o que vinha a seguir mas, subitamente aliviado do seu fatigante trabalho, entregou-se, por momentos, a uma agradável moleza e pôs-se a olhar pela janela para a rua em frente, da qual apenas via um pequeno trecho triangular, um pedaço de parede lisa entre duas montras.

— Tu olhas-me para a rua! — exclamou o tio com os braços erguidos. — Pelo amor de Deus, Josef, responde-me! É verdade o que dizem, pode realmente ser verdade?

— Querido tio, não faço ideia do que desejas de mim — respondeu K.,

arrancando-se à sua distração.

— Josef — prosseguiu o tio num tom de aviso —, que eu saiba, sempre me disseste a verdade. Devo tomar as palavras que acabas de me dizer como um sinal de qualquer coisa ruim?

— Já estou a ver aonde queres chegar — disse K. submisso provavelmente ouviste falar do meu processo.

— Tal qual — respondeu o tio, inclinando lentamente a cabeça —, ouvi falar do teu processo.

— A quem? — perguntou K.

— A Erna; escreveu-me — respondeu o tio. — É verdade que não tem contactos contigo, pois tu, infelizmente, pouco queres saber dela, mas no entanto foi por ela que soube. Recebi hoje uma carta e, claro está, vim logo aqui. Foi só esse o motivo, mas parece-me suficiente. Posso ler-te a passagem que te diz respeito.

Tirou a carta da algibeira.

— Aqui está. Olha o que ela diz: “Há muito tempo que não veio o K.; estive na semana passada no banco mas ele estava tão atarefado que não fui atendida; esperei quase uma hora mas tive de ir para casa porque tinha uma lição de plano. Teria gostado de falar com ele, mas talvez surja em breve outra oportunidade. No dia dos meus anos teve a amabilidade de me mandar uma grande caixa de chocolates. Tinha-me esquecido então de lhe dizer

isso, e só agora que mo pergunta é que me lembro. Como deve saber, o chocolate cá na pensão desaparece logo; mal suspeitam que ofereceram chocolate a uma pessoa, some-se imediatamente. Mas a respeito de K. ainda lhe queria dizer outra coisa. Como já disse, no banco não me deixaram ir ter com ele porque nessa altura estava a tratar duns assuntos com um senhor. Depois de ter aguardado calmamente uma porção de tempo, perguntei a um contínuo se a reunião ainda demoraria muito. Respondeu-me que era bem possível, pois tratava-se provavelmente do processo instaurado contra o senhor gerente. Perguntei-lhe que espécie de processo era, se não estaria enganado, mas ele disse-me que não estava enganado, que era um processo e dos graves, mas que não sabia mais nada. Ele próprio gostaria de ajudar o senhor gerente que era um homem justo e de bom coração, mas não sabia o que devia fazer, e o seu desejo era que houvesse gente influente que se interessasse pelo assunto. Estava convencido de que isso acabaria por vir a dar-se e que tudo terminaria em bem, mas por enquanto, segundo concluía do rosto do senhor gerente, a coisa não tinha bom aspecto. Naturalmente, não liguei grande importância a esta conversa e procurei sossegar o ingénuo contínuo; proibi-lhe também que falasse aos outros deste assunto. Na minha opinião, isto não passa de falatório. Apesar disso, seria talvez bom que tu, querido paizinho, na tua próxima visita te quisesses ocupar deste assunto. Ser-te-á fácil saber as coisas com mais pormenores e,

se realmente for necessário, intervir com a ajuda das tuas importantes e influentes relações. Mas se não for preciso, o que é o mais provável, isso dará pelo menos à tua filha a oportunidade de te abraçar, o que lhe causará o maior prazer.”

É uma boa filha — disse o tio quando acabou a leitura; depois, limpou algumas lágrimas dos olhos.

K. meneou a cabeça em sinal de concordância. Devido às perturbações ocorridas nos últimos tempos, tinha-se esquecido completamente de Erna e até lhe passara o dia dos seus anos. A história do chocolate fora manifestamente

inventada apenas para o pôr a coberto das censuras do tio e da tia. Era uma atitude tocante mas que ele, sem dúvida, não recompensaria suficientemente enviando a partir de agora e com regularidade bilhetes para o teatro. Mas para visitas à pensão e conversas com uma colegialzinha de dezoito anos não sentia disposição.

— Que me dizes agora? — perguntou o tio, a quem a carta fizera esquecer a

pressa e a excitação, e que parecia estar de novo a lê-Ia.

— Bem, é verdade, tio — respondeu K.

— Verdade. O que é que é verdade? Como é que isso pode ser verdade? Que espécie de processo vem a ser esse? Não me digas que é um processo penal?

— E. E tu estás aqui calmamente sentado, com um processo penal às costas? — exclamou o tio numa voz cada vez mais alta.

— Quanto mais calmo estiver, melhor — respondeu K. fatigado —, não tenhas receio.

— Isso não me pode sossegar! — declarou o tio. — Josef, querido Josef, pensa em ti, na tua família, no nosso bom nome. Até aqui foste o nosso orgulho, não deves passar a ser a nossa vergonha. A tua atitude — olhou para K. de soslaio não me agrada. Não é assim que se comporta um acusado inocente que ainda sente força. Diz-me depressa de que se trata para que eu te possa ajudar. Trata-se naturalmente de coisas do banco?

— Não — respondeu K., levantando-se —, mas tu, querido tio, falas demasiado alto; o contínuo está provavelmente à escuta atrás da porta, e isso não me agrada. É melhor irmo-nos embora. Depois responderei a todas as tuas perguntas. Sei muito bem que tenho de prestar contas à família.

— Muito bem! — bradou o tio. — Muitíssimo bem. Agora avia-te, Josef,
avia-te!

— Ainda tenho de dar umas ordens — disse K. Chamou pelo telefone o seu substituto, que se apresentou passados alguns instantes.

O tio, excitado como estava, indicou ao homem, com a mão, que K. o havia mandado chamar, embora a esse respeito não pudesse haver a mínima dúvida. K., de pé, em frente da secretária, apontando para diversos documentos, explicou em voz baixa ao jovem, que o escutava fria mas atenciosamente, o que durante a sua ausência ainda tinha de ser feito. O aspecto do tio, especado, os olhos arregalados, mordendo nervosamente os lábios, embora não ouvisse nada do que se estava a passar, era suficiente para transtornar o ambiente. Depois pôs-se a andar dum lado para o outro, parando aqui em frente da janela, ali diante dum quadro, e proferindo, cada vez que parava, diferentes exclamações, como, por exemplo: “Não consigo de modo nenhum compreender” ou “Digam-me só o que vai sair daqui.” O jovem fingiu não reparar em nada, escutou calmamente até ao fim as ordens de K., tomou nota de algumas e saiu depois de cumprimentar com uma pequena vénia não só K. mas também o tio; este, porém, nem sequer reparou nele, pois voltara as costas precisamente nesse momento a fim de olhar para a rua, ao mesmo tempo que, com as mãos estendidas, amarfanhava as cortinas. A

porta ainda mal estava fechada e já o tio gritava:

— Até que enfim que aquele Roberto saiu; agora sempre nos podemos ir embora. já não era sem tempo!

Infelizmente, não houve meio de demover o tio de prosseguir com as perguntas acerca do processo enquanto passavam pelo vestibulo, onde se encontravam vários funcionários e contínuos, e por onde o próprio director- interino passava nesse instante.

— Ora bem, Josef — principiou o tio enquanto respondia com uma leve

saudação às vênias dos circunstantes —, diz-me lá abertamente que espécie de processo vem a ser esse.

K. fez algumas observações insignificantes, riu-se também um pouco, e só na escada explicou ao tio que não queria falar abertamente com pessoas ao pé.

— Está bem — disse o tio —, mas fala agora. Puxando rápidas e apressadas fumaças, o tio de K. escutou-o de cabeça inclinada.

— Antes de mais não se trata dum processo que seja levado perante a justiça vulgar.

— Isso é mau.

— Como? — perguntou K., fitando o tio.

— É mau — disse o tio de novo. Estavam na escadaria que dava para a rua; como o porteiro parecia escutá-los, K. puxou o tio

para baixo. O intenso trânsito da rua em breve os circundou. O tio, que se havia agarrado ao braço de K., já não lhe fazia tão insistentemente perguntas acerca do processo; durante um bocado caminharam mesmo em silêncio.

— Mas como é que isso aconteceu? — perguntou por fim o tio, parando tão repentinamente que as pessoas que vinham atrás dele se afastaram assustadas. — Essas coisas não surgem assim de repente, levam o seu tempo a engendrar-se. Deve ter havido indícios. Por que é que não me escreveste? Sabes que faço tudo por ti; em certa medida sou ainda teu tutor e até hoje tenho tido muito orgulho nisso. É claro que ainda te ajudarei; simplesmente, agora que o processo já está a correr, a coisa é muito difícil. De qualquer modo, seria melhor que fosses passar umas pequenas férias lá para casa. Estou agora a reparar que emagreceste um bocado. No campo ganharás forças, o que será bom, pois certamente tens à tua frente muitas canseiras. Além disso, de certo modo, esquivar-te-ás à justiça. Aqui têm eles todos os recursos necessários que, consoante as necessidades, utilizarão automaticamente contra ti. No campo, porém, seriam obrigados a mandar primeiramente delegados, ou só através do correio, do telégrafo e do telefone poderiam procurar exercer pressão sobre ti. Isso, claro, atenua naturalmente o efeito, e, embora não te liberte, sempre te deixa respirar.

Eles podiam proibir-me de sair de cá — disse K. um pouco influenciado pelas palavras do tio.

— Acho que não o farão — replicou o tio pensativamente o poder deles não sofrerá diminuição sensível por causa da tua partida.

— Pensei — disse K., segurando o tio por baixo do braço a fim de o

impedir de parar — que ainda ligarias menos importância ao caso do que eu, e és tu quem o toma tão a sério.

— Josef — exclamou o tio, procurando sacudir a mão que o prendia para conseguir parar; K., porém, não o largou —, tu estás mudado. Tiveste sempre um discernimento tão apurado e é precisamente agora que ele te abandona? Queres perder o processo? Sabes o que isso significa? Só isto: ficas completamente banido, e toda a família será arrastada na tua queda ou pelo menos ficará profundamente humilhada. Josef, tu reage-me. A tua indiferença faz-me perder a cabeça. Quando uma pessoa te vê, tem quase de acreditar no ditado: “Ter um tal processo e já tê-lo perdido.

— Querido tio — disse K. — aflições não remedeiam nada. É inútil que tu

te aflijas, assim como o seria se eu me afligisse. Não é com aflições que se ganham processos; permite que eu me valha da minha experiência prática. Eu tenho, também, muito apreço pela tua, ainda quando ela me surpreende. Como dizes que a família também sofrerá por causa do processo, coisa que não posso de maneira nenhuma conceber; mas isso é de somenos... seguirei de boa vontade as tuas instruções. Há apenas uma coisa que, no sentido em que tu a tomas, não considero proveitosa: a estada no campo. Isso seria tomado como uma fuga e indicaria que eu tinha consciência da minha culpa. É verdade que eu aqui estou mais ao alcance deles, mas por outro lado posso tratar melhor do meu caso.

— Ótimo — disse o tio num tom que parecia indicar que os pontos de

vista de ambos finalmente se aproximavam. — Fiz apenas esta proposta porque, ficando tu aqui, via a coisa muito tremida devido à tua indiferença e julguei que seria melhor trabalhar eu por tua conta. Mas se tu próprio, com todas as tuas forças, te quiseses ocupar do caso, isso é de longe muito melhor.

— Assim estamos de acordo — disse K. — Que propões que eu deva fazer em primeiro lugar?

— Tenho ainda de pensar no assunto — respondeu o tio. Tens de ver que eu vivo no campo há já quase vinte anos a fio e que o

nosso faro para estas coisas se vai perdendo. As diversas relações que eu mantinha com personalidades de relevo e que, se eu aqui estivesse, possivelmente se reforçariam, afrouxaram naturalmente. Bem sabes que eu no campo estou um pouco abandonado. Só nestas ocasiões é que se dá realmente por isso. Em parte, o teu caso foi para mim uma surpresa, embora eu tivesse suspeitado, duma maneira estranha é certo, depois de ler a carta da Erna, que se passava qualquer coisa deste género, e hoje, ao ver-te, quase obtive a certeza. Mas isso não importa; o importante é não perder tempo.

Já enquanto falara, pondo-se em bicos de pés, acenara a um carro e agora arrastava K. atrás de si para dentro da viatura e gritava para o motorista uma morada.

— Vamos agora a casa dum advogado, o doutor Huld disse. — Fomos condiscípulos. Conheces com certeza este nome? Não? Mas isso é espantoso. Alcançou fama como defensor e advogado dos pobres. No entanto, é no homem,

mais do que no advogado, que eu deposito a maior das confianças.

— Concordo com tudo o que fizeres — disse K., embora a maneira apressada e insistente com que o tio tratava o assunto

lhe causasse mal-estar. Ir, como acusado, falar com um advogado de pobres, não era muito agradável.

— Não sabia que também em casos destes se podia recorrer a um advogado.

— Pois com certeza — replicou o tio —, é absolutamente evidente. Por que não se havia de poder recorrer? Bom, conta-me agora tudo o que aconteceu, a fim de eu ficar a fazer uma ideia precisa do caso.

K. começou imediatamente, sem ocultar fosse o que fosse, a contar o que lhe acontecera. A sua absoluta franqueza era o único protesto que se podia permitir para rebater a opinião do tio, segundo a qual o processo era uma enorme vergonha. Citou apenas uma vez e rapidamente o nome da menina Bürstner, mas isso não afectava em nada a sinceridade da sua narrativa, pois entre a rapariga e o processo não havia qual— quer relação. À medida que falava, olhava pela janela e reparou, então, que se aproximavam precisamente dos arredores em que se localizavam as repartições da justiça. Chamou a atenção do tio para esse facto, mas aquele não viu nada de extraordinário na coincidência. O carro parou em frente duma casa sombria. O tio bateu imediatamente à primeira porta do rés-do-chão; enquanto esperavam, disse em voz baixa, mostrando os grandes dentes:

— Oito horas; é uma altura pouco própria para receber clientes, mas o Huld não me levará a mal.

No postigo surgiram dois grandes olhos negros que fitaram por momentos os visitantes, desaparecendo depois; a porta, porém, não se abriu. O tio e K. afirmaram um ao outro terem visto os dois olhos.

— Alguma nova criada de fora com medo de estranhos disse o tio batendo mais uma vez.

De novo surgiram os olhos. Quase se podia dizer que estavam tristes; no entanto, talvez isso não passasse duma ilusão causada pela chama do gás que, perto das cabeças, ardia com um silvo ruidoso, embora pouco iluminasse.

— Abra — exclamou o tio, batendo com os punhos na porta são uns amigos do senhor doutor!

— O senhor doutor está doente — murmurou uma voz por detrás deles.

Esta informação foi dada num tom extremamente baixo por um homem em roupão que surgira a uma porta no outro extremo do corredor. O tio, já furioso em virtude da longa espera, voltou-se rapidamente e exclamou:

— Doente? O senhor diz que ele está doente? Foi direito ao homem,

ameaçador, como se aquele fosse a encarnação da doença.

— Já abriram — disse o homem, apontando para a porta do advogado;

depois aconchegou o roupão e desapareceu.

A porta estava realmente aberta. Uma rapariga — K. reconheceu os olhos negros e um tanto esbugalhados de há pouco de comprido avental branco encontrava-se no vestíbulo com uma vela na mão.

— Para a outra vez abra mais depressa — disse o tio em vez de lhe dar as boas-noites. Ela, por seu lado, fez uma pequena mesura. — Anda, Josef — disse depois para K., que passou muito lentamente em frente da rapariga, quase se lhe encostando.

O senhor doutor está doente — disse a rapariga, visto que o tio, sem se deter, se dirigia a toda a pressa para uma das portas. K. tornou a olhar, admirado, para a rapariga, enquanto esta se voltava a fim de fechar de novo a porta da rua. O seu rosto era abonecado e redondo; não só as faces pálidas e o queixo mas até as fontes e a testa eram redondas.

— Josef! — exclamou de novo o tio; dirigindo-se à rapariga, perguntou:

— É do coração? Creio bem que sim — respondeu a rapariga, precedendo-os com a vela na mão e abrindo a porta.

Num canto do quarto que a luz da vela ainda não conseguia alcançar ergueu-se um rosto, de longas barbas, de alguém deitado numa cama.

— Hem, quem é que aí vem? — perguntou o advogado que, encandeado pela luz da vela, não reconheceu as visitas.

— É o teu velho amigo Alberto — respondeu o tio.

— Ah, o Alberto — disse o advogado, deixando-se cair nas almofadas como se perante aquela visita fosse escusada qualquer dissimulação.

— Isso está assim tão mal? — perguntou o tio, sentando-se na beira da

cama. — Não acredito. E um dos teus ataques de coração que acabará por passar como os anteriores.

— É possível — disse o advogado numa voz sumida —, mas é mais grave do que nunca. Tenho dificuldade em respirar, não durmo nada e perco forças de dia para dia.

— Ora esta — disse o tio, amachucando com a sua grande mão o panamá contra o joelho. — Dás-me notícias muito desagradáveis. És ao menos tratado como deve ser? Isto aqui é tão triste, tão sombrio. já faz bastante tempo desde que eu aqui estive pela

última vez; nessa altura a casa pareceu-me mais alegre. A tua criadita também não me parece muito divertida, ou então finge.

A rapariga estava ainda de vela na mão junto à porta; tanto quanto se podia deduzir do seu olhar vago, era para K. que ela preferia olhar mesmo agora que o tio falava dela. K. encostou-se à poltrona que havia levado para o pé da rapariga.

— Quando se está tão doente como eu — disse o advogado deve ter-se sossego. Para mim isto aqui não está triste; — fez uma pausa e continuou: — e depois, Leni cuida bem de mim; é uma boa rapariga.

Isto, porém, não pôde convencer o tio, que estava visivelmente desconfiado

com a enfermeira; assim, apesar de não ter respondido nada ao doente, seguiu a rapariga com um olhar severo quando esta se aproximou do leito, pousou a vela sobre a mesa-de-cabeceira e, curvada sobre o advogado, lhe sussurrou qualquer coisa ao mesmo tempo que ajeitava as almofadas.

Esquecendo-se da consideração devida ao doente, levantou-se e pôs-se a seguir a rapariga por todo o lado; K. não se teria admirado se o tio a tivesse

agarrado pelas salas e a tivesse afastado da cama. Por seu turno, K. olhava tudo calmamente. Até a doença do advogado não o aborrecia grandemente, pois não poderia ter-se oposto ao zelo que o seu tio desenvolvera no seu caso. Assim, não pôde deixar de ficar satisfeito com o desvio que aquele zelo sofrera, e para o qual em nada contribuía. O tio, provavelmente apenas para melindrar a enfermeira, disse:

— Menina, faça o favor de nos deixar a sós por um momento; tenho de discutir com o meu amigo um caso pessoal.

A enfermeira, que ainda se encontrava profundamente curvada sobre o doente e que, nesse momento, alisava o lençol perto da parede, voltou apenas a cara para o lado e replicou com toda a naturalidade, o que contrastava surpreendentemente com as palavras do tio, ora entrecortadas pela cólera, ora fluentes em extremo:

— Compreende, o senhor doutor está tão doente que não pode discutir caso nenhum.

Ela repetira as palavras do tio provavelmente só por uma questão de comodidade; todavia podiam ser tomadas, mesmo por alguém não interessado no assunto, por uma expressão de troça. O tio, naturalmente, reagiu como se tivesse sido picado.

— Alma danada — exclamou ele numa voz que os primeiros acessos da

irritação tornava relativamente ininteligível. K. assustou-se, embora estivesse à espera de qualquer coisa parecida, e correu para o tio com a intenção categórica de lhe tapar a boca com ambas as mãos. Felizmente o doente ergueu-se por detrás da rapariga e o tio, franzindo a testa como quem engole qualquer coisa abominável, disse, mais calmo:

— Ainda não perdemos o juízo; se o que eu peço não fosse possível, não o pediria. E agora, faça o favor de sair.

A enfermeira ficou direita junto à cama, completamente voltada para o tio e afagando, segundo K. julgou ver, a mão do advogado.

— Podes falar à vontade em frente da Leni — disse o doente num tom que, sem dúvida, traduzia um pedido urgente.

— Não me diz respeito — respondeu o tio —, não se trata dum segredo

meu.

E voltou-se como se pensasse já não se meter em discussões, embora

deixasse ainda um certo tempo para o seu interlocutor reflectir.

— Então diz respeito a quem? — perguntou o advogado numa voz sumida, recostando-se de novo.

— Ao meu sobrinho — disse o tio. — Trouxe-o comigo — e apresentou-o:

— Josef K., gerente.

— Oh — disse o doente muito mais animado e estendendo a mão para K.

—, desculpe, não tinha reparado no senhor. — Sal, Leni — disse depois para a enfermeira, que já não pôs objecção alguma e lhe estendeu a mão como se fossem estar separados durante longo tempo.

Vieste, pois — disse finalmente, dirigindo-se ao tio que, já satisfeito, se aproximara —, não para saberes do meu estado de saúde mas para tratares de negócios.

Parecia que a ideia de que tinham vindo saber do seu estado de saúde havia paralisado o advogado, a tal ponto parecia agora robustecido; apoiava-se continuamente no cotovelo, o que devia exigir um esforço considerável, e puxava sem cessar pelo meio da barba.

— Tens um aspecto muito melhor desde que aquela bruxa se foi embora —

disse o tio. Depois, interrompendo-se, sussurrou:

— Aposto que ela está à escuta. Deu um salto para a porta, abriu-a mas não viu ninguém. Voltou para junto da cama, não desiludido, pois o facto de a rapariga não estar a escuta representava a seus olhos maior malvadez, mas bastante irritado.

— Estás enganado a respeito dela — disse o advogado, limitando a estas

palavras a defesa da rapariga, talvez para indicar que ela já não precisava da sua protecção. Continuou, porém, num tom muito mais familiar:

— A respeito do caso do teu sobrinho, digo-te que me congratularia imenso se as minhas forças pudessem chegar para essa tão difícil tarefa; no entanto, receio bem que não cheguem, mas, de qualquer modo, não deixarei nada por tentar; se o caso for superior às minhas forças, poder-se-á, nessa altura, pedir a colaboração de alguém. Para te ser franco, o caso interessa-me de mais para que eu me resolva a renunciar a ele. Se o meu coração não aguentar, achará pelo menos aqui uma ocasião digna para fraquejar com honra.

K. julgava não compreender riem uma palavra de todo este discurso e olhava para o tio a fim de obter uma explicação; este, porém, sentado, com a vela na mão, em cima da mesa-de-

cabeceira donde já tinha caído um frasco de remédio para cima do tapete, meneava a cabeça aprovadoramente, concordando com tudo quanto o advogado dizia e, de vez em quando, fitava o sobrinho exortando-o a participar da sua concordância. Havia já o tio falado do processo ao advogado? Mas isso era impossível, pois tudo quanto precedera a cena rebatia essa hipótese.

— Não compreendo — disse por conseguinte, K.

— Estarei a fazer confusão com o senhor? — perguntou o advogado tão perplexo e embaraçado como K. — Fui talvez precipitado. De que é que então o senhor me queria falar? Pensei que se tratasse do seu processo.

Com certeza — disse o tio, perguntando depois a K.: Que queres tu então? Pois é; mas donde é que o senhor doutor sabe seja o que for a meu respeito e a respeito do processo?

— Ali, é Isso? — disse o advogado com um sorriso. — É que eu sempre sou advogado. No meio em que vivo fala-se de diversos processos e nós retemos na memória os que despertam mais a nossa atenção e, em especial, o que se refere ao sobrinho dum amigo. Isso não tem nada de extraordinário.

Que queres tu, então? — perguntou de novo o tio. — Estás tão inquieto.

— O senhor doutor dá-se com pessoas ligadas à justiça?
perguntou K.

— Dou — respondeu o advogado.

— Tens perguntas de criança — disse o tio.

— Com quem devia eu dar-me senão com pessoas da minha
profissão? —

acrescentou o advogado.

As palavras do advogado foram ditas duma maneira tão pouco susceptível de réplica que K. não respondeu nada. “Trabalha então na justiça do Palácio da justiça e não na do sótão”, tinha ele querido dizer; porém, não fora capaz de se forçar a isso.

— Tem de tomar em consideração — prosseguiu o advogado como se estivesse a explicar escusadamente qualquer coisa de manifesta evidência —, tem de tomar em consideração que eu, das minhas relações, retiro grandes vantagens para os meus clientes, até mesmo sob certos aspectos a que nem sequer nos devemos referir. Claro está que a minha doença me causa agora um certo transtorno, contudo, recebo visitas de bons amigos do tribunal e fico ao corrente de algumas coisas. Estou talvez mais informado do que muitos que gozam de melhor saúde e passam o dia no tribunal. Por exemplo, tenho neste momento uma agradável visita.

E apontou para um recanto sombrio do quarto.

— Onde? — perguntou K. num tom que o primeiro efeito da surpresa quase tornava grosseiro.

Olhou em volta perplexo; a luz da pequena vela ficava muito aquém da parede oposta. E, na realidade, no canto, qualquer coisa começou a mexer-se. À luz da vela, que o tio agora levantara, viu-se um homem duma certa idade sentado a uma pequena mesa. Devia ter suspenso completamente a respiração para ter conseguido passar despercebido durante tanto tempo. Levantou-se com toda a cerimônia, visivelmente aborrecido por terem chamado a atenção para ele. Dava a impressão de querer repelir com as mãos, que agitava como pequenas asas, todos os cumprimentos e apresentações, de não querer, de modo nenhum, incomodar os outros com a sua presença, e de pedir insistentemente que o deixassem regressar ao seu lugar no escuro e se esquecessem da sua pessoa. Isso, porém, era coisa que já não lhe podiam conceder

— Na verdade, surpreendeu-nos — disse o advogado para explicação, ao

mesmo tempo que, por meio dum aceno, encorajava o homem a aproximar-se, o que ele fez lentamente, olhando em redor, mas com uma certa dignidade. — O senhor chefe de repartição, ah, perdão, ainda não fiz as apresentações, o meu amigo Alberto K., o

seu sobrinho, Josef K., gerente, o senhor chefe de repartição. O senhor chefe de repartição teve pois a bondade de me visitar. Só o iniciado nestes assuntos, que sabe como o senhor chefe de repartição está assoberbado de trabalho, pode dar o justo valor a esta visita. Mas, apesar de tudo, veio e estávamos tranquilamente a conversar até a minha fraqueza o permitir; na verdade, não tínhamos proibido à Leni que deixasse entrar visitas, pois não as esperávamos, se bem que a nossa intenção fosse ficarmos sós. Nesse momento

vieste tu, Alberto, com os teus murros na porta, e o senhor chefe de repartição levou a cadeira e a mesa para o canto. Todavia, temos agora, possivelmente, isto é, se a vontade para tal subsistir, um assunto de conversa que interessará a todos e, portanto, podemos muito bem reunirmo-nos de novo. Senhor chefe de repartição — prosseguiu com uma vénia e com um sorriso servil, apontando para uma poltrona colocada junto da cama.

Infelizmente apenas me posso demorar uns minutos mais — disse o chefe

de repartição com amabilidade, sentando-se regaladamente na cadeira e olhando para o relógio —, o trabalho chama-me. De qualquer modo, não quero deixar passar a oportunidade de conhecer um amigo de um amigo meu.

Cumprimentou com uma vénia o tio que, embora parecesse ter ficado radiante com o novo conhecimento, não foi capaz, devido ao seu temperamento, de exprimir a natureza dos seus sentimentos e se limitou a acompanhar as palavras do chefe de repartição com um riso embaraçado mas ruidoso. Um espectáculo detestável! K. podia contemplar tudo à vontade, pois ninguém se importava com ele. O chefe de repartição, uma vez que o haviam arrancado à sua quietude, monopolizou a conversa, como de resto parecia ser seu hábito. O advogado, cuja primitiva fraqueza talvez tivesse sido apenas um pretexto para afastar K. e o tio, escutava atentamente, de mão no ouvido, as palavras do chefe de repartição. O tio, que balanceava a vela no joelho — obrigava desse modo o advogado a dirigir-lhe repetidos olhares cheios de inquietação — libertara-se já do seu embaraço e estava agora não só arrebatado pela maneira de falar do chefe de repartição mas também pelos movimentos das mãos, ondulantes e suaves, com que aquele sublinhava as suas palavras. K., que se encostara à cama, fora, talvez mesmo intencionalmente, posto de parte e desempenhava unicamente um papel de ouvinte. De resto, mal sabia qual o assunto da conversa e em breve se pôs a pensar ora na enfermeira, e na atitude mal-educada do tio para com ela, ora no chefe de repartição, perguntando-se se era esta a primeira vez que o via, e se não o teria talvez até visto na reunião quando do seu primeiro interrogatório. Mesmo que, porventura, estivesse enganado, o

chefe de repartição não destoaria em nada dos participantes da reunião que estavam na primeira fila: os velhos de barba rala. Então, do vestíbulo, veio um barulho semelhante ao de porcelana partindo- se e toda a gente se pôs à escuta.

— Vou ver o que se passou — disse K., saindo num passo vagaroso como para dar aos outros a possibilidade de o deterem.

Mal tinha entrado no vestíbulo e procurado orientar-se no escuro, quando sobre a sua mão, com a qual ainda segurava fortemente a porta, veio colocar-se uma outra mão bem mais pequena do que a sua, e que suavemente fechou a porta. Era a enfermeira que ali o tinha aguardado.

— Não se passou nada — sussurrou ela foi apenas um prato que eu atirei contra a parede para o atrair até aqui.

K. respondeu, embaraçado:

— Também estive a pensar em si.

— Tanto melhor — volveu ela —, venha. Deram alguns passos e chegaram a uma porta de vidro fosco que a enfermeira abriu.

— Entre — disse. Era o escritório do advogado; tanto quanto se podia ver à luz da Lua, que iluminava apenas um quadrado do soalho em frente de cada uma das três grandes janelas, a mobília era antiga e pesada.

— Aqui — disse a enfermeira, apontando para uma arca de cor escura com

um espaldar de madeira trabalhada.

K., já sentado, percorreu ainda a sala com o olhar. Tratava-se dum aposento alto e espaçoso, onde a clientela do advogado dos pobres se devia sentir perdida. K. teve a impressão de estar a ver os passos miúdos dos clientes aproximando-se da imponente secretária. Em breve, porém, se esqueceu de tudo isto; agora, apenas tinha olhos para a enfermeira que, sentada ao seu lado, quase o comprimia contra o espaldar.

— Pensei — disse ela — que seria o senhor mesmo a vir ter comigo sem

que eu tivesse precisão de o chamar. É curioso. Primeiro, assim que entrou, não fez outra coisa senão olhar para mim, e depois fez-me esperar. Trate-me por Leni

— acrescentou rapidamente como se nem um minuto desta conversa devesse ser desperdiçado.

— De boa vontade — disse K. —, mas explica-se facilmente o meu procedi-mento, que achou curioso. Em primeiro lugar, eu tinha de ouvir o palavrório dos velhotes e não podia afastar-me sem um motivo; em segundo, não sou atrevido, pelo contrário, sou tímido. Além disso, para falar com franqueza, a Leni também não tinha o aspecto de quem se deixa conquistar com duas cantigas.

— Não é isso — retorquiu Leni, pondo o braço por cima do espaldar e olhando fixamente para K. —, não lhe agradei e provavelmente ainda não lhe agrado.

— Agradar parece-me pouco — disse K. evasivamente.

— Oh — disse ela sorrindo. Esta pequena exclamação, aliada à observação de K., havia dado à rapariga uma certa superioridade.

K. calou-se pois por momentos. Habitado já à escuridão que reinava na sala, pôde distinguir diversos pormenores da mobília. Especialmente atraído por um grande quadro que se encontrava suspenso à direita da porta, inclinou-se para a frente a fim de ver melhor. O quadro representava um homem de toga sentado num elevado trono, cujos dourados, em grande profusão, se destacavam do conjunto. Porém, ao contrário do que seria de esperar, o juiz estava sentado duma maneira desprovida de serena majestade pois, por um lado, comprimia fortemente o braço esquerdo contra o espaldar e o braço da cadeira, e, por outro, tendo o braço direito completamente livre, apenas com a mão se apoiava na cadeira, como se, no instante seguinte, arrastado por um violento ímpeto ou talvez pela cólera, quisesse saltar para dizer qualquer coisa de decisivo ou até mesmo para pronunciar a sentença.

— Possivelmente é o meu juiz — disse K., apontando com um dedo para o retrato.

— Conheço-o — retorquiu Leni, levantando também o olhar para a tela —, vem cá muita vez. Quando este retrato foi feito, ainda ele era novo, mas nem nessa altura poderia ter-se-lhe assemelhado, pois ele é extremamente baixo. Apesar disso, fez-se representar no quadro em proporções enormes, pois é disparatadamente vaidoso, como de resto esta gente toda. Mas eu também sou vaidosa e estou muito aborrecida por não lhe agradar.

K. respondeu unicamente a esta última observação abraçando a rapariga e

puxando-a para ele. Aquela apoiou silenciosamente a cabeça no ombro de K. Mas este completou o gesto que fizera dizendo:

— Que categoria é a dele

E juiz de instrução — respondeu a rapariga, pegando na mão que K. pusera em redor dela e brincando com os dedos.

— Outra vez um simples juiz de instrução — disse K. desiludido —, os altos funcionários escondem-se. Mas ele está sentado num trono.

— É tudo a fingir — comentou Leni com o rosto encostado à mão de K. —, na realidade ele está sentado numa cadeira da cozinha sobre a qual puseram uma velha manta dobrada. Mas tem de estar sempre a pensar no processo? — acrescentou lentamente.

— Não, de modo nenhum — respondeu K. —, na verdade até penso demasiado pouco.

— Não é daí que lhe vem o mal — disse Leni —, o senhor até é demasiado intransigente, segundo ouvi dizer.

— Quem disse tal coisa? — perguntou K., sentindo contra o peito o corpo da rapariga e olhando para os abundantes cabelos negros que aquela usava enrolados em carrapito.

— Falaria de mais se o dissesse — respondeu Leni. — Peço-lhe que não me pergunte nomes e que acabe com o seu erro; deixe de ser tão intransigente, pois contra esta justiça não há defesa possível, é-se obrigado a confessar. Confesse, pois, logo na primeira oportunidade. Só então lhe darão possibilidade de escapar, só então. Contudo, até isso não é possível sem a ajuda de outrem. No entanto, não se preocupe com essa ajuda porque eu própria lha prestarei.

— A Leni percebe muito desta justiça e das intrujices a que é necessário recorrer — disse K., enquanto puxava a rapariga para o colo, pois sentia-se demasiado apertado por ela.

— Assim é que se está bem — disse Leni, ajeitando-se no colo de K. ao

mesmo tempo que alisava a sala e compunha a blusa. Depois, pendurando-se com as duas mãos ao pescoço dele, reclinou-se e fitou-o longamente.

— E se eu não confessar, não poderá ajudar-me? — perguntou para sondar a rapariga. “Faço a corte às mulheres que me ajudam”, pensou quase admirado: “primeiro a menina Bürstner, depois a mulher do oficial de diligências e por fim esta enfermeirazinha que parece precisar de mim duma maneira incompreensível. Está sentada no meu colo como se este fosse para ela o único lugar indicado”!

— Não — disse Leni, abanando lentamente a cabeça —, nesse caso não

posso ajudá-lo. Mas também o senhor não quer o meu auxílio, não faz empenho algum nele; é muito teimoso e não se deixa convencer. Tem alguma amante? — perguntou passado um momento.

— Não — respondeu K.

— Tem sim — volveu ela.

— Realmente tenho — disse K. — Imagine que eu estava a renegá-la e, no entanto, até trago um retrato dela comigo.

Acedendo ao pedido da rapariga, mostrou-lhe uma fotografia de Elsa. Leni, toda aninhada no colo dele, observou cuidadosamente o retrato. Tratava-se dum instantâneo de Elsa tirado a seguir a uma turbilhonante dança do género das que ela gostava de dançar na casa onde trabalhava. A sala, levada pelo rodopio, ainda esvoaçava à volta dela numa sucessão de pregas. De mãos nas ancas, o pescoço muito direito, Elsa olhava para o lado rindo-se, sem que, no entanto, se conseguisse descortinar para quem ela o fazia.

— Está demasiado espartilhada — disse Leni, apontando para o sítio onde, segundo a sua opinião, isso se verificava. Não me agrada; é desajeitada e grosseira. Mas talvez para si ela seja amável e meiga; parece que é isso que se pode tirar do retrato. As raparigas assim grandes e fortes são, muitas vezes, todas meiguice e amabilidades. Ela seria capaz de se sacrificar por si.

— Não — respondeu K. —, ela não é meiga nem amável e tão-pouco seria capaz de se sacrificar por mim. Também, até hoje, não lhe pedi nem uma coisa nem outra, e até nem sequer observei este retrato com tanta atenção como a Leni o faz.

Portanto não lhe liga muito — disse Leni —, portanto ela não é sua amante. É — disse K. — Não volto com a palavra atrás. Bem, pode ser que nesta

altura o seja — disse Leni. — Mas o senhor não sentiria grandemente a sua falta se a perdesse ou se a trocasse por outra, por mim, por exemplo.

— É decerto uma ideia que se pode admitir — disse K. com um sorriso —, mas ela tem sobre si uma grande vantagem: não sabe nada do meu processo e mesmo se soubesse nunca pensaria nisso. Nunca procuraria persuadir-me a tomar uma atitude de transigência.

— Isso não é vantagem nenhuma — replicou Leni. — Se não tem outra não desanimo. Ela tem algum defeito físico?

— Defeito físico? — perguntou K.

— Sim — respondeu Leni —, é que eu tenho um pequenino defeito. Olhe. Esticando a mão direita, abriu os dedos. A ligar o anelar e o médio havia

uma pequena porção de pele que chegava quase até à falange do dedo mais curto.

Como K., devido à escuridão, não visse logo o que ela lhe queria mostrar, a rapariga, pegando-lhe na mão, fê-lo tactear o que lhe indicava.

— Que partida da natureza — disse K., acrescentando, ao ver a mão toda:

— Que linda garra! Com uma espécie de orgulho, Leni olhava para K. que, espantado, não deixava de lhe abrir e fechar os dedos, até que, por fim, beijando-a, lhe soltou a mão.

— Oh! — exclamou a rapariga imediatamente. — Beijou-me! Rápida, os lábios afastados, pôs-se de joelhos no colo de K. Este, quase atónito, olhou para ela. Agora que a tinha tão perto de si, notava que dela se desprendia um cheiro amargo e irritante como o da pimenta. Leni, então, aproximou de si a cabeça de K. e, curvando-se sobre ele, beijou-o e mordeu-o no pescoço e até mesmo nos cabelos.

— Ela foi trocada — exclamava de vez em quando —, vela, agora fez a troca!

Então o joelho escorregou-lhe, e ela, soltando um pequeno grito, quase caiu no tapete; K. agarrou-a para a impedir de cair, mas foi arrastado na queda.

— Agora pertences-me — disse ela.

— Aqui tens a chave da casa, vem quando quiseres — foram as últimas palavras de Leni; depois ainda atirou um beijo vagamente

na direcção de K. que, já de costas, se afastava a caminho da porta. Quando saiu, caía uma chuva miúda. Ia a encaminhar-se para o meio da rua, para daí tentar ainda ver Leni à janela, quando dum automóvel, no qual, distraído como estava, não havia reparado, o tio se precipitou e agarrando-o pelos braços o atirou contra a porta da casa como se quisesse pregá-lo contra ela.

— Rapaz! — exclamou. — Como pudeste tu fazer isto? Prejudicaste terrivelmente o teu assunto que tão bem encaminhado ia. Vais-te esconder com aquele estupor que, ainda por cima, é, sem dúvida, amante do advogado e demoras-te horas esquecidas. Nem sequer tratas de arranjar um pretexto; nem disfarças nada; é tudo às claras: vais ter com ela e com ela ficas. E, enquanto isso, nós três reunidos: o tio, que tanto se esforça por ti, o advogado, que é preciso ganhar para o teu caso, e, acima de tudo, aquele homem tão influente, o chefe de repartição, que é a pessoa que, precisamente na fase em que o teu assunto se encontra, põe e dispõe. Queremos decidir da maneira de te ajudar; para isso tenho de proceder cautelosamente com o advogado, e este tem de proceder do mesmo modo em relação ao chefe de repartição. Por conseguinte, não te faltariam motivos para, pelo menos, me apoiares. Em vez disso, porém, deixas-te ficar lá fora. Por fim, já não há meio de fingir que não se percebe, mas como se trata de pessoas de espírito vivo e educadas, não se referem ao

assunto para me poupar. Mas depois, como já não conseguem dominar-se mais e não podem falar da coisa, acabam por calar-se. Durante uma série de minutos ficámos sentados em silêncio sempre à espera que tu viesses. Tudo em vão. Por fim, o chefe de repartição, que já se demorara muito mais tempo do que tencionava, levanta-se, despede-se, lamenta-me visivelmente, mas sem poder ajudar-me, espera, inconcebivelmente amável, uns instantes à porta e depois sai. É claro que fiquei satisfeito por ele se ter ido embora, o ar já me estava a faltar. A cena ainda perturbou mais o advogado, que está doente; o bom do homem nem sequer podia falar quando me despedi dele. Provavelmente, contribuíste para o completo colapso e para acelerar a morte dum homem do qual não podes prescindir. E a mim, o teu tio, obrigas tu, repara só como estou encharcado, a ficar aqui à espera

debaixo de chuva, cheio de inquietação.

CAPÍTULO VII

ADVOGADO. INDUSTRIAL. PINTOR

Numa manhã de Inverno em que a neve caía envolvida por uma luz baça, K. encontrava-se sentado no seu escritório e, apesar da hora matutina, sentia-se já extremamente fatigado. A fim de se ver livre pelo menos dos funcionários pouco categorizados, ordenara ao contínuo que não deixasse entrar nenhum deles, visto ter entre mãos um trabalho de grande responsabilidade. Porém, em vez de trabalhar, girava na cadeira e mexia vagarosamente nalguns objectos colocados sobre a mesa; depois, sem ter consciência do que fazia, deixou ficar o braço estendido em cima do tampo da mesa, inclinou a cabeça e permaneceu imóvel.

A ideia do processo já não o abandonava. Pensara até muitas vezes se não lhe seria útil redigir uma defesa e apresentá-la no tribunal. Nela queria incluir uma pequena resenha autobiográfica, para explicar o motivo que o obrigara a proceder de certa maneira em todos os acontecimentos mais importantes e a expor as razões segundo as quais esse procedimento, visto à luz das suas opiniões actuais, merecia aplausos ou censura e qual a justificação dessa última atitude. As vantagens que um tal relatório apresentava em relação à simples defesa, exercida de

resto por um advogado pouco digno de confiança, eram indiscutíveis. Com efeito, K. não fazia a mínima ideia de quais fossem as diligências do advogado; muitas não deviam ser elas, pois já passara um mês desde que aquele o convocara pela última vez; de resto, também das outras vezes K. não ficara com a impressão de que o advogado pudesse auxiliá-lo por aí além. Ficara surpreendido com o facto do seu defensor quase não lhe ter feito perguntas; e muita coisa havia para perguntar. Perguntar era o essencial. K. tinha a sensação de ele próprio ser capaz de fazer todas as perguntas necessárias.

O advogado, pelo contrário, em vez de o interrogar, punha-se a contar coisas ou ficava calado em frente dele, inclinava-se um pouco para a frente por sobre a secretária, provavelmente devido à sua dificuldade em ouvir, cofiava uma mecha do meio da barba e olhava para o tapete, talvez para o sítio onde K. estivera deitado com Leni. De quando em vez, o advogado fazia a K. umas advertências ocas de sentido, como as que se fazem às crianças. Por conversas assim tão inúteis quanto maçadoras não tencionava K., quando o advogado lhe apresentasse a conta final, dar nem um chavo. Depois do advogado considerar que K. estava suficientemente humilhado, punha-se geralmente a elevar-lhe um pouco o moral. Segundo então dizia, já tinha ganho assim completamente, ou em parte, muitos processos semelhantes aos de K., processos esses que, embora não fossem talvez tão difíceis

como aquele, tinham aspecto de ser mais desesperados. Tinha na gaveta, segundo dizia, uma relação desses processos — ao pronunciar estas palavras batia em qualquer das gavetas — mas infelizmente não podia

mostrar os autos pois tratava-se de segredos oficiais. Apesar disso, toda a vasta experiência que adquirira em tais processos revertia agora, naturalmente, em favor de K. Começara, claro, a trabalhar sem perda dum minuto e o primeiro requerimento já estava quase pronto. Este requerimento era de extrema importância, pois da primeira impressão causada pela defesa dependia muitas vezes toda a orientação do procedimento judicial. No entanto, queria desde já chamar a atenção de K. para um facto que, infelizmente, se registava algumas vezes — os requerimentos não eram lidos pelo tribunal. Arquivavam-nos simplesmente e estabeleciam que, provisoriamente, ver e ouvir o acusado era mais importante do que todos os papéis escritos. Acrescentavam que, caso o requerente insistisse bastante, se faria, antes da decisão final, e assim que os materiais pertinentes estivessem reunidos, uma revisão de todos os autos e, por consequência, também do primeiro requerimento. Infelizmente, porém, as coisas também não se passavam assim, pois, em geral, extraviavam o primeiro requerimento ou acabavam por perdê-lo, e, mesmo quando o

conservavam até ao fim, mal lhe punham os olhos em cima — soubera-o ele, ainda que unicamente através de boatos. Na sua opinião tudo aquilo era lamentável, embora de tivesse a sua justificação. K. não podia deixar alguma maneira de levar em conta que o processo não era público, se bem que pudesse sê-lo sempre que a justiça o entendesse necessário.

A Lei, no entanto, não prescrevia tal publicidade. Por consequência, ao réu e à defesa ficava vedado o acesso aos documentos do tribunal e acima de tudo ao libelo. Assim, pouco ou nada se sabia de preciso, o que impedia a defesa de dirigir, acertadamente, no primeiro requerimento, as suas objecções e, portanto, aquele documento só por casualidade poderia conter alguma coisa de importante para o caso a que se referia. Só mais tarde se podia apresentar requerimentos verdadeiramente completos e irrefutáveis, caso no decurso do interrogatório do acusado se pudesse concluir nitidamente ou adivinhar os diversos capítulos e os fundamentos em que assentavam. Em tais circunstancias, prosseguiu o advogado, a defesa estava, naturalmente, numa situação muito desfavorável e difícil. Isso, porém, era igualmente intencional. De facto, no fundo, a defesa não era permitida pela Lei mas simplesmente tolerada, e constituía até motivo de polémica saber se do código se podia mesmo extrair a confirmação dessa tolerância. Por conseguinte, em rigor não existia advogado algum reconhecido

pelo tribunal; todos quantos perante ele se apresentavam não passavam, no fundo, duns zângãos. Naturalmente, tal facto desprestigiava imenso a classe, e se K. alguma vez fosse às repartições do tribunal poderia ver, apenas para fazer uma ideia, a sala dos advogados. Provavelmente ficaria assustado com a gente que aí se juntava. Até mesmo na sala baixa e apertada que a justiça punha à disposição dos advogados se podia ver o desprezo que tinha por eles. A luz não entrava senão através duma pequena trapeira colocada a uma altura tal que, quando alguém queria olhar para fora, arriscando-se assim a levar em pleno rosto uma baforada de fumo e fuligem proveniente duma chaminé colocada mesmo em frente, tinha

primeiro de pedir a um colega que o sustentasse nos ombros. No soalho da sala

— para dar mais um exemplo do estado em que as coisas se encontravam — existia, há mais de um ano, um buraco por onde, é certo, um homem não podia passar, mas através do qual se metia bem uma perna. A sala dos advogados ficava no segundo só tão; assim, se alguém enfiasse a perna pelo buraco, aquela ficaria pendurada no tecto do primeiro sótão e no do corredor onde os acusados esperavam. Não era exagero, pois, que os advogados rotulassem tal situação de vergonhosa. As reclamações apresentadas à administração não davam o menor

resultado; por outro lado, proibiam aos advogados que modificassem na sala fosse o que fosse à sua custa. Mas a justiça também tinha as suas razões para os tratar deste modo. Queria-se, na medida do possível, eliminar a defesa; os acusados é que deviam ser encarregados de tudo. No fundo, esse ponto de vista não era mau, mas nada seria mais errado do que concluir daí que, nesta justiça, os advogados não tinham qualquer utilidade para os acusados. Pelo contrário, em nenhuma outra justiça era tão necessária a sua presença. Na verdade, o procedimento judicial desenrolava-se não só às ocultas do público mas também do acusado. Naturalmente, as coisas passavam-se desse modo quando era possível, mas isto tinha sempre uma latitude enorme. Também não facultavam os autos ao acusado e, por conseguinte, era difícil, sobretudo para este, devido à inibição que a sua situação lhe causava e a todas as possíveis preocupações que o apoquentavam, concluir fosse o que fosse dos interrogatórios a que os autos serviam de base. Só nessa altura intervinha a defesa. Em geral, os advogados de defesa não podiam estar presentes nos interrogatórios; por isso, acabados estes, tinham de ir interrogar o réu se possível ainda à porta da sala onde se realizara o interrogatório, a fim de obter das palavras tantas vezes baralhadas do interrogado qualquer coisa de prestável para a elaboração da defesa. No entanto, não era isso o que mais importava, porque daquela maneira não se podia ficar a saber grande coisa, embora, naturalmente, também aqui,

como em toda a parte, um homem competente conseguisse melhores resultados do que qualquer outro. O mais importante eram, pois, as relações pessoais do advogado; nelas é que assentava o valor principal da defesa. K. já concluía por certo da sua experiência pessoal que a infra-estrutura da justiça não era muito perfeita e que nela existiam empregados corruptos e descuidados dos seus deveres que constituíam outras tantas brechas no rigoroso círculo fechado da justiça. Por elas é que os advogados se intrometiam, pois ali faziam-se os subornos e as sondagens e até se haviam dado, pelo menos antigamente, casos de furtos de autos. Não se podia negar que dessa maneira se obtinham momentaneamente para o acusado alguns resultados surpreendentemente vantajosos, dos quais os advogados sem categoria se serviam para se pavonear e atrair novos clientes, embora tais resultados fossem quer desprovidos de real significado quer incapazes de contribuir para o bom andamento do processo. O único trunfo eram, pois, as honestas relações pessoais com altos funcionários — entenda-se os altos funcionários das categorias inferiores. Só desse modo se podia influir no processo; era certo que no princípio

essa influência era imperceptível, mas com o tempo tornava-se mais vincada. Ora tal acção só muito poucos advogados a podiam exercer, portanto a escolha de K. revelava-se

particularmente feliz. Talvez apenas um ou dois advogados podiam ufanar-se legitimamente de ter relações semelhantes às suas, prosseguiu o doutor Huld. As pessoas influentes não queriam saber da sociedade que se reunia na sala dos advogados nem tinham nada a ver com ela, mas estavam estreitamente ligadas aos funcionários da justiça. A ele nem sempre lhe era necessário ir ao tribunal, esperar na sala dos juizes de instrução que estes acidentalmente aparecessem para alcançar, consoante a disposição deles, um resultado na maior parte das vezes apenas aparente ou até nem isso. Não, K. vira com os seus próprios olhos que os funcionários, e entre eles os mais categorizados, vinham pessoalmente, cheios de solicitude, dar-lhe informações inteiramente isentas de reservas ou pelo menos de fácil leitura nas entrelinhas; além disso, discutiam também a evolução próxima do processo e até, em muitos casos, deixavam-se convencer e aceitavam sem esforço pontos de vista diferentes dos deles. Contudo, era precisamente nessa sua aceitação que não se devia confiar demasiado, pois, por mais que estivessem decididos a expressar a sua nova opinião, que, para a defesa, seria tão favorável, iam talvez direitos à sua repartição e indicavam para o dia seguinte uma disposição que continha precisamente directrizes opostas ou talvez ainda mais severas para o acusado do que a primitiva opinião, à qual haviam afirmado ter renunciado. Em contrapartida, era, naturalmente, impossível uma pessoa

defender-se, pois aquilo que eles tinham dito a sós ficava precisamente dito a sós, e não permitia ao público arriscar qualquer dedução, mesmo quando a defesa já não tivesse de envidar esforços para manter os favores de tais personalidades. Por outro lado, também era verdade que eles não estabeleciam relações com a defesa — naturalmente só as estabeleciam com uma defesa servida por peritos — por amor ao próximo ou devido aos seus generosos sentimentos, mas antes porque, em certa medida, não podiam prescindir dela. Era precisamente aqui que se fazia sentir o defeito dum organização judiciária que, desde o princípio, decretava ter a justiça de ser secreta. Aos funcionários faltavam as relações com o público e, embora estivessem bem dotados para os processos vulgares de dificuldade média — tais processos quase percorriam sozinhos os seus trâmites, só ocasionalmente precisando dum empurrão —, ficavam muitas vezes perplexos não só perante casos extremamente simples mas também perante casos francamente difíceis. De facto, comprimidos dia e noite na sua lei, acabavam por perder o exacto sentido das relações humanas o que, nos casos referidos, lhes causava pesados transtornos. Vinham então pedir conselhos aos advogados, seguidos por um contínuo que trazia os autos, os quais, de outro modo, teriam permanecido secretos. Teria sido possível encontrar-se muitos homens àquela janela, olhando,

desanimados, para a rua — e, no entanto, nunca passaria pela cabeça de ninguém que eles pudessem apresentar-se naquele estado — enquanto, precisamente nesse momento, o advogado, sentado à secretária, estudava os autos para daí lhes poder

dar um bom conselho. De resto, era justamente naquelas ocasiões que se podia ver como aqueles homens tomavam a sério a sua profissão e quão grande era o seu desespero ao verem que a sua natureza os impedia de vencer certos obstáculos. Aliás, a sua posição também não era fácil, continuou o advogado; devia-se-lhes fazer a justiça de reconhecer esse facto. A hierarquia e o número de cargos da justiça não tinham fim e nem os próprios iniciados podiam ter deles uma visão de conjunto. Como, em regra, aos pequenos funcionários também se ocultavam os procedimentos judiciais a serem apresentados perante o tribunal, não podiam aqueles, igualmente, seguir até ao fim os casos em que trabalhavam; desse modo, os assuntos da justiça apareciam-lhes no seu raio de acção sem que eles soubessem donde vinham, e prosseguiam o seu caminho sem que eles soubessem para onde. Portanto, escapava-lhes a lição que se podia extrair do estudo das diferentes fases do processo, da decisão final e dos seus motivos. Não tinham, pois, o direito de se ocupar senão da parte do processo que a Lei lhes delimitava e ficavam, na maior parte das vezes, a saber menos do que se seguia, dos resultados do seu

próprio trabalho, portanto, do que a defesa, que, em regra, ficava em contacto com o acusado até ao fim do processo. Neste aspecto, podiam, pois, aprender muitas coisas úteis com a defesa.

Admirava-se ainda K., tomando em consideração tudo quanto ouvira, que o nervosismo dos funcionários se manifestasse muitas vezes numa maneira ofensiva para os acusados — cada um tinha experiência disso...? Todos os funcionários eram nervosos mesmo quando pareciam calmos. Naturalmente quem mais sofria com isso eram os pequenos advogados.

Contava-se a propósito uma pequena história que parecia ser muito digna de crédito: um velho funcionário, um homem bom e sossegado, estudara um dia e uma noite, sem descanso — estes funcionários são trabalhadores como ninguém —, uma causa, já de si bem difícil e que os requerimentos dos advogados mais haviam complicado. Pela manhã, depois de vinte e quatro horas de trabalho, provavelmente pouco produtivo, o velho funcionário pôs-se atrás da porta e atirou pela escada abaixo todos os advogados que pretendiam entrar. Estes reuniram-se no patamar da escada para combinar o que deviam fazer. Por um lado, não tinham realmente o direito de entrar; por esse motivo, não podiam, legalmente, empreender fosse o que fosse contra o funcionário e, além disso, tinham, como já se disse, de tomar cautela para não indispor contra eles toda a classe dos funcionários. Por outro lado, como os advogados

consideravam perdido o dia que não passassem no tribunal, tinham bastante interesse em penetrar na sala. Por fim, chegaram à conclusão de que o meio de alcançar o seu objectivo era cansarem o velho funcionário. Uns após outros, sem cessar, os advogados corriam pela escada acima para, depois da maior resistência passiva, deixarem que os atirassem pelos degraus abaixo, sendo em seguida apanhados no patamar pelos colegas que nessa altura aí se encontrassem. Tal cena durou cerca duma hora. Depois, o velho, já esgotado pelo trabalho que tivera durante a noite, ficou verdadeiramente cansado e voltou para o seu escritório. Os que estavam no

fundo da escada, a princípio, não quiseram acreditar e mandaram um deles pôr-se atrás da porta a fim de ver se a sala estava realmente vazia. Só depois entraram e, provavelmente, nem sequer se atreveram a resmungar, pois os advogados — até o mais pequeno dentre eles é capaz de não se dar conta, pelo menos em parte, da situação — nem por sombras pensam em introduzir ou impor qualquer reforma, ao passo que todos os acusados — e isso é bem significativo —, mesmo o mais simplório, começam logo a pensar em reformas mal o processo se inicia e gastam nisso tempo e forças que poderiam, com muito mais proveito, empregar noutra coisa. O único método acertado era, pois, cada um conformar-se com a situação existente. Mesmo se

fosse possível corrigir pormenores — o que não passa duma absurda quimera — só na melhor das hipóteses se teriam obtido uns tantos resultados que, no entanto, só os casos futuros aproveitariam; mas, ao mesmo tempo, ter-se-ia com isso chamado a atenção dos funcionários, sempre vingativos, o que significava enorme prejuízo para quem o tivesse feito. Acima de tudo, nunca chamar a atenção. Ficar muito tranquilo por mais que isso brigue com o espírito duma pessoa. Tentar compreender que aquele enorme organismo

'judiciário permanece, de certo modo, eternamente suspenso e que, caso se exerça, onde ele estiver, qualquer modificação, se tira debaixo dos próprios pés o terreno que se pisa, arriscando uma queda, enquanto o grande organismo, noutra lugar — tudo está em ligação —, gera facilmente uma compensação para o pequeno incómodo e permanece inalterável ou — o que é mesmo muito possível

— se torna mais fechado, mais atento, mais severo, mais malévolo. Por isso, era melhor deixar o advogado encarregar-se do trabalho em vez de o incomodar. As censuras não tinham grande utilidade, especialmente quando não se conseguia que as pessoas compreendessem as suas causas em todo o seu significado, mas era forçoso dizer quanto K., com a maneira como se comportara em relação ao chefe de repartição, havia prejudicado o seu caso. O nome deste homem influente quase

devia ser riscado da lista daqueles a que se poderia recorrer para ajudarem K.; não procurava disfarçar que mal ouvia qualquer referência ao processo, mesmo a mais fugaz. Os funcionários eram em muita coisa como as crianças. Ofendiam-se muitas vezes de tal modo com ninharias inocentes infelizmente o procedimento de K. não podia ser assim classificado — que deixavam de falar com bons amigos, voltavam-lhes as costas quando os encontravam e contrariavam-nos sempre que podiam. Porém, depois, sem que houvesse qualquer mistificação especial, achavam graça a qualquer brincadeirazita que alguém arriscasse quando já tudo parecia perdido e ficavam de novo reconciliados. Lidar com eles era ao mesmo tempo fácil e difícil, pois não havia nenhum principio orientador. Era muitas vezes para admirar que o tempo médio da vida dum homem chegasse para se compreender que se podia trabalhar com algum êxito. Havia, no entanto, horas tristes, como toda a gente as tem, em que se julgava não se ter obtido fosse o que fosse e em que se tinha a impressão de que só os processos destinados desde o princípio a um desfecho feliz o teriam, na verdade, independentemente de qualquer achega, enquanto os outros se tinham

perdido apesar de todas as correrias, de todas as canseiras e de todos os pequenos e aparentes êxitos que tanta alegria

causavam. Parecia então que já não se poderia acreditar fosse no que fosse e que em resposta a de— terminadas perguntas já não se ousaria negar que, de acordo com a sua natureza e precisamente através da colaboração, se haviam lançado por caminhos errados processos que estavam bem encaminhados. Isto revelava, na verdade, uma espécie de autoconfiança, embora fosse a única que subsistia. A tais acessos — não eram, naturalmente, outra coisa senão acessos — estavam sobretudo expostos os advogados, quando lhes tiravam subitamente das mãos algum processo que eles haviam já levado suficientemente longe e os satisfazia inteiramente. Isto era, sem dúvida, a pior coisa que podia acontecer a um advogado. Não era nunca por culpa do acusado que lhes tiravam os processos; o acusado era obrigado a manter até ao fim o advogado que escolhera, acontecesse o que acontecesse. Como podia ele, pois, ele que pedira auxílio, aguentar-se sozinho? Portanto, tal coisa nunca acontecia; o que, porém, algumas vezes acontecia, era o processo tomar uma direcção tal que o advogado deixava de ter o direito de a seguir. Então tiravam-lhe muito simplesmente tudo, processo e acusado; nem as melhores relações com os funcionários podiam ter então algum préstimo, pois até aqueles nada sabiam. O processo acabava, por conseguinte, de entrar numa fase em que já não havia o direito de prestar auxílio, em que era tratado por tribunais inacessíveis e em que também o Advogado deixava de poder encontrar-se com o réu. Então, chegava-se a casa e

encontravam-se, em cima da mesa, todos os inúmeros requerimentos que com tanto trabalho haviam sido feitos e nos quais tantas belas esperanças se depositara, pois eles tinham sido devolvidos por não se poderem coadunar com a nova fase do processo. Eram unicamente pedaços de papel sem valor. Isso não significava que o processo estava perdido, de modo nenhum; pelo menos, não havia nada que autorizasse tal hipótese.

Simplesmente, não se sabia nada do processo nem viria a saber-se. Era certo que tais casos, felizmente, constituíam exceções, e mesmo que o processo de K. pudesse vir a ser um deles, estava, por enquanto, ainda longe da fase referida. Havia, pois, muitas oportunidades para um advogado trabalhar e K. podia estar certo de que ele as aproveitaria. Como já se dissera, o requerimento ainda não tinha sido metido, mas também não havia pressa; muito mais importantes eram as conversas Preliminares com funcionários cuja importância era decisiva, e essas já haviam sido realizadas, com resultados diversos, devia-se francamente confessar. Era muito melhor não dar a conhecer, por enquanto, certos pormenores que não podiam senão influenciar K. desfavoravelmente, quer tornando-o demasiado esperançado quer demasiado angustiado; apenas se dizia que alguns funcionários se tinham pronunciado favoravelmente e se haviam mostrado muito solícitos, enquanto outros se tinham manifestado menos colaboração. Por conseguinte, no seu conjunto, o resultado apresentava-se satisfatório; Simplesmente, não, se devia

tirar conclusões especiais, visto que todos os preliminares começavam de modo semelhante e só a maneira como evoluíam mostrava completamente o seu valor. Fosse como

fosse, não estava nada perdido, e caso se conseguisse, apesar de tudo, o auxílio do chefe de repartição já se haviam feito várias tentativas nesse sentido — então, o caso era, para empregar um termo de cirurgião, uma ferida limpa, e poder-se-ia olhar o futuro com confiança.

O advogado tinha um repertório inesgotável de conversas destas e semelhantes, Repetia-as em todas as visitas. Nunca deixava de se referir a progressos, mas jamais podia informar qual o género deles. Estava-se sempre a trabalhar no primeiro requerimento, mas este nunca mais chegava ao seu termo, o que, em geral, era apresentado como uma grande vantagem da visita seguinte, pois que da última vez, coisa que ninguém poderia prever, não teria sido muito oportuno proceder à sua entrega. Se K., já esgotado pelos discursos, observava que, mesmo tomando em consideração todas as dificuldades, as coisas avançavam muito lentamente, replicava-lhe que de maneira nenhuma se avançava devagar, mas que se estaria muito mais adiantado caso ele se tivesse dirigido a tempo ao advogado. Porém, infelizmente, ele tinha sido descuidado, e essa sua incúria ainda lhe traria outras desvantagens além das simples perdas de tempo.

A única interrupção benéfica que se registava durante as visitas era a

entrada de Leni, que sabia sempre arranjar as coisas por forma a trazer o chá ao advogado quando K. se encontrava presente.

Então, colocando-se por detrás dele, fingia observar a maneira como o advogado se inclinava profundamente sobre a chávena com uma espécie de avidez, deitava o chá e o bebia; ao mesmo tempo, às escondidas, deixava que K. lhe pegasse na mão. Na sala reinava completo silêncio. O advogado bebia. K. apertava a mão de Leni e esta atrevia-se algumas vezes a afagar-lhe suavemente o cabelo.

— Ainda aqui estás? — perguntava o advogado depois de ter bebido o chá.

— Queria levar a louça — respondia Leni. As mãos apertavam-se ainda uma última vez, o advogado limpava a boca e, dirigindo-se a K., começava com novas forças a sua tarefa de persuasão.

Quais eram os objectivos do advogado? O consolo? O desespero? K. não sabia; porém, tinha como certo que a sua defesa não estava em boas mãos. Podia realmente ser verdade o que o advogado dizia, embora fosse evidente que fazia os possíveis por ficar em primeiro plano e que, provavelmente, nunca se ocupara dum processo tão importante como, segundo a sua opinião, era o de K. No entanto, as relações com os funcionários, que

ele incessantemente punha em destaque, não deixavam de ser suspeitas. Seriam elas exclusivamente exploradas em favor de K.? O advogado nunca se esquecera de fazer notar que se tratava unicamente de funcionários subalternos, portanto de funcionários que ocupavam uma posição bastante dependente, susceptível, provavelmente, de ser melhorada de acordo com certa orientação do processo. Utilizariam eles o advogado para conseguir assim essa orientação, que não podia deixar de ser desfavorável ao acusado? Provavelmente procederiam assim em todos os processos; era bem capaz de haver processos em cujo decurso eles concederiam certas vantagens ao

advogado em virtude dos serviços prestados por este, pois deviam ter bastante empenho em lhe conservar imaculada a sua reputação. Se as coisas se passassem realmente assim, de que modo interviriam eles no processo de K., o qual, na opinião do advogado, era muito difícil e, por conseguinte, importante e tanta atenção despertara logo desde o princípio no tribunal? Não podia haver muita dúvida quanto ao procedimento deles. já se podiam ver indícios disso no facto do requerimento nunca mais ser entregue, não obstante o processo já durar há meses, e de tudo, segundo as informações do advogado, se encontrar no princípio; esse método era, naturalmente, muito eficaz para entorpecer o acusado e mantê-lo desprotegido, para depois,

repentinamente, o surpreender com a sentença ou, pelo menos, com a participação de que, para seu desfavor, toda a instrução judiciária passaria para as mãos de autoridades mais categorizadas. Era absolutamente necessário que K. interviesse pessoalmente. Era justamente em períodos de grande cansaço, como nessa manhã de Inverno em que não conseguia deter nada do que continuamente lhe perpassava pela cabeça, que aquela convicção se tornava imperiosa. O desprezo que anteriormente sentira pelo processo tinha desaparecido. Se estivesse só no mundo teria podido facilmente desprezar o processo, embora seguramente, nesse caso, jamais processo algum viesse a verificar-se. Mas agora o tio já o tinha metido com o advogado e além disso havia ainda a família a considerar. A sua posição deixara de estar completamente desligada da evolução incompreensível; havia quem tivesse sabido, dum forma que K. ignorava, que as suas relações com a menina Bürstner pareciam oscilar de acordo com o processo; em resumo, já mal tinha a possibilidade de escolha entre aceitar ou recusar o processo; encontrava-se no meio e tinha de se defender. Se estava cansado, isso era mau.

Contudo, não havia por enquanto motivos para preocupações exageradas. Soubera elevar-se através do seu próprio esforço, e relativamente em pouco tempo, até um importante lugar no banco, e aí se conservava estimado por todos. Portanto, agora

precisava simplesmente de dedicar ao processo um pouco do esforço que lhe possibilitara a ascensão no banco; assim não teria dúvidas que tudo acabaria bem. Antes de mais, se queria alcançar qualquer coisa, era necessário, de antemão, pôr de parte qualquer pensamento referente a uma possível culpa. Culpa era coisa que não existia. O processo não passava dum grande negócio do género dos que ele já muitas vezes realizara com vantagens para o banco, negócio esse que, como todos os outros, apresentava diversos perigos que deviam ser repelidos. Para se alcançar este objectivo, não se devia deixar o espírito devanear atrás de qualquer culpa mas sim pensar continuamente no seu próprio interesse. Vistas as coisas por este prisma, era pois inevitável retirar em breve ao advogado — o melhor seria fazê-lo nessa noite — o direito de o representar. Tal atitude era, segundo as palavras daquele, qualquer coisa de inaudito e provavelmente de muito ofensivo; K., porém, não podia tolerar que no processo se deparassem obstáculos aos seus esforços, causados, talvez, pelo seu próprio advogado. Mas, uma vez livre deste, tornava-se necessário meter

imediatamente o requerimento e, porventura, fazer todos os dias pressão sobre os funcionários para que estes o tomassem em consideração. Para atingir esse objectivo era necessário que K. não se limitasse, como os outros a sentar-se no corredor e a pôr o

chapéu debaixo do banco. Ele próprio ou as mulheres ou ainda quaisquer moços de recados tinham de importunar, todos os dias, sem descanso, os funcionários e obrigá-los a sentarem-se à mesa para estudar o requerimento de K., em vez de estarem a espreitar para o corredor através do gradeamento. Não se devia poupar nenhum destes esforços; tudo devia ser organizado e fiscalizado. Alguma vez devia a justiça encontrar pela frente um acusado capaz de salvaguardar os seus direitos.

Porém, embora se atrevesse a levar a cabo tudo isto, ficava dominado pela dificuldade que a redacção do requerimento representava. Dantes, cerca duma semana atrás, só pensar que alguma vez podia ser obrigado a redigir pessoalmente o requerimento causava-lhe um sentimento de vergonha, mas nunca lhe tinha passado pela cabeça que aquele pudesse ser difícil. Lembrava-se de que, numa manhã em que estava assoberbado de trabalho, havia de repente posto tudo de parte e pegara no bloco para esboçar, a título de experiência, as linhas-mestras dum tal requerimento, a fim de, possivelmente, o pôr à disposição do seu vagaroso advogado, e que precisamente nesse momento a porta do gabinete da direcção se abria para dar passagem ao director-interino, que entrara a rir-se às gargalhadas. Tal cena fora, então, muito desagradável para K., apesar de, naturalmente, o director-interino não se ter rido do requerimento, do qual nada sabia, mas sim duma

anedota passada na Bolsa, que acabava de ouvir e que para ser compreendida necessitava de ser acompanhada por um desenho. Então o director-interino, tirando o lápis da mão de K., dobrara-se sobre a secretária deste e executara o desenho necessário no bloco que havia sido destinado ao requerimento.

Hoje, K. já não queria saber de vergonhas; o requerimento tinha de ser

feito. Se no escritório não dispusesse de tempo, o que era muito provável, tinha de o fazer à noite, em casa. Se as noites não chegassem, nesse caso pediria férias. O que não devia era ficar no meio do caminho; esse era o procedimento mais disparatado não só nos negócios mas em tudo e em toda a parte. Redigir o requerimento representava, sem dúvida, um trabalho quase interminável. Não era preciso ter um carácter ansioso para se chegar facilmente a pensar que era impossível terminar algum dia o requerimento. Não por preguiça ou perfídia, pois isso eram vícios que só no caso do advogado podiam servir de obstáculo à elaboração do requerimento, mas porque, desconhecendo a acusação e as suas possíveis implicações, era obrigado a trazer à lembrança a vida inteira nos seus mais pequenos pormenores, expô-los e examiná-los de todos os ângulos. E, além disso, como era triste um tal trabalho. Era talvez próprio para ajudar um reformado a passar os seus longos dias, ocupando-lhe o espírito que a idade tornara de novo infantil. Mas agora que K. precisava

de concentrar todos os seus pensamentos no trabalho, em que cada hora se esfumava com a maior rapidez —

estava em plena ascensão e tornara-se já uma ameaça para o director-interino — e em que queria, como era legítimo visto ser novo, divertir-se durante as suas curtas tardes e noites, tinha de principiar a redacção do requerimento. De novo o seu pensamento se desfazia em lamentações. Quase sem querer, apenas para pôr fim à sua tortura, tocara com o dedo no botão da campainha eléctrica que dava para a sala de espera. Olhou para o relógio enquanto premia o botão. Eram onze horas. Tinha passado duas horas a sonhar; duas longas e preciosas horas e, naturalmente, estava ainda mais cansado que antes disso. Todavia, o tempo não fora passado em vão; tinha tomado resoluções que podiam ser preciosas. Os contínuos trouxeram, além de diverso correio, dois cartões de visita de senhores que estavam à espera de K. havia bastante tempo. Tratava-se de importantes clientes do banco que em caso nenhum se deveria ter feito esperar. Porque vinham a horas tão inoportunas? E por que razão — parecia ouvir-se de novo os senhores perguntarem por detrás da porta fechada — por que razão utilizava o desvelado K. horas em que se dá mais rendimento para tratar de assuntos pessoais? Cansado com o

que acabava de acontecer e cansado com o que estava para acontecer, K. levantou-se para receber o primeiro dos visitantes.

Era um industrial que K. conhecia bem, um homem pequeno e cheio de

vivacidade. Lamentou ter incomodado K. no seu importante trabalho e este, por sua vez, deplorou ter feito esperar tanto tempo o industrial. Porém, expressara o seu pesar duma maneira tão mecânica e com uma entoação que raiava de tal modo o falso, que o industrial teria sido obrigado a reparar no facto, se não estivesse tão absorvido pelo seu assunto. Em vez disso, tirou precipitadamente da algibeira cálculos e tabelas, espalhou-os em frente de K., explicou diversas verbas, corrigiu um pequeno erro de cálculo em que havia agora reparado apesar da rapidez do seu exame, lembrou a K. que havia concluído com ele um negócio semelhante há cerca de um ano, mencionou de passagem que desta vez um outro banco estava grandemente interessado e, por fim, calou-se para obter a opinião de K. De facto, K. tinha, ao princípio, acompanhado bem as palavras do industrial; a ideia dum importante negócio também o dominara, embora, infelizmente, não por muito tempo; em breve tinha deixado de prestar atenção, apesar de continuar por momentos a responder com um gesto de cabeça aprobatório a cada exclamação mais ruidosa do industrial; por fim, até essa atitude abandonara e limitara-se a observar o crânio calvo, que se

debruçava sobre os papéis, e a interrogar-se quando acabaria o outro por reconhecer que todo o seu discurso era letra morta. Assim, quando ele se calou, o primeiro pensamento de K. foi que o outro acabara de falar para lhe dar a possibilidade de admitir que era incapaz de o escutar. Mas, para seu pesar, deduziu do olhar interessado do industrial — visivelmente pronto para responder a tudo — que a discussão sobre negócios tinha de prosseguir. Assim, inclinou a cabeça como perante uma ordem e começou lentamente a percorrer os papéis com o lápis, detendo-se ora aqui, ora acolá, para se demorar longamente a fixar qualquer número. O industrial, suspeitando objecções, acudia: talvez os números não estivessem realmente

certos; talvez não fossem os de maior importância; em todo o caso tapava os papéis com a mão e, aproximando-se muito de K., começava de novo, dum maneira geral, a expor o seu assunto.

— É difícil — disse K., torcendo o nariz. Então, não tendo nada a que se prender, uma vez que os papéis estavam tapados, deixou-se cair, sem forças, contra o braço da cadeira. Só a muito custo conseguiu levantar ligeiramente os olhos para a porta do gabinete da direcção, onde o director-interino lhe apareceu indistintamente como se fosse visto através duma gaze.

K. não reflectiu em nada; limitou-se a antever o agradável resultado

imediatamente desta intervenção. De facto, o industrial levantou-se num pulo da cadeira e precipitou-se ao encontro do director-interino. K., por sua vontade, ainda o teria tornado dez vezes mais ágil, tanto receava que o director-interino pudesse de novo desaparecer. Todavia, os seus receios eram infundados, pois os homens encontraram-se, apertaram-se as mãos e dirigiram-se juntos para a secretária de K. O industrial queixou-se de ter encontrado no gerente tão pouco interesse pelo seu negócio e apontou para K., que, sob o olhar do director-interino, se debruçou de novo sobre os papéis. Logo que os dois homens se encostaram à secretária e o industrial se lançou na tarefa de levar o director-interino a aderir aos seus pontos de vista, K. teve a impressão de que os dois homens, que se lhe afiguravam demasiado grandes, tratavam, por sobre a sua cabeça, de qualquer assunto referente à sua pessoa. Lentamente, levantando cuidadosamente os olhos, procurou averiguar o que se passava lá em cima; pegou, sem ver, num dos papéis que estavam sobre a secretária e, pondo-o na palma da mão, ergueu-o vagarosamente na direcção dos homens, ao mesmo tempo que ele próprio se levantava. Não tinha nada de definido em vista ao fazer este gesto; tinha apenas a vaga sensação de ser assim que devia proceder quando, finalmente, tivesse

terminado o grande requerimento que o devia libertar completamente. O director-interino, que dispensava à conversa a maior das atenções, deu apenas uma rápida olhadela ao papel sem mostrar o mínimo interesse pelo que lá estava escrito, pois o que era importante para o gerente, não o era para ele, e disse, ao mesmo tempo que tirava a folha da mão de K.:

— Obrigado, já sei do que se trata. Depois, tranquilamente, voltou a pô-la em cima da mesa. K., irritado, olhou de soslaio. O director-interino, porém, nem reparou, ou se o fez ainda ficou mais animado; riu-se várias vezes estrepitosamente, embaraçou nitidamente o industrial dando-lhe uma resposta rápida e apropriada, mas, acto contínuo, tirou-o de novo de apuros com uma objecção que a si próprio fez e, finalmente, convidou-o a dirigir-se para o seu gabinete, onde poderiam concluir o assunto.

— Compreendo perfeitamente que se trata duma coisa muito importante — disse para o industrial. — O senhor gerente — prosseguiu, dirigindo-se unicamente ao industrial, apesar destas palavras — ficará certamente muito satisfeito se o livrarmos dela, uma vez que o seu estudo exige meditação e ele, segundo me parece, está hoje bem sobrecarregado de trabalho, pois há horas que

diversas pessoas se encontram na sala à espera de ser atendidas.

K. tinha ainda suficiente presença de espírito para se desviar do director- interino e dirigir apenas ao industrial o seu amável sorriso de circunstância; no entanto, absteve-se de o fazer. Ficou apoiado à secretária, um pouco debruçado para a frente como um amanuense atrás da escrivaninha, a olhar para os dois homens que, sem interromperem a conversa, tiraram os papéis de cima da secretária e desapareceram pela porta do gabinete da direcção. Ao chegar à porta, o industrial voltou-se para dizer que não se despedia, pois, naturalmente, ainda voltava para comunicar ao senhor gerente o resultado da reunião, e que tinha, além disso, outra pequena participação a fazer-lhe.

K. ficou por fim só. Não pensava — muito longe disso — em deixar entrar

qualquer outro cliente, e apenas confusamente teve consciência de quanto lhe era agradável que as pessoas, na sala de espera, julgassem que ainda estava a tratar de negócios com o industrial. Deste modo, ninguém, nem mesmo o contínuo, o poderia incomodar. Foi até à janela, sentou-se no parapeito, segurou-se fortemente ao puxador e olhou para a praça. A neve não parara de cair; o dia continuava cinzento.

Ficou assim sentado durante longo tempo sem saber o que na realidade o

preocupava, olhando de quando em vez, um pouco assustado, por cima do ombro, para a porta da sala de espera, quando julgava ter ouvido qualquer ruído. Como, porém, no fim de contas, ninguém entrou, acalmou-se, dirigiu-se ao lavatório, lavou-se com água fria e voltou para a janela já mais desanuviado. A resolução que tomara de ser ele próprio a encarregar-se da sua defesa afigurava-se-lhe mais ponderosa do que a princípio supusera. Enquanto encarregara o advogado de o defender, pouco havia ligado ao processo; observava-o de longe e mal podia ter sido atingido directamente por ele; tinha podido examinar quando queria o andamento do seu caso, mas também pudera, à sua vontade, abster-se de o fazer. Agora, pelo contrário, caso se encarregasse pessoalmente da sua defesa, tinha de se expor — pelo menos por enquanto — à justiça e, embora o resultado de tal procedimento fosse mais tarde a sua total e definitiva libertação, era-lhe forçoso, em todo o caso, para alcançar esse objectivo, arriscar-se mais do que até então. Se tivesse duvidado disso, o que hoje acontecera quando estivera com o director-interino e o industrial podia convencê-lo amplamente do contrário. Como estava embaraçado só porque tomara a decisão de ser ele próprio a defender-se! O que não seria no futuro! Que lhe estaria reservado? Acharia o caminho que, através de tudo, acabaria por o levar a bom termo? Não significava uma defesa cuidadosa qualquer outra era disparatada —, não significava uma defesa cuidadosa a renúncia

a tudo o resto? Conseguiria alcançar ileso os seus objectivos? E o seu trabalho no banco? Não se tratava só do requerimento para cuja redacção teriam talvez chegado umas férias, embora justamente nessa altura pedi-las tivesse sido bastante ousado; tratava-se dum processo completo cuja duração era imprevisível. Que obstáculo havia sido, de repente, lançado na carreira de K.!

E agora tinha de trabalhar para o banco? Olhou para a secretária. Tinha agora de mandar entrar os clientes e tratar de negócios com eles? Enquanto o seu processo avançava, enquanto lá em cima, no sótão, os funcionários da justiça se sentavam à mesa onde se encontravam os documentos do processo, tinha ele de se preocupar com os assuntos do banco? Não parecia isso uma tortura aprovada pela justiça destinada a acompanhar o processo? E no banco considerariam o seu trabalho à luz da sua situação especial? Nunca. O seu processo não era completamente desconhecido, embora quanto ao número de pessoas que dele estavam informadas ou quanto à extensão dos conhecimentos destas não houvesse uma noção exacta. Mas felizmente o boato ainda não tinha chegado aos ouvidos do director-interino, de contrário já se teria podido ver com toda a nitidez como aquele, sem a mínima camaradagem ou humanidade, exploraria o seu conhecimento em prejuízo de K. E o

director? Este decerto era favorável a K. e assim que tivesse sabido do processo, e na medida das suas possibilidades, ter-lhe-ia dado várias facilidades; todavia, os seus esforços seriam certamente baldados, pois agora que o contrapeso que K. até aí constituía começava a enfraquecer, sofria cada vez mais a influência do director-interino, que explorava o seu precário estado de saúde para fortalecer o próprio poder. Que esperanças podia pois K. acalentar? Talvez estas reflexões enfraquecessem a sua capacidade de resistência, mas era-lhe necessário não se iludir acerca de si próprio e ter de tudo uma ideia tão nítida quanto possível.

Sem qualquer razão especial, apenas para não voltar ainda ao trabalho, abriu a janela, não sem esforço, pois para o conseguir teve de puxar com as duas mãos pelo fecho. Então uma mistura de nevoeiro e fumo entrou pela janela escancarada e encheu a sala dum ligeiro cheiro a queimado.

— Que Outono tão feio — disse por detrás de K. o industrial que, vindo do gabinete do director-interino, entrara despercebido na sala. K. concordou com um movimento de cabeça e olhou preocupado para a pasta do industrial, donde este iria certamente tirar os papéis para lhe comunicar o resultado da reunião que tivera com o director-interino. Mas o industrial seguiu o olhar de K., bateu ao de leve na pasta e disse sem a abrir:

— Quer ouvir como as coisas se passaram? já quase posso dizer que o negócio está concluído. È um homem encantador o seu director-interino, mas lidar com ele tem os seus perigos.

Riu-se, apertou a mão de K. e tentou fazê-lo rir também. K., porém, agora

desconfiado de que o industrial não lhe queria mostrar os papéis, não achou na observação deste nada que o fizesse rir.

— Senhor gerente — disse o industrial —, este tempo causa-lhe mal-estar, não causa? Hoje tem um aspecto tão abatido.

— Sim — respondeu K., levando a mão às fontes —, dores de cabeça, aborrecimentos de família.

— Muito bem — respondeu o industrial, que era um homem apressado e nunca podia ouvir calmamente ninguém —, cada pessoa tem a sua cruz.

K., involuntariamente, havia dado um passo na direcção da porta, como para acompanhar o outro; o industrial, porém, disse:

— Tinha ainda umas coisas para lhe dizer, Receio bastante aborrecê-lo falando-lhe logo hoje de tal assunto, mas ultimamente estive cá duas vezes e tanto de uma como de outra me esqueci de falar nisso. Se continuo a adiar, a coisa acaba, provavelmente, por

se tornar inútil, o que seria pena, visto que, no fundo, é capaz de ter o seu interesse.

Antes que K. tivesse tempo de responder, o industrial aproximou-se dele,

bateu-lhe levemente no peito com os nós dos dedos e disse em voz baixa:

— O senhor tem um processo, não tem? K. recuou e exclamou prontamente:

— Foi o director-interino quem lhe disse!

— Não — volveu o industrial —, onde é que ele ia saber tal coisa?

— E o senhor? — perguntou já muito mais tranquilo.

— Aqui e ali sempre vou sabendo umas coisas do tribunal; é justamente a isso que se referem as palavras que lhe queria dizer.

— Há tanta gente relacionada com a justiça! — disse K., de olhos postos no chão, ao mesmo tempo que levava o industrial até à secretária.

Sentaram-se de novo como anteriormente, e o industrial disse:

— Infelizmente não lhe posso dizer grande coisa, mas neste Onero de assuntos não se deve descurar o mínimo pormenor. Além disso, imperativos de vária ordem levam-me a ajudá-lo, embora não o possa fazer senão modestamente. Até hoje tenho bons amigos nos negócios, não é verdade? Assim...

K. quis pedir desculpa da atitude que tivera durante a conversa anterior,

mas o industrial, não tolerando qualquer interrupção, pôs a pasta debaixo do braço para mostrar que tinha pressa e continuou:

— O que eu sei do seu processo devo-o a um certo Titorelli. É um pintor. Titorelli é apenas o seu nome de guerra; não faço a mínima ideia do seu verdadeiro nome. já há anos que me aparece de vez em quando lá no escritório com uns quadrozitos, é quase um pedinte, pelos quais lhe dou uma espécie de esmola. No entanto, os quadros são bonitos, são charnecas e coisas no género. já estávamos os dois habituados a estas compras e tudo corria sobre esferas. Mas por fim as suas visitas passaram a ser mais frequentes e eu censurei-o. Então começámos a falar, e fez-me espécie como é que ele podia viver só da pintura; foi então que soube, para meu grande espanto, que a sua principal fonte de receita era o retrato. Segundo me disse, “trabalhava para o tribunal”. “Para qual?”, perguntei-lhe. Foi nessa altura que ele esteve a falar-me do tribunal. O senhor, melhor do que ninguém, é capaz de fazer uma ideia de como eu fiquei espantado com o que ele me contou. Desde essa altura, sempre que ele lá vai ao escritório, fico a saber qualquer novidade da justiça e assim, a pouco e pouco, vou obtendo umas certas informações sobre a

coisa. No entanto, como o Titorelli fala pelos cotovelos, tenho muitas vezes de o sacudir, não só porque me mente, não há a

menor dúvida, mas acima de tudo porque um homem de negócios como eu, a quem as preocupações profissionais quase não deixam tempo para respirar, não se pode preocupar muito com as coisas dos outros. Bom, mas não é isto que interessa. Pensei que talvez o Titorelli lhe pudesse ser útil; conhece muitos juizes e, embora ele próprio não tenha uma influência por aí além, poderá aconselhá-lo acerca da maneira de entrar em contacto com diversas pessoas influentes. E, apesar de esses conselhos não terem, em rigor, uma importância decisiva, poderá deles, segundo creio, tirar o maior proveito. De facto, o senhor é quase advogado. Costumo sempre dizer: o senhor gerente K. é quase um advogado. Oh, eu não tenho receio nenhum pelo seu processo. Quer ir agora a casa do Titorelli? Com a minha recomendação ele far-lhe-á tudo o que estiver ao seu alcance. Na minha opinião, acho que devia realmente ir ter com ele. Claro que não era preciso ser já hoje; noutra altura, em qualquer ocasião. No entanto, quero ainda acrescentar, o senhor não é, nem por sombras, obrigado a ir falar com o Titorelli só porque eu lhe dou este conselho. Não; se acha que pode passar sem o auxílio dele, então é de certeza melhor pô-lo completamente de parte. Talvez o senhor tenha já um plano perfeitamente delineado a que a intervenção de Titorelli possa

causar transtorno. Nesse caso, não vá de maneira nenhuma ter com ele. De resto, ouvir conselhos de um tipo daqueles já é um grande sacrifício. Bom, faça o que quiser. Aqui tem a carta de recomendação e a morada.

Desiludido, K. pegou na carta e meteu-a na algibeira. Mesmo no mais agradável dos casos, a vantagem que a recomendação lhe podia trazer era excessivamente menor do que o prejuízo representado pelo conhecimento que o industrial tinha do processo e pela divulgação que o pintor podia fazer dele. Só a muito custo conseguiu forçar-se a dar uma ou duas palavras de agradecimento ao industrial, que se dirigia já para a porta.

— Vou lã a casa dele — disse, ao despedir-se do industrial ou então, uma

vez que tenho agora tanto que fazer, escrevo-lhe a pedir que venha ter comigo ao escritório.

— Já sabia que encontrava a melhor solução — disse o industrial.

— Não obstante, julguei que o senhor gostaria de evitar que gente como esse Titorelli viesse cá ao banco falar consigo por causa do processo. Nem sempre é conveniente porem-se assim cartas na mão de gente daquela laia. Mas certamente o senhor meditou profundamente em tudo e sabe o que deve fazer.

K, fez com a cabeça um gesto de concordância e acompanhou o industrial

mesmo através da sala de espera. No entanto, apesar da sua aparente tranquilidade, estava bastante assustado consigo próprio; na verdade, apenas dissera que escreveria ao Titorelli para de algum modo mostrar ao industrial que sabia apreciar a recomendação e que pensava na possibilidade de se encontrar imediatamente com o pintor, mas se tivesse considerado valioso o auxílio de Titorelli também não teria realmente hesitado em lhe escrever. Porém, só deu conta dos perigos que daí poderiam advir quando da observação do industrial. Podia, de facto, ter tão pouca confiança no seu próprio entendimento? Se chegava

ao ponto de pensar em enviar uma carta, onde, sem qualquer espécie de rodeios, convidava um tipo duvidoso a vir ao banco a fim de pedir àquele conselhos acerca do seu processo, sabendo que entre eles e o director-interino havia apenas uma porta de permeio, não se podia dar o caso, aliás muito provável, de não reparar noutros perigos ou de se precipitar para eles? Nem sempre havia perto dele quem o avisasse. E era precisamente nesta altura, em que tinha de actuar com todas as suas forças, que lhe haviam de surgir dúvidas a respeito da sua própria vigilância! Tinham também de lhe aparecer no processo as dificuldades que encontrava no desempenho das suas funções profissionais?

Na verdade, agora já não compreendia como fora possível que tivesse

querido escrever a Titorelli para o convidar a vir ao banco.

Estava ainda a abanar a cabeça ao recordar-se da sua ideia, quando um continuo se aproximou dele e lhe chamou a atenção para três homens que se encontravam sentados num banco e que aguar davam, há muito, a altura de ser admitidos no seu gabinete. Aqueles tinham-se levantado ao ver o contínuo falar com K., querendo cada um aproveitar uma oportunidade favorável para ser atendido antes dos outros. Uma vez que no banco tinham por eles tanta falta de consideração, fazendo-os perder o seu tempo ali na sala de espera, também não estavam dispostos a ter qualquer espécie de contemplação.

— Senhor gerente — estava já um a dizer. K., porém, já tinha mandado

buscar o sobretudo e, enquanto o vestia, ajudado pelo contínuo, disse, dirigindo-se aos três homens:

— Os senhores queiram desculpar, mas infelizmente não tenho tempo de os receber. Peço-lhes imensa desculpa, mas tenho de resolver uns assuntos urgentes e preciso de sair imediatamente. Os senhores próprios viram o tempo que um cliente me tomou. Se quisessem ter a amabilidade de voltar cá amanhã ou noutra altura qualquer.. E se resolvêssemos o assunto pelo telefone?

Não quereriam, talvez, expor-me os vossos assuntos em poucas palavras para eu, depois, vos enviar por escrito uma resposta pormenorizada? O melhor seria que voltassem cá em breve.

Os homens, ao compreenderem das sugestões de K. que a sua espera tinha

sido completamente inútil, ficaram tão espantados que olharam uns para os outros sem proferir palavra.

— Bom, estamos então de acordo? — perguntou K., já voltado para o contínuo que lhe trazia o chapéu.

Pela janela aberta do gabinete de K. via-se a neve caindo cada vez com mais força. Este levantou, pois, a gola do sobretudo e abotoou-o junto ao pescoço.

Nesse momento, do gabinete contíguo, saiu o director-interino que, ao ver

K. de sobretudo a falar com os homens, lhe perguntou com um sorriso:

— Vai sair agora, senhor gerente?

— Vou — respondeu K., pondo-se direito —, tenho de ir tratar duns assuntos.

O director— interino, porém, já se tinha voltado para os homens.

— E estes senhores? — inquiriu. — Segundo creio já aqui estão à espera há muito tempo.

— Já chegámos a um acordo — respondeu K.

Neste momento, porém, os homens já não se contiveram e, rodeando K., explicaram que não teriam esperado durante horas a fio se os seus assuntos não fossem importantes e não tivessem de ser discutidos em todos os seus pormenores e em particular.

O director-interino ouviu-os durante uns instantes, olhou para K., que sacudia aqui e ali o pó do chapéu que tinha na mão, e disse por fim:

— Meus senhores, há uma solução muito simples. Se desejarem acompanhar-me, terei muito prazer em tomar o lugar do senhor gerente na discussão dos vossos problemas, que, naturalmente, devem ser tratados sem demora. Todos nós somos homens de negócios e sabemos dar ao tempo o seu devido valor. Queiram fazer-me o favor de entrar.

E abriu a porta que dava para a antecâmara do seu gabinete. Como o

director-interino sabia apropriar-se de tudo a que K. tinha agora forçosamente de renunciar! Mas não renunciava K. a mais do que era absolutamente necessário! Enquanto se dirigia com uma vaga e — tinha de o confessar — diminuta esperança a casa

de um pintor desconhecido, a sua reputação sofria aqui um dano irreparável. Provavelmente, teria sido muito melhor despir de novo o sobretudo e, pelo menos, trazer para o seu lado os dois homens que ainda tinham de aguardar na sala ao lado. K. talvez o tivesse tentado se ao olhar para o seu gabinete não tivesse visto aí o director-interino a procurar qualquer coisa na estante, como se esta lhe pertencesse. Quando K., irritado, se aproximou da porta, aquele exclamou:

— Ah, ainda não se foi embora! E voltou para ele o rosto, onde as diversas rugas enérgicas pareciam indicar não idade mas força; depois, prosseguiu de novo a sua busca.

— Estou à procura da cópia dum contrato que, segundo o representante da firma, se deve encontrar no seu gabinete. Não quer ajudar-me a procurá-la?

K. deu um passo, mas o director-interino disse:

— Obrigado, já a achei. E pegando num grande maço de documentos, em que não estava unicamente a cópia do contrato mas muitas coisas mais, voltou para o gabinete.

“Agora não lhe posso ser bom”, disse K. de si para si, “mas quando as minhas dificuldades pessoais estiverem finalmente arrumadas vai ser ele o primeiro a senti-lo e a senti-lo amargamente”.

Um pouco acalmado por este pensamento, encarregou o contínuo, que já há bastante tempo mantinha a porta aberta para ele sair, de participar oportunamente ao director que ele fora tratar duns assuntos. Depois, quase feliz por poder durante algum tempo dedicar-se um pouco mais ao seu caso, saiu do banco.

Dirigiu-se imediatamente de carro para casa do pintor, que morava nuns

arrabaldes de características completamente opostas às da zona onde se encontravam as repartições do tribunal. Tratava-se dum bairro ainda mais pobre e as casas eram ainda mais escuras; as vielas estavam cheias de imundícies que aqui e ali eram arrastadas pela neve que se derretia. Na casa onde o pintor vivia, só uma das meias-portas da grande entrada se encontrava aberta; na outra, porém, havia no fundo, Junto à parede, uma fenda da qual, justamente quando K. se aproximou, saiu um líquido amarelo, nojento e fumegante que obrigou diversas ratazanas a procurarem refúgio num canal próximo. No fundo da escada, uma criança deitada de barriga contra o chão chorava; o seu choro, porém, era quase abafado pelo barulho ensurdecido proveniente duma oficina de latoeiro situada na outra extremidade da passagem. A porta da oficina, aberta, deixava ver três aprendizes colocados em semicírculo a trabalhar em qualquer

peça sobre a qual batiam com os martelos. Uma grande folha-de-flandres pendurada numa parede lançava uma luz crua entre dois dos operários, iluminando-lhes os rostos e os aventais de trabalho. K. não lançou à cena senão um brevíssimo relance; queria despachar-se tão depressa quanto possível, sondar o pintor em duas palavras e voltar imediatamente para o banco. Se conseguisse obter qualquer resultado, por mais pequeno que fosse, isso era bem capaz de exercer uma influência no trabalho que ainda tinha de fazer da parte da tarde. Quando chegou ao terceiro andar, teve de moderar a subida, pois sentia-se completamente sem fôlego; tanto as escadas como os andares eram exageradamente altos e o pintor devia, por certo, morar nas águas-furtadas. Além disso, o ar era sufocante; a apertada escada estava entaipada entre duas paredes onde, aqui e ali, e quase sempre na parte mais alta, haviam aberto algumas frestas estreitas, único dispositivo de ventilação.

Precisamente na altura em que K. parou um instante, saíram dum porta várias raparigas que desataram a correr pela escada acima ao mesmo tempo que se riam. K. seguiu-as lentamente, agarrou uma que tropeçara e ficara para trás e perguntou-lhe enquanto subiam um ao lado do outro:

— Mora aqui algum pintor chamado Titorelli? A rapariga, que mal teria treze anos e era um tanto corcunda, deu-lhe um empurrão com o cotovelo e olhou para ele de soslaio. Nem a sua pouca

idade nem o seu defeito físico tinham podido evitar que já estivesse completamente pervertida. Sem sequer sorrir, fixou em K. um olhar penetrante e convidativo. K. fingiu não reparar na atitude dela e perguntou: — Conheces o pintor Titorelli?

Ela meneou a cabeça afirmativamente e perguntou por sua vez:

— Que é que quer dele? K. teve a impressão de que lhe seria proveitoso ficar a saber rapidamente qualquer coisa acerca de Titorelli e respondeu:

Quero que ele me faça o retrato. Que ele lhe faça o retrato? — perguntou ela, abrindo desmesuradamente a boca e batendo em K. ao de leve, como se ele tivesse dito qualquer coisa de invulgarmente surpreendente ou desajeitado; depois, com as duas mãos, levantou a saia, já de si muito curta, e desatou a correr tão depressa quanto podia atrás das outras raparigas, cuja vozeria já se ia perdendo no cimo da escada. Porém, logo na primeira curva da escada, K. voltou

a encontrá-las a todas. Era evidente que tinham sido informadas pela corcunda das intenções de K. e que o esperavam. Formavam duas alas e, para permitir que K. passasse facilmente entre elas, encostavam-se com força às paredes, ao mesmo tempo que, com as mãos, alisavam os aventais. Numa disposição em fileira. Tanto os seus rostos como aquela tinham um aspecto

simultaneamente pueril e abjecto. No topo, dominando todas as outras, encontrava-se a corcunda. Esta, então, tornando a chefia, pôs-se a subir as escadas seguida de K. e das raparigas que, a rir, se haviam amontoado atrás dele. Graças àquela, K. pôde rapidamente encontrar o caminho que procurava. Na verdade, queria continuar a subir sempre em frente, mas ela, apontando para um dos lados, mostrou-lhe o desvio que ele devia tomar para se dirigir à casa de Titorelli. A escada que dava para a casa deste era invulgarmente estreita, muito comprida, sem curvas, abarcável com a vista em todo o seu comprimento e terminava lá no alto mesmo em frente da porta do pintor. Esta porta, feita de pranchas unicamente aparelhadas, sobre as quais se encontrava pintada a vermelho em grandes pinceladas a palavra Titorelli, era relativamente bem iluminada, pois por cima dela havia uma pequena clarabóia oblíqua. K. ainda mal se encontrava no meio da escada quando, lá em cima, a porta se abriu um pouco e um homem, provavelmente só com a camisa de dormir em cima do corpo, apareceu na frincha da porta, atraído, sem dúvida, pelo barulho de tantos passos.

— Oh! — exclamou ao ver a multidão aproximar-se; e desapareceu em seguida.

A corcunda bateu as palmas de contentamento e as restantes raparigas juntaram-se mais umas as outras atrás de K. para o fazer andar mais depressa.

Contudo, ainda riem sequer tinham chegado ao topo das escadas, quando o

pintor, escancarando a porta e fazendo uma profunda vénia, convidou K. a entrar. Por outro lado, porém, repeliu as raparigas, não permitindo a entrada a nenhuma, por mais que pedissem ou tentassem, contra a sua vontade, esgueirar-se pela porta. Só a corcunda, passando sorrateiramente por debaixo do braço esticado do pintor, conseguiu entrar; Titorelli, porém, correu atrás dela, segurou— a pelas salas, fê-la girar à sua volta e depois pô-la no chão em frente da porta ao pé das outras raparigas, que riem sequer haviam tentado ultrapassar a soleira durante o tempo em que o pintor de lá saíra. K. não sabia como classificar a cena a que assistia; parecia-lhe, na verdade, que tudo se passava como se existisse o mais cordial dos acordos. As raparigas, que se encontravam ao pé da porta, esticaram o pescoço umas atrás das outras e gritaram para o pintor uma série de palavras ao mesmo tempo ordinárias e trocistas, que K. não compreendeu mas que divertiram imenso Titorelli, visto que este se ria enquanto balançava a corcunda com tal força que ela quase voava. Depois fechou a porta, fez nova vénia diante de K., estendeu-lhe a mão e disse, apresentando-se:

— Titorelli, pintor de arte. K. apontou para a porta por detrás da qual as raparigas bichanavam e disse:

— Parece que são muito queridas cá em casa.

— Ali, aquelas manhosas! — disse o pintor, procurando debalde abotoar o botão do colarinho da sua camisa de dormir. Estava descalço e envergava apenas umas calças largas de tela amarelada, atadas por uma correia cujas enormes pontas balançavam à vontade para cá e para lá.

Estes estafermos são para mim uma verdadeira carga continuou, deixando em paz a camisa de dormir, cujo último botão acabava de cair, e indo buscar uma cadeira para K. se sentar. — Fiz uma vez o retrato duma delas, hoje nem sequer estava no grupo, e desde aí nunca mais me largaram. Quando estou em casa, só entram quando as deixo, mas, assim que saio, vem sempre para cá pelo menos uma. Mandaram fazer uma chave para abrir a minha porta e emprestam-na umas às outras. Ninguém faz uma ideia de como isto é maçador. Por exemplo: venho para casa com uma senhora cujo retrato tenho de fazer, abro a porta com a minha chave e dou com a corcunda, ali, ao pé da mesinha, a pintar os lábios de encarnado com o pincel enquanto os irmãos e as irmãs, que ela pôs de sentinela, andam por todo o lado e enchem-me os cantos do quarto de porcarias. Ou venho tarde para casa, como aconteceu ontem, peço-lhe, pois, que atendendo a esse facto perdoe a maneira como me apresento e a desordem do quarto, e, ao deitar-me, sinto que me beliscam na perna, olho para debaixo da cama e tiro de lá mais uma dessas tipas. Por que razão me perseguem elas desta maneira é que eu

não sei; o senhor já deve ter reparado que não procuro chamá-las cá para casa. Naturalmente, mesmo quando estou a trabalhar, elas não deixam de me incomodar. Se este atelier não tivesse sido posto gratuitamente à minha disposição, já há muito que teria mudado.

Precisamente nesse momento ouviu-se atrás da porta uma vozinha terna e receosa:

— Titorelli, já podemos entrar?

— Não — respondeu o pintor.

— E eu sozinha, também não?

— Também não — replicou o pintor, fechando a porta à chave.

Entretanto K. olhara à volta; nunca lhe passaria pela cabeça que se pudesse chamar atelier a um quarto tão miserável e pequeno. Mal se podia dar mais de dois passos tanto no sentido do comprimento como transversalmente. O soalho, as paredes, o tecto, tudo, numa palavra, era de madeira. Entre as traves viam-se pequenas fendas. Em frente de K., encostada à parede, encontrava-se a cama atulhada de lençóis e colchas diversas. Em cima de um cavalete colocado no meio do quarto havia um quadro tapado por uma camisa cujas mangas varriam o chão. Por detrás de K., encontrava-se a janela, através da qual apenas se conseguia ver o telhado do prédio em frente coberto de neve, pois o nevoeiro impedia a vista de alcançar mais além.

A volta que a chave dera na fechadura lembrou a K. a sua intenção de se demorar pouco tempo. Por isso, tirou da algibeira a carta do industrial e disse:

— Soube por intermédio deste senhor, que é seu conhecido, da sua existência, e é por conselho dele que aqui venho.

O pintor percorreu rapidamente a carta com o olhar e atirou-a para cima da cama. Se o industrial não tivesse falado dele como dum indivíduo pobre que não podia passar sem as suas esmolas, ter-se-ia podido acreditar que o pintor não o conhecia ou pelo menos não se lembrava dele. Seguidamente, o pintor perguntou:

— Deseja comprar quadros ou que eu pinte o seu retrato? K. fitou o pintor com um olhar de espanto. Que dizia realmente a carta? K. supusera naturalmente que na carta o industrial participava ao pintor que o único objectivo da sua visita era colher informações acerca do seu processo. Acorrera, pois, a casa do pintor demasiado depressa e sem reflectir em nada. Agora, porém, tinha de responder de qualquer forma; então, olhando de relance para o cavalete, perguntou:

— Está a trabalhar nalgum quadro?

— Estou — respondeu o pintor, atirando, o exemplo do que fizera com a carta, a camisa que se encontrava pendurada no cavalete

para cima da cama. — É um retrato. É um bom trabalho, embora não esteja ainda completamente pronto.

O acaso era favorável a K.; a possibilidade de falar da justiça era-lhe expressamente oferecida visto a tela representar, sem dúvida alguma, o retrato dum juiz. De resto, a semelhança do quadro com o do gabinete do advogado era extraordinária. Tratava-se, na verdade, de um outro Juiz, um homem gordo de espessa barba negra que lhe cobria mesmo as maçãs do rosto; todavia, o que estava em casa do advogado era pintado a óleo, enquanto este, pouco nítido, não passava dum a pintura a pastel de cores fracas. Mas tudo o resto se, assemelhava, pois também aqui o juiz ia a levantar-se, ameaçador, do seu trono cujo braço segurava fortemente. “Só pode ser um juiz”, ia K. a dizer; porém, conteve-se por instantes e aproximou-se do quadro como se quisesse estudar os pormenores. Não conseguindo fazer uma ideia do que seria a grande figura que se elevava no meio do espaldar do trono, pediu ao pintor que lhe explicasse. Aquele respondeu-lhe que a figura ainda necessitava de levar uns ligeiros retoques e, tirando dum mesinha um pastel, fez com ele alguns leves traços nos contornos da figura, sem contudo, com isso, conseguir torná-la mais compreensível para K.

— É a justiça — disse por fim.

— Agora já reconheço a figura — retorquiu K. — Cá está a venda a tapar os olhos e aqui a balança. Mas ela não tem asas nos pés? Não está a correr?

— Está — respondeu o pintor. — Tive que a pintar assim por

encomenda,— na verdade, trata-se da representação da justiça e da Vitória numa só figura.

— Acho que não ligam bem uma com a outra — comentou K., sorrindo —, a justiça tem de estar quieta, de contrário faz oscilar a balança, o que torna impossível qualquer sentença justa.

— Sujeitei-me à vontade do meu cliente — disse o pintor.

— Com certeza, com certeza — volveu K., que não tinha querido melindrar ninguém com a sua observação. — O senhor pintou a figura da maneira como ela está realmente representada no trono.

— Não — disse o pintor —, não vi nem o trono nem a figura: tudo isto não

passa de invenção; mas disseram-me que era assim que eu devia executar o quadro.

— Como? — perguntou K., fingindo não perceber bem as palavras do pintor. — Então não é um juiz sentado numa cadeira?

— E — respondeu o pintor —, mas não é um dos grandes e, de resto, nunca esteve sentado em nenhum trono destes.

— E apesar disso faz-se retratar numa atitude tão solene? Da maneira como está sentado dir-se-ia o presidente do tribunal.

— Sim, estes senhores são muito vaidosos — disse o pintor. Mas têm autorização superior para se fazerem retratar assim.

Cada um recebe instruções precisas acerca da maneira como está autorizado a fazer-se retratar. Infelizmente neste quadro não se podem apreciar pormenores do traio e do trono; o pastel não se presta para este género de trabalhos.

— Sim; é realmente estranho que esteja pintado a pastel declarou K.

— Foi o juiz que quis assim — disse o pintor —, é destinado a uma senhora.

O aspecto do quadro parecia ter-lhe dado vontade de trabalhar; arregaçou as mangas, pôs vários lápis na mão e K. viu como debaixo das pontas nervosas dos pastéis ia aparecendo, junto da cabeça do juiz, uma sombra avermelhada que se tornava mais esmaecida ao aproximar-se dos bordos do quadro.

Gradualmente, este jogo de sombra ia rodeando a cabeça como se fosse um adorno ou uma alta condecoração. Porém, em torno da figura da justiça manteve-se um imperceptível matiz claro; envolta por essa claridade, a figura parecia destacar-se, do

quadro e mal dava já a ideia de ser quer deusa da justiça quer deusa da Vitória; antes tinha o perfeito aspecto de ser a deusa da Caça. O trabalho de Titorelli exercia sobre K. uma atracção maior do que este teria desejado; finalmente, porém, censurou-se por estar já há tanto tempo em casa do pintor e ainda não ter começado a tratar do assunto que ali o trouxera.

— Como se chama este juiz?, — perguntou de súbito.

— Isso é coisa que não estou autorizado a dizer — respondeu o pintor. Profundamente inclinado para o quadro, não prestava agora a mínima

atenção ao seu visitante que, momentos atrás, recebera com tanta deferência. K. tomou esta atitude por um capricho e irritou-se com ela porque o fazia perder tempo.

— O senhor é, sem dúvida, uma pessoa da confiança da, justiça —
perguntou.

O pintor pôs imediatamente os lápis de parte, endireitou-se, esfregou as mãos e olhou para K. sorrindo.

— A verdade deve vir sempre em primeiro lugar — respondeu. — O senhor

descia qualquer informação acerca da justiça, como está escrito na sua carta de recomendação, mas para me adoçar a boca

começou por falar dos meus quadros. No entanto, não levo isso a mal; o senhor realmente não podia saber que comigo tal procedimento é despropositado. Oh, por quem é acrescentou num tom ríspido

ao notar que K. ia a esboçar uma objecção. E continuou: — De resto, a sua observação é absolutamente correcta, sou uma pessoa da confiança na justiça.

Calou-se por momentos como se quisesse dar tempo a K, para se familiarizar com esse facto. Atrás da porta as raparigas faziam de novo barulho. Provavelmente estavam apinhadas atrás do buraco da fechadura; talvez também se pudesse espreitar para dentro do quarto através das frinchas da porta. K. absteve-se de formular qualquer espécie de desculpa, pois não queria desviar a atenção do pintor; por outro lado, também não queria que aquele ficasse demasiado arrogante e, de certo modo, se tornasse inacessível; por esse motivo perguntou:

— Esse emprego é reconhecido oficialmente?

— Não — respondeu secamente o pintor, como se quisesse indicar que não estava disposto a prosseguir a conversa.

K., porém, não queria que ele se calasse e disse.

— Bem, muitas vezes os empregos desse gênero, não reconhecidos, têm uma influência superior aos oficialmente reconhecidos.

— É justamente o que acontece no meu caso — disse o pintor, meneando aprovativamente a cabeça e franzindo a testa.

— Falei ontem com o industrial a respeito do seu caso; ele perguntou-me se eu não o queria ajudar e eu respondi: “ele que vá lá a casa”, agora estou muito contente por vê-lo cá tão cedo. A coisa parece que o aflige muito, o que não me causa, estranheza absolutamente nenhuma. Mas talvez deseje primeiro tirar o sobretudo?

Embora K. tencionasse demorar-se muito pouco tempo, acedeu de bom grado ao convite do pintor. O ar do quarto tornava-se-lhe cada vez mais irrespirável; olhara já diversas vezes para um pequeno fogão de ferro colocado num canto e reparara com estranheza que aquele estava apagado; por conseguinte? não podia ser ele a causa do calor sufocante que reinava no quarto. Enquanto ele tirava o sobretudo e desabotoava mesmo o casaco, o pintor, desculpendo-se, disse:

— Tenho necessidade de calor. Está uma temperatura muito agradável, não acha? A este respeito o quarto está muito bem situado.

K. não fez qualquer comentário; não era realmente o calor que lhe causava

mal-estar; era antes o ar abafado e quase irrespirável; há muito tempo que o quarto não devia ser arejado.

Esta sensação de mal-estar acentuou-se quando o pintor lhe pediu que se sentasse na cama, enquanto ele próprio se sentava em frente do cavalete, na única cadeira que havia no quarto. O pintor, no entanto, pareceu não compreender por que razão ficava na borda da cama e pediu-lhe que se instalasse confortavelmente; depois, vendo que K. hesitava em o fazer, levantou-se e empurrou-o para o meio da cama e da roupa que estava sobre ela. Em seguida, voltou para a poltrona e fez finalmente, a primeira pergunta objectiva, a qual obrigou K. a esquecer-se de tudo o resto:

— Está inocente?

— Estou. Esta sua resposta alegrou-o francamente, e em especial porque a dera a um particular, não advindo daí, portanto, qualquer responsabilidade. Nunca ninguém o tinha interrogado tão abertamente. E, a fim de saborear a sua alegria, acrescentou mesmo:

— Estou completamente inocente.

— Bom — disse o pintor, inclinando a cabeça num ar de meditação. De súbito, erguendo de novo a cabeça, disse:

— Se está inocente a coisa é realmente muito simples. Pelo olhar de K. passou uma sombra de tristeza; este homem que dizia ser uma pessoa da confiança da justiça falava como uma criança ignorante.

— A minha inocência não torna a coisa mais simples — disse K. Apesar de tudo, não pôde evitar de sorrir e de abanar lentamente a cabeça. — Depende das inúmeras subtilezas em que a justiça se perde. No fim extrai uma grande culpa dum sítio onde nunca houve nada.

— Sim, sim, com certeza — disse o pintor, como se K. Estivesse sem

necessidade a estorvar-lhe o fio dos seus pensamentos. — Mas o senhor está mesmo inocente?

— Estou — respondeu K.

— Isso é o principal. Apesar da atitude decidida do pintor, impermeável a qualquer objecção, não se conseguia saber ao certo se falava por convicção ou indiferença. Para se certificar, antes de prosseguir, K. disse:

— Conhece, com certeza, a justiça muito melhor do que eu; os meus conhecimentos a esse respeito pouco vão além do que

tenho ouvido dizer a diversas pessoas. Mas todas elas são unânimes em afirmar que não se fazem acusações gratuitas e que o tribunal, uma vez feita a acusação, se convence a tal ponto da culpabilidade do acusado que só a muito custo pode ser dissuadido da sua convicção.

— Só a muito custo? — perguntou o pintor, levantando uma das mãos. —

Jamais. A convicção do tribunal é inabalável. Se eu pintasse numa tela todos os juizes ao lado uns dos outros e o senhor tivesse de se defender perante ela, teria mais possibilidades de êxito do que perante o verdadeiro tribunal.

— Pois é — disse K. de si para si, esquecendo-se de que apenas quisera

sondar o pintor.

Atrás da porta, uma rapariga começou de novo a perguntar:

— Titorelli, então ele ainda demora muito?

— Calem-se — gritou o pintor na direcção da porta —, não vêm que estou a falar com este senhor?

A rapariga, porém, não se deu por satisfeita e perguntou:

— Vais fazer o retrato dele? E perante o silêncio do pintor acrescentou: — Por favor, não lhe faça o retrato; ele é tão feio. As palavras da rapariga foram aprovadas por uma algazarra

indistinta e confusa. O pintor deu um salto para a porta, entreabriu-a — podiam-se ver as raparigas de mãos postas suplicando — e

disse:

— Se não estão quietas, atiro-as todas pela escada abaixo. Sentem-se nos degraus e deixem-se estar sossegadas.

Provavelmente, as raparigas não obedeceram tão depressa quanto ele queria, de modo que teve de dar uma ordem:

— Vamos assentar, Só então elas se aquietaram.

— Queira desculpar — disse o pintor quando chegou ao pé de K. Este mal se tinha voltado para a porta; deixara inteiramente ao pintor, se ele a isso estivesse disposto, a tarefa de o defender. Também mal esboçou um gesto quando o pintor, inclinando-se para ele de modo a não ser ouvido fora do quarto, lhe sussurrou:

— Aquelas raparigas também pertencem à justiça.

— Quê? — perguntou K., desviando a cara e fitando o pintor. Este, porém, sentou-se de novo na poltrona e explicou meto a brincar:

— Não há nada que realmente não pertença à justiça.

— É a primeira vez que reparo em tal — disse K. .A generalização do pintor tirara à observação feita a propósito das raparigas

o seu aspecto inquietante. Apesar disso, olhou por instantes para a porta, atrás da qual as raparigas se encontravam sossegadamente sentadas nos degraus. Apenas uma delas enfiara uma palhinha através das frinchas da porta e andava com ela para baixo e para cima.

— Parece-me que o senhor ainda não tem uma ideia geral sobre a justiça —

disse o pintor que, de pernas largamente abertas, batia no soalho com as pontas dos pés. — Mas como está inocente também não precisa de a ter. Eu sozinho chego para o tirar de dificuldades.

— E como vai fazer isso? — perguntou K. — O senhor foi O próprio a dizer ainda há pouco que a justiça rejeita toda a espécie de provas.

— Rejeita as que são levadas perante o tribunal — retorquiu o pintor, erguendo o indicador como se K. não se tivesse apercebido duma subtil distinção. — Mas procede de acordo com o que se tenta por detrás da tribuna oficial, isto é, nas salas de conselhos, nos corredores ou aqui no atelier,

K. já não considerava inverosímil o que o pintor agora dizia; pelo contrário, isso concordava bastante com o que ouvira da boca de outras pessoas. Sim, era mesmo muito prometededor. Se na verdade os juizes eram assim tão facilmente influenciáveis pelas suas relações pessoais, como o advogado dissera, então as relações

do pintor com os fúteis magistrados podiam ser muito importantes e de modo nenhum deviam ser subestimadas. Nesse caso, o pintor ajustava-se perfeitamente dentro do círculo que K. pouco a pouco ia reunindo à sua volta. O seu talento de organizador já fora louvado no banco; portanto, agora que decidira tratar do seu caso completamente sozinho, tinha possibilidades de o pôr à prova. O pintor observava o efeito que a sua explicação produzira em K.; depois, disse num ar que parecia traduzir uma certa inquietação:

— Não está surpreendido por eu falar quase como um jurista? É a

consequência dos ininterruptos contactos com esses senhores da justiça— Retiro, naturalmente, bastante proveito desses contactos, mas a minha força criadora perde bastante com isso.

— Como é que o senhor se começou a dar com os juizes? perguntou K. Queria primeiro conquistar a confiança do pintor antes de o tomar ao seu serviço.

— Duma maneira muito simples — respondeu o pintor por herança. já o meu pai era pintor do tribunal. É uma situação que se lega sempre e que não pode ser ocupada por estranhos. De facto, a pintura referente a cada categoria de funcionários

obedece a regras tão diferentes, tão múltiplas e sobretudo tão secretas que, de modo nenhum, são conhecidas fora de certas famílias. Por exemplo, tenho ali na gaveta o regulamento que pertenceu a meu pai e que não mostro a ninguém. Só quem o conhece está habilitado a pintar o retrato dos juizes. No entanto, mesmo que eu o perca, ainda fico com tantas regras na cabeça, regras essas que só eu conheço, que ninguém poderia disputar-me o lugar. É que cada juiz quer ser retratado como o foram os grandes juizes de outrora e só eu consigo fazê-lo.

— Isso é invejável — disse K., pensando na situação que ocupava no

banco. — Portanto o seu lugar é firme

— Sim, é firme — disse o pintor endireitando orgulhosamente os ombros.

— Por esse motivo posso tomar a liberdade de ajudar de vez em quando algum pobre homem que esteja a braços com um processo.

— E como é que arranja isso? — perguntou K., como se não fosse ele quem o pintor tivesse apelidado de pobre homem.

O pintor, porém, não deixou que a conversa tomasse outro rumo e disse:

— No seu caso, por exemplo, como o senhor está completamente inocente, procederei do seguinte modo.

Desta vez K. já não ficou satisfeito com essa nova referência à sua inocência. Parecia-lhe por vezes que o objectivo das observações do pintor era o de colocar na base do seu auxílio a certeza de um desfecho feliz do processo, o que, naturalmente, invalidava qualquer colaboração. Porém, apesar das suas dúvidas, K. dominou-se e não o interrompeu. Estava decidido a não renunciar ao auxílio do pintor; de resto, não lhe parecia que a ajuda daquele fosse de algum modo mais duvidosa do que a do advogado. K. preferia mesmo, de longe, o auxílio do pintor ao do advogado, porque era oferecido duma maneira mais inocente e mais franca.

O pintor, que tinha aproximado a poltrona da cama, continuou em voz

baixa:

— Esqueci-me de lhe perguntar que espécie de absolvição deseja. Há três modalidades: a absolvição real, a absolvição aparente e a prorrogação. A absolvição real é a melhor; simplesmente, não tenho a menor influência nesse género de solução. Estou até convencido de que ninguém a tem. Neste caso, o factor decisivo é, provavelmente, a inocência do acusado. Ora como o senhor

está inocente, ser-lhe-ia realmente possível confiar unicamente na sua inculpabilidade. Nesse caso não tem necessidade do meu auxílio nem do de ninguém.

Esta ordenada exposição desconcertou a princípio K., mas depois disse igualmente em voz baixa:

— Acho que o senhor se contradiz.

— De que modo? — perguntou o pintor pacientemente, ao mesmo tempo que, sorrindo, se inclinava para trás.

Este sorriso despertou em K. o sentimento de que começava a descobrir contradições, não nas palavras do pintor, mas no próprio procedimento judicial. Contudo, apesar disso não recuou e disse:

— O senhor começou por dizer que a justiça rejeitava quaisquer provas, depois passou a afirmar que só a Justiça pública procedia dessa maneira, e agora chega mesmo a dizer que o inocente perante o tribunal não precisa de auxílio algum. já aí se pode ver uma contradição. Além disso, declarou há pouco que se podia influenciar pessoalmente os juizes, mas nega que a absolvição real, como lhe chama, possa ser obtida por meio de influências pessoais. Nisto reside a segunda contradição.

— Essas contradições explicam-se facilmente — disse o pintor. — Trata-se de duas coisas diferentes: uma o que a Lei diz, a outra o que eu aprendi por experiência própria. É preciso que não as

confunda. Na Lei, embora eu nunca a tenha lido, diz-se, por um lado, que o inocente é absolvido, mas, por outro, não se diz que os juizes podem ser influenciados. Mas o que eu aprendi foi precisamente o contrário. Não sei de nenhuma absolvição real; porém, de influências sei, e de muitas. É possível, naturalmente, que em todos os casos que conheço não tivesse havido inocentes. Mas isso não é improvável? Tantos casos e nem um inocente? já em pequeno eu escutava o meu pai com toda a atenção quando ele falava de processos; também os juizes que iam ao atelier dele falavam da justiça, no nosso meio só se fala destas coisas; mal tinha a possibilidade de ir ao tribunal aproveitava-a sempre; ouvi um sem-número de processos e segui-os até onde era possível; todavia, tenho de confessar; nunca assisti nem a uma só absolvição real.

— Portanto a nenhuma absolvição — disse K., como se estivesse a falar consigo próprio e com as suas esperanças. — Isso vem confirmar a opinião que eu tinha acerca da justiça. Deste lado também é inútil .Um único carrasco podia substituir toda a justiça.

— Não deve generalizar — disse o pintor pouco satisfeito eu só falei dos casos que conheci pessoalmente.

— E chega — disse K. — Alguma vez ouviu o senhor dizer que outrora se pronunciaram absolvições?

— Deve tê-las havido — respondeu o pintor —, simplesmente difícil sabermos ao certo. As sentenças do tribunal não são publicadas, nem sequer facultadas aos juizes. Por consequência, da justiça do passado só nos restam lendas. A maioria destas refere-se, no entanto, a absolvições reais; pode

acreditar-se nelas, mas o que é certo é que a sua veracidade não pode ser comprovada. Apesar disso, não se pode pô-las completamente de parte, pois contem, seguramente, uma certa verdade e são muito bonitas; eu próprio já pintei alguns quadros cujo tema eram essas lendas.

— Simples lendas não podem modificar a minha opinião disse K. —

Perante o tribunal não se pode fazer referência a essas lendas, pois não?

O pintor sorriu.

— Não, não pode — respondeu.

— Nesse caso é inútil falar-se delas. Queria, por enquanto, respeitar todas as opiniões do pintor, mesmo as que considerava mais inverosímeis e que contrariavam outras. Agora não tinha tempo para optar ou rejeitar aquilo que o pintor dizia; se conseguisse que ele, de qualquer forma, mesmo da maneira mais

insignificante, o ajudasse, poderia considerar a sua acção como tendo atingido os limites do possível. Por conseguinte, disse:

— Não contemos, pois, com a absolvição real; mas o senhor mencionou ainda outras duas possibilidades: a absolvição aparente e a prorrogação.

— Só dessas é que podemos tratar — disse o pintor. — Mas não deseja tirar o casaco antes de começarmos a falar delas? O senhor deve ter bastante calor.

— Tenho — respondeu K., que até aí só se havia preocupado com as explicações do pintor, mas que neste momento, que lhe tinham lembrado o calor, começara a ter a fronte inundada de suor. — Está um calor quase insuportável.

O pintor meneou a cabeça como se compreendesse muito bem o mal-estar de K.

— Não se poderia abrir a janela? — perguntou K.

— Não — respondeu o pintor. — A janela é composta por uma vidraça firmemente encaixilhada, e portanto não se pode abrir.

K. apercebia-se agora que desde o princípio tinha alimentado a esperança

de ver o pintor levantar-se e escancarar a janela ou então de ser ele próprio a fazê-lo. Estava até preparado para inspirar em grandes sorvos o nevoeiro. A sensação de estar completamente

isolado do ar causava-lhe tonturas. Com a mão deu algumas leves pancadas num edredão que se encontrava a seu lado e disse numa voz fraca:

— Mas isto assim é incómodo e doentio.

— Não, não é — replicou o pintor, tomando a defesa da sua janela; — embora não passe dum simples vidraça, como não se pode abrir, o calor conserva-se melhor do que por meio dum janela dupla. Mas se eu quiser arejar o quarto, o que não é muito necessário visto que o ar entra por todo o lado através das frinchas das tábuas, posso muito bem abrir uma das portas ou mesmo as duas.

K., um pouco consolado por esta explicação, olhou à volta para descobrir a segunda porta. O pintor, reparando no seu gesto, disse:

— Está atrás do senhor, tive de tapá-la com a cama. Só agora K. via a pequena porta metida na parede.

Isto aqui é demasiado pequeno para um atelier — disse o pintor, como se quisesse, de antemão, evitar uma crítica de K.

— Tive de me arranjar como pude. Não há dúvida de que a cama aí em frente da porta está muito mal situada. O juiz cujo retrato eu ando a fazer, entra sempre por essa porta, de modo que lhe

dei uma chave para que possa esperar por mim no atelier quando não estou em casa. Mas em geral aparece de manhã, ainda eu estou a dormir. Com o barulho que faz a abrir a porta, acorda-me, naturalmente, do melhor dos meus sonhos. O senhor perdia todo o respeito pelos juizes se ouvisse um que lhe rogasse as pragas, como este me faz, quando ele, de manhã cedo, me passa por cima da cama. é verdade que podia tirar-lhe a chave, mas isso só complicava as coisas. Estas portas aqui metem-se dentro com toda a facilidade.

Durante todo este arrazoadado, K. não deixou de pensar se devia ou não tirar o casaco; mas, por fim, chegando à conclusão de que se o não fizesse seria incapaz de se demorar mais tempo, despiu o casaco mas deixou-o ficar nos joelhos para poder vesti-lo de novo caso a conversa estivesse a terminar. Mal acabara de o tirar quando uma das raparigas gritou:

— Ele já despiu o casaco! Ouvia-se o barulho que elas faziam atrás da porta

atropelando-se umas às outras a fim de poderem assistir pessoalmente ao espectáculo.

— As raparigas julgam que eu vou fazer o seu retrato e que é por isso que o senhor se está a despir — explicou o pintor.

— Ah, pois — disse K. muito pouco divertido, visto não se sentir agora muito melhor que anteriormente, embora estivesse em mangas de camisa.

Depois, com um ar quase rabugento, perguntou:

— Que nome deu às outras duas modalidades? Esquecera-se outra vez das expressões que o pintor empregara.

— A absolvição aparente e a prorrogação — respondeu aquele. — A escolha depende do senhor. Posso ajudá-lo a obter ambas, embora com trabalho, naturalmente. A este respeito a diferença é a seguinte: a absolvição aparente exige um esforço violento e temporário, ao passo que a prorrogação implica um esforço menor mas permanente. Se o senhor desejar esta modalidade, escrevo num papel uma atestação da sua inocência. O texto dessa atestação foi-me deixado pelo meu pai e é completamente inatacável. Depois, pego nela e irei mostrá-la a todos os juizes que conheço. Começarei, pois, por apresentá-la esta noite ao juiz que ando a pintar quando ele cá vier. Mostro-lhe a atestação, explico-lhe que o senhor está inocente e tomo a responsabilidade da sua inocência. Mas essa responsabilidade não é simplesmente uma aparência; pelo contrário, é qualquer coisa de efectivo e que impõe obrigações.

Os olhares do pintor como que censuravam K. por este lhe querer impor o peso duma tal responsabilidade.

Isso seria muito amável da sua parte — disse K. — Mas então o juiz acreditava em si e, apesar disso, não me dava a absolvição real?

— É. como eu disse — respondeu o pintor. — De resto, não é cem por cento certo que todos me acreditem; vários juizes hão-de, por exemplo, exigir que eu o leve à presença deles. E, nessa altura, tem de me acompanhar. No entanto, num caso desses, a coisa está meia ganha, visto que eu lhe direi de antemão qual a atitude a tomar perante tais senhores. O pior são os juizes que desde o princípio me repelirem, e isso também acontecerá. A esses teremos nós de renunciar, embora, claro está, eu esteja decidido a fazer repetidas tentativas para os conquistar; todavia, poderemos prescindir deles à vontade, pois alguns juizes não podem neste caso decidir seja o que for. Quando tiver recolhido na atestação um número suficiente de assinaturas de juizes, levo-a ao próprio juiz que está encarregado do seu processo. É possível que a assinatura deste até já esteja na atestação e, nesse caso, tudo se passará mais rapidamente do que se ela lá não estivesse. Mas em geral, nessa altura, já não há muitos obstáculos; é até o momento em que o acusado se sente completamente confiante. É estranho, mas nem por isso menos verdadeiro, o facto de as pessoas, nessa altura, terem muito mais confiança do que a seguir à absolvição. Chegados a esse ponto, já não temos necessidade de qualquer

esforço especial. O juiz tem na atestação a garantia das assinaturas e pode, portanto, absolvê-lo à vontade; e fá-lo-á, sem dúvida alguma, embora depois de cumprir certas formalidades, para me ser agradável e agradar aos outros conhecidos. Então o senhor sal do tribunal e está livre.

— Nesse caso, por conseguinte, estou livre — disse K. hesitante.

— Sim —olveu o pintor — mas apenas aparentemente, ou melhor, temporariamente. É que os juizes subalternos, entre os quais se contam os meus conhecidos, não têm o direito de absolver definitivamente; esse direito tem-no apenas o supremo tribunal que nem o senhor, nem eu, nem ninguém poderá jamais alcançar. Não sabemos qual é o seu aspecto e, diga-se de passagem, nem queremos saber. O grande direito de limpar o réu da acusação que sobre ele pesa não o têm os juizes de que lhe falei, mas têm, sem dúvida, o direito de o libertar dela. Isto é, se o absolverem deste modo, ficará provisoriamente subtraído à acusação; no entanto, esta continua a pairar sobre o senhor e pode, assim que uma ordem superior o determinar, fazer sentir os seus efeitos. Devido às boas relações que mantenho com a justiça, posso também informá-lo de que a diferença entre a absolvição real e a aparente se manifesta dum maneira puramente superficial. Nutria absolvição real, os autos do processo devem ser completamente, postos de lado; desaparecem por completo do procedimento judicial. Não é

apenas a acusação que é destruída, são-no também o processo e a sentença absolutória. Na absolvição aparente as coisas passam-se de outro modo. A única modificação que o auto sofre é ser enriquecido pela atestação de inocência, pela sentença e pelas razões que determinaram esta. Mas de resto permanece no procedimento judicial. Continuam, como o ininterrupto movimento das repartições da justiça o exige, a levá-lo aos tribunais superiores, volta aos tribunais inferiores e fica, assim, a oscilar com grandes e pequenas

amplitudes, com grandes e pequenas interrupções. Estes percursos são imprevisíveis. Quem vir a situação de fora Poderá, muitas vezes, ter a impressão de que tudo caiu no esquecimento, que o auto se perdeu e que a absolvição está completa. Um iniciado, porém, não se deixará convencer por essa aparência. Não se perde auto algum; a justiça não tem esquecimentos. Um dia, para completa surpresa de todos, um Juiz qualquer pega com mais atenção no auto, reconhece que a acusação referente ao caso ainda está em vigor e ordena imediatamente a detenção. Admiti já que entre a absolvição aparente e a nova detenção decorre bastante tempo; isso pode realmente dar-se, e eu sei de vários casos que o confirmam. Mas também é possível que o absolvido, ao chegar a casa, encontre lá gente à sua espera para o prender de novo. E, nesse caso, lá se vai a liberdade.

— E o processo começa de novo? — perguntou K., quase incrédulo.

— Coar certeza — respondeu o pintor — o processo começa de novo, mas volta a existir a possibilidade, tal como antes, de se conseguir uma absolvição aparente. Torna-se de novo necessário concentrar todas as forças e lutar sem desfalecimento.

O pintor disse estas últimas palavras talvez debaixo duma ligeira impressão de abatimento que a atitude de K. lhe comunicava.

— Mas obter a segunda absolvição não é mais difícil do que obter a primeira? — perguntou K., como se quisesse antecipar-se a qualquer revelação do pintor.

— A esse respeito não se pode afirmar nada de definido. Quer certamente dizer que a segunda detenção pode levar os juizes a proferir uma sentença desfavorável ao acusado? Não é o caso. Ao pronunciarem a absolvição, os juizes

'já haviam previsto essa detenção. Esta circunstância mal faz sentir, pois, a sua

influência. Mas pode muito bem acontecer que tanto a disposição do juiz como a sua apreciação jurídica do caso sejam, por inúmeras outras razões, completamente diferentes e, por conseguinte, as diligências destinadas à obtenção duma nova absolvição têm de se adaptar às novas circunstâncias e implicam, em geral, tantos esforços como as primeiras,

— Mas esta segunda absolvição também não é definitiva disse K., fazendo com a cabeça um gesto de negação.

— Claro que não —olveu o pintor —, à segunda absolvição segue-se a

terceira detenção, à terceira absolvição a quarta detenção e assim por diante.

K. calou-se.

— Vê-se bem que a absolvição aparente não lhe parece vantajosa. talvez a prorrogação corresponda melhor aos seus desejos. Quer que lhe explique esta modalidade?

K. fez com a cabeça um gesto afirmativo. o pintor estava quase deitado na poltrona; sob a camisa de dormir, largamente aberta, metera uma das mãos, com a qual percorria o peito e as ilhargas.

— A prorrogação — disse, olhando por instantes em frente, como se procurasse uma definição completamente exacta —, a prorrogação consiste em

manter permanentemente o processo na sua fase inicial. Para isso é necessário que o acusado e o seu auxiliar, em especial este último, se mantenham em permanente contacto com a justiça. Repito, para se alcançar uma prorrogação não é necessária, um dispêndio de forças tão grande como para se obter uma

absolvição aparente, mas é preciso ter-se uma atenção muito maior. Não se pode tirar os olhos do processo; é necessário ir regularmente ter com o juiz que nos interessa e, acima de tudo, procurar mantê-lo, por todos os meios, bem-disposto conosco. Se não se conhecer pessoalmente o juiz, torna-se necessário procurar juizes conhecidos para exercerem sobre ele a sua influência; no entanto isso não significa que se deva desistir dos contactos directos. Se neste aspecto não houver qualquer negligência, pode-se ter quase a certeza absoluta de que o processo não ultrapassa a sua primeira fase. Na verdade, o processo não termina, mas o réu fica quase tão ao abrigo de uma condenação como se estivesse em liberdade. A prorrogação possui, em relação à absolvição aparente, a vantagem de tornar menos incerto o futuro do acusado; este fica livre do susto de uma prisão repentina e não tem que recear, precisamente na altura em que as circunstâncias lhe são tão desfavoráveis, ser obrigado a tomar a seu cargo as canseiras e as aflições que a obtenção da absolvição aparente implica. No entanto, a prorrogação tem igualmente certos inconvenientes para o acusado que não devem ser subestimados. Não estou a pensar no facto de nesta modalidade o acusado nunca ser livre; também o não é, no sentido próprio do termo, na absolvição aparente. Trata-se de um outro inconveniente. O processo não pode permanecer parado sem que para tal existam pelo menos razões aparentes. Por conseguinte, é necessário criá-

las. Assim, de vez em quando, tem de se tomar diversas disposições, interrogar o acusado, realizar investigações, etc. O processo é pois obrigado a girar no mesmo pequeno círculo a que artificialmente o limitaram. Isso, naturalmente, acarreta certos inconvenientes para o acusado; não obstante, o senhor não os deve ter na conta de demasiado graves. De facto, é tudo apenas aparência, os interrogatórios, por exemplo, são muito breves; além disso, se uma pessoa não tem tempo ou vontade de lá ir, pode dar qualquer desculpa; com certos juizes, podem-se mesmo estabelecer de antemão as disposições a tomar durante um longo espaço de tempo. No fundo, tudo se resume a isto: o acusado, de vez em quando, apresenta-se ao seu juiz.

O pintor ainda estava a pronunciar estas palavras e já K., pondo o casaco no braço, se levantava.

— Já está a levantar-se! — gritou imediatamente uma voz por detrás da porta.

— Já quer ir-se embora? — perguntou o pintor, que também se havia erguido. — Certamente é o ar que o obriga a isso.

Lamento imenso. Tinha ainda muita coisa para lhe dizer. Tive de me exprimir duma maneira extremamente sucinta, mas espero, no entanto, ter-me feito compreender.

— Oh, com certeza — disse K., a quem o esforço despendido a ouvir o pintor causara dores de cabeça.

Apesar desta concordância, o pintor, resumindo mais uma vez, acrescentou, como se quisesse ainda consolar K.:

— Ambos os métodos impedem a condenação do acusado.

— Mas também impedem a absolvição real — disse K., em voz baixa, como se sentisse vergonha por ter chegado a esta conclusão.

— O senhor atingiu o âmago da questão — retorquiu rapidamente o pintor.

K. pegou no sobretudo mas nem sequer pôde decidir-se a vestir o casaco. O que mais lhe teria agradado seria fazer uma trouxa daquilo tudo e precipitar-se para onde pudesse respirar ar fresco. As raparigas também não podiam levá-lo a vergar o casaco e o sobretudo, apesar de já terem começado a gritar umas para as outras que ele se estava a vestir. O pintor, interessado como estava em saber qual o estado de espírito de K., disse:

— O senhor ainda não tomou qualquer decisão referente às propostas que lhe apresentei. Aprovo a sua atitude. Ter-lhe-ia até dado por conselho não se decidir logo de seguida. Entre as vantagens e os inconvenientes, a diferença tem a espessura de um cabelo. É necessário pesar tudo com toda a precisão. Mas, por outro lado, também não se deve perder demasiado tempo.

— Voltarei cá em breve — disse K. Depois, levado por uma decisão

repentina, vestiu o casco, atirou o sobretudo para cima dos ombros e dirigiu-se apressadamente para a porta, por detrás da qual as raparigas começaram a gritar. K. teve a impressão de as ver através da porta.

O senhor tem de cumprir a sua palavra — disse o Pintor, que não acompanhara K. —, de contrário cri próprio vou ao banco informar-me.

— Abra lá a porta — disse K., segurando o puxador que as raparigas, a julgar pela força exercida no sentido oposto, agarravam fortemente do lado de fora.

— Quer que elas o incomodem — perguntou o pintor. — É melhor servir-se desta saída — acrescentou, apontando para a porta que estava por detrás da cairia. K. concordou e recuou rapidamente. O pintor, porém, em vez de abrir a porta, meteu-se por debaixo da cama e perguntou de lá:

— Só um momento; não quer ver um quadro que eu lhe poderia vender?

K. não quis ser indelicado; o pintor interessara-se realmente pelo seu caso e prometera continuar a ajudá-lo; além disso, devido a um esquecimento da parte de K., não se havia feito referência a qualquer espécie de remuneração pelo auxílio; por conseguinte, não podia agora dizer-lhe que não e, embora tremendo de impaciência por deixar o atelier, consentiu que o pintor lhe

mostrasse o quadro. Aquele tirou de debaixo da cama um monte de telas sem moldura e de tal modo cobertas de pó que, ao procurar limpar a primeira com um assopro, fez redemoinhar à volta de K. uma nuvem que durante alguns momentos o impediu de respirar.

— Uma charneca — disse, estendendo a tela a K.

O quadro representava duas árvores enfezadas postas muito longe uma da outra sobre erva escura, tendo como fundo um pôr-do-sol multicolor.

— É bonito — disse K. — Fico com ele. Expressara-se, irreflectidamente, duma maneira tão seca que ficou contente ao verificar que o pintor, em vez de se melindrar, levantava do chão um segundo quadro.

— Aqui está um para emparelhar com esse — disse o pintor. Talvez tivesse sido intenção do autor fazer deste último quadro o simétrico do primeiro, mas não se notava entre ambos a mínima diferença; lá estavam as árvores, a erva, o pôr-do-sol. K., porém, pouco se importou com isso.

— São umas paisagens bonitas — disse. — Fico com as duas para as pendurar lá no escritório.

— Parece que o motivo lhe agrada — prosseguiu o pintor, tirando do monte uma terceira tela. — Ainda bem que tenho aqui outro quadro do mesmo género.

No entanto, este não era parecido; era, antes, exactamente a mesma paisagem da charneca. O pintor aproveitava bem a oportunidade para vender os quadros velhos.

— Também compro este — disse K. — Quanto custam os três ?

— Depois se fala nisso; o senhor agora está com pressa e, de resto, nós ficamos em contacto. Agrada-me imenso que o senhor goste dos quadros; vou mandar-lhe todos quantos aqui tenho, Representam exclusivamente charnecas. já pintei muitas. Há bastantes pessoas que não gostam deste género de quadros porque os acham sombrios; mas outras, como o senhor, gostam justamente das coisas mais sombrias.

K., porém, não estava na disposição de ouvir o pintor mendigo dissertar

sobre as suas experiências profissionais.

— Embrulhe os quadros todos! — exclamou no meio do discurso do pintor.

— Amanhã vem cá um contínuo buscá-los.

— Não é necessário. Espero poder arranjar um carregador para ir já com o senhor.

E, finalmente, curvando-se por cima da cama, abriu a porta de par em par.

— Não tenha vergonha de subir para cima da cama — disse o pintor. — E o que todos fazem quando aqui entram.

K. não teria feito qualquer cerimónia mesmo sem este encorajamento; já tinha mesmo um pé no meio do edredão quando, ao olhar pela porta, o tirou rapidamente.

— O que é isto? — perguntou ao pintor.

— O que é que lhe causa esse espanto? — perguntou aquele por sua vez também surpreendido. — São as repartições da justiça. Não sabia que há aqui repartições da justiça? Existem em quase todos os sótãos; por que razão havia logo este de não as ter? O meu atelier também lhes pertence, mas a justiça pô-lo à minha disposição.

K. não se assustou muito com o facto de também ali ter encontrado

repartições da justiça; assustara-se, acima de tudo, consigo próprio, com a sua ignorância em assuntos do tribunal. Parecia-lhe que a regra fundamental em que devia assentar o comportamento de um acusado era estar sempre preparado,

nunca se deixar surpreender, não olhar nesciamente para a direita quando o juiz se encontrava à esquerda — ora era essa precisamente a regra que não cessava de infringir.

Perante ele, estendia-se um longo corredor do qual soprava um ar que, em relação ao do atelier, se podia considerar fresco. Tal como na sala de espera da repartição onde o caso de K. era tratado, havia aqui duas fileiras de bancos, uma de cada lado do corredor. Parecia que a instalação das repartições obedecia a regulamentos bem definidos. O número de pessoas que se encontravam na sala não era muito elevado. Um homem, mais deitado do que sentado, o rosto escondido nas mãos, parecia dormir; um outro estava de pé no fundo do corredor envolvido pela penumbra. K., seguido pelo pintor com os quadros, subiu para cima da cama. Em breve encontraram um oficial de diligências — K. reconhecia Já os oficiais de diligências pelo botão de ouro que, entre os botões vulgares, aqueles tinham no fato civil — e o pintor encarregou-o de levar os quadros de K. Este, com o lenço muito apertado contra a boca, cambaleava mais do que andava. Quando já estavam quase a atingir a saída, as raparigas irromperam na direcção deles; K. nem assim tinha conseguido escapar-lhes. Era evidente que elas tinham visto que a segunda porta do atelier fora aberta e haviam dado uma volta para se introduzir por aquele lado.

— Já não posso acompanhá-lo mais — exclamou o pintor, rindo-se nomeio

das raparigas que o assaltavam por todos os lados. — Adeus. E não perca muito tempo com meditações.

K. nem sequer se voltou. Na viela meteu-se no primeiro carro que lhe apareceu. Estava interessado em se ver livre do oficial de diligências cujo botão de ouro lhe dardejava constantemente nos olhos, embora possivelmente mais ninguém a não ser ele desse conta de tal. Desejoso de prestar integralmente os seus serviços, o oficial de diligências ainda quis sentar-se na boleia, mas K. correu com ele imediatamente. já passava muito do meio-dia quando chegou ao banco. Gostaria bem de ter deixado os quadros no carro, mas receava que pudesse surgir uma ocasião qualquer em que fosse necessário demonstrar ao pintor que os tinha em seu poder. Por isso, mandou pô-los no seu gabinete e fechou-os na gaveta mais baixa da secretária para, pelo menos nos dias mais próximos, evitar que o director-interino os visse.

CAPÍTULO VIII

O COMERCIANTE BLOCK. K. DISPENSA OS SERVIÇOS DO ADVOGADO

K. sempre se decidira a dispensar os serviços do advogado. Tinha, é certo, algumas dúvidas quanto ao acerto da sua atitude, mas a, convicção de que era necessário Tomá-la sobrepujou as suas hesitações. A resolução que havia tomado exerceu em K., no dia em que quis ir falar ao advogado, um efeito tão depauperante que se viu obrigado a um ritmo de trabalho extremamente lento e a ficar no escritório até muito tarde. Assim, só depois das dez da noite conseguiu, finalmente, chegar à porta do doutor Huld. Antes de tocar, ainda pensou se não seria melhor romper com o advogado por escrito ou pelo telefone, pois era, sem dúvida, muito aborrecido tratar tais assuntos de viva voz. Apesar de tudo, não quis renunciar à solução por que optara, pois se adoptasse qualquer das outras, a sua decisão seria recebida com o silêncio ou com algumas palavras de circunstância e nunca saberia, a não ser que conseguisse apurar alguma coisa através de Leni como o advogado aceitara a notícia de que os seus serviços haviam sido dispensados e quais as consequências que, na sua douda opinião, tal atitude poderia ter. Mas, se o advogado estivesse sentado à sua frente, K. podia, ao surpreendê-lo com a sua decisão, deduzir do rosto e da atitude

daquele tudo quanto quisesse, ainda que ele usasse de dissimulação. Mas também não era impossível que, no fim, ficasse convencido de que seria útil encarregar o advogado da sua defesa e, portanto, renunciasse à sua decisão.

Como de costume, a primeira campainhada foi em vão. “Leni podia ser mais desembaraçada”, pensou K. Mas já se podia dar por feliz se nenhuma pessoa se intrometesse, pois havia sempre alguém, o homem do roupão ou qualquer outro, que começava a protestar. Enquanto premia o botão pela segunda vez, olhou para a porta que estava atrás de si, mas desta vez aquela permaneceu fechada. Por fim, no postigo apareceram dois olhos, embora não os de Leni. Alguém fez girar a chave no trinco, permanecendo, no entanto, ainda por instantes encostado à porta e gritou: “é ele”; só depois a porta se abriu completamente, K. empurrava-a já, pois tinha ouvido o ruído de uma chave a rodar apressadamente na fechadura da porta defronte. Assim, quando finalmente lhe franquearam a entrada, irrompeu directamente na antessala e viu Leni, a quem se havia destinado o grito de alarme, esgueirar-se pelo corredor situado entre os quartos. K. seguiu-a por instantes com os olhos e depois voltou-se para o homem que lhe havia aberto a porta. Este último um homem baixo e seco, de barba cerrada, tinha uma vela na mão.

— O senhor está aqui empregado? — perguntou K.

— Não — respondeu o homem —, não sou da casa; o advogado é apenas o meu representante; estou aqui por causa dum assunto judiciário.

— Sem casaco? — inquiriu K., mostrando com um gesto que o homem estava insuficientemente vestido.

— Ah, desculpe! — disse o homem, fazendo incidir a luz da vela sobre si próprio, como se fosse a primeira vez que reparasse na sua figura.

— A Leni é sua amante? — perguntou K. com secura. K. afastara um pouco as pernas e segurava o chapéu nas mãos que cruzara atrás das costas. Sentira já que o seu sobretudo grosso lhe conferia uma nítida superioridade sobre aquele homenzito baixo e magro.

— Oh, meu Deus — disse este, pondo, assustado, uma das mãos em frente da cara —, não, não, que ideia é essa?

— Pelo seu aspecto parece-me uma pessoa digna de confiança — disse K., sorrindo. — Não obstante, venha comigo.

Com o chapéu, K. indicou ao homem que devia caminhar na sua frente.

— Então como se chama, — perguntou K. enquanto caminhavam.

— Block, Sou comerciante — respondeu o homenzito ao mesmo tempo que se voltava para trás a fim de completar a sua apresentação; K., porém, não o deixou parar.

— É o seu verdadeiro nome? — perguntou.

— Com certeza,— porque duvida

— Pensei que pudesse ter qualquer razão para ocultar o seu nome. Experimentava aquela sensação de à-vontade que só a conversa no

estrangeiro com pessoas sem importância proporciona, pois, nessa altura, nada se diz de pessoal e apenas se fala serenamente daquilo que interessa ao interlocutor, o que permite não só elevar este mas também deixá-lo quando se quer. junto da porta do advogado, K. parou, abriu-a e gritou para o comerciante que, obedientemente, prosseguia o seu caminho:

— Tão depressa não! Alumie isto aqui! Pensando que Leni podia ter-se

escondido naquele local, K. mandou o comerciante esquadrihar todos os cantos. A sala, porém, estava vazia. Quando passaram em frente do retrato do juiz, K. segurou o comerciante pelos suspensórios.

— Conhece aquele? — perguntou, apontando com o indicador para cima. O comerciante ergueu a vela, pestanejou e respondeu:

— É um juiz.

— Um grande Juiz? — perguntou K., colocando— se ao lado do comerciante para observar o efeito que o quadro produzia sobre ele. O outro olhou para cima com admiração.

— É um grande juiz — disse.

— Não sabe nada disto — volveu K. — Este juiz é o mais pequeno de todos os juizes de instrução,

— Agora é que me estou a lembrar — disse o comerciante, baixando a cabeça —, já ouvi dizer isso, já.

— Pois com certeza! — exclamou K. — Estava esquecido; naturalmente, o senhor não podia deixar de ter ouvido dizer isso.

— Mas, então, por que motivo, por que motivo? — perguntou o comerciante, enquanto K., empurrando-o, o obrigava a aproximar-se da porta.

— Sabe onde é que Leni está escondida?

— Escondida? — exclamou o comerciante — Não. É capaz de estar na cozinha a fazer a sopa para o advogado.

— Porque não disse logo isso? — perguntou K.

— Era lá que eu o queria levar, mas o senhor disse-me que voltasse para trás — respondeu o comerciante, como se estivesse atrapalhado por ordens contraditórias.

— Acha-se então muito esperto? — disse K. — Bom, indique-me? lá o caminho!

K. nunca tinha estado na cozinha; esta era surpreendentemente grande e estava muitíssimo bem apetrechada. Só o fogão era três vezes maior do que os fogões vulgares; porém, do restante, não se conseguia distinguir qualquer pormenor, pois a cozinha encontrava-se apenas iluminada por uma pequena lâmpada pendurada à entrada. Junto ao fogão, Leni, de avental branco, como sempre, colocava ovos dentro de uma panela que se encontrava sobre uma lâmpada de álcool.

— Boa noite, Josef — disse ela, olhando de relance.

— Boa noite — volveu K., ao mesmo tempo que apontava para um banco afastado, no qual o comerciante se devia sentar. Este assim fez.

K., porém aproximou-se por detrás de Leni e, chegando-se muito à rapariga, disse-lhe por cima do ombro:

— Quem é aquele homem? Leni passou um braço à volta de K., atraiu-o para si e respondeu, enquanto mexia a sopa com a outra mão:

— E um desgraçado, um pobre comerciante, um tal Block. Olha-me só para ele.

Ambos se voltaram para observar o comerciante. Este estava sentado na cadeira que K. lhe indicara, apagara a vela cuja luz agora não era necessária e apertava a torcida com os dedos para impedir de fumegar.

— Tu estavas em camisa — disse K., obrigando com a mão a rapariga a voltar de novo a cabeça para o fogão.

Ela calou-se.

— É o teu amante? — inquiriu K. Leni quis agarrar a panela da sopa mas

K., segurando-lhe ambas as mãos, disse:

— Anda, responde!

— Vem para o escritório; lá explico-te tudo.

— Não — replicou K. —, quero ouvir aqui a explicação. Leni pendurou-se-lhe ao pescoço e tentou beijá-lo. K., porém, afastou-a e exclamou:

— Não quero que me beijes agora.

— Josef — disse Leni, fitando-o nos olhos com uma expressão suplicante mas sincera —, vais deixar de ter ciúmes do senhor Block. Rudi — prosseguiu ela, voltando-se para o comerciante — ajuda-me; não vês que estão a desconfiar

de mim? Larga a vela.

Ter-se-ia podido pensar que o comerciante não havia prestado a mínima atenção a tudo quanto se passara, mas, no entanto, ele estava perfeitamente ao corrente.

— Também não vejo por que razão o senhor deva ter ciúmes! — disse ele depois de um certo esforço mental.

— Eu tão-pouco, na verdade — retorquiu K., fitando o comerciante com um sorriso.

Leni deu uma gargalhada e, aproveitando a distração de K., pendurou-se-lhe no braço, murmurando:

— Deixa-o; já estás a ver que tipo de homem ele é. Só me ocupei um pouco dele por ser um bom cliente do advogado; não foi outro o motivo. E tu? Ainda queres falar com o advogado? Ele hoje está muito doente, mas se quiseres vou dizer-lhe que estás aqui. É claro que ficas comigo esta noite. Há tanto tempo que não vinhas cá; até o advogado já perguntou por ti. Não te descuides com o

processo! Tenho também de te contar umas coisas que soube.
Mas, para já, tira o sobretudo.

Ajudou-o a despir-se, tirou-lhe o chapéu e correu a pendurar as
coisas na

antessala; depois, novamente a correr, regressou à cozinha para
olhar pela sopa.

— Que faço em primeiro lugar, anuncio-te ou levo-lhe a sopa,

— Anuncia-me. Estava irritado; havia primitivamente tencionado
discutir o seu caso com Leni e referir-se precisamente à hipótese
de dispensar os serviços do advogado; porém, a presença do
comerciante tinha-lhe tirado a vontade de abordar esse assunto.

Mas agora considerava o seu caso demasiado importante para
que aquele pequeno comerciante se imiscuísse duma maneira
talvez decisiva. Assim, chamou Leni, que já se encontrava no
corredor.

— Leva-lhe primeiro a sopa — disse —, ele tem de ganhar forças
para a

discussão que vai ter comigo; vai precisar bem delas.

— O senhor também é cliente do advogado — disse do seu canto,
em voz baixa, o comerciante em tom de confirmação.

A sua intervenção, porém, foi mal acolhida.

— Que lhe interessa? — disse K. Leni acudiu.

— Estás calado? Bom, então sempre lhe levo primeiro a sopa.
Deitou a sopa num prato.

— O meu único receio é que ele adormeça logo de seguida; ele
costuma
pôr-se a dormir assim que acaba de comer.

— O que lhe vou dizer há-de mantê-lo de olhos abertos disse K.,
que não queria perder nenhuma oportunidade para deixar
entrever que tencionava tratar qualquer assunto importante com
o advogado; queria, além disso, que Leni lhe perguntasse de que
se tratava para nessa altura lhe pedir conselho.

Aquela, porém, limitava-se a cumprir exactamente as ordens que
recebia.

Quando passou junto dele com a sopa na mão, tocou-lhe
ao de leve, propositadamente, e sussurrou:

— Logo que ele acabe de comer a sopa anuncio-te
imediatamente, para assim poder tornar a ver-te o mais cedo
possível.

— Anda lá, anda lá — disse K.

— Não sejas tão ríspido — pediu ela, voltando-se mais uma vez ao
chegar à porta.

K. seguiu-a com o olhar. Estava agora definitivamente decidido a prescindir

dos serviços do advogado; era pois bem melhor já não poder falar com Leni a esse respeito, ela não conhecia o caso senão nas suas linhas gerais e tê-lo-ia certamente dissuadido; e se porventura ele fosse impedido desta vez de realizar o que tencionava, isso só lhe traria dúvidas e inquietações, não o impedindo de, passado algum tempo, levar a cabo a sua resolução, tão imperiosamente ela se manifestava. Quanto mais depressa a coisa se resolvesse menor seria o número de aborrecimentos. Talvez o comerciante lhe pudesse dizer qualquer coisa a esse respeito.

K. voltou-se; o comerciante mal notou este gesto quis logo levantar-se.

— Deixe-se estar sentado — disse K., puxando uma cadeira para perto daquele.

— O senhor é um cliente já muito antigo do advogado? perguntou K.

— Sim — respondeu o comerciante —, um cliente muito antigo.

— Há quanto tempo é que ele o representa?

— Não sei bem o que quer dizer com essas palavras — retorquiu o comerciante. — Nas questões jurídicas referentes aos meus negócios, tenho um negócio de cereais, sou cliente dele há vinte

anos, isto é, desde que tomei conta do negócio; e no meu processo, que é provavelmente aonde o senhor quer chegar, representa-me igualmente desde o princípio, ou seja, há mais de cinco anos. Sim, há muito mais de cinco anos — acrescentou, tirando uma velha pasta — tenho aqui tudo escrito, se quiser mostro-lhe as datas exactas. É difícil fixar tudo. Provavelmente, o meu processo dura há muito mais tempo, começou logo a seguir à morte da minha mulher, e isso já lá vai bem para cima de cinco anos.

K. aproximou-se mais do comerciante.

— O advogado também se encarrega de questões jurídicas vulgares? —

perguntou K.

Esta ligação da justiça com o direito parecia-lhe invulgarmente tranquilizadora.

— Evidentemente — respondeu o comerciante. Depois, ao ouvido de K.,

sussurrou:

— Dizem até que ele é melhor nesse género de questões do que nas outras. Mas, logo a seguir, como se estivesse arrependido da confiança, pôs a

mão no ombro de K. e acrescentou:

— Peço-lhe por tudo que não me traia. K., para o sossegar, bateu-lhe na coxa e disse:

Não, não sou traidor nenhum. É que ele é muito vingativo — explicou o comerciante. Com certeza que ele não fazia nada contra um cliente tão fiel —

disse K.

— Fazia sim — retorquiu o comerciante —, quando está irritado não vê diferenças; de resto, também não lhe sou assim tão fiel.

— Como, como?

— Não sei se posso abrir-me com o senhor... — disse o comerciante, hesitando.

— Acho que pode — replicou K.

— Bom, vou confiar-lhe uma parte do segredo; mas o senhor deve, igualmente, contar-me um dos seus para, desse modo, ficarmos mutuamente comprometidos em relação ao advogado.

— E muito previdente — disse K. — mas eu conto-lhe um segredo que o tranquilizará completamente. Então em que consiste a sua infidelidade ao advogado?

— É que... — começou o comerciante num tom de hesitação, como se

confessasse qualquer coisa de desonroso — é que, além dele, tenho outros advogados.

— Isso não é assim tão grave — disse K. um pouco desiludido.

— Aqui é — retorquiu o comerciante, que respirava profundamente depois de ter feito a sua confissão; porém, ao ouvir a observação de K. cobrou mais ânimo. — Não é permitido. E ainda é menos permitido contratar zângãos. E foi isso precisamente o que fiz. Além dele tenho ainda mais cinco advogados dos que exercem ilegalmente a advocacia.

— Cinco! — exclamou. O número era suficiente para o espantar. — Cinco

advogados além deste?

O comerciante meneou a cabeça afirmativamente:

— Ainda estou em negociações com inseto.

— Mas para que tem precisão de tantos advogados?

— Necessito de todos.

— Não quer explicar-me para que f..

— De bom grado — disse o comerciante. — Antes de mais, não quero, evidentemente, perder o meu processo. Por consequência, tenho de lançar mão de tudo quanto me possa ser útil; mesmo quando a esperança que deposito na utilidade de qualquer iniciativa é extremamente reduzida, não me posso permitir não a

tomar. Por conseguinte, empreguei no processo tudo quanto possuo. Assim, por exemplo, retirei todo o dinheiro do meu negócio; dantes os meus escritórios ocupavam quase um andar; agora trabalho mais um aprendiz num quartito das traseiras, e isso chega-me perfeitamente. Esta quebra nos meus negócios não foi só motivada pelo facto de eu ter tirado o dinheiro, mas sobretudo pela diminuição da minha energia para trabalhar. Quem quiser fazer alguma coisa pelo seu processo, só pode dispensar muito pouco tempo a qualquer outra coisa.

— Também trabalha na justiça? — perguntou K. — Era justamente sobre isso que eu gostava de me informar.

— A esse respeito pouco lhe posso dizer — respondeu o comerciante. —

Ao princípio ainda tentei, mas em breve desisti. É um trabalho demasiado extenuante e pouco proveitoso; fiquei sem qualquer espécie de dúvida de que me era impossível negociar e, ao mesmo tempo, trabalhar nas repartições da justiça. Até o simples facto de lá estar sentado à espera constitui um esforço enorme. O senhor mesmo conhece aquele ar pesado lá das repartições.

— Como é que sabe que eu já lá estive? — inquiriu K.

— Eu estava na sala de espera precisamente na altura em que o senhor passou.

— Que acaso extraordinário! — exclamou K., esquecendo-se por completo de quanto havia considerado ridículo o comerciante, tão preso ficara às suas palavras. — Então viu-me! Estava, pois, na sala de espera quando eu passei. Sim, de facto passei por lá uma vez.

— Não é um acaso assim tão extraordinário — disse o comerciante —, vou lá quase todos os dias.

— Provavelmente terei de lá ir também com mais frequência, mas é difícil voltar a ser recebido com tanto respeito. Toda a gente se levantou. Foram bem capazes de pensar que eu era um juiz.

— Não — disse o comerciante —, foi o oficial de diligências quem nós

cumprimentámos. Sabíamos que o senhor era um acusado. Essas notícias espalham-se depressa.

— Então já sabiam — disse K. —, possivelmente a minha atitude pareceu-lhe altiva. Ninguém se referiu a isso?

— Não. Pelo contrário, Mas isso é uma estupidez.

— Estupidez?

— Porque mo pergunta? O senhor parece que ainda não conhece aquela gente e possivelmente faz dela uma ideia errada. O senhor tem de tomar em consideração que neste procedimento judicial se fala repetidas vezes de muitas coisas para cuja

compreensão, a determinada altura, a razão se torna insuficiente; as pessoas estão demasiado cansadas, deixam de ligar a certos assuntos e entregam-se à superstição. Estou a falar dos outros, mas eu próprio não sou melhor. Uma das superstições, por exemplo, consiste em acreditar que através da observação do rosto do acusado e em especial do desenho dos lábios se adivinha o resultado do processo. Os que crêem nessas coisas afirmaram, baseando-se no desenho dos seus lábios, que o senhor seria sem dúvida castigado e dentro de pouco tempo. Eu, repito, acho tal superstição ridícula; aliás, na maior parte dos casos, ela é completamente refutada, mas quando se vive naquela sociedade é difícil escapar a tais pensamentos. Imagine só a força dessa superstição. Falou lá com um sujeito, não é verdade? Ele mal lhe pôde responder. há, naturalmente, muitas razões para uma pessoa lá se atrapalhar, mas uma delas foi o aspecto dos seus lábios. Ele contou depois que tinha julgado ver nos seus lábios o sinal da sua própria condenação.

— Nos meus lábios? — perguntou K., tirando um espelhinho da algibeira e

olhando-se nele. — Não consigo ver nada de especial nos meus lábios. E o

senhor?

— Eu também não — respondeu o comerciante —, absolutamente nada.

— Como essa gente é supersticiosa! — já não lho tinha dito? — perguntou o comerciante.

— Dão-se bastante uns com os outros? 'trocam opiniões? Até aqui tenho-me mantido completamente à parte — disse K.

— Em geral não se dão uns com os outros — retorquiu o comerciante —, irão era possível; são tantos. Além disso, há poucos interesses comuns. Por vezes, dentro dum grupo, começa-se a acreditar num interesse comum; porém, em breve essa convicção é considerada um erro. Em comum não se consegue nada contra o tribunal. Cada caso é analisado separadamente; é, na verdade, a mais cuidadosa das justiças. Em comum não se pode, pois, conseguir seja o que for; só isoladamente e em segredo se alcança por vezes alguma coisa. Contudo, os outros só vêm a tomar conhecimento do que se deu depois do acto consumado. Ninguém sabe como aconteceu. Não há, pois, solidariedade; é certo que, de vez em quando, as pessoas ainda se encontram nas salas de espera, mas aí pouco se fala. As opiniões supersticiosas existem já há muito e multiplicam-se espontaneamente.

— Vi esses sujeitos lá na sala de espera — disse K. — O que eles estavam a fazer pareceu-me assaz inútil.

— Esperar não é inútil — retorquiu o comerciante —, inútil é apenas intervir isoladamente. Já aqui disse que, além deste, tenho ainda mais cinco advogados. Devia pois acreditar-se, eu próprio ao princípio assim o acreditei, que podia, então, deixar o meu processo inteiramente iras mãos deles. No entanto, tal convicção seria completamente falsa. Ainda estou menos descansado do que se tivesse só um. O senhor com certeza não percebe isto?

Não — respondeu K., pondo a mão sobre a do comerciante para o acalmar e

impedir que ele falasse demasiado depressa. — Gostaria de lhe pedir que falasse um pouco mais de vagar, porque se trata de coisas muito importantes para mim e, deste modo, não posso segui-lo convenientemente.

— Faz bem em lembrar-mo —olveu o comerciante. — Realmente, o senhor é um novato, um principiante. O seu processo tem apenas seis meses, não é assim, foi o que ouvi dizer. É tão recente! Medito vezes sem conta nestes assuntos; para mim são o que há de mais natural no mundo.

— Está, pois, satisfeito por o seu processo se encontrar tão adiantado? —

perguntou K., evitando, de propósito, interrogar directamente o comerciante sobre o estado em que o seu caso se encontrava.

Porém, a resposta que recebeu foi igualmente evasiva.

— Sim, há cinco anos que ando às voltas com o meu processo — respondeu o comerciante, pondo os olhos no chão — e não tenho tido pouco trabalho.

Depois, calou-se por uns instantes. K. pôs-se à escuta de possíveis passos de Leni. Por um lado, não queria que ela viesse, pois ainda tinha muita coisa a perguntar e não desejava ser surpreendido nesta troca de ideias confidencial, mas

por outro estava irritado, visto ela, apesar de o saber ali, se demorar muito mais tempo com o advogado do que o necessário para lhe dar a sopa.

— Ainda me lembro muito bem do tempo em que o meu processo tinha a idade do seu — começou de novo o comerciante, prendendo assim imediatamente a atenção de K. Nessa altura tinha apenas este advogado, mas não estava lá muito satisfeito com ele.

“Agora é que eu fico a saber tudo”, pensou K., ao mesmo tempo que

meneava vivamente a cabeça, como se por esse meio pudesse encorajar o comerciante a dizer tudo quanto tivesse interesse.

— O meu processo — continuou o comerciante — não andava para a frente; realizaram-se interrogatórios e eu compareci a

todos; coligi materiais, apresentei no tribunal todos os meus livros de contabilidade, soube mais tarde que isso nem sequer era preciso, fui vezes sem conta a casa do advogado, este meteu vários requerimentos...

— Vários requerimentos? — perguntou K.

— Sim, claro — respondeu o comerciante.

— Isso interessa-lhe muito; no meu caso ele ainda está a trabalhar no primeiro requerimento. Ainda não fez nada. Estou a ver que ele descara escandalosamente os meus interesses.

— Pode haver vários motivos para o requerimento ainda não estar pronto

— disse o comerciante. — De resto, mais tarde veio a verificar-se que os meus requerimentos não tinham servido para nada.

Cheguei. mesmo a ler um deles que um oficial de diligências amavelmente me mostrou. Estava redigido com muito saber, mas na verdade era completamente vazio. Em primeiro lugar, estava recheado de frases em latim, que é língua que não entendo, depois, páginas inteiras de apelos de ordem geral à justiça, em seguida, lisonjas visando certos funcionários que, embora não fossem mencionados, podiam facilmente ser referenciados por qualquer iniciado, mais adiante, o auto-elogio do advogado, em que ele perante o tribunal se humilhava como um cão e, finalmente, a análise de casos jurídicos ocorridos antigamente

que seriam semelhantes ao meu. Na verdade, tais análises, tanto quanto pude segui-las, estavam cuidadosamente elaboradas. A minha intenção ao dizer-lhe isto não é pronunciar-me sobre o trabalho do advogado, pois o requerimento que li era apenas um entre vários; no entanto, e é a isso que eu agora me quero referir, não conseguia ver qualquer progresso no meu caso.

— Que espécie de progresso queria ver? — perguntou K.

— A sua pergunta é muito sensata — replicou o comerciante, sorrindo —, nestes casos só muito raramente se podem ver progressos. Mas naquela altura eu ainda não o sabia. Sou comerciante, e naquele tempo era-o muito mais do que hoje, queria progressos palpáveis: o caso devia ou tender para um desfecho ou, pelo menos, iniciar uma autêntica subida. Em vez disso, havia apenas interrogatórios que, na maioria, pouca diferença faziam uns dos outros; eu já dizia as respostas como numa ladainha; os oficiais de diligências iam várias

vezes por semana ter comigo à loja, a casa ou onde pudessem encontrar, o que, naturalmente, me incomodava bastante (hoje, a esse respeito, está-se muito melhor, pois uma chamada telefónica incomoda muito menos); começaram, também a espalhar-se boatos do meu processo entre os meus colegas e

especialmente entre a minha família; por todo o lado principiaram a aparecer-me prejuízos, sem que, no entanto, houvesse o mínimo indício de que em breve se realizaria a primeira audiência. Assim, fui ter com o advogado e queixei-me do que se estava a passar. Deu-me longas explicações, mas recusou-se firmemente a fazer fosse o que fosse a respeito do que eu me queixava, dizendo que ninguém tinha influência sobre a fixação da data da audiência e que insistir em tal por meio de um requerimento, como eu pedia, era simplesmente inaudito e só acarretaria prejuízos tanto para mim como para ele.

Então pensei eu: o que este advogado não quer ou não pode há-de outro querer e poder. Portanto, voltei-me para outros advogados. Porém, antes de mais nada, quero já dizer o seguinte: nenhum pediu ou conseguiu que marcassem a data da audiência principal; isto, sob certas reservas a que mais tarde me referirei, é realmente impossível. Neste aspecto, portanto, o doutor Huld não me enganou, mas de resto não tenho nada a lamentar por me ter voltado para outros advogados. O senhor, com certeza, deve ter ouvido muita vez o doutor Huld falar dos zângãos; provavelmente, descreveu-os como sendo uns indivíduos horríveis, e são-no na verdade. Todavia, quando se refere a estes e os compara a ele e aos seus colegas, escapa-lhe sempre uma pequena inexactidão para a qual eu quero, ainda que de passagem, chamar a sua atenção. Designa sempre os advogados

com quem se dá por “os grandes advogados”, para assim os distinguir dos outros. Isto é errado; naturalmente cada um pode chamar “grande” a si próprio sempre que isso lhe aprouver, mas neste caso quem decide é unicamente o costume da justiça. Segundo este costume, há realmente, além dos zângãos, pequenos advogados e grandes advogados. Mas ele e os colegas são apenas pequenos advogados; entre os grandes, que só conheço de ouvir falar, pois nunca os vi, e os pequenos advogados a diferença de categoria é incomparavelmente superior à que existe entre estes últimos e os desprezados zângãos.

— Os grandes advogados? Quem são? Como se chega até eles?

— Então o senhor nunca ouviu falar neles? Talvez não haja um só acusado que, depois de ter ouvido coisas a seu respeito, não tenha sonhado com eles durante uns tempos. Mas o melhor é o senhor não ceder à tentação. Não sei quem são os grandes advogados, mas sei que até eles ninguém chega. Não conheço nenhum caso em que se possa afirmar com segurança que eles intervieram. Defendem diversas pessoas, mas isso não depende da vontade do acusado, pois só defendem quem eles querem. Mas para se ocuparem de um caso é preciso que este já tenha saído do tribunal mais baixo. Aliás, é melhor não pensar neles, pois de contrário começa-se a achar as conversas com os outros advogados, os seus conselhos e as suas ajudas tão desprezíveis e

inúteis, falo por experiência própria, que só o que apetece é uma pessoa mandar tudo para o diabo, deitar-se na cama e

não querer ouvir falar de mais coisa nenhuma. Mas isso seria, naturalmente, a atitude mais estúpida, pois até mesmo na cama o sossego seria de pouca dura. — Portanto, nessa altura, o senhor não pensava nos grandes advogados? — perguntou K.

— Bom, durante muito tempo, não — retorquiu o comerciante, sorrindo de novo —, mas infelizmente é impossível esquecê-los por completo; especialmente as noites são propícias a tais pensamentos. Mas naquele tempo o que queria era resultados rápidos, e por isso fui ter com os zângãos.

— Como estão aí sentados tão pertinho um do outro! — exclamou Leni, que tinha voltado e se encontrava à porta.

Estavam realmente sentados muito perto um do outro; o mais pequeno movimento faria com que as cabeças se tocassem; o comerciante, a despeito da sua pequena estatura, mantinha as costas arqueadas, o que obrigava K. a curvar-se também profundamente se quisesse ouvir tudo o que o outro dizia.

— Mais um instante! — gritou K. para Leni a fim de a afastar e fazendo ao mesmo tempo um gesto de impaciência com a mão que ainda conservava sobre a do comerciante.

— Ele quis que eu lhe contasse o meu processo — disse o comerciante para

Leni.

— Conta, conta — respondeu esta. Falava com o comerciante não só

afectuosamente mas também com um ar de condescendência, o que não agradou a K. Como agora acabava de reconhecer, o homem sempre tinha um certo valor, pelo menos sabia narrar bem as experiências por que passara. Leni, provavelmente, tinha uma ideia errada a seu respeito, Olhou irritado para a rapariga quando esta, tirando a vela ao comerciante, que ainda não a havia largado, lhe limpou a mão com o avental e depois, ajoelhando-se ao lado dele, continuou a raspar a cera que lhe tinha pingado para as calças.

— Ia a contar-me qualquer coisa sobre os zângãos — disse K., afastando

sem uma palavra a mão de Leni.

— Que é que queres? — perguntou Leni, dando uma ligeira pancada em K. e continuando o seu trabalho.

— Pois, acerca dos zângãos — repetiu o comerciante, passando a mão pela testa como se estivesse a reflectir.

K., querendo ajudá-lo, disse:

— O senhor queria obter resultados rápidos e por isso foi ter com os zângãos.

— Exactamente — exclamou o comerciante, sem no entanto continuar.

“Provavelmente não quer falar em frente de Leni”, pensou K., e, refreando a sua impaciência de ouvir imediatamente a continuação, não voltou a insistir com o outro.

— Anunciaste-me? — perguntou a Leni.

— Evidentemente — respondeu esta. — Ele está à tua espera. Deixa lá o

Block, mais tarde podes falar com ele, pois fica cá.

K. hesitava ainda.

— O senhor fica cá? — perguntou a Block. Queria que fosse este a responder e não que Leni falasse como se o comerciante estivesse ausente. Estava cheio duma secreta irritação contra Leni. Mas foi esta de novo quem respondeu:

Ele dorme cá muitas vezes. Ele dorme aqui? — exclamou K.

Pensara que o

comerciante o aguardaria até ele despachar rapidamente a sua conversa com o advogado, e que depois sairiam juntos e falariam de tudo tranquila e pormenorizadamente.

— Dorme — respondeu Leni. — Nem todos são, como tu, atendidos pelo advogado a qualquer hora. Parece que nem te admiras com o facto de o advogado, apesar da sua doença, te receber às onze da noite. Consideras tudo quanto os teus amigos te fazem como uma coisa natural. Bom, os teus amigos, ou pelo menos eu, fazem-no de boa vontade. Que gostes de mim é a única paga que quero e necessito.

“Gostar de ti?”, foi o primeiro pensamento de K.; depois, porém, disse para

si próprio: “Sim, gosto dela.” No entanto, pondo tudo o resto de parte, volveu:

— Ele recebe-me porque sou seu cliente. Se até para isso fosse preciso o auxílio de outras pessoas, não se podia dar um passo sem se mendigar e agradecer ao mesmo tempo.

— Como ele hoje está mau, não está? — perguntou Leni ao comerciante.

“Agora sou eu o ausente” — pensou K., ficando quase zangado com o comerciante quando este, fazendo-se eco da indelicadeza de Leni, respondeu:

— O advogado recebe-o ainda por outras razões. E que o caso dele é mais interessante do que o meu. Além disso o seu processo está no princípio e, portanto, ainda se encontra, provavelmente, pouco embrulhado. É por essa razão que o advogado gosta tanto de se ocupar dele.

— Pois, Pois — disse Leni, olhando para o comerciante e rindo-se —, que palavrório! De maneira nenhuma deves acreditar no que ele está por aí a dizer — continuou, voltando-se para K. — Tem tanto de amável como de, tagarela. Talvez seja por isso que o advogado não o pode suportar. Em todo o caso só o recebe quando está para aí virado. Tenho feito esforços enormes para modificar esta situação, mas é impossível. Imagina: muitas vezes anuncio o Block e só passados três dias é que ele o recebe. Mas se o Block não se encontra presente quando o chamam, então está tudo perdido e tem de ser novamente anunciado. Foi por isso que consenti que o Block dormisse cá; é que o advogado já tem tocado a campainha a meio da noite para o receber. Portanto, agora, mesmo de noite, o Block está preparado. No entanto, às vezes, o advogado, ao saber que o Block se encontra cá, dá-me tina contra-ordem.

K. olhou para o comerciante com um ar de interrogação. Este confirmou com um movimento de cabeça as palavras de Leni e disse com tanta franqueza como anteriormente, talvez um pouco distraído devido à humilhação:

— Pois é, com o tempo uma pessoa fica a depender muito do seu advogado.

— As lamentações dele são a fingir — disse Leni. — Ele até gosta muito de dormir aqui, como já muitas vezes mo afirmou.

Leni aproximou-se duma pequena porta e abriu-a de par em par.

— Queres ver onde ele dorme? K. chegou-se e espreitou da soleira para dentro dum estreito compartimento com janelas, que uma pequena cama enchia completamente. Quem se quisesse deitar tinha de passar por cima dos pés da cama. À cabeceira havia uma reentrância na parede, onde se encontravam, meticulosamente arrumados, uma vela, um tinteiro e penas, assim como um maço de papéis, provavelmente documentos do processo.

— Dorme no quarto da criada? — perguntou K., voltando-se para o

comerciante.

— Foi Leni quem mo arranjou — respondeu o comerciante tem muitas vantagens.

K. olhou demoradamente para ele; a primeira ideia que o comerciante lhe

causara fora, provavelmente, acertada; tinha experiência, pois o seu processo já durava há muito tempo, mas pagara por ela um preço elevado. Subitamente, K. deixou de poder encará-lo.

— Leva-o para a cama! — exclamou para Leni, que pareceu não o

compreender.

Queria ir ter com o advogado para romper com ele e, desse modo, se ver livre igualmente de Leni e do comerciante. Mas antes de ter chegado à porta, este dirigiu-se-lhe em voz baixa:

— Senhor gerente. K. voltou-se para o comerciante com um ar irritado.

— O senhor esqueceu-se da sua promessa — continuou o comerciante, esticando-se, suplicante, do seu lugar na direcção de K. — Disse que me contava um segredo.

— Realmente — replicou K., lançando também a Leni, que o contemplava atentamente, um fugaz relance. — Ouçam então: o que eu vou dizer quase já nem é segredo. Vou ter com o advogado para romper com ele.

— Ele dispensa os serviços do advogado! — exclamou o comerciante e, correndo pela cozinha com os braços erguidos, repetia sem cessar:

— Ele dispensa os serviços do advogado! Leni quis, logo de seguida, atirar-se contra K.; o comerciante, porém, atravessou-se-lhe no caminho e ela deu-lhe um soco. Sempre de punhos fechados, correu atrás de K. que, contudo, levava um grande avanço. já tinha entrado no quarto do advogado quando Leni o agarrou. K. quase fechara a porta atrás de si, mas Leni que, com um pé no batente, a mantinha aberta, pegou-lhe por um braço e procurou puxá-lo. Ele, porém, apertou-lhe o pulso com tanta força que Leni, soltando um suspiro, se viu obrigada a largá-lo. Ela, agora, não se atrevia a entrar no quarto; K., por seu lado, fechou a porta à chave.

— Há muito tempo que o aguardo — disse o advogado, que se encontrava deitado, colocando em cima da mesinha-de-cabeceira um documento que tinha estado a ler à luz da vela.

Depois, pondo os óculos, observou K, severamente. Este, em vez de pedir desculpa, disse simplesmente:

— Não me demoro muito.

O advogado não prestou atenção à observação de K.? pois não se tratava duma desculpa, e disse:

Nunca mais o receberei a uma hora destas. Isso vem ao encontro dos meus

desejos — replicou K.

O advogado olhou-o com um ar interrogador.

Sente-se — disse. Visto que o deseja — retorquiu K., puxando uma cadeira para junto da mesinha de cabeceira e sentando-se.

— Pareceu— me que fechou a porta.

— Sim, por causa da Leni. Estava decidido a não poupar ninguém. O

advogado, porém, perguntou:

— Ela foi outra vez importuna?

— Importuna?

— Sim — disse o advogado, rindo-se. Depois, teve um acesso de tosse;

quando este acabou, voltou a rir-se.

— Certamente já reparou como ela se mostra importuna?

perguntou, ao mesmo tempo que dava uma ligeira pancada na mão de K. que, distraidamente, se havia apoiado na mesinha-de-cabeceira. Aquele retirou rapidamente a mão. — Não liga grande importância a isso — continuou o advogado ao ver que K. não respondia —, tanto melhor. De contrário, eu seria talvez obrigado a pedir-lhe desculpa. Trata-se duma excentricidade de Leni que, de resto, há muito tempo lhe perdoei, e da qual não falaria se o senhor não tivesse acabado de fechar a porta. Essa

excentricidade (quereria falar o menos possível disto consigo, mas o seu rosto tem uma tal expressão de espanto que me veio obrigado a fazê-lo), essa excentricidade consiste, pois, no seguinte: Leni acha belos quase todos os acusados. Agarra-se a todos, ama todos e parece que também é amada por todos; para me distrair conta-me, quando a deixo, muitas coisas a esse respeito. Eu não estou tão admirado com tudo isso como o senhor parece estar. Quando se olha como deve ser acha-se realmente que muitas vezes os acusados são belos. Isso é, sem dúvida, um fenómeno estranho que, de certo modo, pertence ao domínio das ciências naturais. É, evidente que a acusação não tem como consequência uma nítida e bem determinada modificação do aspecto do réu; neste caso, as coisas não se passam como nos outros casos jurídicos; assim, a maior parte dos acusados continua a viver a sua vida de todos os dias e, se têm um bom advogado que olhe por eles, nem são incomodados pelo processo. No entanto, aqueles que têm experiência destas coisas são capazes de reconhecer os acusados, um por um, entre a maior multidão. Como? perguntará; a minha resposta não o irá satisfazer; é que os acusados são justamente os mais belos. Não pode ser a culpa que os torna belos — é assim que tenho de falar, pelo menos como advogado —, pois nem todos são culpados; também não pode ser a punição adequada que os faz de antemão belos, porque nem todos são castigados; a explicação só pode residir na

maneira como o seu caso e tratado, maneira essa que de algum modo os reveste exteriormente. No entanto, entre os belos há também os especialmente belos. Mas todos eles são belos, até o Block, esse miserável verme.

Quando o advogado acabou de falar, já K. estava completamente sereno, havia até meneado invulgarmente a cabeça, quando das últimas palavras daquele, traduzindo assim para si próprio a confirmação da sua já velha opinião, segundo a qual o advogado procurava sempre, por meio de generalidades que não vinham nada a propósito, desviá-lo da questão principal: que fizera ele de efectivo no seu caso? O advogado reparou certamente que desta vez K. lhe oferecia mais resistência do que era habitual, pois calou-se para lhe dar oportunidade de falar; depois, como K. permanecesse calado, inquiriu:

— A sua visita de hoje tem uma determinada intenção? —
Tem —

respondeu K., pondo a mão à frente da luz da vela para ver melhor o advogado.

— Queria dizer ao senhor doutor que a partir de hoje prescindo dos seus serviços.

— Estarei a compreendê-lo bem? — perguntou o advogado, soerguendo-se e apoiando-se nas almofadas com uma das mãos.

— Suponho que sim — respondeu K., que estava sentado muito direito e rígido como um caçador à espreita da presa.

— Bom, podemos realmente discutir também esse plano disse o advogado passado um momento.

— Já não é um plano — replicou K.

— Pode ser — disse o advogado —, mas, apesar disso, nós não vamos precipitar-nos.

Usou a palavra “nós” como se tivesse a intenção de não renunciar a ocupar-se de K. e como se quisesse, caso fosse forçado a renunciar, continuar a aceitá-lo como conselheiro,

— Não há qualquer precipitação — disse K., levantando-se lentamente e pondo-se por detrás da cadeira —, foi tudo muito bem pensado e, possivelmente, durante demasiado tempo. A minha decisão é definitiva.

— Nesse caso permita-me ainda algumas palavras — disse o advogado, levantando o edredão e sentando-se na beira da cama. As suas pernas nuas cobertas de pêlos brancos tiritavam de frio. Pediu a K. que lhe alcançasse um cobertor que estava em cima do canapé. K. entregou-lho e disse:

— Está a expor-se ao frio sem necessidade nenhuma.

— A ocasião é suficientemente importante — disse o advogado, ao mesmo tempo que envolvia o tronco no edredão e embrulhava as pernas no cobertor.

— O seu tio é meu amigo e eu, com o decorrer do tempo, também me

afeiçoei a si. Confesso-o francamente e não me envergonho disso.

Estas palavras repassadas de sentimentalismo não agradavam a

K., que se via assim obrigado a dar uma explicação

pormenorizada, o que bem teria gostado de evitar; além disso

como ele próprio tinha de reconhecer — desconcertavam-no,

embora nunca o pudessem fazer recuar na sua decisão... —

Agradeço-lhe a sua amável atitude — disse K. — Reconheço

também que o senhor doutor se

ocupou do meu caso tanto quanto lhe foi possível e da maneira

que lhe pareceu trazer-me mais vantagens. Contudo, ultimamente,

tenho-me convencido de que isso não é suficiente. Não tenho,

naturalmente, nem jamais terei, a intenção de convencer o senhor

doutor, uma pessoa mais velha e com muito mais experiência do

que eu, a aceitar a minha opinião; se alguma vez,

involuntariamente, o fiz, peço-lhe que me desculpe, mas o assunto

é, para me servir das próprias palavras do senhor doutor,

suficientemente importante e estou convencido de que se torna necessário intervir no processo com mais energia do que até aqui.

— Compreendo-o — disse o advogado; — o senhor está impaciente.

— Não estou impaciente — replicou K. um pouco irritado e a não se importando tanto com as suas palavras. — Logo da primeira visita que aqui fiz, o senhor doutor deve ter reparado que eu pouco ligava ao processo e que, por assim dizer, era preciso obrigarem-me a pensar nele para eu não o esquecer por completo. Mas o meu tio insistia em que entregasse o caso ao senhor doutor e eu fi-lo para lhe ser agradável. Devia então esperar-se que, para mim, o problema ficaria menos complicado do que anteriormente, pois quando uma pessoa contrata um advogado é para se aliviar um pouco do peso do seu processo. Porém, foi precisamente o contrário o que aconteceu. Nunca o processo me inspirou tantos cuidados como desde que o senhor doutor passou a ser o meu patrono. Quando estava sozinho não fazia nada no meu caso, mas também mal me apercebia da sua existência; pelo contrário, agora que tinha um defensor, tudo estava preparado para que acontecesse qualquer coisa; assim, sem cessar e cada vez mais ansioso, aguardei uma intervenção qualquer da parte do senhor doutor, mas em vão. Recebi, contudo, do senhor doutor várias informações acerca da justiça que, possivelmente, doutro modo não teria podido obter.

Mas agora que o meu processo me ameaça veladamente cada vez de mais perto, não posso contentar-me com isso.

K. afastara a cadeira e estava de pé com as mãos nas algibeiras do casaco.

— A partir de um determinado estágio da nossa profissão — disse o advogado numa voz baixa e tranquila — já não surge nada de essencialmente novo. Quantos clientes, cujos processos atravessaram uma fase idêntica à do seu, não se me têm dirigido e falado de modo semelhante!

— Então esses clientes tiveram tanta razão como eu. Isso em nada invalida

o que eu disse.

— Também não tive a intenção de refutar as suas palavras — replicou o advogado —, mas queria ainda acrescentar que teria esperado da sua parte um discernimento superior ao dos outros clientes, sobretudo por lhe ter dado um número maior de informações sobre a justiça e a minha actividade. E agora veio-me obrigado a verificar que o senhor, apesar de tudo, não tem em mim confiança suficiente. Assim não me facilita a tarefa.

Como o advogado se humilhava perante K.! Sem qualquer consideração

pela honra da profissão, cuja susceptibilidade em relação às humilhações é, sem dúvida, extremadamente grande. E por que razão fazia ele isso? Era, aparente-

mente, um advogado muito ocupado e, além disso, rico, não tinha, pois, grande empenho em ganhar ou perder um cliente. Era, igualmente, um homem cheio de achaques e deveria ter pensado em se aliviar de trabalho. No entanto, preocupava-se imenso com K.! Porquê? Para agradar pessoalmente ao tio de K. ou por ver que o processo era realmente tão extraordinário que tinha esperanças de brilhar, favorecendo quer o cliente quer — esta possibilidade não era de excluir — os seus amigos da justiça? Do seu rosto nada se podia concluir, por mais descaradamente que K. o examinasse. Quase se teria podido supor que tornara Intencionalmente o seu rosto inexpressivo a fim de observar o efeito das suas palavras, Mas, sem dúvida, considerava o silêncio de K. demasiado favorável aos seus pontos de vista, pois continuou:

— Há-de ter reparado que, na verdade, possuo um escritório enorme, mas não tenho qualquer ajudante. Dantes era diferente; houve um tempo em que alguns juristas mais novos trabalharam para mim, mas hoje trabalho sozinho. Em parte, tal facto está ligado à alteração verificada na minha clientela, visto que me limito cada vez mais a casos jurídicos do género do seu, e,

em parte, aos conhecimentos dia a dia mais profundos que os referidos casos me proporcionam. Cheguei à conclusão de que não devia entregar este trabalho a ninguém se não quisesse pecar contra os meus clientes e contra a tarefa que empreendera. Essa minha resolução, porém, acarretou inevitavelmente certas consequências: tive que recusar quase todos os pedidos de pessoas que desejavam que me ocupasse dos seus casos, aceitando apenas os daquelas que especialmente me sensibilizaram; bom, há por aí muito sujeito, e até bem perto, que se atira aos restos que deito fora. Todavia, o excesso de trabalho fez com que eu adoecesse. Apesar de tudo, não estou arrependido de ter tomado a decisão que tomei; devia talvez ter dito que não a um número maior de pessoas, mas, em todo o caso, a minha total dedicação aos processos que aceitei ficou amplamente comprovada pelos resultados. Já uma vez encontrei definida de uma maneira muito bela a diferença existente entre o papel do advogado nos casos jurídicos vulgares e o papel do advogado em casos como estes. Segundo o autor da definição, a diferença era a seguinte: o primeiro conduz o seu cliente por um fio até à sentença; o outro, porém, põe imediatamente o cliente às costas e carrega-o, sem o pôr no chão, até à sentença e mesmo para além dela. É isto tal e qual. Mas eu não tive totalmente razão quando afirmei que nunca me arrependia deste enorme trabalho. Quando, como no seu caso, o compreendem tão mal, então, então, chego quase a arrepender-me.

Todo este arrazoado impacientava mais K. do que o convencia. O tom do

advogado já lhe dava a entender o que o esperava se cedesse: começariam de novo as prorrogações, as referências aos progressos que ele ia fazendo no requerimento, aos funcionários cuja disposição era agora melhor do que nunca, às enormes dificuldades que se opunham ao trabalho em resumo, tudo de que K. estava farto viria de novo à baila para mais uma vez o iludir com vagas esperanças e o torturar com ameaças incertas. Isso tinha de acabar de uma vez

para sempre; por conseguinte, disse:

— Que tenciona o senhor doutor fazer se continuar a representar-me? O advogado não reagiu a esta insultuosa pergunta e respondeu:

— Prosseguir naquilo que até agora tenho feito pelo senhor.

— Logo vi — respondeu K. — É inútil continuarmos a falar.

— Farei ainda mais uma tentativa — disse o advogado, como se fosse a ele que acontecia aquilo que aborrecia K. — Suspeito, na verdade, que o senhor foi induzido a apreciar erradamente a minha assistência jurídica, e também a comportar-se da maneira como o tem feito, pelo facto de o terem tratado demasiadamente

bem, ou exprimindo-me com mais justeza, de uma maneira negligente, aparentemente negligente, apesar de o senhor ser um acusado. Mas para isso também há uma razão; muitas vezes mais vale estar acorrentado do que livre. Gostaria ainda, no entanto, de lhe mostrar como os outros acusados são tratados; talvez daí o senhor extraísse uma lição. Vou agora mandar chamar o Block; abra a porta e sente-se aqui ao pé da mesa-de-cabeceira!

— Com todo o gosto — disse K., fazendo o que o advogado lhe havia pedido.

Estava sempre disposto a aprender. No entanto, para se pôr ao abrigo de qualquer surpresa, ainda perguntou:

— O senhor doutor tomou nota de que eu prescindo dos seus serviços?

— Tomei — respondeu o advogado — mas é uma decisão que ainda hoje pode anular.

Deitou-se de novo na cama, puxou o edredão até ao queixo e Voltou-se para a parede; depois, tocou a campainha.

Quase imediatamente apareceu Leni; esta procurou, Com um rápido olhar,

inteirar-se do que acontecera e pareceu ficar tranquilizada pelo facto de K. se encontrar calmamente sentado ao lado da cama do advogado. Sorriu para K., que a olhava fixamente.

— Vai buscar o Block — disse o advogado. Porém, em vez de o ir buscar, Leni deu apenas um passo para fora da porta e gritou:

— Block! Anda ao advogado! Depois, provavelmente por o advogado continuar voltado para a parede e não se incomodar com coisa alguma, esgueirou-se para trás da cadeira de K. A partir desse momento não deixou de importunar K., quer inclinando-se por sobre as costas da cadeira quer passando as mãos, embora carinhosa e cautelosamente, pelos cabelos dele ou pelo rosto. Por fim, K. procurou impedi-la de continuar e, depois de alguma resistência da parte de Leni, esta abandonou-lhe a mão que ele agarrara.

Block acorrera logo ao ser chamado, mas ficara em frente da porta e parecia reflectir se devia ou não entrar, franzia as sobrancelhas e inclinava a cabeça como se estivesse à espera que a ordem que recebera fosse repetida. K. teria podido encorajá-lo a entrar, porém, havia decidido romper definitivamente não só com o advogado mas com tudo quanto houvesse naquela casa e, por conseguinte, não fez o mínimo gesto. Leni calou se também. Block, reparando que, pelo menos,

ninguém o mandava embora, entrou em bicos de pés, o rosto contraído, as mãos crispadas atrás das costas. Tinha deixado a porta aberta prevendo uma possível retirada. Não dispensou o mínimo olhar a K.; toda a sua atenção se concentrava no alto edredão sob o qual nem sequer se notava o advogado, que se havia cosido à parede. A voz dele, porém, fez-se ouvir:

— O Block está aqui? — perguntou. Block já percorrera um bom pedaço do

caminho quando esta pergunta, atingindo-o em pleno peito e depois nas costas, o fez, cambalear; então, estacando, disse, curvando-se quase até aos pés:

— Às ordens.

— Que queres tu? — interrogou o advogado. — Vens sempre na pior altura.

Mas, não me chamaram? — inquiriu Block mais a si próprio do que ao advogado, levantando a mão para se proteger e preparando-se para fugir.

— Chamaram-te, sim — retorquiu o advogado —, mas apesar disso vens na

pior altura — e, passado um instante, acrescentou: — vens sempre na pior altura.

Desde que o advogado começara a falar, Block deixara de olhar na direcção da cama para fixar o olhar num ponto qualquer de um canto e limitava-se a escutar, como se não pudesse encarar o advogado em virtude de o seu aspecto ser demasiado ofuscante. Mas as palavras do advogado também não se ouviam com facilidade, pois falava contra a parede, numa voz rápida e baixa.

— O senhor doutor quer que eu me vá embora? — perguntou Block.

— Já que aqui estás, fica — respondeu o advogado. Ter-se-ia podido acreditar que o advogado não tinha satisfeito o desejo de Block mas, pelo contrário, o havia ameaçado com pancada, pois aquele começou nitidamente a tremer.

— Ontem — disse o advogado — estive com o terceiro juiz, que é meu amigo, e, a pouco e pouco, orientei a conserva a teu respeito. Queres saber o que ele disse?

— Oh, por favor — retorquiu o comerciante. Como o advogado não respondesse imediatamente, Block repetiu o pedido e inclinou-se como se quisesse ajoelhar-se. K., porém, gritou-lhe:

— Que estás a fazer? Como Leni tivesse querido impedi-lo de gritar, segurou-lhe também a outra mão. Não era por amor que ele a apertava assim, pois a rapariga, gemendo, procurou libertar as mãos. Porém, foi Block o castigado pela exclamação de K., pois o advogado perguntou-lhe:

— Quem é o teu advogado?

— O senhor doutor — respondeu Block.

— E além de mim?

— Ninguém a não ser o senhor doutor.

— Então não obedecas a mais ninguém. Block concordou inteiramente; mediu K. de alto a baixo com um olhar irritado e abanou violentamente a cabeça na sua direcção. Para traduzir em palavras esta attitude, seria preciso recorrer a grosseiros insultos. E era com esta criatura que K. tinha querido falar

amigavelmente do seu próprio caso!

— Já não te aborreço mais — disse K., reclinando-se na cadeira. — Põe-te de joelhos, põe-te de gatas, põe-te como quiseres; faz o que entenderes. Pouco me importa.

Block, porém, tinha o sentido da honra, pelo menos perante K., pois avançou para este agitando os punhos e gritou tio alto quanto o ousava fazer na presença do advogado:

— Não tem o direito de me falar assim, isso não é permitido. Porque está a ofender-me? E ainda por cima aqui, perante o senhor— doutor, que apenas por caridade nos tolera, a si e a mim. Não é melhor do que eu; é também um acusado e tem igualmente um processo. Mas se apesar de tudo ainda é um senhor, nesse

caso eu também o sou, e talvez maior. E é esse tratamento que quero receber de toda a gente, sobretudo de si. Mas se se considera um privilegiado pelo facto de poder estar aí sentado, a ouvir tranquilamente, enquanto eu, para me servir da sua expressão, ando de gatas, nesse caso lembro-lhe um rifão muito velho nestas coisas da justiça: para um suspeito mais vale e andar do que descansar, pois quem descansa está sempre sujeito a encontrar-se, sem o saber, num prato da balança e a ser julgado com os seus pecados.

K. ficou silencioso, limitando-se a encarar fixamente e cheio de espanto aquele homem perturbado. Quantas transformações não havia este sofrido no curto espaço de uma hora! Era o processo que assim o atirava para um lado e para o outro sem lhe deixar ver onde estava o amigo e onde se encontrava o inimigo. Não via, pois, que o advogado o humilhava propositadamente, sendo desta vez só esse o seu objectivo, para alardear perante K. o seu poder e, quem sabe, o subjugar também? Mas se Block não era capaz de reconhecer isto ou se temia a tal ponto o advogado que o entendimento desta situação em nada lhe podia valer, como era possível que ele tivesse a manha e a ousadia de enganar o doutor Huld e de lhe ocultar que além dele contratara mais cinco advogados? E como ousava ele atacar K., sabendo que este podia revelar o seu segredo no minuto seguinte? Block, porém, levou a sua ousadia ainda mais longe, pois,

aproximando-se da cama do advogado, começou a queixar-se de
K.:

— Senhor doutor — disse —, o senhor ouviu como este homem me falou, Podem contar-se as horas que o processo dele tem e já quer dar-me lições, a mim, um homem cujo processo dura há cinco anos. Chega até a insultar-me. Não sabe nada e insulta-me, a num que, tanto quanto as minhas forças o permitiram, estudei tudo o que a decência, o dever e o costume exige.

— Não te importes com ninguém — disse o advogado — e faz o que te parece justo.

Com certeza — retorquiu Block, como se estivesse a criticar-se a si próprio, e, depois de lançar um rápido relance ao advogado, ajoelhou-se junto da cama deste.

— Ponho-me de joelhos, meu advogado — disse.

O advogado, porém, calou-se. Block, a medo, passou levemente a mão pelo

edredão. No silêncio, ouviu-se então Leni dizer enquanto se livrava das mãos de

K.:

— Estás a magoar-me. Deixa-me. Vou para o pé de Block.

Afastou-se e foi sentar-se na borda da cama. Block ficou muito satisfeito por a ver ali e pediu-lhe, por meio de agitada gesticulação, que intercedesse por ele junto do advogado. Era evidente que necessitava com urgência das informações do advogado mas, provavelmente, apenas para fazer com que elas fossem exploradas em seu proveito pelos seus restantes advogados. Provavelmente, sabia bem como se podia conquistar o advogado, pois apontou para a mão deste e arredondou os lábios num esboço de beijo. Imediatamente Block executou o beija-mão e repetiu— o ainda duas vezes a instâncias de Leni. O advogado, porém, permaneceu silencioso. Então Leni curvou-se por cima dele, revelando assim as belas formas do seu corpo e, rotundamente inclinada sobre o rosto do advogado, afagou-lhe os seus compridos cabelos brancos. Esse gesto sempre conseguiu arrancar uma resposta ao advogado.

— Não sei se lhe diga — declarou este, hesitante. Viu-se então como ele

mexia a cabeça para, possivelmente, a pôr mais a Jeito da mão de Leni. Block escutava a conversa com os olhos postos no chão, como se com a sua atitude transgredisse alguma ordem.

— Mas porque hesitas? — perguntou Leni. K. tinha a sensação de estar a ouvir uma conversa. ensaiada, que não só se repetira

muitas vezes como também voltaria a repetir-se, e na qual apenas Block conseguia achar novidade.

— Como é que ele hoje se portou? — inquiriu o advogado em vez de responder.

Antes de dar qualquer resposta, Leni olhou para Block durante uns

momentos; aquele levantou as mãos para ela e esfregou-as num ar de súplica. Por fim, Leni meneou lenta e gravemente a cabeça e, voltando-se para o advogado, disse:

— Esteve sossegado e trabalhou bastante. Um velho comerciante, um homem de longas barbas a implorar a uma rapariguinha um testemunho favorável. Ainda que tivesse segundas intenções nada podia justificá-lo aos olhos dos semelhantes. K. não compreendia como poderia o advogado ter pensado que o conquistaria por meio desta cena. Se não tivesse já rompido com ele, o que presenciava tê-lo-ia levado a isso. A cena quase aviltava o espectador. Era assim, pois, que o método do advogado, ao qual, felizmente, K. não se expusera muito tempo, produzia os seus efeitos: o cliente acabava por se esquecer do inundo e só esperava arrastar-se por aquele caminho errado até ao fim do processo. Deixava, pois, de ser um cliente para passar a ser o cão do advogado. Se este o tivesse mandado rojar-se para debaixo da cama, como se ali fosse a casota de um

cão, e ladrar, ele tê-lo-ia feito com prazer. Como se estivesse encarregado de reter na memória tudo quanto ali se dizia para disso fazer um minucioso relatório a ser presente num local de elevada categoria, K. escutava com um ar atento e superior.

— Que fez ele durante todo o dia? — perguntou o advogado.

— Fechei-o no quarto da criada, onde em geral passa o tempo, a fim de não me estorvar no meu trabalho. De vez em quando espreitava através da fresta para ver o que ele estava a fazer. Ajoelhou-se sobre a cama, abriu em cima do parapeito da janela os documentos que lhe emprestaste e passou o tempo a lê-los. Isso causou-me boa impressão, pois a janela dá apenas para uma chaminé de ventilação e pouca ou nenhuma luz entra por ela. O facto de Block, apesar disso, estar a ler, mostrou-me como é obediente.

— Estou satisfeito por ouvir essas palavras — disse o advogado. —

Mas ele

leu com inteligência?

Durante a conversa, Block não deixou de mexer os lábios formulando sem dúvida as respostas que esperava que Leni desse.

— A isso, como é evidente, não posso responder categoricamente. De qualquer modo., vi que ele estava profundamente embrenhado na leitura. Levou o dia inteiro a ler a mesma página e percorria as linhas com o dedo. Todas as vezes que o observei, reparei que ele suspirava como se a leitura lhe fosse muito penosa. Provavelmente, os documentos que lhe emprestaste são difíceis de compreender.

— Sim, são, realmente — retorquiu o advogado. — Não creio que ele consiga perceber alguma coisa do que lá está escrito. Tive apenas um objectivo: dar-lhe rima ideia de quanto é difícil a luta que travo pela sua defesa. E por quem travo eu essa luta? Por, é quase ridículo dizê-lo, por Block. Ele que compreenda o que isto significa. Esteve sempre a estudar?

— Quase sempre — respondeu Leni. — Só uma vez é que me pediu um copo de água. Passei-lho através da fresta. As oito horas deixei-o sair e dei-lhe qualquer coisa de comer.

Block olhou de relance para K, como se na conversa que acabava de se desenrolar tivesse sido dita, a respeito de si próprio, alguma coisa que o enaltecesse e que devesse contribuir para impressionar o outro. Parecia agora estar bastante esperançado, fazia gestos mais rasgados e movimentava-se, sempre de joelhos, para cá e para lá. Isso realçou ainda mais o facto de, ao ouvir as palavras seguintes do advogado, se ter posto a olhar fixamente.

— Estás a elogiá-lo. Mas é justamente por causa disso que me custa falar.

Na verdade, o juiz não se pronunciou favoravelmente nem a respeito de Block nem a respeito do seu processo.

— Não se pronunciou favoravelmente?,— perguntou Leni. Como é isso possível?

Block fitou-a intensamente como se a julgasse capaz de orientar a seu favor as palavras já muito pronunciadas pelo juiz.

— Pois não — disse o advogado. — Ficou até desagradavelmente impressionado quando lhe comecei a falar de Block. “não me fale de Block”, disse. “É meu cliente”, respondi-lhe. “O senhor deixa que abusem de si”, volveu ele. “Não considero o seu caso perdido”, retorqui. “o senhor deixa que abusem de

si”, repetiu. “Não o creio, afirmei eu. Block trabalha com ardor no processo e não descarta os seus assuntos. Quase se pode dizer que vive em minha casa para estar sempre ao corrente dos factos. Nem sempre se encontra um zelo assim. É verdade que como homem não é agradável, tem umas maneiras horríveis e é porco, mas no que se refere ao modo como encara o processo é impecável.” Exagerei intencionalmente ao empregar o termo impecável. Respondeu-me ele: “Block não passa dum manhoso. Adquiriu muita experiência e sabe arrastar o processo. Mas a sua

ignorância é ainda muito maior do que a manha. Que diria ele se soubesse que o seu processo ainda nem começou e se lhe dissessem que nem sequer ainda foi dado o toque de campainha para o início do processo.”

Calma, Block — recomendou o advogado, pois o comerciante começou justamente naquele momento a querer erguer-se nos joelhos vacilantes para, sem dúvida, pedir um esclarecimento.

Era a primeira vez que o advogado se dirigia a Block tão directa e

pormenorizadamente. Olhou vagamente para o comerciante com uma expressão de fadiga; aquele, dominado pelo olhar do advogado, voltou lentamente a ajoelhar-se.

— Esta declaração do Juiz não tem importância absolutamente nenhuma

para ti — disse o advogado. — Não te assustes com tudo o que se diz. Se isto se repetir, nunca mais te direi seja o que for. Não se pode começar frase nenhuma sem que te ponhas a olhar como se fosses ouvir a tua condenação. Tem vergonha do teu procedimento perante o meu cliente. Abalas a confiança que ele em mim deposita. Que queres? Ainda vives, estás ainda sob a minha protecção. Que medo absurdo! Leste não sei onde que em muitos casos a condenação é anunciada inesperadamente por uma boca qualquer e em qualquer altura. Embora sob muitas

reservas, pode dizer-se que isto é verdade, mas também é verdade que o teu medo me causa repugnância e que veio nele falta de confiança. Que disse eu, pois? Reproduzi a declaração de um juiz. Sabes que as diferentes opiniões se amontoam em redor do procedimento judicial até ser impossível alcançá-lo. Este juiz, por exemplo, acha que o processo deve começar num momento, e eu sou da opinião que deve começar noutro. Uma diferença de pontos de vista, nada mais. Segundo um velho costume, dá-se um toque de campainha em determinada fase do processo. De acordo com esse juiz, só então é que o processo começa. Não te posso agora dizer os argumentos que se opõem a tal uso, não os compreenderias; é suficiente que saibas que existem muitos.

Embaraçado, Block metia os dedos por entre a pele do tapete do quarto, o medo da sentença do Juiz fazia-o de vez em quando esquecer a sua própria submissão ao advogado; então, só pensava em si e dava voltas e mais voltas às palavras do juiz.

— Block — disse Leni num tom de advertência, segurando-o pela gola do casaco e fazendo-o erguer-se um pouco —, deixa lá a pele e escuta o que o advogado te diz.

Este capítulo não foi concluído.

CAPÍTULO IX

NA CATEDRAL

K. foi encarregado de mostrar alguns monumentos artísticos a um correspondente italiano muito importante para o baticó e que pela primeira vez se encontrava na cidade. Era uma incumbência que, noutra altura, teria sem dúvida considerado honrosa, mas que aceitava agora de má vontade e apenas porque só com grandes esforços podia ainda defender a sua reputação no banco. Cada hora que o faziam passar fora do banco era para ele motivo de preocupações, o tempo que actualmente passava no escritório rendia-lhe muito menos que antigamente, passava várias horas em que mal conseguia fingir que trabalhava, mas, apesar, de tudo, as suas preocupações eram maiores quando não estava no escritório. Julgava então ver o director-interino, que estivera sempre à espreita, entrar de vez em quando no seu gabinete, sentar-se à sua secretária, rebuscar os seus documentos, receber clientes aos quais K. estava ligado desde há anos por sentimentos muito próximos da amizade, dar-lhes conselhos bem diferentes dos seus e talvez mesmo descobrir erros de cuja presença ameaçadora K. se dera sempre conta durante o trabalho mas que já não podia evitar. Por isso, quando o encarregavam de ir falar com qualquer cliente ou até duma pequena viagem — por mais honrosas que fossem essas

incumbências que, aliás, se repetiam, por puro acaso, cada vez com mais frequência — suspeitava sempre de que o queriam afastar por momentos do escritório para examinarem o seu trabalho ou que, pelo menos, o consideravam facilmente dispensável. Teria podido sem qualquer esforço recusar a maior parte dessas missões, mas não ousava fazê-lo, visto os seus receios assentarem nos mais débeis fundamentos e uma recusa equivaler a confessá-los. Por esse motivo, aceitava tais missões com uma indiferença aparente e chegou mesmo a ocultar, quando teve de fazer uma fatigante viagem de dois dias, um grave resfriamento para não correr o perigo de o dispensarem de tal viagem sob pretexto de que o Outono ia demasiado chuvoso. Quando, cheio de dores de cabeça, regressou dessa viagem, soube que o haviam indicado para acompanhar no dia seguinte o correspondente italiano. A tentação de se furtar, pelo menos desta vez, a essa missão era muito grande, tanto mais que aquilo para que o haviam indigitado não se relacionava directamente com as suas funções no banco — no entanto, o cumprimento desse dever social era, sem dúvida, bastante importante, embora não para K., que bem sabia que só obtendo êxitos no seu trabalho se poderia manter no lugar e que se os não obtivesse de nada valeria ser até capaz de enfeitiçar o italiano. Não queria que o afastassem nem um só dia do seu trabalho, pois o medo de não voltar a ser admitido era demasiado grande e, embora ele considerasse

exagerado tal receio, nem por isso se sentia menos aflito.
Contudo, neste caso era quase impossível

encontrar uma objecção aceitável, pois os conhecimentos que K. possuía da língua italiana, embora não fossem, na verdade, muito grandes, sempre eram suficientes; porém, o que decisivamente determinara a sua escolha fora o facto de ter conhecimentos de História de Arte, conhecimentos esses cuja importância foi exagerada no banco ao saberem que ele durante um certo tempo havia sido membro da junta para a Conservação dos Monumentos Artísticos da Cidade, o que aliás acontecera unicamente por uma questão de negócio. Soubera-se que o italiano era um amador de arte e, portanto, o facto de terem escolhido K. para o acompanhar nada tinha de extraordinário.

A manhã em que K. devia desempenhar a sua missão estava bastante

chuvosa e apresentava fortes indícios de trovoada. Eram 7 horas quando K., extremamente aborrecido pelas perspectivas que o dia lhe oferecia, chegou ao escritório; queria, pelo menos, fazer algum trabalho antes da visita o tomar por completo. Estava muito cansado, pois passara metade da noite a consultar uma gramática de italiano para avivar um pouco os seus

conhecimentos; a janela, à qual, nos últimos tempos, se costumava sentar com demasiada frequência, atraía-o mais do que a secretária, mas resistiu e pôs-se a trabalhar. Infelizmente, nesse momento entrou o contínuo declarando que o senhor director o mandara ver se o senhor gerente já se encontrava no gabinete e, se estivesse, então que fizesse o favor de se dirigir à sala da recepção, pois o senhor da Itália já lá se encontrava.

— Vou já — disse K., enfiando na algibeira um pequeno dicionário e metendo debaixo do braço um álbum dos monumentos da cidade, que havia preparado para mostrar ao estrangeiro; depois, atravessando o gabinete do director-interino, dirigiu-se à sala da recepção.

Estava satisfeito pelo facto de ter chegado tão cedo ao escritório e por poder

colocar-se imediatamente à disposição do banco, coisa que ninguém seriamente o suporia capaz de fazer àquela hora.

O gabinete do director-interino estava, naturalmente, ainda tão vazio como estivera a altas horas da noite; provavelmente, o director devia também tê-lo convocado por meio da recepção, mas tal de continuo para se apresentar na sala de audiência tinha sido baldada. Assim que K. entrou na sala, os dois homens ergueram-se dos fundos sofás em que estavam sentados. O director sorriu cheio de amabilidade; estava visivelmente

satisfeito com a chegada de K. e fez imediatamente as apresentações; o italiano apertou vigorosamente a mão de K. e, sorrindo, chamou a quem quer que fosse um madrugador. K. não percebeu bem a quem ele se referia, pois a palavra que empregara era pouco usual e só passados alguns momentos conseguiu adivinhar o seu significado. Respondeu com algumas frases de circunstância que o italiano escutou com um sorriso, ao mesmo tempo que, nervosamente, levava repetidas vezes a mão ao espesso bigode azul-cinza que, de tão perfumado, quase tentava uma pessoa a aproximar-se para o cheirar.

Quando todos se sentaram e uma pequena conversa preliminar se estabeleceu, K. ficou muito desagradavelmente surpreendido ao verificar que

apenas numa coisa ou noutra compreendia o italiano. Quando este falava muito devagar entendia-o quase totalmente, mas tais períodos eram raros; na maior parte das vezes as palavras brotavam-lhe da boca em cachão e ele agitava a cabeça como se isso lhe agradasse imenso. Geralmente misturava em tais discursos palavras dum dialecto qualquer que, para K., era tudo menos italiano, mas que o director não só compreendia como também falava, o que K. devia ter, previsto, pois o italiano era do Sul da Itália, onde o director havia passado alguns anos. K.

reconheceu, igualmente, que bem poucas eram as suas possibilidades de se entender com o visitante, pois o francês deste era tão difícil de perceber quanto o italiano e, para cúmulo, escondia com o bigode os movimentos dos lábios, que poderiam ajudar à compreensão das palavras. K. começou a prever muitas contrariedades; desistiu, provisoriamente, de tentar compreender o italiano na presença do director, pois seria trabalho escusado visto que este o entendia com toda a facilidade; por isso, limitou-se a observar, com enfado, como o italiano, apesar de enterrado no sofá, mantinha uma atitude graciosa, como puxava repetidamente o casaquinho curto e bem talhado e como, uma vez, levantando os braços e adejando as mãos, que dir-se-ia soltas nas articulações, procurou representar qualquer coisa que K. não conseguiu perceber, embora se tivesse inclinado para a frente e não houvesse perdido um único gesto. Por fim, o cansaço acabou por dominar K. que, desinteressado, se contentava em olhar mecanicamente ora para um ora para outro; de súbito, com grande susto seu, reparou, felizmente a tempo, que, distraidamente, acabava de se levantar e se preparava para abandonar a sala. Finalmente, o italiano olhou para o relógio e levantou-se rapidamente. Em seguida, após se ter despedido do director, chegou-se tanto a K. que este foi obrigado a recuar o seu sofá para conseguir mexer-se. O director, que, sem dúvida, leu nos olhos de K. o embaraço que ele sentia na presença do italiano, meteu-se na conversa com

tanta naturalidade e delicadeza que pareceu estar apenas a dar alguns conselhos, embora na realidade estivesse a explicar sumariamente o que dizia o outro, que não cessava de o interromper. K. soube assim que o italiano tinha ainda de tratar de uns negócios, que infelizmente não disporia senão de pouco tempo, que de modo nenhum tencionava vera correr, todos os monumentos e que, pelo contrário, resolvera — caso K. concordasse, pois só a ele cabia decidir — visitar apenas a catedral, mas a fundo. Além disso, confessava-se extraordinariamente satisfeito por realizar a aludida visita na companhia dum homem tão sabedor e agradável — isto referia-se a K., cuja única actividade se limitava a não prestar atenção ao que o italiano dizia e a apanhar rapidamente as palavras do director — e pedia— lhe, caso a altura lhe conviesse, que aparecesse na catedral dentro de 2 horas, às 10, por conseguinte. Por seu lado, ele próprio esperava já lá estar a essa hora. K. respondeu qualquer coisa a propósito; o italiano apertou a mão do director, depois a de K., voltou a apertar a do director e afastou-se seguido por ambos e apenas meio voltado para eles, apesar de nunca se interromper, na direcção da porta. K. demorou-se aluda uns instantes com o director, que parecia estar muito adoentado. Este julgou ser

sua obrigação desculpar-se junto de K. e disse — estavam ambos perto um do outro, com toda a intimidade que havia tencionado ir pessoalmente com o italiano, mas depois — não deu qualquer outra razão mais precisa — decidira que era melhor mandar K.

Se K. ao principio não o percebesse, não devia, por causa disso, ficar atrapalhado, pois em breve passaria a compreendê-lo e, mesmo que lhe escapasse muita coisa, o mal não seria por aí além porque o italiano não se importava muito de não ser compreendido. De resto, K. dominava surpreendentemente bem a língua italiana e, sem dúvida nenhuma, levaria a coisa a bom termo. Depois disto o director despediu-se de K. Este decidiu passar o tempo que ainda lhe restava a copiar do dicionário vocábulos pouco usuais de que tinha necessidade para o desempenho da sua missão de guia. Era um trabalho extremamente enfadonho; contínuos traziam o correio; funcionários vinham pedir informações diversas e, vendo K. ocupado, deixavam-se ficar à porta mas não se iam embora antes daquele os ter ouvido; o director-interino não deixava escapar a oportunidade de incomodar K., entrava com frequência no gabinete, tirava-lhe o dicionário da mão e folheava, nitidamente à toa; os próprios clientes, quando a porta se abria, surgiam na semi-obscuridade da sala de espera e curvavam-se, hesitantes — queriam chamar a atenção mas não tinham a

certeza de serem vistos; tudo se agitava ao redor de K., como se este fosse o centro de tudo, enquanto ele compilava as palavras de que tinha necessidade, folheava o dicionário para as transcrever, procurava pronunciá-las e, finalmente, tentava aprendê-las de cor. A sua memória, que tão boa fora, parecia tê-lo abandonado por completo; sentia-se por vezes tão furioso com o italiano, o causador desta canseira, que enfiava o dicionário no meio dos papéis francamente decidido a terminar com a sua preparação, mas depois, compreendendo que não podia permanecer calado perante as obras de arte da catedral, puxava de novo pelo dicionário, mais encolerizado do que nunca.

Precisamente às nove e meia, quando se preparava para sair, recebeu uma chamada telefônica; tratava-se de Leni, que lhe deu os bons-dias e lhe perguntou como ia de saúde; K. agradeceu apressadamente e fez notar à rapariga que lhe era impossível perder tempo a conversar pois tinha de ir à catedral.

A catedral? — perguntou Leni. Sim, à catedral. Mas por que razão tens de ir

à catedral —, insistiu Leni. K. procurou explicar-lhe em duas palavras mas, mal começara a falar, Leni disse repentinamente:

— Eles perseguem-te. K. não pôde suportar aquela piedade que não pedira nem esperara, de modo que se despediu com duas palavras, mas apesar disso, ao suspender o auscultador,

murmurou meio para si, meio para a rapariga que estivera do outro lado do fio ,já não o podia ouvir:

— Sim, eles perseguem-me. Mas agora já era tarde; de facto, corria já o risco de não chegar a horas. Meteu-se num carro; lembrara-se mesmo no último momento do álbum que, por falta de oportunidade, não havia entregado ao italiano e que, por isso, agora trazia consigo. Levava-o em cima dos joelhos e,

durante todo o trajecto, tamborilou impacientemente sobre ele. A chuva tinha abrandado mas o tempo continuava húmido, fresco e escuro, e Pouco se veria na catedral; mas o resfriamento de K. ficaria bastante pior em virtude da longa permanência sobre o lajedo frio.

A praça da catedral estava completamente deserta; K. lembrou-se de que já em pequeno notava que quase todas as cortinas das casas desta pequena praça se encontravam sempre descidas. Contudo, com o dia que estava, tal facto aceitava-se mais facilmente. A catedral parecia estar igualmente descita; era natural que não passasse pela cabeça de ninguém ir até lá numa altura daquelas. K. percorreu as ditas naves laterais e encontrou apenas uma velha envolta num pesado lenço a olhar, ajoelhada, para uma imagem da Virgem. Viu ainda ao longe um sacristão coxo desaparecer por uma porta na parede. K. fora pontual;

tinham soado as dez horas justamente na altura em que entrara, mas o italiano ainda não se encontrava lá. K, voltou para a entrada principal, ficou aí uns momentos sem tomar qualquer decisão e depois, à chuva, dei uma volta em redor da igreja para ver se o italiano não estaria à sua espera em qualquer entrada lateral. Aquele, porém, não se encontrava em parte nenhuma. Seria possível que o director se tivesse enganado a respeito das horas? Como se podia compreender aquele italiano? Mas fosse como fosse, K. devia, pelo menos, esperar meia hora por ele. Como estava cansado quis sentar-se, voltou para dentro da catedral e, encontrando num degrau um pequeno farrapo semelhante a um tapete, empurrou-o com a ponta do pé para junto dum banco, aconchegou-se melhor no sobretudo, levantou a gola e sentou-se. Para se distrair abriu o álbum e folheou-o por momentos, mas em breve teve de desistir, pois escureceu tanto, que ele, ao levantar os olhos, mal pôde distinguir qualquer pormenor na nave lateral mais próxima.

Ao longe, no altar-mor, brilhava um grande triângulo de círios; K. não podia dizer com segurança se já os tinha visto. Talvez só agora tivessem sido acendidos. Os sacristães são sornateiros por profissão e não se dá por eles. Quando K. casualmente se voltou, viu, não longe de si, uma vela comprida e grossa que ardia presa a uma coluna. Por bela que fosse a intenção, para iluminar os retábulos, que na sua maioria se encontravam na penumbra

dos altares laterais, a luz da vela não só era nitidamente insuficiente como também ampliava o negrume. O italiano, não aparecendo, tinha procedido duma maneira tão inteligente quanto indelicada, pois de facto, não teria podido ver nada, ter-se-iam de limitar a examinar algumas imagens com o auxílio da lanterna eléctrica de K.

Para ver o que se podia esperar desse método, K. dirigiu-se a uma capela lateral, subiu alguns degraus até uma pequena balaustrada de mármore e, debruçando-se sobre ela, fez incidir a luz da lanterna sobre o retábulo. A luz eterna ficou suspensa perante a intrusa. A primeira coisa que K. viu, ou parcialmente adivinhou, foi um enorme cavaleiro envergando uma armadura, que se encontrava representado numa das extremidades do retábulo. Apoiava-se à espada que espetara à sua frente, no chão, onde apenas aqui e ali se viam vergôntes. Parecia contemplar atentamente uma cena que se desenrolava perante

os seus olhos. Intrigava o facto de ele permanecer assim sem se aproximar. Talvez estivesse de sentinela. K., que já há muito tempo não via retábulos, ficou por momentos a contemplar o cavaleiro, muito embora fosse obrigado a pestanejar constantemente, pois não conseguia suportar a luz verde da lanterna. Em seguida, ao percorrer com o foco o resto do retábulo, viu um Enterro de Cristo tal como costuma ser tratado; era, de

resto, uma obra recente. Depois, meteu a lanterna na algibeira e voltou para o seu lugar.

Provavelmente, era já inútil esperar pelo italiano, mas visto que lá fora com

certeza chovia a cântaros e no interior da catedral não estava tão frio como K. esperara, decidiu não se ir logo embora. Perto dele encontrava-se o púlpito grande; sobre o tecto deste, pequeno e redondo, havia duas cruzes de ouro nuas e meio deitadas, cujas extremidades se atravessavam. O revestimento da balaustrada e da passagem até à coluna de apoio tinha como motivo de ornamentação ramagens verdes, que pequenos querubins, de aspecto simultaneamente vivo e calmo, seguravam. K. aproximou-se do púlpito e examinou-o de todos os lados; o rendilhado da pedra era extremamente minucioso, a profunda escuridão que reinava por entre as ramagens e o fundo parecia incrustada neles; K. meteu a mão num dos espaços vazios e apalpou a pedra com todo o cuidado; era a primeira vez que se dava conta da existência deste púlpito. Então, por acaso, reparou num sacristão que se encontrava de pé por detrás da primeira fila de bancos; este, que por sua vez também o olhava, tinha uma espécie de guarda-pó negro, largo e amarrotado, e segurava na mão esquerda uma caixa de rapé.

“Que quererá aquele homem?”, disse K. de si para si. “Suspeitará de mim? Quererá alguma gorjeta?”

Porém, o sacristão, assim que se viu observado por K., apontou com a mão direita, na qual segurava ainda entre dois dedos um pedaço de tabaco, para uma direcção pouco precisa. A sua atitude era quase incompreensível; K. ainda esperou um momento, mas o sacristão não cessava de apontar com a mão para qualquer coisa e reforçava o gesto com movimentos de cabeça.

“Que quererá ele?”, perguntou K. baixinho, sem se atrever, por estar na catedral, a levantar a voz.

Depois, tirando o porta-moedas, atravessou a primeira fila de bancos para se

acercar do homem. Este, porém, fez imediatamente com a mão um gesto de recusa e, encolhendo os ombros, afastou-se a coxear. Os rápidos movimentos de sobe-e-desce que o coxo executava ao andar lembraram a K. os gestos que ele em criança fazia ao tentar imitar um cavaleiro deslocando-se no seu cavalo.

“Que velho tão acriançado”, pensou K., “só lhe resta juízo para as coisas da igreja. Pára se eu paro e põe-se à espreita a ver se o sigo”.

Sorrindo, K. seguiu o velho através de toda a nave lateral quase até à altura do altar-mor; embora o homem não cessasse de apontar, K., propositadamente, não se voltou, por estar convencido de que o objectivo dos gestos do sacristão era

impedi-lo de o seguir. Por fim, decidiu desistir, pois não queria assustar

demasiado o outro nem afugentá-lo caso o italiano ainda aparecesse.

Quando entrou na nave central a fim de se dirigir ao seu lugar, no qual havia deixado o álbum, reparou num pequeno púlpito secundário muito simples, que se encontrava junto duma coluna e quase pegado aos bancos do coro. Este púlpito, muito simples e de pedra nua e branca, era tão pequeno que, visto de longe, mais parecia um nicho ainda vazio e destinado a receber a imagem dum santo. O pregador não tinha, de certeza, espaço suficiente para dar sequer um passo completo. Além disso, a abóbada de pedra, completamente desprovida de qualquer ornamentação, nascia a uma altura demasiado pequena e descrevia uma tal curva que um homem de estatura média não podia estar de pé, sendo obrigado a permanecer debruçado sobre a balaustrada. Parecia que tudo era destinado a martirizar o pregador; não se compreendia, também, qual a função desde púlpito, havendo um outro tão grande e tão artisticamente ornamentado.

K. não teria, sem dúvida, reparado neste pequeno púlpito se não tivessem

posto por cima dele uma lâmpada, como é costume fazer-se pouco tempo antes de se começar um sermão. Iria haver sermão? Com a igreja vazia? K. olhou para a escada que dava para o púlpito; era tão pequena e estava tão aconchegada à coluna que mais parecia ser destinada a ornamentar aquela do que a ser usada por homens. Porém, junto aos primeiros degraus do púlpito — K. sorriu, espantado

— encontrava-se mesmo um padre que, apoiado ao corrimão, prestes a subir a escada, olhava para K. Depois, meneou quase imperceptivelmente a cabeça; K. correspondeu persignando-se e fazendo uma vénia, gestos esses que devia ter feito mais cedo. O padre deu um pequeno balanço e subiu os degraus do púlpito com passos rápidos e curtos. Iria realmente começar um sermão? Teria o sacristão mais juízo do que aparentava? Teria ele querido levar K. até à presença do pregador? De facto, numa torre assim tão vazia isso tornava-se extremamente necessário. Mas num sítio qualquer da igreja, ajoelhada perante uma imagem da Virgem, havia ainda uma velha que também devia ter vindo. Mas se ia haver sermão, porque não começavam a tocar o órgão? Este, porém, escondia o seu imponente volume no meio das trevas, que pouco mais deixavam passar que unias débeis cintilações, e mantinha-se silencioso.

K. pensou se não devia agora afastar-se a toda a pressa, — se o não fizesse já, não teria grandes perspectivas de o poder fazer

durante o sermão; por conseguinte, seria obrigado a ficar enquanto ele durasse. Tinha perdido muito tempo no escritório, já não tinha obrigação nenhuma de esperar pelo italiano. Olhou para o relógio, eram onze horas da manhã. Mas podia realmente pregar-se assim? Podia K., sozinho, representar o rebanho dos fiéis? E se ele não passasse dum forasteiro que apenas desejava ver a igreja? No fundo, não era outra coisa. Era disparatado pensar-se que às onze da manhã, num dia de semana, com um tempo horrível, ia haver um sermão.

O padre — aquele jovem de rosto moreno e barbeado era sem dúvida um padre — subia certamente a escada com o único fito de apagar a lâmpada que alguém acendera por engano.

Mas não era assim, pois o padre, em vez de a apagar, examinou-a e subiu a mecha; depois, voltou-se lentamente para o parapeito cujos angulosos recortes segurou com ambas as mãos. Ficou assim durante algum tempo, olhando à volta sem mexer a cabeça. K. recuara e apoiara os cotovelos no primeiro banco. Em seguida, viu vagamente, sem saber bem onde, o sacristão que, com as costas arqueadas, se agachava tranquilamente como se tivesse terminado qualquer trabalho. Que silêncio reinava agora na catedral! K., porém, tinha de o romper, pois não tencionava ficar ali. Se o padre tinha como dever pregar a uma determinada hora, independentemente das circunstâncias, que o fizesse,

consegui-lo-ia sem a assistência de K.; de igual modo a presença deste em nada aumentaria o efeito das suas palavras. K. pôs-se, pois, a andar lentamente, tocando, para se guiar, com a biqueira dos sapatos no banco até chegar à larga nave central, que começou a descer com toda a tranquilidade; no entanto, o chão de pedra ressoava ao mais leve dos seus passos e as abóbadas reproduziam-lhes mecanicamente o som, multiplicando-os num eco incessante e abafado.

K. sentia-se um pouco desamparado à medida que, talvez observado pelo

padre, avançava sozinho por entre os bancos vazios; as dimensões da catedral pareciam-lhe estar precisamente na fronteira do que era suportável pelo homem. Assim que chegou ao lugar que ocupara, pegou no álbum sem se de— ter um instante sequer. Estava quase a, deixar a parte da igreja ocupada pelos bancos e aproximar-se já do espaço livre que lhe faltava percorrer para atingir a saída, quando, pela primeira vez, ouviu a voz do padre. Era uma voz poderosa, educada. Como ela ressoou então pela catedral pronta a recebê-la! Não eram os fiéis que o padre chamava, as palavras eram inequívocas e não admitiam subterfúgios, o padre chamara: Josef K.!

K. estacou e ficou com os olhos presos ao chão. Por enquanto ainda era livre, podia continuar a caminhar e fugir por uma das três pequenas e negras portas de madeira que estavam perto

dele. Isso significaria que não tinha compreendido ou que, na verdade, compreendera, mas não se queria importar com o que ouvira. Voltar-se, porém, equivaleria a ficar agarrado, pois nesse caso confessava que compreendera bem que era ele quem chamavam e que ia obedecer. Se o padre tivesse chamado de novo, K. teria, certamente, continuado o seu caminho, mas como tudo ficou silencioso, voltou um pouco a cabeça para observar o que o outro estava a fazer. O padre estava ainda calmamente no púlpito, mas era evidente que havia notado o gesto que K. fizera com a cabeça. Se K. agora não se tivesse voltado completamente, o gesto que fizera não teria passado dum pueril jogo de escondidas. Voltou-se e viu então que o padre lhe fazia sinal para se aproximar. Como agora tudo se podia passar sem qualquer disfarce, correu para o púlpito — por um lado por curiosidade e por outro para poupar tempo — em grandes e velozes passadas. Quando chegou aos primeiros bancos deteve-se, mas o padre, achando que a distância era ainda demasiado grande, estendeu a mão e, com o indicador a prumo na direcção da base do púlpito, indicou a K. que era para ali que ele devia dirigir-se. K. obedeceu; no

local indicado teve, porém, de atirar a cabeça bem para trás a fim de conseguir ver o padre,

— És Josef K. — disse o padre, levantando a mão por cima do parapeito nu in gesto vago.

— Sim —olveu K., pensando como dantes pronunciava o seu nome com toda a franqueza e como, ultimamente, este era para ele um verdadeiro fardo; agora, pessoas que encontrava pela primeira vez conheciam-lhe o nome. Como era agradável só ser conhecido depois de ter sido apresentado.

— És acusado — continuou o padre numa voz extremamente baixa.

Sou — replicou K. —, já me informaram. Então, és tu quem eu procuro —

disse o padre. — Eu sou o capelão da prisão.

— Ah, sim! — exclamou K.

— Fiz-te vir aqui para te falar — continuou o padre.

— Não sabia — replicou K. — Vim aqui para mostrar a catedral a um italiano.

— Põe de parte o secundário — disse o padre. — Que tens na mão? Um

livro de orações?

— Não — respondeu K. — É um álbum dos monumentos da cidade.

— Larga-o — ordenou o padre. K. atirou-o fora tão violentamente que ele foi de rojo pelo chão, abrindo-se e amachucando-se nas folhas.

— Sabes que o teu processo anda mal? — perguntou o padre.

— Também me parece — respondeu K. — Não me tenho poupado a esforços, mas até agora sem qualquer resultado; no entanto, ainda não acabei o requerimento.

— Como imaginavas o fim disto? — inquiriu o padre.

— Dantes pensava que isto tinha de acabar bem — respondeu K. —, mas agora tenho muitas vezes dúvidas. Não sei como acabará. Tu sabes?

— Não — replicou o padre — mas receio que acabe mal. Consideram-te culpado. Possivelmente, o teu processo nem passará dum tribunal baixo. Pelo menos por agora têm a tua culpa como provada.

— Mas eu não sou culpado! — retorquiu K. — E um erro. Como pode, em geral, um homem ser culpado? Aqui todos nós somos homens, uns como os outros.

— Tens razão — volveu o padre —, mas é assim que os culpados costumam falar.

— Tens algum preconceito contra mim? — perguntou K.

— Não, não tenho qualquer preconceito contra ti.

— Agradeço-te — disse K. — mas todos os que participam no meu processo tem um preconceito contra mim e insinuam-nos que o não têm. A minha situação está cada vez mais difícil.

— Compreendes mal os factos — disse o padre —, a sentença não aparece de repente, é produto duma transformação gradual do processo.

É isso — disse K., baixando os olhos. Qual é o próximo passo que queres

dar? Continuar a procurar auxílio — respondeu K., levantando a cabeça para ver qual a opinião do padre. — Há certas possibilidades que eu ainda não explorei.

— Procuras demasiado o auxílio de estranhos — disse o padre com um ar de desaprovação — e em especial o das mulheres. Não vêes que esse não é o verdadeiro auxílio?

— Algumas vezes, mesmo muitas, podia dar-te razão — disse K. —, mas

sempre não. As mulheres têm um grande poder. Se eu conseguisse que certas mulheres que conheço trabalhassem em conjunto a meu favor, não tenho dúvidas de que triunfaria, especialmente numa justiça como esta que é quase toda constituída por homens que são uns autênticos doidos por salas. Experimenta mostrar, ao

longe, uma mulher ao juiz de instrução, e vê-lo-ás derrubar a mesa e o acusado só para chegar a tempo.

O padre inclinou a cabeça para a balaustrada; só agora parecia oprimido pelo tecto do púlpito. Lá fora como estaria a tempestade? Não era um dia nublado, era já noite alta. Nenhum brilho de qualquer vitral era capaz de atravessar a parede de trevas.

E, no entanto, o sacristão começava precisamente nessa altura a apagar, uma após outra, as velas do altar-mor.

— Estás zangado comigo? — perguntou K. ao padre. — Não sabes, talvez, que espécie de justiça serves.

Não recebeu qualquer resposta.

— Falei apenas das minhas experiências — continuou K. O padre manteve-se silencioso.

— Não quis ofender-te — disse K. Então o padre, do alto do púlpito, gritou para K.:

— Não vês dois palmos à tua frente? Tinha sido um grito de cólera mas ao mesmo tempo de medo, como o dum homem que vê alguém cair e se assusta.

Depois ficaram ambos calados por largo tempo. De facto, o padre não podia distinguir perfeitamente K., tal era a escuridão que reinava por baixo do púlpito, enquanto K. o via distintamente à luz

da pequena lâmpada. Porque não descia ele? Não tinha pregado qualquer sermão, limitara-se a dar alguns conselhos a K. que, se este os observasse escrupulosamente, lhe dariam provavelmente mais prejuízo que proveito. No entanto, a intenção do padre parecia-lhe boa, não era, pois, impossível que viesse a entender-se com ele quando descesse; podia também acontecer que o padre lhe desse um conselho aceitável e decisivo, capaz de lhe mostrar, não como se exerce influência sobre o processo, mas, pelo contrário, como uma pessoa pode libertar-se dele e evitá-lo, em suma, viver à sua margem. Essa possibilidade tinha forçosamente de existir; K., ultimamente, pensara muitas vezes nela. Mas se o padre a conhecesse, talvez a revelasse se lho pedissem, muito embora pertencesse à justiça e, reprimindo a sua inata mansidão, tivesse gritado para K. quando este atacara o tribunal.

— Não queres descer? — perguntou K. — Não vais fazer nenhum sermão. Vem cá abaixo ter comigo.

— Agora já posso ir — respondeu o padre que, possivelmente, se arrependeu de ter gritado.

Enquanto tirava a lâmpada do gancho, disse:

— Tive primeiro de falar contigo de longe; de outro modo deixome influenciar com demasiada facilidade e esqueço-me do meu dever.

K. esperou por ele no fundo da escada. O padre estendeu-lhe a mão antes

mesmo de ter pisado o último degrau.

Podes conceder-me alguns momentos? — perguntou K. Todos os que precisares — respondeu o padre, entregando a K. a pequena lâmpada para ele a levar.

Mesmo muito de perto, as suas maneiras não deixavam de ter uma certa solenidade.

— És muito amável para mim — disse K. Andavam ambos dum lado para o outro ao longo da escura nave central.

— És uma excepção entre todos os que pertencem à justiça. Tenho mais confiança em ti do que em qualquer deles, embora conheça muitos. Contigo posso falar abertamente.

— Não te iludas — disse o padre.

— A que respeito podia eu iludir-me? — perguntou K.

— Estás enganado a respeito do tribunal — respondeu o padre.

— Nos escritos que servem de introdução à Lei falia-se dessa ilusão: “Em frente da Lei está um porteiro; um homem que vem do campo acerca-se dele e pede-lhe que o deixe entrar na Lei. O

porteiro, porém, responde que nesse momento não pode deixá-lo entrar. O homem medita e pergunta então se mais tarde terá autorização para entrar. “É possível”, responde o porteiro, “mas agora não pode ser”. Como o portão que dá acesso à Lei se encontra, como sempre, aberto, e o porteiro se afasta um pouco para o lado, o homem inclina-se a fim de olhar para o interior. Assim que o porteiro repara nisso diz-lhe, rindo-se: “se te sentes tão atraído, procura entrar a despeito da minha proibição. Todavia, repara: sou forte e não passo do mais ínfimo dos porteiros. De sala para sala, porém., há outros porteiros, cada um deles mais forte do que o anterior. Até o aspecto do terceiro guarda é para mim insuportável”. O homem do campo não esperara encontrar tais dificuldades, “a Lei devia ser sempre acessível a toda a gente”, pensa ele; porém, ao observar melhor o porteiro envolto no seu capote de peles, o seu grande nariz afilado, a longa barba rala e negra a moda tártara, acha que é melhor esperar até lhe darem autorização para entrar. O porteiro dá-lhe um escabelo e diz-lhe que se sente ao lado da porta. Durante anos ele permanece sentado. Faz numerosas tentativas para ser admitido e fatiga o porteiro com os seus pedidos. Aquele, de vez em quando, faz-lhe perguntas sobre a sua terra e sobre muitas outras coisas, mas duma maneira indiferente, como fazem os grandes senhores, e no fim diz-lhe sempre que ainda não pode deixá-lo entrar. O homem, que se proveu de amplos meios para a sua viagem, emprega tudo, por

mais valioso, para subornar o porteiro. Este, com efeito, aceita tudo, mas diz: “só

aceito o que me dás para que não julgues que descuraste alguma coisa”. Durante todos aqueles longos anos o homem olha quase ininterruptamente para o porteiro. Esquece-se dos outros porteiros; parece-lhe que o porteiro é o único obstáculo que se opõe à sua entrada na Lei. Amaldiçoa em voz alta o infeliz acaso dos primeiros anos; mais tarde, à medida que envelhece, já não faz outra coisa senão resmungar. Torna-se acriançado e, como durante anos a fio estudou o porteiro, acaba também por conhecer as pulgas da gola do seu capote; assim, pede-lhes que o ajudem a modificar a atitude do porteiro. Por fim, a sua vista torna-se tão fraca que já nem sabe se escurece realmente à sua volta ou se é apenas ilusão dos seus olhos. Agora, porém, lobriga, no escuro, um fulgor que, inextinguível, brilha através da porta da Lei. Mas ele já não tem muito tempo de vida. Antes de morrer, todas as experiências por que passara durante esse tempo convergem para uma pergunta que, até essa altura, ainda não formulara. Faz um sinal ao porteiro para que se aproxime, pois o entorpecimento que o domina já não o deixa levantar-se. O porteiro tem de curvar-se profundamente, visto que a diferença das estaturas se modificara bastante. “Que queres tu ainda saber?”, pergunta o porteiro. “És insaciável.” “Se todos aspiram a

conhecer a Lei”, diz o homem, “como se explica que durante estes anos todos ninguém, a não ser eu, pedisse para entrar?” O porteiro reconhece que o homem já está perto do fim e, para alcançar o seu ouvido moribundo, berra: “Aqui, ninguém, a não ser tu, podia entrar, pois esta entrada era apenas destinada a ti. Agora vou-me embora e fecho- a.”

— Portanto o porteiro enganou o homem — disse imediatamente K., a quem a história interessara imenso.

Não sejas precipitado — disse o padre —, não aceites a opinião alheia sem

reflectires. Conte-te a história tal como vem nos escritos. Lá não se fala em engano algum.

Mas é evidente que ele existe — disse K. — e a tua primeira interpretação estava muito certa. O porteiro só fez a comunicação libertadora quando esta já não podia ser útil ao homem.

— Não o haviam interrogado antes — disse o padre. — Não te esqueças também que ele não passava dum porteiro e, como tal, cumpriu o seu dever.

— Porque achas que ele cumpriu o seu dever? — perguntou K. — Não o

cumpriu. O seu dever era, talvez, repelir todos os estranhos, mas devia ter deixado passar o homem a quem a entrada se destinava.

— Não respeitas suficientemente o texto e alteras a história — disse o padre. — A história contém duas importantes declarações do porteiro, uma no principio, outra no fim, acerca da entrada na Lei. A primeira diz que naquele momento ele não podia deixar entrar o homem e a segunda afirma: “esta entrada era apenas destinada a ti”. Se entre estas duas declarações houvesse uma contradição, nesse caso terias razão, o porteiro teria enganado o homem. Mas não há qualquer contradição. Pelo contrário, na primeira alude-se mesmo à segunda. Quase se poderia dizer que o porteiro se excede no seu dever ao fazer com que o

homem entreveja uma possibilidade de, no futuro, conseguir entrar. Naquela altura parece ter sido só seu dever impedir o homem de entrar e, na verdade, muitos comentadores dos escritos admiram-se com o facto de o porteiro ter feito aquela alusão, pois ele dá a impressão de ter o gosto por tudo que é exacto e não descarta em irada o seu serviço. Mantém-se no seu posto durante anos a fio e só mesmo no fim fecha o portão; tem consciência da importância da sua missão, pois diz: “sou forte”; tem veneração pelos seus superiores visto que afirma: “não passo do mais ínfimo dos porteiros”; não é falador, uma vez que durante

aqueles anos todos só faz perguntas “duma maneira indiferente”; não é venal porque declara ao receber um presente: “só aceito o que me dás para que não julgues que descuraste alguma coisa”; não é susceptível, no que se refere ao desempenho da sua missão, de ser levado pela compaixão ou arrastado pela cólera, pois diz-se do homem “fatiga o porteiro com os seus pedidos”; por fim, o seu aspecto indica um carácter pedante, pois tem um grande nariz afilado e longa barba rala e negra à moda tártara. Pode haver porteiro mais cumpridor? Mas o carácter do porteiro apresenta ainda outros traços extremamente favoráveis ao homem que pede que o deixe entrar e que nos podem fazer compreender por que razão ele pôde, de algum modo, exceder-se no seu dever quando aludiu a uma possível futura entrada na Lei. Não se pode negar que ele é um pouco simplório. Atributo esse que, de certo modo, se é um tanto presunçoso, não liga ao primeiro. Ainda que todas as palavras que profere acerca da sua força e da força dos outros porteiros, mesmo daquele cujo aspecto lhe era insuportável, fossem exactas, a maneira como se exprime revela, que as suas opiniões estão eivadas de simplismo e petulância. A este propósito dizem os comentadores: a compreensão duma coisa e a má interpretação da mesma coisa não se excluem completamente. De qualquer modo, é-se obrigado a admitir que aquele simplismo e aquela petulância, por mais insignificadamente que se manifestem, tornam mais fraca a atenção com que o porteiro deve vigiar a

entrada e representam outras tantas lacunas no seu carácter. A isso acresce o facto de ele dar mostras de ser naturalmente amável e de, por vezes, deixar de ser um funcionário dos pés à cabeça. Logo no princípio começa com brincadeiras, e assim, apesar de manter sem qualquer rodeio que a entrada é proibida, convida o homem a entrar; depois, não o manda embora, mas dá-lhe, como lá se afirma, um escabelo e diz-lhe que se sente ao lado da porta. A paciência com que, durante tantos anos, suporta os pedidos do homem, as perguntas, o facto de aceitar presentes, a serenidade com que consente que o homem amaldiçoe em voz alta o infeliz acaso, embora a sua própria presença fosse produto desse mesmo acaso, tudo isso deixa concluir que ele era acessível à piedade. Nem todos os porteiros se teriam comportado daquela maneira. E no fim ainda atende um sinal do homem e curva-se profundamente sobre este para lhe dar a oportunidade duma última pergunta. Só um ligeiro tom de impaciência — ele sabe que tudo está quase a consumir-se — perpassa nas suas palavras: “és insaciável”. Há muitos comentadores que neste género de interpretação vão mesmo mais longe e afirmam que as palavras “és insaciável”

exprimem uma espécie de admiração amigável que, contudo, não está completamente isenta de condescendência. Seja como

for, a personagem do porteiro é tratada duma maneira diferente do que supões.

— Conheces esta história melhor do que eu e há mais tempo — disse K. Conservaram-se calados por momentos; depois K. perguntou:

— Achas que o homem não foi enganado?

— Não interpretes mal as minhas palavras — respondeu o padre —, limitei-me a apresentar-te as diversas interpretações. Não lhes lighes demasiada importância. Os escritos são imutáveis e as interpretações são muitas vezes apenas a expressão do desespero que os comentadores sentem perante eles. Neste caso, há até uma interpretação segundo a qual o próprio porteiro é que está enganado.

— Aí está uma interpretação que vai longe — disse K. — E como a provam?

— Baseando-se na ingenuidade do porteiro — respondeu o padre. — Dizem que ele não conhece o interior da Lei, mas apenas o caminho situado em frente da entrada e que ele tem de percorrer continuamente. Consideram infantil a ideia que ele faz do interior e admitem que ele próprio receia aquilo de que lança mão para atemorizar o homem; sim, ele tem mais medo do que o homem, pois este não quer outra coisa senão entrar, mesmo depois de ter ouvido falar dos terríveis porteiros que se encontram

no interior; o porteiro, pelo contrário, não quer entrar, pelo menos não temos qualquer indicação a esse respeito. Outros afirmam, é certo, que ele já devia ter estado no interior, pois fora admitido ao serviço da Lei e, portanto, o seu contrato não podia ter sido realizado no exterior. Pode rebater-se tal opinião dizendo que ele podia ter sido nomeado de dentro por meio dum grito e que, de qualquer modo, nunca devia ter chegado a avançar profundamente no interior, pois até o aspecto do terceiro guarda lhe é insuportável. Além disso, também não se lê em parte alguma que ele, durante aqueles anos todos, tenha contado fosse o que fosse a respeito do interior, à excepção das suas palavras sobre os porteiros. Podiam, é certo, tê-lo proibido, mas também não se referiu a qualquer proibição. De tudo isto conclui-se que ele não sabe nada, quer do aspecto, quer da importância do interior, e que está enganado a esse respeito. Mas também se engana acerca do homem do campo, pois é inferior a esse homem e não o sabe. Deves ter ainda presentes muitas passagens em que se vê que ele trata o homem do campo como um inferior. Mas, segundo a interpretação que tenho estado a expor, vê-se claramente que, na realidade, é ele o inferior. Antes de mais, o homem livre é superior ao homem vinculado. Ora, o homem do campo é realmente livre, pode ir para onde quiser menos para a Lei, cuja entrada lhe é vedada e apenas por um elemento, o porteiro. Senta-se, é certo, no escabelo ao lado da porta e aí passa a vida, mas fá-lo de livre vontade; a história

não faz referência a, qualquer espécie de coacção. O porteiro, pelo contrário, está preso ao seu posto pelas suas funções; não pode afastar-se para fora nem, segundo todas as aparências, tem o direito de penetrar

no interior, mesmo se o quisesse fazer. Está ao serviço da Lei, não a serve senão vigiando a entrada e, portanto, o homem a quem aquela é exclusivamente destinada. Esta é mais uma razão para o considerarmos inferior ao homem do campo. Tem de admitir-se que durante muitos anos — o tempo da vida de um homem, pode dizer-se — o serviço do porteiro foi inútil, pois diz-se: “um homem vem”; portanto, trata-se de alguém na idade viril; ora isso indica que o porteiro esperou muito tempo antes de cumprir a sua missão e que essa espera demorou tanto tempo quanto o homem desejou, pois ele só veio quando quis. Mas a cessação do serviço também é consequência do fim da vida do homem, portanto até ao último momento o porteiro é inferior ao homem que vem do campo. Ora frisa-se constantemente que o porteiro parece ignorar tudo isto. Aliás, não se vê nisto nada de extraordinário, pois segundo esta interpretação o porteiro ainda se engana mais grosseiramente num outro aspecto: o seu próprio serviço. De facto, no fim, referindo-se à entrada, diz: “Agora vou-me embora e fecho-a”; no entanto, no princípio, diz-se que o portão que dá acesso à Lei se encontra, como sempre, aberto; ora

com a palavra “sempre” pretende significar- se que a entrada se encontra aberta independentemente da duração da vida do homem ao qual ela é destinada, e, por conseguinte, o porteiro não poderá fechá- la. A este respeito as opiniões divergem. Uns afirmam que o porteiro, ao dizer que vai fechar o portão, apenas quer dar uma resposta, ou chamar a atenção para a maneira como cumpre o seu dever, ou ainda causar remorsos e tristeza ao homem. No entanto, muitos comentadores são unânimes em afirmar que ele não fechará o portão. Acham mesmo que ele, pelo menos no fim, também é inferior em sabedoria ao homem, pois este vê o fulgor que brilha através da porta enquanto ele, no desempenho das suas funções, se mantém de costas voltadas para a entrada e nunca dá mostras de ter notado qualquer modificação.

— Essa interpretação está bem fundamentada — disse K., que havia

repetido para si próprio, em surdina, certas passagens da explicação do padre. — Está bem fundamentada e acredito agora que o porteiro estava enganado. Mas isso não significa que renuncie à minha primeira interpretação, pois ambas apresentam certos pontos de contacto. Pouco importa que o porteiro veja claro ou esteja enganado. Eu disse que o homem estava enganado. Poder-se-ia duvidar de que o porteiro veja claro, mas se está enganado, o seu engano tem

necessariamente de contagiar o homem. Nesse caso, o porteiro não é um mentiroso, mas revela-se tão ingénuo que devia ser imediatamente expulso do lugar que ocupa. Repara que a ilusão em que o porteiro vive não o prejudica, mas, no entanto, é mil vezes prejudicial ao homem.

— Nesse ponto chocas contra uma interpretação oposta. Na verdade, muitos dizem que a história não dá a ninguém o direito de fazer qualquer Juízo sobre o porteiro. Apareça-nos este como aparecer, não deixa por isso de ser um servidor da Lei; por conseguinte, pertence-lhe, escapando assim ao julgamento humano. Nesse caso também não se tem o direito de acreditar que o porteiro seja inferior ao homem. Estar ligado pelo seu serviço, ainda que seja apenas à entrada da Lei,

é incomparavelmente melhor do que andar livre pelo mundo. Era a primeira vez que o homem vinha à Lei, mas o porteiro já lá estava. E a Lei que lhe dá o emprego; duvidar da dignidade do porteiro equivale a duvidar da Lei.

— Não concordo com essa interpretação —, disse K., abanando a cabeça

—, pois se concordarmos com ela somos obrigados a considerar verdadeiro tudo quanto o porteiro diz. Mas a impossibilidade de

tudo isto defendeste-a tu próprio com grande abundância de pormenores.

— Não — respondeu o padre —, não se é obrigado a considerar verdadeiro tudo quanto ele diz, deve apenas considerar-se necessário.

— Que triste opinião — disse K. — A mentira transformada em ordem universal.

K. pronunciou estas palavras para terminar, mas elas não constituíam o seu juízo definitivo. Estava demasiado cansado para poder abarcar todas as conclusões a extrair da história; além disso, esta arrastava-o para pensamentos insólitos e obrigava-o a preocupar-se com problemas fantásticos bem mais próprios para serem discutidos pelos funcionários da justiça do que por ele. A história em si fora alterada até deixar de ser reconhecível; o que ele agora queria era afastá-la do espírito; o padre, demonstrando uma grande delicadeza, acolheu em silêncio a reflexão de K., embora, certamente, não concordasse com ela.

Continuaram a andar dum lado para o outro em silêncio; K. mantinha-se

muito junto ao padre, pois não sabia onde se encontrava. A lâmpada que tinha na mão extinguiu-se há muito, Precisamente em frente dele, Cintilou, fugaz, a imagem de

prata de um santo; depois as trevas envolveram-na de novo. Para não continuar a depender completamente do padre perguntou:

— Já não estamos perto da entrada principal?

— Não — respondeu o padre —, estamos bem longe dela. Queres ir já embora?

Ainda que nessa altura não lhe tivesse ocorrido tal pensamento, K. respondeu logo:

— Pois quero. Tenho de me ir embora. Sou gerente dum banco e tenho lá gente à minha espera; vim aqui, apenas para mostrar a catedral a um estrangeiro.

— Bom — disse o padre estendendo a mão a K. —, vai.

— Sozinho nesta escuridão não sou capaz de me orientar.

— Vai até à parede da esquerda, depois continua ao longo dela sem a deixares e encontrarás a saída.

O padre mal se tinha afastado alguns passos e já K. gritava muito alto:

— Espera, por favor!

— Estou à espera.

— Não queres mais nada de mim?

— Não.

— Há pouco foste muito amável para mim e explicaste-me tudo, mas agora deixas-me como se já não te preocupasses comigo.

— Mas tu tens de ir embora.

— Pois tenho, compreende.

— compreende tu, primeiro, quem eu sou.

— Es o capelão da prisão — disse K., aproximando-se do padre.

O seu regresso ao banco já não era tão necessário como o havia manifestado; ainda podia muito bem ficar.

— Pertenço à justiça — disse o padre. — Por que razão havia eu, pois, de

querer alguma coisa de ti? A justiça não te quer nada. Agarra-te quando vens e larga-te quando partes.

CAPÍTULO X

FIM

Na véspera do seu trigésimo primeiro aniversário — cerca das nove horas da noite, a altura em que nas ruas tudo está sossegado — vieram dois homens a casa de K. Pálidos e gordos, vestiam ambos sobrecasaca e traziam os seus chapéus altos de tal forma colocados na cabeça que dir-se-ia nada poder derrubá-los. Em frente da porta da casa executaram uma pequena cerimónia em que procuraram, delicadamente, ceder mutuamente o direito de entrar em primeiro lugar; depois, à porta de K., fizeram uma ampliação da cena anterior.

Se bem que a visita não lhe tivesse sido anunciada, K., vestido de preto,

encontrava-se sentado num sofá ao pé da porta, como quem espera qualquer pessoa, e calçava lentamente as luvas que se lhe moldavam aos dedos com dificuldade. Levantou-se, pois, imediatamente e olhou para os homens com curiosidade.

— São, pois, os senhores que me foram destinados? — perguntou.

Os homens corroboraram com um movimento de cabeça e cada um deles, de chapéu na mão, apontou para o outro. K. não pôde

deixar de dizer de si para si que esperara uma visita diferente. Aproximou-se da janela e olhou mais uma vez para a rua escura. Eram raras as janelas dos prédios fronteiros em que se via luz: em muitas, as cortinas já haviam sido descidas. Numa janela ainda com luz brincavam algumas crianças atrás duma grade e estendiam umas para as outras as suas mãozitas, pois não conseguiam sair do lugar onde as tinham posto.

“Actores velhos e sem categoria é o que me mandam”, disse K. para si

próprio, ao mesmo tempo que olhava à volta para se convencer uma vez mais. “Procuram acabar comigo duma maneira pouco dispendiosa”.

Depois, voltando-se rapidamente para os homens, perguntou-lhes:

— Em que teatro é que trabalham?

— Teatro?! — exclamou um deles, voltando-se para o outro e pedindo-lhe conselho com o olhar.

Este último, porém, portou-se como um surdo em luta com o seu organismo rebelde.

“Não estão preparados para serem interrogados” — disse K. para consigo e indo ao mesmo tempo buscar o chapéu.

Logo na escada os dois homens quiseram fazer com o corpo uma espécie de gancho para segurarem K., mas este disse-lhes:

— Só na rua; não estou doente. Contudo, mal tinham acabado de sair a porta, engancharam-se nos braços de K. duma maneira absolutamente inédita para este. Jamais K. havia andado assim com alguém. Mantinham os ombros muito juntos aos dele e, em vez de curvarem os braços, rodeavam os de K. a todo

o comprimento, segurando-lhe em baixo as mãos num aperto que uma longa prática havia tornado irresistível. K. caminhava rígido entre eles; os três formavam agora um tal bloco que, se alguém tivesse esmagado um, os outros teriam sofrido a mesma sorte. A sua íntima coesão fazia lembrar a unidade que só a matéria sem vida consegue realizar.

Ao passarem sob os lampiões, K. tentou por diversas vezes — por mais

difícil que isso fosse, tão juntos caminhavam — ver, com mais nitidez do que o conseguira na semi-obscuridade do quarto, os homens que lhe serviam de escolta. “São talvez tenores”, pensou ao ver a papada que cada um exhibia. Os seus rostos extremamente lavados causavam-lhe repugnância. K. imaginou-os a levar as mãos ensaboadas às pálpebras, a esfregar os lábios superiores e a coçar as dobras do queixo.

Surpreendido por essas imagens mentais, K. parou; os outros fizeram o mesmo. Encontravam-se à entrada duma praça deserta onde havia um jardim.

— Por que razão foram precisamente os senhores quem eles mandaram? —

disse K. num tom em que o espanto sobrelevava a interrogação.

Possivelmente os homens não sabiam que responder, pois deixaram-se ficar à espera, o braço desocupado caído ao longo do corpo, como fazem os enfermeiros quando o doente quer descansar.

— Não saio daqui — disse K. para experimentar.

Os homens nem precisaram de responder; bastou-lhes não afrouxar o aperto e tentar erguer K. para o deslocar; K., porém, resistiu, “já não precisarei de fazer muita força, vou empregar-me a fundo”, pensou. Veio-lhe à ideia as moscas que, com as patas despedaçadas, se esforçam por se livrar duma fita viscosa. “Estes cavalheiros vão ter trabalho.”

Nesse momento, subindo uma pequena escada, que ligava a praça a uma rua situada muito abaixo daquela, surgiu perante eles a menina Bürstner. K. não teve a certeza absoluta se era ela, mas a semelhança era realmente grande. K., porém, pouco se importou que fosse ou não a rapariga; a única coisa que imediatamente lhe acudiu ao espírito, foi a inutilidade da sua

resistência. Se resistisse, se agora causasse dificuldades aos homens e se, defendendo-se, tentasse fruir o último clarão de vida, isso nada teria de heróico. Recomeçou a caminhar e sentiu que da alegria que o seu gesto provocara nos homens alguma coisa se repercutia nele. Eles agora consentiam que K. escolhesse a direcção e ele fê-lo de acordo com o caminho que a menina Bürstner tomara, não por querer apanhá-la, não por querer vê-la durante o maior espaço de tempo possível, mas apenas para não se esquecer da advertência que para si ela representava,

“A única coisa que posso fazer agora”, disse de si para si e a regularidade com que os seus passos acompanhavam os dos dois homens confirmava os seus pensamentos — “a única coisa que posso fazer agora é conservar até ao fim uma serena compreensão do equilíbrio. Quis sempre ocupar-me de muitas coisas ao mesmo tempo, e ainda por cima com uma finalidade que não era muito louvável. Isso era errado. Devo agora mostrar que nem um processo que durou um ano me

pôde instruir? Devo desistir como um imbecil? Devo, com a minha atitude, dar razão a quem disser que, no principio, queria terminar o meu processo e agora, no fim, desejo começá-lo de novo? Não quero que digam tal coisa. Estou grato por me terem enviado estes homens, meto surdos e tacanhos, e por terem deixado que eu dissesse a mim próprio o que era preciso”.

Entretanto, a rapariga cortara para uma estreita rua lateral, Mas K. já podia

passar sem ela e abandonou-se aos homens que o acompanhavam. Agora, de pleno acordo, os três passaram por uma ponte que a Lua iluminava, os homens obedeciam, solícitos, aos menores movimentos de K.; assim, quando ele se voltou ligeiramente para o parapeito, viraram-se também para este como um todo. A água, que a luz da Lua fazia tremeluzir, apartava-se em redor duma pequena ilha na qual árvores e arbustos se amontoavam num mar de folhas. Por baixo destas, embora no momento não se visse, havia pequenos caminhos de cascalho com bancos confortáveis em que K. se sentara descontraidamente durante muitos Estios.

— Não queria parar — disse K. para os homens que o acompanhavam, envergonhado com a solicitude deles.

Nas costas de K., um dos homens deu a impressão de ter censurado brandamente o outro por causa da equívoca paragem. Subiram várias ruas em que encontraram, ora muito perto ora ao longe, diversos polícias no seu giro ou simplesmente parados. Um deles, um homem de espesso bigode que tinha a mão no punho do sabre, aproximou-se como que intencionalmente do grupo, cujo aspecto, aliás, não o colocava

inteiramente ao abrigo de qualquer suspeita. Os homens pararam; o guarda parecia ir já a abrir a boca, quando K. impeliu vigorosamente os homens para a frente. Por uma questão de prudência, voltou-se diversas vezes para ver se o polícia os seguia, mas assim que uma esquina os separou do guarda, K. começou logo a correr e os homens tiveram de fazer outro tanto apesar de lhes faltar o fôlego.

Desse modo depressa saíram da cidade, que naquela banda quase sem

transição se ligava ao campo. Perto de uma casa, que pelo aspecto ainda pertencia à cidade, havia uma pequena pedreira abandonada e erma. Foi ali que os homens pararam, quer por ser esse o objectivo de antemão escolhido, quer por estarem demasiado extenuados para continuarem a correr. Deixaram de perseguir K. que, calado, os esperava, tiraram o chapéu e enxugaram o suor da testa, ao mesmo tempo que lançavam os olhos pela pedreira. A luz da Lua, tranquila e natural como nenhuma outra, espalhava-se por toda a parte. Depois de terem trocado algumas cortesias em que procuraram determinar quem tinha de executar a próxima tarefa — parecia que não haviam definido a missão de cada um —, um deles aproximou-se de K. e tirou-lhe o casaco, o colete e a camisa. K. arrepiou-se involuntariamente; o homem, então, deu-lhe uma pequena pancada nas costas para o tranquilizar. Depois, dobrou

cuidadosamente as roupas como se fossem coisas que ainda viessem a ser usadas, embora num futuro um tanto remoto. Para não expor K., imóvel, ao ar fresco da noite, pegou-lhe por debaixo do braço e

andou com ele um bocado para cá e para lá, enquanto o outro procurava na pedreira qualquer lugar adequado. Logo que o encontrou, fez um sinal ao companheiro, que levou K. para o sítio escolhido. Este situava-se perto dum ressalto da parede junto da qual havia uma pedra que lhe fora arrancada. Os homens sentaram K. no chão, encostaram-no à pedra e puseram-lhe a cabeça em cima. Apesar de todos os seus esforços e de toda a condescendência de que K. dava provas, a sua posição mantinha-se forçada e inverosímil. Por esse motivo, um dos homens pediu ao outro que o deixasse tratar sozinho de arranjar uma posição para K., mas nem assim se verificou qualquer melhoria. Acabaram então por deixá-lo ficar numa postura que nem sequer era a melhor de quantas já haviam arranjado. Depois, um deles abriu a sobrecasaca e tirou duma bainha, que pendia dum cinto colocado à volta do colete, uma faca de magarefe, comprida e estreita, com dois gumes, levantou-a e observou-lhe o corte à luz. Começaram de novo as repugnantes cortesias; um dava, por cima de K., a faca ao outro, que a restituía do mesmo modo. Agora K. sabia exactamente que o seu dever teria sido agarrar a faca

quando ela passasse por cima de si e espetá-la no seu próprio corpo. Mas não o fez; em vez disso, voltou o pescoço ainda livre e olhou em redor. Não podia satisfazer inteiramente, pois não era capaz de aliviar as autoridades de todo o trabalho; a responsabilidade deste último erro tinha-a aquele que o privara do resto das forças que para isso lhe eram necessárias. Reparou, então, no último andar da casa que estava situada à beira da pedreira. Lá no alto, os dois batentes duma janela escancararam-se como um jorro de luz; um ser humano — a distância e a altura faziam-no fraco e magro — surgiu à janela, curvou-se bruscamente para fora e atirou os braços ainda mais para a frente. Quem era? Um amigo? Uma boa alma? Um participante? Alguém que queria ajudar? Era um só? Eram todos? Havia ainda auxílio? Havia ainda objecções por levantar? Havia-as com certeza. A lógica é na verdade inabalável, mas não resiste a um homem que quer viver. Onde estava o juiz que ele nunca tinha visto? Onde estava o alto tribunal que ele nunca alcançara? Levantou a mão e estendeu os dedos.

Mas um dos homens pôs-lhe as mãos no pescoço, enquanto o outro lhe espetava profundamente a faca no coração e aí a rodava duas vezes. Moribundo, K. viu ainda os dois homens muito perto do seu rosto, com as faces quase coladas, a observarem o desfecho.

— Como um cão! — disse. Era como se a vergonha devesse sobreviver-lhe

InfoLivros.org

